



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

IZABEL CRISTINA RIBEIRO DA SILVA E SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO NO 9º ANO:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM O
GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA
2016**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA



**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

IZABEL CRISTINA RIBEIRO DA SILVA E SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO NO 9º ANO:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM O
GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V* da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monalisa dos Reis Aguiar Pereira.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Silva, Izabel Cristina Ribeiro da Silva e

Produção textual e argumentação no 9º ano: uma proposta de intervenção pedagógica com gênero artigo de opinião / Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva . – Santo Antonio de Jesus, 2016. 298f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Monalisa dos Reis Aguiar Pereira.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus V*. 2016.

Contém referências e anexos.

1. Língua Portuguesa. 2. Produção textual. 3. Sequência didática. 4. Argumentação. I. Silva, Monalisa dos Reis Aguiar Pereira. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

TERMO DE APROVAÇÃO

IZABEL CRISTINA RIBEIRO DA SILVA E SILVA

**PRODUÇÃO TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO NO 9º ANO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM O GÊNERO
ARTIGO DE OPINIÃO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, do Departamento de Ciências Humanas – *Campus V* da Universidade do Estadual da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguagens e Letramentos. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Monalisa dos Reis Aguiar Pereira.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª Fernanda Maria Almeida dos Santos (UFRB)

Examinadora convidada

Prof. Dr. Marcos Bispo Santos (UNEB)

Examinador interno

:Prof^ª. Dr^ª. Monalisa dos Reis Aguiar Pereira (UNEB)

Orientadora

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2016

À memória do meu pai, por todo ensinamento deixado em minha vida.

À minha mãe, por suportar a minha ausência.

Em especial, ao meu esposo, Marcelo, e aos meus filhos, Laíse, Elisa e o pequeno Arthur, minha fonte de força e desafios.

Obrigada por aceitarem o meu distanciamento em algumas circunstâncias e perceberem o quanto esse momento é importante para nós, Família!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as graças alcançadas, a Ele toda honra e toda glória, pois sei que é um Deus fiel, aquele que ouve o meu clamor e cuida de mim.

Ao meu marido Marcelo e meus filhos que tiveram de dividir nosso espaço com livros e papéis e souberam respeitar as minhas falhas, meu silêncio, meu humor, meus anseios e minhas angústias. Vocês despertam em mim o que eu tenho de melhor! Eu amo vocês!

À minha família – mãe, irmãos, sobrinhos, cunhados e agregados – pelo acolhimento, conforto, refúgio e torcida pelas minhas conquistas alcançadas.

À Professora Dr^a. Monalisa dos Reis Aguiar Pereira, por todo conhecimento e sabedoria que me fizeram buscar cada dia mais o aparato teórico tão importante para a nossa pesquisa e para o processo educacional do nosso país, que anseia por melhorias urgentes, e por me proporcionar reflexões sobre o meu fazer pedagógico.

À Prof.^a Dr^a. Fernanda Maria Almeida dos Santos e ao Prof. Dr. Marcos Bispo Santos, pelas valiosas contribuições intelectuais, que me ajudaram a enriquecer a minha pesquisa no exame de qualificação, por outras possibilidades de estudos.

À Prof.^a Dr^a Valquíria Borba, por me amparar no momento necessário e não me deixar esquecer que o tempo cura todas as dores e, por isso, não podemos desanimar.

Aos Professores Doutores Adelino Pereira dos Santos, Patrícia Ribeiro de Andrade, João Evangelista do Nascimento Neto, Paulo de Assis Guerreiro e Rosemere Ferreira, pelos grandiosos ensinamentos que me ajudaram a refletir ainda mais a cerca da minha prática em sala de aula e pelos desafios colocados no intuito do meu crescimento profissional e humano.

À Professora Angélica Sílvia de Jesus Lopes, pela sua dedicação, pelo companheirismo e por tornar nossas noites mais divertidas ao aprender um novo idioma. “*Sólo ve bien com el corazón, lo essencial es invisible para el ojo*” (*El Princito*).

Aos alunos que aceitaram colaborar com essa pesquisa e a todos os professores da escola pelo carinho, acolhimento e por me fazer sentir como parte integrante dessa família. Vocês são especiais e, de forma direta ou indireta, apoiaram-me e me incentivaram com palavras de fé e força.

Aos meus amigos, colegas de trabalho, alunos e ex-alunos, por sempre torcerem por mim e, a cada encontro, proferirem palavras de apoio, otimismo e saudade. Cada abraço me confortou, fez-me mais humana e me impulsionou à vitória.

À minha amiga Sônia, que, cada vez que cuidou da minha capa exterior, acalantou minha alma ao enxugar as minhas lágrimas e fortalecer a minha fé. Obrigada por ouvir as minhas dores e alegrias!

À toda turma do Mestrado, Magaly, Milena, Ednalva, Cléria, Julice, Claudia, Tatiane, Lúcia, Nilma, Rosemary, Rejane, Renato, Suely, Daiane, Elvira, Gilmar, Carlos, Matos e Melo(in memorian) por tudo que dividimos, que possamos levar na memória tudo que foi de melhor. Obrigada por me permitirem conhecer um pouco de vocês e por todos os ensinamentos que deixaram na minha vida.

Em especial, à Rosely Vieira, por todas as noites de estudos, risos, lágrimas, apreensões, crescimento e também por confiar na motorista e fazer companhia na viagem para Santo Antônio. À Luíza, pelo compartilhar de todas as nossas dúvidas e inquietações, e à Betty, por toda preocupação e apoio nos momentos de luta. A pessoa que sou hoje tem um pouco de cada uma de vocês! Nós nos encontraremos por aí!

À CAPES, pelo apoio financeiro que permitiu a compra de muitos livros e de todo material necessário para a minha pesquisa e conclusão desse Mestrado.

A todas as pessoas que, de modo direto ou indireto, mesmo distante, telefonaram, enviaram uma mensagem de incentivo, cobraram minha presença e demonstraram cuidado e carinho. Obrigada por tudo!

Gosto da ideia de que nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico, somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante. Somos a mistura de todos esses corpos, e é essa mistura que nos faz humanos. As diferenças que temos em relação aos outros devem-se à maneira como exercitamos esses diferentes corpos. Do mesmo modo que atrofiaremos o corpo físico se não o exercitarmos, também atrofiaremos nossos outros corpos por falta de atividade.

(Rildo Cosson)

RESUMO

O baixo desempenho dos alunos em atividades que envolvem a produção textual tem promovido muitas discussões por parte dos professores e pesquisadores da área de Língua Portuguesa sobre as causas desse insucesso e, além disso, tem despertado muitas reflexões referentes às formas como se dá o desenvolvimento desse processo na sala de aula. Em consonância com essas discussões, esta dissertação de Mestrado, intitulada *Produção textual e argumentação no 9º ano: uma proposta de intervenção pedagógica com o gênero artigo de opinião*, aborda a produção de textos na escola, por meio da aplicação de uma proposta de sequência didática com o gênero artigo de opinião com alunos de uma escola da rede pública estadual de ensino da cidade de Cruz das Almas, Bahia. A finalidade deste trabalho é colaborar com o desenvolvimento das habilidades essenciais para a produção textual escrita desse gênero, seguindo as etapas do processo e, assim, buscando amenizar as dificuldades que envolvem os textos escritos do tipo argumentativo. Nesta pesquisa de natureza qualitativa, foi observado e analisado o desempenho de 16 alunos, em se tratando de uma produção textual escrita em três versões: inicial, final e reescrita, realizadas durante o desenvolvimento das etapas do processo; e uma segunda produção em que executaram, de forma autônoma, as etapas. Para fundamentar tais reflexões acerca do objeto, a produção textual, e do gênero, artigo de opinião, recorreu-se aos estudos de Bakhtin (2011), Bunzen (2006), Marcuschi (2003, 2006, 2007), Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), Koch (1996, 2003, 2008, 2014, 2015, 2016), Passarelli (2004, 2012), Antunes (2003, 2005, 2010), Geraldi (1991, 2012), Leitão (2011), Rodrigues (2000), Brakling (2000), Koch e Elias (2016), entre outros. Os resultados revelaram que o trabalho com produção textual em que sejam desenvolvidas as etapas do processo, planejamento das ideias, transcrição para o papel, revisão e reescrita, pode melhorar o desempenho dos alunos com o gênero artigo de opinião e outros de natureza argumentativa, desenvolvendo suas competências escritoras.

Palavras-chave: Produção textual. Argumentação. Artigo de opinião. Etapas da produção textual. Sequência didática.

ABSTRACT

The poor performance of students in activities that involve production text has promoted many discussions by teachers and researchers from Portuguese-speaking area of the causes of this failure and, moreover, has attracted a lot of thinking on the ways how is the development of this process in the classroom. In line with these discussions, this Master's thesis entitled *Text production and argumentation in the 9th Grade: a pedagogical intervention proposal with the opinion article genre* covers the creation of texts in school, through the application of a proposed teaching sequence with the opinion article genre with students from a public schools in the city of Cruz das Almas-Ba. The purpose of this work is to contribute to the development of essential skills for written textual production of this genre, following the steps of the process to reduce the difficulties that involve the written texts of the argumentative type. In this qualitative research was observed and analyzed the performance of 16 students written textual production in three versions: initial, final and rewriting, performed during each step of the process while the second production they performed the steps in an autonomous way (independently). To support such reflections on the object, the text production, and genre, opinion article, we used the studies of Bakhtin (2011), Bunzen (2006), Marcuschi (2003, 2006, 2007), Dolz, Schneuwly and Noverraz (2004), Koch (1996, 2003, 2008, 2014, 2015, 2016), Passarelli (2004, 2012), Antunes (2003, 2005, 2010), Geraldi (1991, 2012), Leitão (2011), Rodrigues (2000) Brakling (2000), Koch and Elias (2016), among others. The results showed that following the steps of the process by planning ideas, transcription, revising, and rewriting, can improve the performance of the students to create texts with opinion article genre and others argumentative styles and, to develop their skills to write.

Keywords: Text production. Argumentation. Opinion article. Stages of creating text. Didactic sequence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro de competências escritoras	54
Quadro 2	Enunciados para formação de grupos e estudo sobre coesão	105
Quadro 3	Enunciados para atividade sobre modalizadores	112
Quadro 4	Provérbios formação de grupos e estudo sobre coerência textual	121
Quadro 5	Formação de frases na caixa 1	122
Quadro 6	Formação de frases na caixa 2	122
Quadro 7	Formação de frases na caixa 3	122
Quadro 8	Formação de frases na caixa 4.....	122
Quadro 9	Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à organização lógica textual (coesão e coerência)	142
Quadro 10	Resultado de desempenho dos alunos no critério 3 (PI e RE)	143
Quadro 11	Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à modalidade padrão da língua portuguesa para a produção escrita ...	147
Quadro 12	Resultado de desempenho dos alunos no critério 4 (PI e RE).....	148
Quadro 13	Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à organização lógica textual (coesão e coerência)	150
Quadro 14	Resultado de desempenho dos alunos no critério 3 (PI e RE).....	151
Quadro 15	Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à modalidade padrão da língua portuguesa para a produção escrita	155
Quadro 16	Resultado de desempenho dos alunos no critério 4 (PI e RE)	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Faixa etária dos alunos da turma pesquisada	60
Tabela 2	Nível de escolaridade dos pais dos alunos da classe pesquisada	61
Tabela 3	Tipos de atividades realizadas pelos alunos que trabalham	61
Tabela 4	Hábito de leitura na família	62
Tabela 5	Meios utilizados para obter informações	63
Tabela 6	Gosto para escrever	64
Tabela 7	Motivação para escrever na escola	64
Tabela 8	Ato de escrever fora da escola	65
Tabela 9	Ato de escrever nas aulas de Língua Portuguesa	66
Tabela 10	Sentimentos que envolvem os alunos quando escrevem na escola e fora dela	67
Tabela 11	Expressão da opinião e justificativa	68
Tabela 12	Hábito de releitura e revisão textual	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Esquema da sequência didática	35
Figura 2	Imagem do texto do aluno C	77
Figura 3	Fragmento do texto do Aluno E	78
Figura 4	Fragmento do texto do Aluno D	79
Figura 5	Fragmento do texto do Aluno E	79
Figura 6	Fragmento do texto do Aluno F	79
Figura 7	Fragmento do texto do Aluno J	79
Figura 8	Fragmento do texto do Aluno P	80
Figura 9	Fragmento do texto do Aluno O	80
Figura 10	Fragmento do texto do Aluno E	81
Figura 11	Fragmento do texto do Aluno J	81
Figura 12	Fragmento do texto do Aluno H	81
Figura 13	Fragmento do texto do Aluno H	81
Figura 14	Fragmento do texto do Aluno J	82
Figura 15	Fragmento do texto do Aluno M	82
Figura 16	Fragmento de texto do Aluno D	82
Figura 17	Texto do Aluno N	83
Figura 18	Imagem do vídeo <i>Tipos de bullying</i>	86
Figura 19	Imagem do vídeo O SMS que levou Daniel a cometer suicídio	90
Figura 20	Imagem da reportagem sobre <i>Bullying e perseguição</i>	92
Figura 21	Imagem do vídeo Corto animado Bullying (Blender)	95
Figura 22	Imagem da questões elaboradas pelos alunos para a pesquisa sobre a ocorrência de <i>bullying</i>	108
Figura 23	Imagem dos enunciados para a atividade	114
Figura 24	Imagem do material para atividade	115

Figura 25	Imagem do material para a atividade 2	117
Figura 26	Imagem do material utilizado para estudo da coesão	121
Figura 27	Imagem das pastas com material impresso dos alunos	125
Figura 28	Mosaico de fotos da reunião com pais e professores	130
Figura 29	Texto da Produção final do aluno C	134
Figura 30	Fragmento do texto do aluno K (Produção inicial)	135
Figura 31	Fragmento do texto do aluno K (Produção final)	135
Figura 32	Fragmento do texto do aluno M (Produção inicial)	135
Figura 33	Fragmento do texto do aluno M (Produção final)	136
Figura 34	Fragmento do texto do aluno E	136
Figura 35	Fragmento do texto do aluno J	136
Figura 36	Fragmento do texto do aluno K	137
Figura 37	Fragmento do texto do aluno M	137
Figura 38	Fragmento do texto do aluno P	137
Figura 39	Fragmento do texto do aluno M	138
Figura 40	Fragmento do texto do aluno H	139
Figura 41	Fragmento do texto do aluno H	139
Figura 42	Fragmento do texto da PI do aluno A	143
Figura 43	Fragmento do texto da RE do aluno A	143
Figura 44	Fragmento do texto da PI do aluno F	144
Figura 45	Fragmento do texto da RE do aluno F	144
Figura 46	Fragmento do texto da RE do aluno J	145
Figura 47	Fragmentos do texto da RE do aluno M	145
Figura 48	Fragmento do texto da RE do aluno O	145
Figura 49	Fragmento do texto da RE do aluno A	146
Figura 50	Fragmento do texto da RE do aluno G	146
Figura 51	Fragmento do texto da RE do aluno E	146

Figura 52	Texto da RE do aluno I (parte 1)	148
Figura 53	Texto da RE do aluno I (parte 2)	149
Figura 54	Fragmento do texto da R do aluno A	149
Figura 55	Fragmento do texto da R do aluno F	149
Figura 56	Fragmento do texto da R do aluno J	149
Figura 57	Fragmento do texto da R do aluno L	150
Figura 58	Fragmento do texto da R do aluno M	150
Figura 59	Fragmento do texto da PI do aluno E	152
Figura 60	Fragmento do texto da RE do aluno E	152
Figura 61	Fragmento do texto da R do aluno L	153
Figura 62	Texto da PI do aluno O	154
Figura 63	Texto da RE do aluno O	154
Figura 64	Fragmento do texto da produção 2 do aluno F	161
Figura 65	Fragmento do texto da produção 2 do aluno M	161
Figura 66	Fragmento do texto da produção 2 do aluno G	161
Figura 67	Fragmento do texto da produção 2 do aluno N	161
Figura 68	Fragmento do texto da produção 2 do aluno C	162
Figura 69	Fragmento do texto da produção 2 do aluno H (tese)	163
Figura 70	Fragmento do texto da produção 2 do aluno H (conclusão)	163
Figura 71	Fragmento do texto da produção 2 do aluno O (tese)	163
Figura 72	Fragmento do texto da produção 2 do aluno O (conclusão)	163
Figura 73	Fragmento do texto da produção 2 do aluno I	164
Figura 74	Texto da produção 2 do aluno E	164
Figura 75	Texto da produção 2 do aluno L	164
Figura 76	Texto da produção 2 do aluno K	165
Figura 77	Texto da produção 2 do aluno G	165

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AO	Artigo de Opinião
CEP	Comitê de Ética para Pesquisa
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GESTAR	Gestão de Aprendizagem Escolar
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PI	Produção Inicial
PF	Produção Final
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
RE	Reescrita
SEC/BA	Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
PF	Produção final

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	18
2	A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA.....	23
2.1	DA COMPOSIÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL.....	24
2.2	A PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA.....	30
2.3	PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....	33
2.3.1	Contexto de produção textual.....	36
2.3.2	As etapas da produção textual escrita.....	40
2.3.2.1	Planejamento.....	41
2.3.2.2	Transposição das ideias.....	43
2.3.2.3	Revisão.....	43
2.3.2.4	Reescrita	45
3	O ARTIGO DE OPINIÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	47
3.1	O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO.....	48
3.2	O ARTIGO DE OPINIÃO NA SALA DE AULA.....	52
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	56
4.1	CONSTRUÇÃO DO PERFIL DA TURMA.....	58
4.2	DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DA PRODUÇÃO INICIAL.....	70
4.3	ANÁLISE DA PRODUÇÃO INICIAL.....	75
5	ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	85
5.1	MÓDULO 1: CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS E REPERTÓRIO SOBRE O TEMA.....	85
5.2	MÓDULO 2: ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO.....	90
5.3	MÓDULO 3: ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTUAL.....	93
5.4	PRODUÇÃO FINAL: TRANSPOSIÇÃO DAS IDEIAS, REVISÃO E REESCRITA.....	96
6	DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	100
6.1	MÓDULO 1: CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS E REPERTÓRIO DE INFORMAÇÃO SOBRE O TEMA.....	101

6.2	MÓDULO 2: ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO.....	113
6.3	MÓDULO 3: ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTUAL.....	119
6.4	PRODUÇÃO FINAL: TRANSPOSIÇÃO DAS IDEIAS, REVISÃO E REESCRITA.....	124
6.5	CULMINÂNCIA DA PROPOSTA E APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	131
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	132
7.1	ANÁLISE DA PRODUÇÃO FINAL.....	132
7.2	ANÁLISE DA REESCRITA.....	140
7.3	OUTROS RESULTADOS.....	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
	REFERÊNCIAS.....	170
	APÊNDICES.....	175
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA.....	176
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS (SOCIOECONÔMICO).....	180
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS (EXPERIÊNCIA COM ESCRITA).....	182
	APÊNDICE D – FICHA PARA ANÁLISE DOS TEXTOS DE ARTIGO DE OPINIÃO (LEITURA).....	184
	APÊNDICE E – ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL (INICIAL).....	185
	APÊNDICE F – FICHA DE AVALIAÇÃO DAS AULAS.....	188
	APÊNDICE G – FICHA DE CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DE ARTIGO DE OPINIÃO.....	189
	APÊNDICE H – MATERIAL DE APOIO SOBRE TIPOS DE ARGUMENTOS.....	190
	APÊNDICE I – ATIVIDADE APLICADA AOS ESTUDANTES.....	191
	APÊNDICE J – FICHA DE REVISÃO TEXTUAL DO ALUNO.....	192
	APÊNDICE K – PESQUISA ESCOLAR SOBRE OCORRÊNCIA DE <i>BULLYING</i>	193
	APÊNDICE L – AVALIAÇÃO DA PESQUISA.....	194

APÊNDICE M – SLIDES DA REUNIÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR.....	196
APÊNDICE N – ATIVIDADE APLICADA PARA PRODUÇÃO TEXTUAL 2	197
APÊNDICE O – FICHA DE CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES.....	199
APÊNDICE P – BILHETES ORIENTADORES	200
ANEXOS	216
ANEXO 1 – TEXTO 1.....	217
ANEXO 2 – TEXTO 2.....	219
ANEXO 3 – TEXTO 3.....	221
ANEXO 4 – TEXTO 4.....	222
ANEXO 5 – TEXTO 5.....	225
ANEXO 6 – MATERIAL DE APOIO SOBRE ARTIGO DE OPINIÃO E TIPOS DE ARGUMENTOS	226
ANEXO 7– TEXTO 6.....	227
ANEXO 8 – PRODUÇÃO DE TEXTO DOS ALUNOS (INICIAL – 1ª VERSÃO).....	228
ANEXO 9 – PRODUÇÃO DE TEXTO DOS ALUNOS (FINAL-2ªVERSÃO)	244
ANEXO 10 - PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS (REESCRITA – 3ª VERSÃO)	261
ANEXO 11- TEXTOS DOS ALUNOS (PRODUÇÃO TEXTUAL 2).....	278
ANEXO 12– PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	294

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, as escolas têm enfrentado insucessos por parte dos alunos no que se refere às competências de leitura, interpretação, compreensão e produção textual escrita. Tais competências relacionadas ao campo da linguagem ainda parecem distantes do que se espera como resultados satisfatórios traçados pelos sistemas de avaliação do governo na Educação Básica nos níveis de ensino fundamental e médio.

Neste trabalho, destacamos o ensino da produção de textos como um dos grandes desafios para o professor de língua portuguesa, embora a escrita tenha sido cada vez mais utilizada com o advento das mídias digitais e a popularização das redes sociais e aplicativos, como *WhatsApp*, *Telegram*, *Viber*, entre outros.

Entretanto, esse fato não representa a realidade nas aulas de língua portuguesa quando o assunto é produção textual escrita. Tal atividade, muitas vezes, é colocada em segundo plano ou contempla propostas que não apresentam clareza quanto aos objetivos e, talvez, por isso afasta os estudantes, fortalecendo uma ideia de que a escrita da escola é diferente da utilizada nas interações fora da escola. O desafio, então, está justamente em fazer com que esses estudantes produzam textos em um determinado gênero, na escola, ampliando as suas competências escritoras, que não podem ficar limitadas à produção dos gêneros das redes sociais.

Embora os alunos, atualmente, escrevam mais do que há um tempo atrás, é muito comum eles reclamarem e apresentarem muita resistência à produção textual escrita.

Infelizmente, o que se percebe é que essa resistência atrelada a dificuldades discursivas e linguísticas surgem justamente no contexto que deveria aproximá-los dessa atividade. É no contexto escolar que geralmente os alunos começam a escrever e também a apresentar as primeiras reações negativas relacionadas à produção textual escrita. Parece contraditório que a principal agência de letramento não consiga desempenhar com êxito sua função em relação ao ensino da produção textual e, mesmo com muitas tentativas, não se obtém o sucesso desejado.

Se por um lado a produção textual na qual o aluno precisa apresentar seu ponto de vista sobre um determinado assunto representa muitas vezes para ele um obstáculo a ser enfrentado, para o professor também representa um desafio em auxiliá-lo a desenvolver habilidades necessárias para esse tipo de escrita que requer a apresentação das ideias de forma contundente e coesa. Nesse sentido, o trabalho com produção textual não pode ficar em segundo plano nas aulas de Língua Portuguesa a ser realizado com uma quantidade mínima de aula em que se corre

o risco de não dar tempo ao aluno rever seu texto e fazer as correções necessárias, bem como se sentir estimulado pelo destino que seu texto possa ter.

Como diz Vasconcelos (1994, p.13), “a escola precisa mudar, porque o mundo mudou, e as novas gerações não aceitam um sistema educacional passivo, sem vínculos efetivos com o mundo e a realidade que circunda o indivíduo”. Esse indivíduo busca uma relação entre o que ele sabe, o que ele quer, o que ele aprende e para que ele aprende para construção da sua cidadania e sua percepção como sujeito da sua história.

Considerando esse contexto, o ensino da produção textual precisa, de início, desfazer essa realidade, dos textos escritos na escola terem apenas o professor como único leitor, servindo tão somente para apontar os erros gramaticais, e a de que se aprende a escrever de forma natural e espontânea, sendo este um grande equívoco, afinal escrever é uma tarefa que se aprende.

Nessa perspectiva, o ensino da produção precisa ser tratado como um processo no qual vários aspectos devem ser considerados, desde o planejamento do que vai ser escrito, considerando o contexto de produção, à etapa final, que é a reescrita.

É justamente em razão do desempenho dos alunos no que se refere à produção textual, conforme atestam as provas como do Exame Nacional do Ensino Médio e, evidentemente, minha experiência como docente, que a produção desta dissertação se justifica. Assim, neste trabalho, intitulado “*Produção textual e argumentação no 9º ano: uma proposta de intervenção pedagógica com o gênero artigo de opinião*”, a partir da nossa instrumentalização teórica e pedagógica adquirida nesse programa de Mestrado Profissional em Letras -PROFLETRAS, propomos desenvolver um trabalho por meio da sequência didática com o gênero artigo de opinião no contexto escolar, no objetivo de colaborar com o desenvolvimento das habilidades essenciais para a produção textual escrita desse gênero, seguindo as etapas do processo e, assim, amenizar as dificuldades que envolvem os textos escritos do tipo argumentativo.

Para atingirmos nosso objetivo principal, foi necessário conhecer o perfil da turma e identificar o nível de dificuldade na produção textual por meio da aplicação de questionários e atividades diagnósticas, para obtermos informações a respeito da experiência dos alunos com a escrita e, assim, podermos contribuir para o desenvolvimento das competências escritoras dos alunos do 8ª série/ 9º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa e a intervenção foram desenvolvidas em uma escola pública da rede estadual da cidade de Cruz das Almas, Bahia, localizada no Recôncavo Baiano, com os alunos de uma turma da 7ª série/ 8º ano em 2015, e com esses mesmos alunos na 8ª série/ 9º ano em 2016. Tivemos como objetivos específicos para os alunos: ampliar os conhecimentos referentes à

produção textual; promover uma discussão sobre um tema do contexto social; produzir o gênero artigo de opinião; desenvolver o potencial argumentativo; e apresentar uma função sociocomunicativa para os textos produzidos.

A fim de alcançarmos nossos objetivos, buscamos embasamento teórico fundamentada no campo da linguagem, em Bakhtin (2011), Marcuschi (2006, 2008), Bunzen (2006), Guedes (2009) Koch (1996, 2003, 2006, 2009, 2011, 2014, 2015a, 2015b), Kato (95), Passarelli (2004, 2012), Antunes (2003, 2010), Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), Bazerman (2005, 2007, 2011), dentre outros, para identificar e analisar os problemas relacionados à produção textual escrita na sala de aula e, assim, elaborar uma proposta de intervenção. No intuito de ampliar nosso conhecimento sobre a argumentação e o gênero artigo de opinião, recorreremos a outros estudos, como Leitão (2011), Rodrigues (2000), Brakling (2000), Silva e Araújo (2015), Koch e Elias (2016) e Fiorin (2016).

Acreditamos que esse trabalho poderá auxiliar os professores que se inquietam com o baixo desempenho apresentado pelos alunos em suas produções textuais e anseiam por sugestões que possam enriquecer sua prática na sala de aula no intuito de que os alunos obtenham sucesso ao precisarem escrever textos em seu cotidiano. Assim, pretendemos fortalecer a ideia de que um trabalho com sequência didática permite a realização de uma série de atividades planejadas e organizadas sistematicamente para identificar as dificuldades que os alunos possuem e para buscar uma solução que resolva ou amenize esse quadro.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, contendo: fundamentação teórica a respeito da produção textual no contexto escolar; apresentação do gênero artigo de opinião; o percurso metodológico com descrição do perfil da turma e da atividade diagnóstica, seguido da análise das produções; a proposta de intervenção pedagógica; a descrição da intervenção; a análise e discussão dos resultados da intervenção; e as considerações finais.

No primeiro capítulo *Produção textual na escola*, iniciamos com uma reflexão sobre o percurso histórico da escrita textual e da relação com concepção de língua adotada desde a composição à produção textual. Estendemos nossa discussão à prática de produção textual na sala de aula, o que implica o fazer pedagógico do professor, ressaltando as etapas do processo de produção que se configuram como importantes procedimentos, para que os alunos melhorem a qualidade dos textos, especialmente, do tipo argumentativo.

Apresentamos, no segundo capítulo, intitulado *Artigo de opinião no contexto escolar*, o gênero a ser trabalhado como nosso objeto: artigo de opinião. Este possibilita a problematização de um assunto/tema, a reflexão e a elaboração de argumentos para defender um ponto de vista,

e colabora para o desenvolvimento de capacidades discursivas de compreensão e produção textual, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s.

Nesse capítulo, sinalizamos as razões da nossa escolha por esse gênero, por entender que a argumentação – postulada como um tipo discursivo essencial nas relações humanas cotidianas para justificar, defender ponto de vista, opinar, convencer e confrontar opiniões – favorece o desenvolvimento de competências do pensamento crítico e, assim, colabora também para o desenvolvimento de habilidades essenciais à produção textual escrita do tipo argumentativo. Para apresentar o gênero artigo de opinião, foi necessário sabermos as características, a organização composicional, os propósitos e os conteúdos relacionados, no intuito de ampliar nosso conhecimento para a categorização dos critérios relevantes que nos levassem a atingir o objetivo geral deste trabalho.

Em seguida, no terceiro capítulo, *Percurso metodológico*, dedicamo-nos a construir o perfil da turma, a fim de corresponder ao contexto real de sala de aula, e na descrição e análise de uma primeira versão textual, com o objetivo de identificar os problemas relacionados à produção do tipo de gênero argumentativo a partir da realização da etapa da produção inicial, como sugere a sequência didática do grupo de Genebra, Dolz, Scheneuwly e Noverraz (2004). Os resultados dessa análise nos permitiram (re)elaborar a sequência de atividades apresentadas nos módulos.

No capítulo 4, *Atividades de intervenção pedagógica*, apresentamos uma sequência de atividades que foram divididas em três módulos e a produção final. Nesses blocos, são desenvolvidas etapas como o planejamento da segunda versão textual, a produção, a revisão e uma reescrita. Esta se configura como uma proposta de atividade a ser desenvolvida com alunos do 9º ano que apresentem dificuldades relacionadas à escrita semelhantes a dessa turma.

No quinto capítulo, *Descrição da intervenção pedagógica*, relatamos o processo de desenvolvimento das atividades dos módulos e da produção final na sala de aula, apresentando um contexto real com as adequações e desafios costumeiramente ocorridos em sala de aula. Ao criar situações em que os alunos precisavam formular argumentos e defendê-los, a fim de praticar o pensamento argumentativo, revelou-se que esse contexto ainda era distante da realidade desses estudantes. Ora eles se mostravam interessados, ora retraídos.

Sabemos que a prática de produção textual de gêneros do tipo argumentativo na sala de aula não é uma tarefa fácil, pois perpassa leituras, compreensões, discussões e elaboração de argumentos para que se obtenha uma produção com melhor qualidade. Isso demanda tempo, conhecimento de outros conteúdos e o próprio domínio do professor sobre o que é argumentação e como ensinar aos alunos. Nesse sentido, no capítulo 6, apresentamos a *Análise*

e discussão dos resultados dos alunos em suas produções, final e reescrita, além de apresentar também a análise de outra produção abordando outro tema.

O trabalho com produção textual de um gênero argumentativo intenta minimizar os problemas relacionados à argumentação e à escrita e colaborar na formação de competências escritoras. Finalizamos, então, os capítulos, apresentando as *Considerações finais* em que ressaltamos a importância da formação continuada, como o Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, que representa uma oportunidade de instrumentalizar o professor com aporte teórico e metodológico para elaboração de uma proposta de intervenção com gêneros discursivos que venham minimizar o quadro de insucesso existente em muitas escolas públicas do Brasil e colaborar para que os alunos elevem sua proficiência em habilidades de leitura e escrita.

2 A PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana.
(Irândé Antunes)

As competências dos estudantes relacionadas ao campo da linguagem no contexto escolar, de maneira geral, estão distantes de alcançar os resultados esperados traçados pelos sistemas de avaliação do governo na Educação Básica nos Ensinos Fundamental e Médio. Nessa área, atualmente, a escola enfrenta insucessos significativos dos alunos em relação à leitura, interpretação, compreensão e produção textual escrita.

A divulgação desses dados sem uma rigorosa análise e reflexão por parte do professor, sem compreender os fatos desencadeadores de tal resultado negativo, pode gerar, em vez de um olhar crítico e desafiador para o professor, uma sensação de desilusão e desânimo. E logo após essa rigorosa análise e reflexão, o professor precisa pensar e executar intervenções que possam minimizar e solucionar esse quadro.

Compreender o universo da produção textual e dos entraves da escrita no contexto escolar demanda um grande esforço por parte do professor, uma vez que a capacidade de produzir bons textos escritos perpassa todas as demais competências do campo da linguagem, como a leitura e a compreensão textual.

Pensando em promover uma qualidade de ensino em uma perspectiva de estudo da língua como lugar de interação entre os sujeitos, esse tem ressaltado a função sociocomunicativa do texto. Sabemos que, nessa linha de pensamento sobre a língua, em que os sujeitos interlocutores são produtores/(re)construtores sociais, o texto é o lugar de interação dos sujeitos ativos, e seu sentido se dá nessa interação. Se, na fala, essa construção se dá de modo dialogado, numa relação alternada de falas (ora daquele que fala, ora daquele que ouve), diferentemente desse diálogo contínuo, na escrita, os interlocutores não constroem simultaneamente o texto, pois há o distanciamento temporal e espacial. Do mesmo modo, no entanto, o seu sentido se dará ao lê-lo.

Tomando por base tal concepção de língua, texto e sentido, passamos a historiar e refletir mais detidamente sobre a produção de textos escritos na escola, pois nenhuma outra agência de

letramento supera as possibilidades que existem nesse espaço. É na escola que o aluno terá oportunidades de diversificar suas produções textuais e se apropriar de competências escritoras.

2.1 DA COMPOSIÇÃO À PRODUÇÃO TEXTUAL

Não há como negar o valor indescritível que é conferido pela sociedade ao indivíduo que é tido como inteligente por “saber escrever”. Despertamos curiosidades e julgamentos quando estamos diante de um escritor que é renomado a partir das suas produções ou daquele indivíduo que consegue escrever com destreza em qualquer espaço e tempo. Nesse sentido, o ato de escrever nessas circunstâncias é visto como um “dom natural” do indivíduo e tal “dom” parece “pertencer a poucos”.

A fim de compreender como se constroem essas “verdades” e analisar a importância do ensino sistemático da produção textual nas últimas décadas, discorreremos um pouco sobre a história do ensino da produção textual na escola, bem como sobre as terminologias usadas e as concepções a elas subjacentes, quais sejam: composição, redação, até o que chamamos atualmente de produção textual.

Partimos do que nos fala Guedes:

Composição, redação e produção de texto são expressões sinônimas, isto é, designam o mesmo fenômeno, a saber, a ação de escrever textos. Distinguem-se, no entanto, por se vincularem a teorias que expressam diferentes formas de considerar não só a ação de escrever textos, a ação de ensinar a escrever textos e a ação de exercitar a linguagem, mas também nossa própria organização social. (2009, p. 88)

Como destacou o autor, cada nomenclatura apresenta uma concepção de língua diferente, portanto, o professor, ao assumir uma concepção, assume também as implicações pedagógicas de sua escolha (ainda que não seja uma escolha consciente). Ele terá, desse modo, objetivos de ensino e práticas concernentes a tal escolha.

No ensino da composição, a língua era considerada o instrumento de organização e expressão do pensamento. Nesse tipo de atividade, o ato de escrever “significava escrever a partir de figuras ou títulos dados, tendo como base os textos-modelos apresentados pelo professor” (BUNZEN & MENDONÇA, 2006, p. 142). A composição era uma prática nas disciplinas de Retórica, Poética e Literatura Nacional nas séries finais do ensino chamado de secundário. Eram apresentados os gêneros literários que deveriam ser ensinados na escola e primavam pela realização de textos escritos pelos alunos a partir de cópias de obras-primas que

eram tomadas como modelo. O mais importante na composição era manter o mesmo estilo da “boa escrita” das obras selecionadas a partir do uso formal da língua e das regras gramaticais, uma prática que se manteve do final do século XVIII até meados do século XX.

Tinha por objetivo corrigir o processo de raciocínio, sem levar em conta a enunciação. A língua servia de separação de classes em um mundo elitista. O escritor/autor elabora uma representação mental, transfere para o papel e espera que o leitor compreenda a mensagem da mesma forma que foi elaborada. Ele “expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo” (KOCH & ELIAS, 2015, p. 33). O texto, então, é considerado a representação do pensamento e, nesse contexto, aterroriza aos que não conseguem transpor o pensamento para a escrita.

Nesse contexto, o ensino da composição era pautado na exposição e reprodução da linguagem empregada nos textos modelos, a fim de conseguir uma homogeneidade da língua, “rica” em estilo e “sem erros” gramaticais, tendo o texto como expressão do pensamento, registrado na escrita para interpretação do leitor.

Mesmo não existindo mais essas disciplinas que eram responsáveis pelo ensino da composição, posso recordar que, na década de 1970, enquanto aluna, ouvia o enunciado da professora para compor um texto semelhante a outro que era fixado no quadro. Havia também a prática com o uso de imagens que eram levadas, para que, a partir delas, fossem realizadas as composições, valorizando muito mais a forma do texto do que a abordagem do tema. Não se ensinava a “compor”, pois a atividade era dada para que fosse reproduzida a partir de um modelo. A correção era realizada avaliando a cópia do modelo, a ortografia correta e o domínio das regras gramaticais que eram empregadas no texto.

Essa é uma prática pedagógica que não foi esquecida no contexto atual, pois se o professor leva um texto ou imagem para a sala de aula e solicita ao aluno que “produza” um texto semelhante, mesmo que tenha sido com uso de um suporte tecnológico, sua prática continua sendo de ensinar a composição. Daí surge a necessidade de refletir e avaliar a nossa prática para que não sejamos flagrados utilizando as mesmas práticas com as quais aprendemos com os nossos professores em outro tempo, espaço e contexto que foram importantes, mas não condizem com as necessidades atuais.

Ao longo do tempo, a composição foi se desvalorizando enquanto prática, mas continuou sendo utilizada em sala de aula. Na década de 1950, ocorre o surgimento do termo “redação no contexto escolar” (GUEDES, 2009, p.89), emergindo, assim, uma nova proposta de se pensar o ato de escrever.

Mas só partir das décadas de 1960 e 1970, principia-se um movimento diferente para realização das atividades de escrita. O texto foi tomado inicialmente como um material ou objeto empírico e, para a construção de um texto, entram em cena: a leitura que fundamenta o escritor; e uma certa valorização da criatividade, rompendo o modelo que era seguido anteriormente (ROJO & CORDEIRO, 2004). A composição passa a ser chamada de “redação”, mas ainda com caráter de atividade realizada a partir das leituras dos textos do livro didático sem direcionamento para um ensino sistemático da escrita, pois o texto era objeto de uso. Compreendemos, no entanto, que não se trata de uma troca apenas de nomenclaturas, pois elas apresentam características e objetivos distintos e podem coexistir ainda no contexto atual.

O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 determina que o “ensino tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”. Mesmo com os resquícios da educação tecnicista da época em que a escola não se preocupava em desenvolver a reflexão nem a criticidade nos alunos, e os métodos e técnicas eram empregados seguindo o passo a passo do livro didático no intuito de transmitir um ensino eficaz, surge, nesse contexto, a redação escolar, que dava indícios para mudanças no que se refere ao estímulo à criatividade do aluno.

O termo “redação” significava eficiência técnica de profissionais desse período do milagre econômico, “eficiência que acabou por se tornar o emblema da sociedade brasileira nesse período” (GUEDES, 2009, p. 89). A concepção de língua empregada era como meio de comunicação utilizado pelo emissor, no intuito de o receptor decifrar o código: “o sujeito só diz e faz o que se exige que faça e diga na posição em que se encontra” (KOCH, 2003, p.14). Dessa forma, a língua é um tipo de código a ser decifrado para que ocorra a compreensão. A redação tinha a tarefa de produzir uma mensagem a partir das palavras, tendo em vista o seu leitor para entender o seu sentido.

Nessa mesma linha, Bunzen (2006, p.145) sinalizam que redigir dessa forma “é submeter uma mensagem a uma codificação, o que é, em certo sentido, uma visão bastante reducionista da própria interação verbal, seja escrita ou oral, pois observa a língua de forma monológica e a-histórica”. O sentido do texto era dado pelo sujeito da enunciação, conforme Koch e Elias:

Nessa concepção de **sujeito como (pré) determinado pelo sistema**, o texto (grifos das autoras) é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado. [...], não há espaço para implicitudes, uma vez que o uso do código é determinado pelo princípio da transparência: tudo está dito no dito ou, em outras palavras, o que está escrito

é o que deve ser entendido em uma visão situada não além nem aquém da linearidade, mas centrada na linearidade. (2015, p.33)

O decreto federal nº 79.298/77 obriga a realização da prova de redação para avaliar o desempenho dos alunos na escrita e, em algumas circunstâncias, com caráter eliminatório no processo de seleção. Assim, foi criado um modelo textual para os vestibulares que pudesse avaliar a capacidade discursiva do candidato e analisar as competências linguísticas que possuíam, “saber escrever bem”. Esse saber ainda se configurava também na transposição do pensamento e no uso das regras gramaticais e ortográficas de forma correta, para que o leitor pudesse “captar” a mensagem.

Diante da exigência desse decreto, as escolas passaram a ter uma maior preocupação com o ensino da escrita, no sentido de corresponder ao objetivo da prova do vestibular. Era necessário ensinar técnicas e modelos de redação, no intuito de que os alunos os apreendessem, tornando-os capazes de escrever textos e alcançar os resultados esperados.

Por muito tempo, o termo “redação” aterrorizou os candidatos e continua a torturar aqueles que serão submetidos às provas de vestibulares e/ou ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)¹. Em ambos os casos, a redação desempenhou um caráter diagnóstico para muitos pesquisadores, o que entendemos como válido para identificar o quadro de desempenho dos alunos, o contexto de ensino e as práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula.

A prática na escola, entretanto, foi muito mais caracterizada pela identificação do que era contrário às normas do que pelo que era dito e ensinado pelos professores. As etapas de construção do texto não eram sequer levadas em conta. O que se esperava do aluno era a redação final. Nesse sentido, o texto não tinha uma função sociocomunicativa em que o sujeito assumisse o seu papel autoral ativo e pudesse interagir com o outro. A redação era construída na escola para a escola.

No entanto, Bunzen (2006, p.148) ressalta que “não podemos negar aqui o fato de que a escrita escolar, especialmente a redação, acabou se transformando em um bem cultural desejável por ‘medir’ a escolarização dos candidatos a um emprego ou a entrada em um curso de nível superior”. Daí, surgiu a procura pelo aprendizado de redação que tornasse o sujeito

¹ Avaliação criada em 1998 pelo Ministério da Educação, composta de quatro provas e uma redação, para verificar o desempenho das competências e habilidades dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas e particulares. Os resultados dessa avaliação geram dados para governo referente ao quadro educacional do Brasil e possibilita ao aluno a conclusão do curso de Ensino Médio ou a entrada em universidades credenciadas.

apto a escrever sobre um tema que muitas vezes não apresentava uma função ou relação de interação entre os interlocutores.

Recordo que, no final da década de 1980, as aulas de Redação em cursinhos pré-vestibulares eram baseadas na estrutura do texto dissertativo: introdução, desenvolvimento e conclusão, com a indicação da quantidade de linhas que o texto deveria ter, totalizando um número entre 25 a 30. Os temas propostos para o desenvolvimento de um texto “dissertativo em prosa” geralmente surgiam de uma notícia da época ou eram relacionados a atitudes, comportamentos e relações humanas como honestidade, solidariedade, felicidade etc.

A partir da prática de redação na escola, começou-se a abrir espaço no texto para as marcas de conhecimentos enciclopédicos, conhecimentos de mundo do aluno, seu ponto de vista e posicionamento crítico. A discussão acerca dos gêneros textuais, segundo a proposta de Bakhtin, também abriu possibilidades para que outros gêneros pudessem ser estudados em sala de aula, tanto em seus aspectos discursivos quanto temáticos e composicionais. Assim, o ensino de escrita passa a caminhar para a possibilidade de o aluno produzir diversos textos em variados gêneros que circulam socialmente, além da redação escolar.

Em meados dos anos de 1980 e 1990, na explosão da teoria piagetiana nas escolas, os professores foram surpreendidos por novas nomenclaturas e conceitos, dentre eles, a “produção de texto”. A mudança na nomenclatura para designar a atividade textual escrita no contexto escolar também revela a concepção de língua utilizada e o processo de ensino-aprendizagem realizados pelos sujeitos. Nessa concepção, “o produtor, de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e *on-line* guiado pelo princípio interacional” (KOCH & ELIAS, 2015, p. 34), ou seja, entende-se o leitor como parte que constitui sua produção.

A terminologia “produção textual”, para designar atualmente a prática textual escrita na sala de aula, abre uma discussão referente às finalidades, funções e ao contexto de produção no qual o aluno está inserido. Na produção textual, a concepção de língua está além de ser apenas um instrumento do pensamento ou meio de comunicação. Ela permite ao sujeito seu caráter ativo, pois é o lugar de ação, onde os interlocutores interagem. Segundo Koch e Elias (2016, p. 10), “escrever (e falar) é interagir. Como lugar dessa interação, o texto esconde mais do que revela a sua superfície linguística, razão pela qual defendemos que o sentido não está apenas no texto, mas estrategicamente construído pelos sujeitos envolvidos na interação”.

Nessa perspectiva de interação, são levados em conta o contexto de produção e a recepção dos textos pelos alunos, o que altera seu papel. Geraldi (1991, p.160) enfatiza a necessidade de o aluno se posicionar como locutor para:

- (i) **ter o que dizer;**
- (ii) **ter razões para dizer o que tem a dizer;**
- (iii) **ter para quem dizer o que tem a dizer;**
- (iv) **assumir-se como sujeito que diz o que diz para quem diz;**
- (v) **escolher estratégias para dizer. (grifo do autor).**

Nessa mesma linha de pensamento, Koch salienta que:

[...] na atividade de produção textual, social/individual, alteridade/subjetividade, cognitivo/discursivo coexistem e condicionam-se mutuamente, sendo responsáveis, em seu conjunto, pela ação dos sujeitos empenhados nos jogos de atuação comunicativa ou sociointerativa. (2014, p. 24)

Sendo assim, o texto tem uma função dentro da prática social no contexto escolar e é revelado como o lugar onde os interlocutores interagem.

Nessa concepção interacional-dialógica da língua, Koch e Elias (2015, p. 35) ressaltam que o sentido da escrita “é produto dessa interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção de escrita assentada na interação, o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*” (grifo das autoras). Diante disso, entendemos que outros aspectos e estratégias são ressignificados, o que demanda uma mudança na prática pedagógica do professor, no que se refere ao ensino do ato de produzir textos escritos no ambiente escolar.

O ensino sistemático de texto escrito na educação brasileira é bem recente e talvez tenha sido o objeto que mais sofreu modificações no ensino de língua portuguesa, buscando atender às necessidades do contexto sócio-histórico e cultural. Essa prática de ensino passou a acontecer de fato com a produção textual, uma vez que começa a diversificar os gêneros e a valorizar o contexto de produção, circulação e recepção do texto.

Em linhas gerais, na *composição*, os leitores precisam apresentar as mesmas características “intelectuais” do autor, pois se atentarão ao uso das regras gramaticais, à rica construção das rimas, ao uso de termos de “difícil” compreensão. Na *redação*, os leitores seguem os comandos dados pelo autor para compreender o que está escrito, enquanto, na *produção textual*, autor e leitores dialogam com o texto, podendo o último discordar, concordar, argumentar e inserir outros sentidos.

Nesse cenário, dentro da perspectiva do ensino de produção textual escrita, faz-se necessário refletir sobre as práticas de letramento que estão sendo desenvolvidas pelos

professores nas escolas, bem como os modos de como ensinar a produzir os textos, pois tais reflexões podem favorecer a produção de textos que contemplem as perspectivas histórica, cultural e social, distanciando-se das práticas da composição e da redação escolar que outrora eram valorizadas.

Dessa forma, é evidente a importância da formação continuada do professor, para que possa se instrumentalizar, desenvolvendo suas próprias competências referentes à produção textual e, assim, possa desenvolver as competências nos alunos. No Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, o professor tem a possibilidade de refletir sobre os seus fazeres pedagógicos e elaborar propostas de intervenção que sirvam para a sua realidade de sala aula, extrapolando os procedimentos prontos.

2.2 A PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA

Ao percorrermos a historicidade da atividade textual escrita na escola, observamos que não só a terminologia foi modificada, de composição à redação e, posteriormente, a produção textual, como também a concepção de língua. Consequentemente, podemos afirmar que também foram indispensáveis alterações nos objetivos de ensino, nos procedimentos utilizados e, principalmente, na atuação do professor na sala de aula.

Entretanto, as mudanças não ocorreram com o mesmo ritmo nas salas de aulas. Surgiram as novas nomenclaturas para designar as atividades de escrita de textos nas escolas, mas as práticas pedagógicas ainda não condiziam com as necessidades do contexto de ensino e aprendizagem. Se, por um lado, a sociedade tinha uma demanda para conquistar, por outro lado, a escola sempre caminhou em passos lentos no que se refere a mudanças, principalmente em se tratando da produção textual escrita.

Não há como negar que, a partir dos estudos da diversidade de gêneros textuais, foi possível a compreensão dos contextos de produção, consumo e distribuição dos textos na sociedade. No entanto, Marcuschi (2008, p. 52) chama atenção para o “tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas”. Podemos dar como exemplo a realização de práticas apenas para identificação das modalidades textuais, a utilização de modelos considerados de autores consagrados e a produção baseada nesses modelos.

Dessa forma, se o aluno não consegue reproduzir os modelos que lhes foram apresentados, terá a impressão de que “não sabe” escrever e de que não possui habilidades para

a escrita. Esse quadro pode gerar nos estudantes insegurança e desânimo para produzir seu texto e, também, para se perceber como autor.

Por isso, o ato de escrever não pode ser tomado apenas como uma atividade meramente escolar, distante da realidade do aluno e do que ele pretende. É necessário, para isso, que os alunos compreendam a função social dos textos que produzem e se sintam estimulados pelos professores a percorrer o caminho dessa empreitada que não é fácil, mas pode ser aprendida.

É compreendendo o que escreve, por que escreve e para que escreve que o aluno percebe a função comunicativa existente na sua produção textual, constituída em um contexto situado de interação entre escritor/leitor. Por isso, é primordial que o professor trabalhe o contexto de produção e proponha a realização de produções de textos que tenham função social para além da escolar.

Marcuschi (2008, p.23) ressalta que “não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas.” Sendo assim, a produção textual na sala de aula deve apresentar essa característica interativa, extrapolando o contexto escolar.

As discussões atuais sobre concepções da língua e interatividade têm trazido abordagens importantes para que os momentos de aprendizagem sejam efetivos no contexto educacional. Percebemos mudanças positivas no que se refere ao ensino de língua portuguesa, como podemos constatar na diversidade de gêneros que aparecem nos livros didáticos e também na preocupação com a variação linguística, a compreensão textual e a produção escrita.

No entanto, os procedimentos pedagógicos que são utilizados em sala de aula poderiam tirar melhor proveito desse contexto favorável ao aprendizado, pois, infelizmente, a prática de produções textuais apenas com o caráter avaliativo é uma realidade ainda presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Se assim ocorre, os alunos se veem a escrever um texto para entregar ao professor apenas com objetivo de obter uma nota sem levar em conta as finalidades do gênero e o contexto de produção. Dessa forma, o texto do aluno corre o risco de não apresentar uma função sociocomunicativa, o que lhe conduz a pensar que o seu texto só pode ter sentido para a escola. Fica evidente que, nessa prática, o aluno não se sente à vontade e estimulado a produzir textos com autonomia e com características autorais, pois o seu único leitor é o professor.

Se assim ocorrer, para o aluno, seu texto é considerado parte integrante do conjunto de atividades escolares, as quais devem ser corrigidas e avaliadas pelo professor a partir de critérios. Estes, muitas vezes, não particularizam as características textuais de um gênero específico, e salientam a ortografia, as concordâncias, a paragrafação e a quantidade de linhas escritas.

Ao pensarmos no ato de escrever um texto com o conceito de produção textual, acreditamos que esse deve permitir ao aluno posicionar-se como sujeito-autor e, nesse sentido, a sua produção cumpre uma função sociocomunicativa. Permite, também, que ele possa refletir sobre um conteúdo temático, ter autonomia na escolha dos recursos linguísticos e desenvolver suas ideias dentro de uma organização textual.

Para o aluno, seu texto deixa de ter o único objetivo de alcançar uma nota no processo avaliativo e ser apenas um texto construído na escola, para a escola, como no contexto do período da redação, para alcançar outros leitores além do professor e, assim, realizar outras funções no seu meio social. Conforme Geraldi, “o primeiro deslocamento a fazer, de um lado, é o da função-aluno que escreve uma redação para uma função-professor que a avalia e, de outro lado, o próprio ato de produção escolar de textos” (2012, p.128). Ainda para esse autor, “na redação, não há um sujeito que diz, mas um aluno que devolve ao professor a palavra que lhe foi dita pela escola.”

A redação escolar, uma atividade tipicamente escolar, precisa ser vista como um dos gêneros textuais que fazem parte das produções dos alunos, mas não pode ser a única produção indicada pelos professores, pois, assim, limita a situação comunicativa, como ressalta Beth Marcuschi:

Assim, se observamos as condições de produção de redações na escola, constatamos que a função sociocomunicativa dessa atividade está estreitamente inter-relacionada ao tratamento dispensado à redação enquanto objeto de ensino. Se levarmos em conta que a função sociocomunicativa define um gênero textual, como afirmado anteriormente, podemos, nesse sentido, asseverar que a redação é um gênero textual, mesmo que seus propósitos estejam voltados, via de regra, para dentro da própria escola. (2005, p.142)

O papel do professor é, pois, promover situações de produção textual em que os alunos realizem atividades que utilizem a diversidade de gêneros em diferentes situações. Dessa forma, o aluno aprenderá a produzir seus textos, por meio do estudo com gêneros textuais e levando em conta a sua função sociocomunicativa. Na visão de Bazerman *et all* (2011, p.59), “a experiência textual acumulada e socialmente contextualizada aumenta o repertório formal e o comando processual de cada escritor e leitor”, ou seja, quanto mais contato com atividades de produção textual o aluno tiver, maior será o seu nível de competência.

Essa abordagem leva em consideração os procedimentos utilizados pelo professor na realização das atividades com os gêneros textuais, tornando de suma importância o olhar do

educador sobre as ações que serão propostas aos alunos, para que se observe a funcionalidade destas, pois propor atividades que visem somente a correções ortográficas e gramaticais é reduzir drasticamente a importância da produção textual dentro do contexto escolar, pois:

De nada adianta denominar produção textual a tarefa de produzir um texto, no primeiro dia de aula, sobre minhas férias, levar essas composições para casa e devolvê-las aos alunos apenas com os erros assinalados, mesmo que o instrumento para assinalá-los não tenha sido a “antipedagógica” caneta vermelha. (GUEDES, 2009, p. 91)

Nessa direção, Geraldini:

[...] exige que reconsideremos “o que” vamos ensinar, já que tal opção representa parte da resposta do “para que” ensinamos”, ressalta ainda que “uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um “novo conteúdo” de ensino. (2012, p.45)

Mais do que uma mudança de nome de composição para redação e de redação para produção textual, o que deve ser salientado é a postura do professor diante da língua e do ato de ensinar a escrever um texto. Logo, mudanças são necessárias acerca dos objetivos e da função sociocomunicativa dos gêneros trabalhados na sala de aula, para que as atividades de produção textual não sejam encaradas pelos alunos como “difíceis”, “chatas”, “cansativas” e distantes da sua realidade e uso social.

2.3 PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Nas discussões referentes à produção dos gêneros textuais na escola, é primordial que o ensino seja considerado um processo mediado pelo professor, visando a um aprendizado significativo com a utilização de uma sequência de atividades que possam auxiliar o aluno a dominar um determinado gênero e a desenvolver essa construção em etapas de trabalho.

Para Koch (2003, p. 55), o domínio do gênero, que ela chama de maestria, é o domínio da situação comunicativa que se dá pelo ensino das aptidões para a produção de um determinado gênero em consonância com o contexto de produção. Nessa perspectiva:

O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrências, aos seus educandos. Isto porque a maestria textual requer – muito mais que os outros tipos de maestria – a intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica. (KOCH, 2003, p. 55)

Para tanto, consideramos muito importante a formação continuada do professor, a fim de fornecer subsídios relevantes para um novo fazer pedagógico com a utilização de sequências didáticas elaboradas para nortear seu trabalho.

Para Zabala, as sequências didáticas são:

[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos, [...] que têm a virtude de manter o caráter unitário e reunir toda complexidade da prática ao mesmo tempo que são instrumentos que permitem incluir as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação. (1998, p.18)

Segundo os autores do Grupo de Genebra, Schneuwly, Dolz e Noverraz:

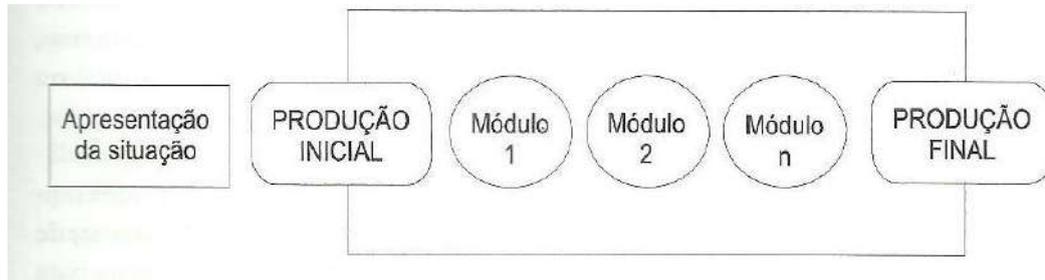
Uma “sequência didática”(grifo dos autores) é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. [...] servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. (2004, p. 82-83)

Acreditamos que “as sequências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através da formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras sequências.” (SCHNEUWLY, DOLZ & NOVERRAZ, 2004, p.108).

O modelo de sequência didática proposto pelos autores do Grupo de Genebra parte do princípio de que é possível ensinar gêneros textuais, sejam pertencentes à oralidade ou à escrita, de forma ordenada e sistemática. Na concepção deles, a noção de gênero é entendida como instrumento comunicativo que se materializa em forma de textos nas situações concretas de uso oral ou escrito. Nesse sentido, Schneuwly, Dolz e Noverraz afirmam ainda que:

É preciso criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos se apropriarem das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicações diversas. (2004, p. 82)

Esses autores apresentam o seguinte esquema como estrutura de base da sequência didática:

Figura 1 – Esquema da sequência didática

Fonte: DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.83.

A apresentação da situação é o momento em que o professor apresenta o projeto de comunicação aos alunos. Nesse momento, definem-se a modalidade, oral ou escrita, o gênero e a situação de comunicação que será realizada, discutindo a finalidade, os interlocutores, o local de circulação, os objetivos e se a produção será individual ou em grupos. Dessa maneira, os alunos passam a perceber a importância desse trabalho. Também devem ser apresentados os conteúdos que dizem respeito ao gênero e à modalidade.

A produção inicial se refere ao primeiro contato com o gênero e à realização da primeira produção textual, que fornecerá subsídios ao professor para analisar o que o aluno já sabe e o que ainda precisa ser aprendido nas atividades, a fim de prepará-los para a produção final. A partir das informações obtidas, referentes às dificuldades dos alunos, o professor pode adequar as atividades da sequência a essa realidade.

Segundo Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), nos módulos, o professor deve trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e, depois, dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los. É o momento de explorar o tema, as características do gênero e os recursos discursivos e linguísticos que serão utilizados. Nesse sentido, percebemos que se trata de um trabalho que parte do todo para as partes e, ao final, retorna ao complexo.

Na produção final, o aluno coloca em prática o que aprendeu ao longo das atividades dos módulos e dos conteúdos estudados para produzir seu texto final, que não descarta a revisão e a reescrita, em se tratando da modalidade escrita, e dá o destino para a sua produção.

Nesse processo de produção, o aluno acionará as informações que já possui a respeito do gênero, do conteúdo temático para desenvolver suas ideias e dos conhecimentos que tornam dizível o que pensa. Por isso, é tão importante que a sala de aula seja um ambiente estimulador e os professores tenham certeza do que pretendem com essa produção.

Uma das vantagens de o professor trabalhar com esse modelo de sequência didática proposta por Schneuwly, Dolz e Noverraz é devido à sua finalidade de proporcionar ao aluno “dominar melhor um gênero de texto” a partir da realização das etapas de atividades, “permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (2004, p. 83).

Para Silva e Araújo:

A atividade de ensino com gêneros numa sequência didática conduz o aluno a dominá-los em seu contexto de produção e recepção, vez que leva o professor e o aluno a construírem uma metodologia, pela ação reflexiva da linguagem. Essa reflexão dos tipos de ação desenvolvidos amplia as perspectivas do tratamento dado ao texto oral e/ou escrito, seja ele genuinamente ou não produzido na escola. (2015, p.3)

Podemos considerar o trabalho com a sequência didática sugerida pelo Grupo de Genebra como um guia de bordo do professor para o ensino de gêneros orais e escritos, a fim de que os alunos se apropriem, façam uso nas suas relações sociocomunicativas e possam produzir seus textos com autonomia e criticidade, pois pode permitir ao professor regular as atividades propostas no projeto, no intuito de garantir o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, pois ele tem liberdade de separar, selecionar e recusar as atividades e conteúdos, a fim de dar continuidade a um processo.

Nessa linha de pensamento, queremos salientar que o contexto de produção textual escrita na escola deve oferecer aos alunos as condições essenciais para a realização dessa atividade. A sala de aula precisa ser um ambiente favorável e propício para oportunizar o desenvolvimento de competências escritoras aos alunos por meio de um ensino elaborado com sequências didáticas a partir de um contexto real de aprendizagem.

Defendemos, dessa forma, a necessidade de ressignificar o ensino da escrita, a partir da mudança de postura do professor, intervindo como um mediador e entendendo a produção textual como um processo desenvolvido progressivamente, para que o aluno construa um posicionamento de sujeito-autor, aquele que, além de possuir a capacidade de escrever seu texto, pode utilizá-lo em outros contextos com segurança e autonomia.

2.3.1 Contexto de produção textual

A expansão comunicativa trazida pela internet fez com que os indivíduos tivessem acesso a interações por meio da escrita de forma mais rápida e com maior frequência. Costuma-

se dizer que, em nenhum momento da história humana, escreveu-se tanto como neste momento em que vivemos. Teclar o que se tem a dizer se tornou mais fácil em ambientes como *chats*, *blogs*, redes sociais (*Facebook*), *WhatsApp*, em que o indivíduo tem acesso a informações e consegue interagir com uma ou mais pessoas ao mesmo tempo, o que exige dele rapidez, dinamismo e objetividade no que escreve.

Levados por essa afirmativa, acreditamos que problemas como falta de argumentos, quebra de coerência, problemas de coesão dentre outros, relacionados com a escrita, não se referem à discussão que nos leva a questionar se o aluno escreve ou não escreve e ainda se escreve muito ou pouco. O fato é que, atualmente, os alunos escrevem muito mais. Há quem ainda diga que, apoiando-se nas intermináveis cópias escritas de pesquisas e de conteúdos, que os alunos escreviam muito mais anos atrás. Não é necessário nem julgar o mérito da discussão, pois o que os alunos faziam era transcrever o que constava em livros, enciclopédias, manuais, revistas etc.

Nossa abordagem se refere ao contexto de produção textual na escola, pois é o cenário destinado para essa aprendizagem, e o professor é o profissional responsável por essa tarefa. “A escola é tomada como autêntico lugar de comunicação, e as situações escolares, como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária” (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2004, p. 66).

Nessa direção, acreditamos que as ocasiões de produção podem ser ampliadas de forma a abranger os alunos e extrapolar os limites da sala de aula, pois o que se percebe é que o ensino de Língua Portuguesa em nosso país apresenta um quadro de baixo desempenho dos alunos nas atividades de produção textual e de professores que se sentem impotentes diante das dificuldades e resultados negativos.

Estamos diante de um quadro dicotômico, em que os alunos escrevem em várias situações do seu cotidiano, mas não querem produzir textos na escola. Quando colocados diante de situações em que precisem realizar uma atividade de produção textual na sala de aula, os alunos reagem negativamente e são contrários à atividade demonstrando aversão. Talvez tal reação se deva ao fato de que as propostas de produção textual não estejam de acordo com uma perspectiva que valorize os aspectos discursivos do texto e sua funcionalidade no contexto social, levando o aluno a encontrar o sentido real de tal produção.

Como nos diz Passarelli (2012, p. 41), “atividades meramente metalinguísticas roubam a cena de episódios de produção de textos: protagonizam atividades voltadas a temas referentes ao que é mais fácil e comodamente se detecta na superfície textual.” Isso ocorre porque, muitas

vezes, as produções textuais realizadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa têm como objetivo avaliar apenas a parte superficial do texto, o que nos salta aos olhos, ou seja, se o texto contempla a abordagem do tema, a ortografia e o uso das regras gramaticais.

Entretanto, é necessário um esforço no sentido de criar alternativas que ajudem a transformar o quadro atual de cada contexto escolar, levantando suas dificuldades e necessidades específicas e, a partir de então, propor atividades que conduzam os alunos ao alcance das competências necessárias à produção textual.

Por isso é tão necessário que os alunos estejam inseridos em um cenário de produção que possibilite a realização das etapas processuais do texto escrito. Eles também precisam compreender que, para escrever seu texto, serão necessárias as ações de planejar, elaborar as ideias, rascunhar o que se tem a dizer, revisar o texto até alcançar a reescrita do produto final. Assim, é possível perceber que produzir textos não é uma questão de dom, mas o resultado de um processo bem planejado pelo professor consciente dos resultados que almeja alcançar e, para tanto, esse deve propor atividades que conduzam os alunos ao desenvolvimento de habilidades que o tornarão um escritor competente e consciente do uso do texto na sociedade.

Ao pensarmos em um processo de etapas, não estamos negando as situações contrárias existentes na sala de aula, como o barulho, a falta de material para pesquisa, o tempo pré-estabelecido, a dificuldade de concentração, falta de estímulo para discussão de temas e os critérios avaliativos utilizados pelo professor que em nada colaboram para a uma produção textual satisfatória e para que o aluno vença o medo do papel em branco.

Esse é um processo que precisa ser ensinado e construído na escola. É na sala de aula que o professor pode atuar para que seus alunos percorram o caminho dessa empreitada, consigam realizar suas atividades e, assim, alcancem os resultados esperados: um texto bem escrito com uma função social definida e um interlocutor além do professor.

Nesse sentido, a fim de desenvolvermos uma sequência didática cujos objetivos estejam voltados para a aprendizagem da escrita de textos, faz-se necessário levar em conta alguns aspectos que podem contribuir para o planejamento das etapas de acordo com os objetivos propostos. Sendo assim, podem-se levar em conta questões que determinam o contexto de produção, tais como: qual o gênero textual mais indicado quando se quer estimular a reflexão crítica dos alunos e desenvolver competências escritoras? Qual a função sociocomunicativa do texto? Quem são os possíveis interlocutores e onde o texto irá circular? Qual o tema a ser abordado? Como deve ser organizado o processo da sequência até a produção textual, a fim de que o aluno se sinta seguro para produzi-lo, respeitando as características do gênero, de acordo com sua funcionalidade dentro e fora da escola?

Dessa forma, acreditamos que uma proposta de intervenção pedagógica a ser trabalhada por meio de uma sequência didática, como sugerem Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), constituem um conjunto de atividades organizadas e aplicadas sistematicamente que poderão possibilitar ao aluno o desenvolvimento de habilidades necessárias no processo de produção textual escrita.

Nessa perspectiva, optamos por trabalhar com o gênero artigo de opinião, pois sabemos que o ato de opinar faz parte do cotidiano do ser humano. Este sempre precisa fazer escolhas, defender ideias, propor soluções, elaborar estratégias para convencer, a fim de persuadir o outro na tentativa de modificar sua opinião, seu comportamento, seus valores.

Evidentemente, a sala de aula é um ambiente propício para a “troca de ideias, tomada de posição, discussão”, no entanto “parece que nos esquecemos disso quando nos sentamos nos bancos escolares” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 9). Como afirmam as autoras, precisamos assumir que nós “sabemos argumentar, sabemos produzir textos argumentativos”.

É nesse contexto que os alunos precisam ter a oportunidade de exercitar seu potencial argumentativo como realizam em suas situações cotidianas, nas quais têm consciência de quando tiveram êxito em suas situações argumentativas e quando não foram tão bem, ao ponto de não alcançar o que pretendiam.

Não estamos, com isso, negando os fatores internos e externos que dificultam o processo de produção no ambiente escolar, pois compreendemos que a escola, uma instituição social, reflete o contexto real dos sujeitos que a compõem. Os desafios enfrentados pelos professores para reverter o quadro de insucesso em que se encontram os alunos nas produções textuais, portanto, extrapolam as atividades escolares.

Para a escolha de um gênero, deve ser levada em conta a esfera de produção (contexto), a necessidade de uma determinada temática e os envolvidos no processo (alunos e professor). Nesse sentido, embora o artigo de opinião seja um gênero da esfera jornalística, possibilita ao aluno um trabalho com a argumentação em que, para defender uma tese, ele apresenta seu ponto de vista, construindo argumentos que embasem sua opinião.

Os teóricos da argumentação advogam que toda ação de linguagem é, essencialmente, argumentativa, no sentido de que há sempre, clara ou velada, uma pretensão de se conseguir a adesão do interlocutor e ganhar sua concordância. Nesse sentido é que se diz que não existe neutralidade nas atividades de linguagem. Ou seja, nada do que se diz é totalmente despojado de alguma intenção, seja ela clara, declarada, seja ela velada. (ANTUNES, 2010, p.70)

Ciente da inexistência de neutralidade nos discursos, percebemos que o caráter argumentativo do artigo de opinião faz parte das atividades que devem ser desenvolvidas pelo professor no contexto escolar, nas discussões sobre um determinado tema abordado. O artigo de opinião surge a partir de assuntos polêmicos noticiados, mas não necessariamente com posições contrárias, em que o articulista, aquele que assina o artigo, desenvolve sua linha de pensamento com argumentos que sustentem sua opinião.

Esse gênero permite ao aluno abordar um tema de seu interesse de forma reflexiva e crítica. Para Guedes (2009, p. 90), “a produção de texto pressupõe leitores que vão dialogar com o texto produzido: concordar e aprofundar ou discordar e argumentar, tomando o texto como matéria-prima para seu trabalho”. Por isso, é tão necessária a realização das atividades ancoradas na exposição do que sabem e pensam a respeito de um tema.

A nossa pretensão pedagógica tem o caráter de aproximar o estudo da língua no desenvolvimento de competências escritoras, e também leitoras, porque, para escrever, é necessário ler, à noção de cidadania, ao discutir temas que fazem parte da realidade dos alunos. Segundo Antunes (2003, p. 34), para “conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos”, cabe ao professor prever e avaliar reiteradamente as concepções, objetivos, procedimentos e resultados que direcionem seu fazer pedagógico.

Portanto, compreender o contexto da sala de aula como um espaço para o ensino-aprendizagem da produção textual escrita, em que os alunos interajam no texto com o outro, percebam a função dele em sua vida e reconheçam os seus objetivos, permite ao professor desenvolver uma série de atividades a serem realizadas contemplando as etapas necessárias para que os textos dos alunos sejam apreciados de forma satisfatória.

2.3.2 As etapas da produção textual escrita

A produção textual escrita permite uma interação entre os sujeitos, mesmo que esta seja adiada por eles não ocuparem o mesmo espaço, tempo e contexto. Essa característica possibilita ao escritor maior tempo para elaboração do discurso, o que possibilita o planejamento, produção, revisão e reescrita, sem deixar indícios dessas etapas para o leitor. Entretanto, nessa leitura do texto, o leitor pode ter a falsa impressão de que o texto não sofreu revisões e se trata de uma versão inicial.

Cada etapa do processo de escrita possui uma função específica que precisa ser trabalhada com a mesma intensidade e importância, para que o produto final desempenhe os objetivos esperados pelo escritor e pelo leitor. Segundo Antunes (2003, p.54), são etapas

distintas e integradas que implicam uma série de decisões que devem ser tomadas por quem escreve.

Por isso, é preciso que as etapas sejam levadas em conta pelo aluno e pelo professor, permitindo, assim, que os escritores consigam escrever o que querem dizer. Para que isso ocorra na esfera escolar, o professor precisa repensar seu fazer pedagógico, no que se refere ao ensino da escrita, e o aluno deve compreender que, para o seu produto final, será necessário percorrer algumas etapas.

Quando nos referimos às etapas do processo da escrita, não estamos falando de técnicas como ocorriam e ainda podemos ver nas propagandas de cursos de redação que prometem “fórmulas mágicas” no ensino para a construção de textos ditos perfeitos. Acreditamos que, se o aluno tiver a oportunidade de executar as etapas de planejamento das ideias, transposição dessas para o papel, revisão e reescrita nas aulas de produção textual, certamente seus textos, especialmente se referindo ao artigo de opinião, apresentarão uma melhor qualidade e conseguirão um melhor desempenho.

Diante da importância das etapas para a realização da produção textual no contexto escolar, abordaremos cada passo a ser desenvolvido por alunos e professores, no intuito de obter um melhor desempenho em seus textos, sejam pertencentes à esfera escolar ou didatizados. As etapas da produção textual escrita são o planejamento, a transposição de ideias, a revisão e a reescrita, as quais são detalhadas a seguir.

2.3.2.1 Planejamento

As primeiras ações para o ato de escrever gêneros argumentativos são selecionar as informações e organizar as ideias que serão colocadas no texto. Essa ordenação de ideias chama-se planejamento. Trata-se da etapa em que é disposto, de forma progressiva, o encadeamento do que se pretende dizer. É o momento de permitir que as ideias aflorem e que uma vá levando à outra.

Para Antunes (2003, p. 45), “*ter o que dizer* (grifo da autora) é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”. Esse é um dos grandes problemas identificados geralmente nas produções dos alunos, muitas vezes, em decorrência da falta de conhecimento do tema ou falta do exercício de pensar sobre um tema.

Nesse mesmo pensamento, Passarelli (2003, p. 45) defende que “a falta de repertório equivale a não ter matéria-prima, não ter sobre o que escrever; a falta de domínio sobre o

processo de escrever equipara-se a não conhecer razoavelmente como escrever”. Se o aluno não tem ideias organizadas para transpor para o papel, terá a falsa impressão de que não sabe escrever.

Se faltam as ideias, se falta a informação, vão faltar palavras. Daí que nossa providência maior deve ser encher a cabeça de ideias, ampliar nosso repertório de informações e sensações, alargar nossos horizontes de percepção das coisas. Aí as palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com a regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto. (ANTUNES, 2003, p.46)

Nessa primeira etapa, o aluno/escritor precisa buscar as informações adequadas para delimitar o seu tema, tendo em vista os objetivos que pretende atingir e o perfil de seu leitor, para adequar a forma linguística que deve assumir dentro do seu repertório (ANTUNES, 2003, p.55). É a oportunidade de traçar e ordenar as ideias que serão abordadas no início, meio e fim do seu texto.

Esse repertório de informações pode ser resultante de várias fontes. Como, geralmente, os alunos da escola pública do nosso país têm dificuldades de acesso a notícias, pesquisas, dados, seja por falta de recursos ou por falta de hábito de realizar esse tipo de atividade, é primordial que os professores lhes forneçam materiais ricos e os orientem a selecionar e organizar suas ideias. Essa não se trata de uma tarefa fácil, pois exigirá dos alunos a realização de leituras e compreensão de textos.

Muitas vezes, é destinado pouco tempo para a realização dessa etapa, e os alunos consideram, então, que o planejamento é desnecessário e significa perda de tempo. No entanto, é exatamente o contrário: ao planejar um texto, o aluno saberá qual o caminho a percorrer e organizará o seu tempo sem deixar escapar quaisquer ideias iniciais colocadas em palavras, frases, expressões, dados, rabiscos, a fim de que sejam utilizadas posteriormente. Segundo Passarelli (2012, p. 155), “se planejo o que vou escrever dentro do tempo de que disponho, tenho mais condições de distribuir o tempo e realizar um trabalho com, talvez, menos angústia”

Muitos alunos não executam essa etapa e desperdiçam o seu tempo olhando o tema como se fosse o suficiente para que surjam todas as ideias. Não levam em conta que correm o risco de perder suas ideias, pois a memória só registra o que interessa. Assim, quanto mais informações o aluno colocar no seu planejamento escrito, mais chance terá de conseguir êxito no que escreve na sua produção, porque terá um repertório para selecionar como adequado ao que pretende.

2.3.2.2 Transposição das ideias

Quanto à transposição das ideias, esta é a etapa que se refere à primeira versão do texto, é o momento em que o escritor colocará no papel as ideias planejadas anteriormente, seguindo uma sequência, a fim de garantir a coerência, o sentido do que pretende dizer. Para essa etapa, o planejamento impede que o aluno fique com medo do papel em branco no momento em que escreve.

Nesse momento, o aluno faz suas escolhas lexicais e sintático-semânticas, de acordo com o seu contexto de produção, seu leitor e seu objetivo (ANTUNES, 2003). Um texto não é um amontoado de palavras ou frases com parágrafos desconexos que quebram ou não conseguem dar sentido ao que está sendo escrito.

Segundo Koch (1996, p.15), “o texto é muito mais que a simples soma das frases *e palavras* (grifo da autora) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é sim, de ordem qualitativa”. Para Marcuschi (2008, p.72), “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas. A partir dessas definições, o texto do aluno, mesmo que provisório, precisa apresentar um encadeamento das ideias conectadas entre os parágrafos, para que não se assemelhe a uma “colcha de retalhos mal alinhavada” (PASSARELLI, 2012, p. 158), correndo o risco de que se perca o sentido para seu leitor.

A etapa da tradução da ideia em palavras, “Diz respeito à conversão em língua escrita das ideias organizadas segundo o que foi aventado no planejamento, configura-se no texto provisório produzido até então que sofrerá, subsequentemente, uma revisão. (PASSARELLI, 2012, p. 159). Vale ressaltar que, nesse momento, o professor deve ponderar as intervenções na escrita das ideias, para que os alunos realizem a etapa com autonomia e não sejam podados nem a sua disposição, nem seu desempenho para executar a tarefa.

2.3.2.3 Revisão

Essa etapa é o momento de o aluno analisar o que escreveu e identificar se atende aos princípios da textualidade no que se refere à contextualidade de conhecimentos linguísticos, coerência e coesão, e à situação comunicativa, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade. Como o próprio termo diz, revisar é ver de novo.

Esse é o momento de decidir o que fica ou o que se altera no texto para que possa atender aos objetivos propostos e ao suposto leitor. É o momento de perceber se as ideias expressas estão organizadas e claras. Entretanto, muitos alunos consideram esse momento que chamam de “passar a limpo” como se fosse a transcrição fiel do “rascunho”, atentando-se apenas aos aspectos superficiais do texto que lhes saltam aos olhos, como a ortografia, a pontuação e a delimitação das margens dos parágrafos.

Infelizmente, vemos que muitos textos são a transcrição fiel dos rascunhos, sendo que o aluno tem por preocupação “caprichar” na caligrafia, para que seu traçado seja considerado legível. Poucas alterações são realizadas no sentido da progressão textual das ideias, do que se quer dizer. Podemos, então, constatar que, na sala de aula, eles não aprenderam a avaliar seu texto, a perceber o seu desenvolvimento, nem a notar o que poderia ser melhorado.

Para rever o que está escrito, o aluno poderá contar com a mediação do professor, a fim de identificar e avaliar o que deve ser modificado. Nessa etapa, analisa-se a continuidade temática, a construção dos sentidos entre os períodos e os parágrafos, a clareza na abordagem, a adequação às condições da situação, assim como é possível adequar sua formulação linguística às normas padrão da língua.

Como salienta Passarelli (2012, p. 159), “a revisão exerce a função de proceder à leitura do material textual produzido” e, “de escritor, o sujeito passa a ser o leitor de si mesmo, voltando a ser escritor novamente” (p. 160). Essa interatividade da escrita determina ao sujeito “esse vaivém de procedimentos” (ANTUNES, 2003, p.56), o que implica a tomada de decisões a partir de análises ora como autor, ora como leitor do próprio texto.

É preciso que o aluno/escritor perceba que será necessária a leitura e releitura do seu texto algumas vezes, para que possa, de fato, concretizar o objetivo da revisão, a refeitura do texto. Será necessário que ele examine detalhadamente aspectos voltados para o que a língua escrita convencionou para a escrita, a estrutura organizacional e ao propósito do gênero e o sentido lógico das ideias. Nessa etapa, ele poderá ter a colaboração do professor e dos colegas na edição em atividades em dupla ou em grupos, compreendendo que, quanto mais revê o seu texto, melhor ele ficará.

Segundo Antunes (2003, p. 57-58), essa é a etapa para o sujeito:

[...] **rever** o que foi escrito; **confirmar** se os objetivos foram cumpridos; avaliar a **continuidade temática**; observar a **concatenação** entre os períodos, entre os parágrafos; ou entre os blocos supergráficos; avaliar a **clareza** do que foi comunicado; avaliar a **adequação** do texto às condições da situação; rever a fidelidade de sua formulação linguística às normas da **sintaxe** e da **semântica**, conforme prevê a gramática da estrutura da língua; aspectos da

superfície do texto, tais como a **pontuação**, a **ortografia** e a **divisão** do texto em **parágrafos** (grifos da autora).

Salientamos que, nessa etapa, seja primordial a revisão feita pelo aluno com o auxílio do professor e não uma correção feita unicamente pelo professor, para que os alunos transcrevam para o produto final. Esse é o momento de o aluno ativar seus conhecimentos adquiridos nas aulas de Língua Portuguesa e saber o que é adequado ou inadequado na escrita.

2.3.2.4 Reescrita

A etapa da reescrita, por sua vez, requer do professor a leitura e a releitura na realização das correções que considera adequadas e que passaram despercebidas aos olhos dos alunos. A reescrita pressupõe a feitura do produto final após as revisões e as correções.

Nesse momento, o professor deve apresentar ao aluno o texto corrigido após a revisão, para que reescreva o seu produto final. Essa correção deve ser clara e indicar ao aluno as alterações que ainda precisa fazer para que o seu texto apresente uma melhor qualidade.

O bilhete-orientador é uma forma de correção que pode ser utilizada pelo professor para auxiliar o aluno a identificar as alterações necessárias. Segundo Ruiz (2013, p. 47), “esses ‘bilhetes’ (grifo da autora), em geral, têm duas funções básicas: falar acerca da tarefa de revisão pelo aluno (ou, mais especificadamente, sobre os problemas do texto), ou falar, metadiscursivamente, acerca da própria tarefa de correção pelo professor”.

Assim, salientamos que a correção com bilhetes orientadores pode garantir ao aluno a autonomia e a autoria na reescrita do texto, pois conseguem minuciar o que não foi compreendido pelo aluno na etapa da revisão. Com a reescrita realizada pelo aluno, isso não significa dizer que o seu texto esteja livre de uma editoração sugerida pelo professor caso tenha sido acordado com a turma outras finalidades além da entrega para o professor, como acontece nas práticas de produção textual na sala de aula.

Alinhando as etapas do processo de produção – em especial, do gênero artigo de opinião – à proposta de sequência didática do Grupo de Genebra, Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), compreendemos que a realização das atividades dos módulos é o momento do planejamento em que o aluno se aprofunda nas características, no propósito do gênero e na temática da produção. A transcrição das ideias para o papel, a revisão e a reescrita acontecem na etapa que eles chamam de produção final.

Nesse sentido, esse modelo de proposta de sequência didática se revela como um importante instrumento tanto à disposição do professor, para o ensino da produção textual de um gênero, quanto para o domínio de competências escritoras para alunos e professores, pela necessidade de se aprofundar nos conteúdos que serão trabalhados durante a execução das etapas.

3 O ARTIGO DE OPINIÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

*Se o uso da linguagem se dá na mesma forma de textos e se os textos são constituídos por sujeitos em interação, seus queres e saberes, então, argumentar é humano.
(Koch e Elias)*

A todo o momento, nas interações em nosso cotidiano, somos mobilizados a produzir opiniões, conceitos e defesas sobre assuntos. Aprendemos a dar opiniões, justificativas e apresentar nosso ponto de vista antes mesmo de irmos à escola. No entanto, os alunos não conseguem perceber que, quando defendem uma ideia nas suas conversas ou debates, estão fazendo uma argumentação, e que esta poderá ser aceita ou negada pelos demais, a depender da força dos argumentos que utilizem.

A força da argumentação é construída a partir das informações e dados que o indivíduo seleciona do seu conhecimento enciclopédico, do conhecimento de mundo, domínio da língua e conhecimentos linguísticos que utiliza para atingir o seu objetivo, convencer o interlocutor das suas ideias, alterando seu modo de pensar e de agir.

Dada a importância de desenvolver as capacidades argumentativas para defender pontos de vista nas interações discursivas, o estudo sobre argumentação na sala de aula possibilita ao aluno realizar atividades que o auxiliem nesse processo, pois a escola é um contexto favorável para discussões e para prática da produção de textos dessa esfera.

O estudo da argumentação deve ocorrer, então, a partir do trabalho com os gêneros em que essa tipologia seja predominante. Cabe ao professor conhecer o perfil dos alunos, identificar as dificuldades relacionadas às competências argumentativas e realizar a escolha do gênero, a fim de atender aos propósitos a que esse se destina. Para Koch (2003, p.55), “a escolha do gênero é, pois, uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros de situação (mundos físico e sociossubjetivo) e os usos atribuídos aos gêneros do intertexto”.

Nesse sentido, na escolha de um gênero, devem ser levadas em conta: a esfera de produção (o contexto), a necessidade de uma determinada temática e os envolvidos no processo. Sobre essa escolha, Bazerman, Hoffnagel e Dionísio (2011, p. 55) ressaltam o papel do professor e afirmam que, “como o professor concebe a sala de aula influenciará os gêneros dentro dos quais ele interage com os alunos, os gêneros materiais e das leituras que o professor

trará para dentro da sala de aula e os 46 gêneros escritos e orais que o professor eliciará e receberá dos alunos.” Como afirma Brakling:

[...] para Língua Portuguesa, as atividades de escrita necessitam privilegiar o trabalho com um gênero no qual as capacidades exigidas do sujeito para escrever sejam, sobretudo, aquelas que se referem a defender um determinado ponto de vista pela argumentação, refutação e sustentação de ideias. (2000, p. 223)

Portanto, como sabemos que as atividades humanas são inumeráveis e que ocorrem com uso da linguagem para interagirmos com o outro utilizando os gêneros, como afirma Bakhtin (2011, p.263), essa ação ocorre em função de um tema na esfera da construção composicional, respeitando cada estilo. Essa decisão de escolha perpassa pela função sociocomunicativa do gênero para o aluno. Assim, optamos pela escolha do gênero artigo de opinião, por entender que tal gênero permite ao aluno expressar sua opinião e defender uma ideia, estruturando e organizando seu raciocínio em direção da defesa de sua tese ou ponto de vista sobre um determinado assunto polêmico.

3.1 O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é um gênero textual que pertence à esfera jornalística. É publicado em jornais, revistas (impressas e virtuais) e em *blogs* e *sites* (virtual), geralmente, assinado por um articulista convidado a dar opiniões a respeito de um tema atual que apresente uma questão polêmica a ser discutida.

De acordo com as especificidades de cada revista ou jornal, o artigo de opinião recebe o nome de artigo, coluna, comentário, opinião, os quais levam o nome do seu autor, o articulista. Contêm, em si, comentários, avaliações, expectativas, ponto de vista, uma opinião sustentada por argumentos que concordam com (ou refutam) um tema da atualidade. Por isso, geralmente, é escrita em primeira pessoa, e o tempo verbal predominante é o presente.

No artigo de opinião, o articulista parte de um assunto, fato, notícia que gera uma questão polêmica de relevância para um contexto social. É a questão polêmica que faz o artigo de opinião existir no campo jornalístico e, também, no contexto escolar. Ele apresenta características que permitem ao aluno se mostrar como sujeito-autor ao tecer opiniões a respeito de um assunto do seu contexto, seja para apoiar, acrescentar ou refutar e manter um estilo próprio.

Segundo Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p.52), o artigo de opinião pertence ao grupo do argumentar, pois os domínios sociais de comunicação permitem tanto a discussão de problemas sociais controversos, quanto o exercício da sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição do aprendiz. Nessa mesma direção, Brakling (2000, p.227) afirma que:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes que possamos convencer o interlocutor.

Ao contrário da notícia – gênero jornalístico que tem por característica apresentar um fato que pode cair em esquecimento mediante o surgimento de outro –, o artigo de opinião é um gênero jornalístico que prima por um tema que não se perde no tempo, capaz de gerar discussões, graças à existência de pontos de vistas opostos. Assim, o articulista toma uma posição e constrói sua tese com argumentos que possam sustentar e defender seu ponto de vista.

Para Rodrigues (2007, p.171), o trabalho do articulista é valorizado e aceito pelos demais participantes envolvidos nessa interação, devido ao processo de construção do seu ponto de vista e dos outros elementos constitutivos do gênero. Sendo assim, o articulista precisa dispor de três elementos indispensáveis para o artigo de opinião: tema da atualidade, argumentos e opinião.

Não existe uma estrutura fixa para o artigo de opinião, porém, de modo geral, a grande maioria apresenta esses elementos, os quais não precisam também obedecer uma ordem específica, a saber: apresentação da questão polêmica que está sendo discutida ou a contextualização do assunto; definição do posicionamento assumido pelo articulista; emprego de argumentos que sustentem a posição assumida; emprego de contra-argumentos com antecipação de possíveis argumentos contrários; utilização de argumentos que refutam a posição contrária; retomada da posição assumida; conclusão com ênfase ou recuperação da tese ou posicionamento defendido.

O artigo de opinião se revela como um excelente gênero a ser utilizado no contexto escolar, pois contribui para a discussão de temas que podem interessar aos alunos e os levem a argumentar defendendo seu ponto de vista. Esse gênero, segundo Brakling (2000, p. 226), visa a convencer o outro, influenciando o seu modo de pensar e os seus valores a partir do posicionamento defendido pelo autor e da utilização de outras vozes que confirmem ou divirjam

da sua opinião. Isso ocorre devido à possibilidade que o articulista tem de buscar outras vozes para fortalecer seus argumentos e corroborar com sua tese.

Um texto escrito traz outras “vozes” que não as do autor, mas que “falam” pelo autor, pelo fato de que a comunicação humana é marcada pelo dialogismo. O autor de um texto “conversa” com outras pessoas que pensam de formas diferentes da sua, através de outras leituras que ele faz. Quem lê um texto deve estar atento a essas “conversas” que muitas vezes nos remetem a outros textos. (UBER, 2007/2008, p.5)

Dessa forma, no artigo de opinião, o articulista se apoia em outras vozes que advêm das leituras realizadas para desenvolver as suas ideias e argumentar a favor ou contra um posicionamento específico. Essas vozes podem aparecer de forma explícita com identificação das suas fontes ou, de forma alusiva, podem apoiar a construção dos argumentos.

Segundo Brakling (2000, p.227), “não é possível escrever um texto no gênero se não conseguir colocar-se no lugar do outro, antecipando suas posições para poder refutá-las”, pois é nessa negociação (ou não) que se busca convencer e modificar a opinião, o comportamento ou valores do interlocutor.

Quando se pretende que essa “outra voz” tenha um posicionamento contrário, a “contra-argumentação só pode ser elaborada a partir de um processo em que o argumentador toma seu próprio argumento (suas ideias sobre o tema discutido) como objeto de reflexão e o avalia à luz da força que acredita ter a contra-argumentação” (LEITÃO, 2011, p.28). Ainda segundo a autora, esse processo significa uma nova forma de se apropriar e entender o tema apresentado que, ao passar pelo “crivo crítico da contra-argumentação”, resistiu e reafirma seu ponto de vista.

Se o baixo desempenho dos alunos nas produções textuais de caráter argumentativo revela que eles apresentam dificuldades na construção de contra-argumentos e argumentos convincentes, e, assim, não conseguem defender de maneira contundente o seu ponto de vista, torna-se evidente que a escola precisa ensinar essa construção. Assim, o professor precisa levar o aluno a utilizar procedimentos argumentativos que subsidiem o que precisa defender.

Segundo Passarelli (2012, p. 250), a fim de atingir seu propósito de convencer e persuadir, o autor/articulista tem a sua disposição diversos procedimentos argumentativos que podem ser utilizados para que o seu leitor seja levado a aceitar os seus argumentos. Dentre os procedimentos, ela apresenta: diferentes tipos de argumentos (de autoridade, de justiça, pragmático, do desperdício, pelo exemplo ou modelo, pelo antimodelo, pela analogia, por provas concreta); linguagem metafórica (conjuntos de estratégias capazes de contribuir para os

efeitos persuasivos); escolha lexical (a escolha das palavras, locuções e formas verbais); intertextualidade (implica o conhecimento sobre outros textos, como ao fazer uso de citações); coesão (os processos de sequencialização que asseguram – ou tornam recuperável – uma ligação linguística significativa entre os elementos na superfície textual); coerência (diz respeito à configuração dos conceitos e relações na estrutura profunda do texto); alusão (faz rápida menção a alguém ou algo de modo vago e/ou de maneira indireta); expressões de valor fixo (fórmulas linguísticas que sintetizam um conceito da realidade ou uma regra social ou moral); ironia (recursos irônicos que desvalorizam ou ridicularizam uma ideia, um valor, uma assertiva no dizer de alguém); instâncias gramaticais (recursos explicativos com uso de interpolações ou intercalações, conferindo sentidos novos aos enunciados).

A produção textual do artigo de opinião na sala de aula exige do aluno a realização de pesquisas e leituras de outros gêneros que forneçam informações para o que pretende defender, a fim de convencer o outro da sua “verdade”, que será disposta com o emprego dos recursos linguísticos adequados aos seus propósitos com o leitor. É preciso que os alunos saibam que nenhum discurso é neutro, mas, sim, carregado de intenções. Para opinar, é indispensável que o locutor tenha uma série de informações sobre o que será dito.

O ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a sua própria objetividade. (KOCH, 2011, p.17)

No contexto da sala de aula, quanto mais informações o aluno obtiver sobre um tema, mais abordagens ele poderá desenvolver na sua produção textual. Essa é a especificidade do artigo de opinião, conversar com outros textos. Para Guedes (2009, p. 94), “quanto mais leitura, maior o acervo de modelos para ser comparados, pesados, medidos, julgados, aceitos, rejeitados, trocados; mais profundo o processo de autoconhecimento e maior a chance para a produção de um texto ao mesmo tempo inteligível e original.

Essas informações virão de diversas fontes – conversas com outras pessoas, leituras em livros, revistas, jornais, internet, vídeos, documentários, notícias no rádio etc. – construídas ou consultadas anteriormente em seu meio e/ou na escola. A prática de leituras e pesquisa para compor um repertório enciclopédico e de mundo permite ao aluno posicionar-se de forma crítica, o que colabora para que não seja induzido e manipulado, aceitando ingenuamente a

opinião dos outros, como se não fosse capaz de refletir e argumentar e não possuísse elementos para utilizar na refutação de ideias contrárias.

Ao trabalharmos com o artigo de opinião na escola, estamos didatizando esse gênero que pertence à esfera jornalística. No entanto, isso não fere as características do gênero, a sua função social, bem como o papel do articulista – agora, assumido pelo aluno – de se posicionar criticamente diante de uma situação polêmica, geralmente, de conhecimento de muitos leitores. Ao didatizarmos o gênero artigo de opinião, possibilitamos ao aluno produzir um texto em que defenda seu ponto de vista e se mostre como autor do que diz, apresentando seu posicionamento crítico diante de um assunto controverso.

É nesse sentido que a escolha do gênero artigo de opinião, a ser trabalhado na sala de aula, é de suma importância para a construção de um cidadão participativo, porque sabe o que quer, é crítico, analisa e avalia o contexto no qual está inserido. E, nesse cenário, o papel do professor como mediador de atividades que favoreçam o desenvolvimento dos potenciais na produção textual dos alunos é o diferencial no quadro de desânimo e insucesso escolar que estamos vivenciando.

3.2 O ARTIGO DE OPINIÃO NA SALA DE AULA

Ser da esfera jornalística e fazer parte dos gêneros textuais ensinados na escola não desconfiguram a estrutura e a funcionalidade do artigo de opinião. Ele mantém suas características organizacionais fundamentais, permitindo ao articulista/aluno discorrer sobre um tema, apresentando sua opinião, seu ponto de vista, com argumentos que convençam o outro sobre aquilo que diz. É evidente que, para ser produzido com os alunos no contexto da sala de aula do Ensino Fundamental, serão respeitados o nível de maturidade da turma e o desenvolvimento das competências escritoras de cada um.

Com relação a essa transposição de esfera do artigo de opinião², Rocha (2015, p.52) afirma que:

Quando trabalhado em sala de aula, o AO (assim como os demais gêneros) é didatizado, pois passa por um processo cujos objetivos de leitura e escrita consistem, além dos objetivos originais do gênero, em ensinar habilidades discursivas e linguístico-discursivas necessárias para a sua compreensão e elaboração textual. Mas a didatização do gênero não diminui a sua importância do trabalho com os gêneros na sala de aula [...].

²Doravante, chamado de AO pela autora Ana Virgínia Rocha

A didatização dos gêneros, a forma como esses gêneros são trabalhados no contexto escolar, quer seja como objeto de ensino ou sobre o gênero, exige um olhar mais perspicaz do professor. Ao didatizarmos um gênero, somos colocados a caminhar na quebra de paradigmas das nossas práticas e refletir sobre as mudanças necessárias para que seja reconhecida a importância desse gênero no ambiente escolar.

Para Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p. 70), “toda introdução do gênero na escola faz dele, necessariamente, um gênero escolar, uma variação do gênero de origem”. A didatização de um gênero, então, não o transforma em um gênero diferente.

Quando nos propomos a trabalhar com produção textual com o gênero artigo de opinião, por exemplo, precisamos evidenciar para o aluno a função do gênero nas relações sociocomunicativas, para que não corramos o risco de ensinar o gênero apenas pela forma. O estudo do gênero deve ser justificado pela função e utilização no contexto do aluno, para que esse seja “sujeito ativo de sua própria aprendizagem” (VYGOTSKY, 2007) e não como um ser passivo, uma vez que ele tem a oportunidade de opinar sobre um ponto de vista. Nesse sentido, Uber (2007/2008, p.7) aponta:

O primeiro passo no trabalho com artigos de opinião é saber o que acontece no mundo. O segundo é querer participar do que acontece no mundo e ajudar a construir a sua história. Entender o ponto de vista do outro e querer dialogar com ele, concordando ou discordando; expor suas próprias opiniões, tentar convencer o outro utilizando argumentos válidos.

Ao contrário do que diz Bakhtin sobre a relativa estabilidade e a maleabilidade dos gêneros como “inesgotáveis possibilidades da multiforme atividade humana”, o contexto escolar tende a engessar, criar protótipos e padronizar os gêneros, assim como ocorre em outras instituições, onde circulam determinados gêneros textuais. Por isso, Antunes ressalta que:

Uma escrita uniforme, sem variações de superestrutura, de organização, de sequência de suas partes, corresponde a uma escrita sem função, artificial, mecânica, inexpressiva, descontextualizada, convertida em puro treino e exercício escolar, que não estimula nem fascina ninguém, pois se esgota nos reduzidos limites das próprias paredes escolares. (2003, p.50)

Assim como não há um padrão único para todos os falantes, não existe também um único padrão para ser utilizado por todos no ato da escrita. Cada indivíduo possui um determinado estilo para escrever, pois não existe um padrão uniforme para essa construção, que deve se adequar ao contexto e à situação de uso.

Como afirma Bakhtin, os gêneros não são estáticos, são maleáveis, eles estão sujeitos a mudanças que ocorrem devido a transformações sociais, tais como a sua utilização em outro contexto. Entretanto, Kaufman e Rodríguez (1995, p.27) declaram que, geralmente, o artigo de opinião:

[...] segue uma linha argumentativa que se inicia com a identificação do tema em questão, acompanhado de seus antecedentes e alcance, e que segue com uma tomada de posição, isto é, com a formulação de uma tese; depois, apresentam-se os diferentes argumentos de forma a justificar esta tese; para encerrar, faz-se uma reafirmação da posição adotada no início do texto.

Compreendemos que embora as autoras sugiram uma estrutura básica para o gênero artigo de opinião, não significa que seja um modelo a ser seguido criteriosamente, pois como afirmamos anteriormente o estilo de cada indivíduo deve ser levado em conta no seu processo de produção.

Podemos elencar alguns posicionamentos que devem envolver o articulista/aluno como autor do artigo de opinião, a saber: assumir o papel de sujeito dos seus argumentos; ter em mente o seu possível leitor; compreender o contexto de circulação do texto; ter informações e conhecimento do assunto; utilizar argumentos e contra-argumentos convincentes; posicionar-se criticamente na abordagem do tema; utilizar estratégias discursivas para afirmar sua opinião.

Com a utilização do gênero artigo de opinião na sala de aula como instrumento de ensino-aprendizagem, esperamos colaborar para o desenvolvimento das competências escritoras para a produção textual desse gênero (ver quadro a seguir) e, assim, fornecer subsídios para que os alunos possam produzir outros gêneros da esfera argumentativa.

Quadro 1 – Competências escritoras

QUADRO DE COMPETÊNCIAS ESCRITORAS	
1 ADEQUAÇÃO AOS ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS DO GÊNERO TEXTUAL	
Competência I	Utilizar, no texto produzido, os conhecimentos relativos aos elementos organizacionais do gênero.
2 ADEQUAÇÃO AO PROPÓSITO DO GÊNERO TEXTUAL E AO TEMA	
Competência II	Desenvolver o texto, de acordo com as determinações temáticas e o propósito do gênero.
3 ADEQUAÇÃO À ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTO TEXTUAL (COESÃO E COERÊNCIA)	
Competência III	Organizar o texto de forma lógica e produtiva, demonstrando conhecimento dos mecanismos linguísticos e textuais necessários para sua construção.
4 ADEQUAÇÃO À MODALIDADE PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA	
Competência IV	Empregar as convenções e normas do sistema da escrita.

Autoria: Izabel Ribeiro

Esse quadro apresenta as competências que circundam nossa proposta de intervenção desde a análise da produção inicial à versão final dos textos realizados pelos alunos. Diante do que foi abordado sobre artigo de opinião, e do que esse gênero desenvolveu a partir de uma proposta com uma sequência de atividades sistematizadas e organizadas, conforme sugerem Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), esperamos que os alunos desenvolvam suas competências argumentativas tanto na modalidade escrita como também na oral.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Gosto de ser gente, porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.
(Paulo Freire)

A pesquisa na esfera educacional permite ao pesquisador identificar dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, investigar situações de baixo desempenho e desenvolver uma proposta de intervenção que possa minimizar resultados negativos que comprometem o desenvolvimento das potencialidades do aluno.

Partindo de uma visão teórica fundamentada no campo da linguagem, por Bakhtin (2011), Marcuschi (2006, 2008), Bunzen (2006), Guedes (2009), Koch (1996, 2003, 2006, 2009, 2011, 2014, 2015a, 2015b), Kato (1995), Passarelli (2004, 2012), Antunes (2003, 2010), Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), Bazerman (2005, 2007, 2011), dentre outros, buscamos embasamento, a fim de identificar e analisar os problemas relacionados à produção textual escrita na sala de aula e, assim, elaborar uma proposta de intervenção.

No intuito de aprofundar o nosso conhecimento sobre argumentação e gênero artigo de opinião, recorreremos a outros estudos, tais como Leitão (2011), Rodrigues (2000), Brakling (2000), Koch e Elias (2016) e Fiorin (2016).

Dentro do pressuposto teórico referente à língua como lugar de interação numa relação dialógica com o contexto social, pretendemos, a partir do contexto real de uma sala de aula da rede pública de ensino, analisar o desempenho dos alunos na produção textual escrita e propor um trabalho com sequência didática, por meio do gênero artigo de opinião. Para tanto, realizam-se atividades que possam colaborar com a formação de competências escritoras, por compreender que se trata de um gênero da esfera argumentativa que possibilita ao aluno expressar o que sabe e pensa, favorecendo o seu posicionamento reflexivo e crítico nas suas relações sociocomunicativas.

Para Deslantes (2012, p.46), a definição da metodologia a ser empregada, “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a ser utilizadas, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos de estudo”. Por isso, ao elaborar o percurso metodológico de uma pesquisa, principalmente no contexto educacional,

precisamos ter atenção e cautela, para que possamos obter um quadro real do objeto e dos sujeitos envolvidos.

Assim, a pesquisa propõe uma análise qualitativa e quantitativa, envolvendo observação da classe, aplicação de questionários com a professora (Cf. APÊNDICE A) e aos alunos (Cf. APÊNDICE B – perfil socioeconômico; e APÊNDICE C – perfil de experiência com a escrita) e a realização de uma atividade de produção textual inicial diagnóstica (Cf. APÊNDICE E) numa escola da rede pública com os alunos da 7ª série/8ºano, em 2015, e com esses mesmos alunos na 8ª série/9ºano, em 2016, a fim de traçar um perfil dos alunos e das dificuldades na produção textual do gênero artigo de opinião, para propor uma intervenção pedagógica.

Para a seleção da escola, entramos em contato com algumas instituições, a fim de saber das possibilidades, disponibilidades e interesse em colaborar com a nossa pesquisa e a compatibilidade dos horários das aulas de Português com outras atividades que realizamos no nosso curso, Mestrado PROFLETRAS, pois a escola em que leciono passou a só atender alunos do Ensino Médio por determinação da SEC/BA – Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia.

Nesse perspectiva, a escola selecionada atendia aos critérios legais determinados pelo Programa de Mestrado PROFLETRAS por oferecer o Ensino Fundamental II e assim nos comprometemos a manter o sigilo com relação ao nome e imagem da instituição bem como o nome dos alunos, professores e da equipe diretiva.

Partindo desses critérios de seleção, nossa pesquisa teve início em 2015, em uma escola da rede Estadual da cidade de Cruz das Almas, localizada a 144 km de Salvador, que, atualmente, atende alunos do Ensino Fundamental (anos finais), nos turnos matutino e vespertino. Tanto a gestora da unidade quanto os professores de Língua Portuguesa demonstraram interesse e disponibilidade aos propósitos da nossa pesquisa e da intervenção pedagógica logo que foram contatados. A instituição fica situada na zona urbana, num local bem movimentado a 1,1 km do centro da cidade, possui rampa de acesso para pessoas com deficiência, uma área ampla coberta que funciona como refeitório, oito salas de aula bem arejadas com iluminação e ventilação adequada, três banheiros, secretaria e diretoria amplas, sala de professores, laboratório de informática (também utilizado como sala de vídeo), biblioteca, cozinha, despensa, almoxarifado, depósito, quadra de esportes e área livre.

A escola é bem mobiliada com carteiras suficientes para o número de alunos, mesas para professores, armários na sala de professores, secretaria, diretoria, depósito, cozinha e no almoxarifado, todos em bom estado de conservação. A instituição possui um bom acervo de livros paradidáticos para os alunos, material esportivo, 10 computadores para pesquisa, mas

infelizmente a rede elétrica não comporta o funcionamento de todos ao mesmo tempo, 2 projetores multimídia e caixa de som.

A área livre, os banheiros e salas apresentam boa aparência e se mantêm limpos pelos funcionários que fazem constantemente a limpeza do ambiente. As paredes dos corredores e do interior das salas são revestidas com piso o que permite facilitar a higienização e se manterem em bom estado.

A instituição onde ocorreu a pesquisa traz em sua proposta pedagógica programas e projetos que valorizam o desenvolvimento dos diversos saberes, tais como os projetos estruturantes que são desenvolvidos pela Secretaria de Educação nas escolas públicas estaduais que visam o protagonismo juvenil e o desenvolvimento de atividades artísticas: AVE³; FACE⁴; TAL⁵; EPA⁶ e PROVE⁷; feira das nações; festival da cultura corporal/JERP⁸; Ciência na escola; gincana do conhecimento e Mais Educação.

A escolha da turma ocorreu a partir da conversa com as professoras do componente curricular Língua Portuguesa sobre o horário das aulas e a receptividade da turma em colaborar com a nossa proposta. Nesse sentido, iniciamos nossa pesquisa com os alunos em 2015, quando cursavam a 7ª série/8º ano, e concluímos com os mesmos alunos, em 2016, cursando 8ª série/9º ano.

4.1 CONSTRUÇÃO DO PERFIL DA TURMA

A classe é formada por 24 alunos e todos participaram dessa primeira etapa da pesquisa ao assegurarmos o sigilo das informações referentes a sua identificação e da instituição de ensino. Assim, iniciamos nossa pesquisa com a observação dos alunos que constituem a classe durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa.

Realizamos a observação de 8 aulas em setembro de 2015 com o intuito de perceber a rotina dos alunos, verificar as atividades desenvolvidas na escola e na sala de aula e para ajudar a construir o nosso questionário. Durante esse período, participamos de atividades na sala de aula como a leitura de textos e orientação na realização de atividades.

³ Artes visuais estudantis.

⁴ Festival anual de canção estudantil.

⁵ Tempos de artes literárias.

⁶ Educação patrimonial e artística.

⁷ Produção de vídeos estudantis.

⁸ Jogos estudantis da rede pública.

No quarto dia da nossa observação, a professora realizou uma atividade de produção textual com os alunos. Ela pediu para que eles escrevessem, em seu caderno, uma redação sobre a corrupção no Brasil. Notamos que alguns abriram o caderno e deram início à produção, outros indagaram sobre o que era para escrever e alguns se mantiveram contrários à atividade. Todos, entretanto, queriam saber se era para entregar e se valia ponto ou a professora iria dar um visto nos textos. A professora afirmou que iria ler e daria um visto, que valeria uma nota para somar com outras atividades.

De imediato, todos os alunos deram início à produção, mesmo sem ter ocorrido uma leitura prévia sobre o assunto ou uma discussão para abordagem do tema. À medida que terminavam, eles levavam seu texto para a professora ler e, ali mesmo, ela fazia as correções necessárias. Ao mesmo tempo, ela fazia oralmente alguns comentários sobre a qualidade das produções e anotava algumas observações no mapa de desempenho dos alunos.

Nesse momento, considerei melhor não me envolver na realização da atividade, para não haver confronto com os estudos que embasam esta pesquisa e, assim, poder observar outros resultados sem construir um perfil da turma com relação à produção textual antes da minha análise mais detalhada.

A próxima etapa após o período de observação da classe foi a aplicação dos questionários (Cf. APÊNDICE B e C) para coletar mais dados e assim obter informações dos alunos e da professora que nos auxiliassem a traçar o perfil dos alunos – sujeitos da nossa pesquisa – e saber do seu aprendizado. Para aplicação dos questionários, foram necessárias duas horas/aula (50 minutos cada) ocorridas após o intervalo.

Antes da aplicação, conversei com os alunos e lhes informei os objetivos dos questionários, a importância para o ensino de Língua Portuguesa, o sigilo dos nomes e a relevância sobre a participação de todos. Nesse momento, fui questionada por dois alunos sobre a obrigatoriedade da participação na atividade. Expliquei para todos que não eram obrigados a participar e que a atividade se tratava de uma pesquisa que visava à melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa, no intuito de os convencer a responder aos questionários.

Todos os alunos da turma aceitaram responder aos questionários, sendo assim, dei continuidade e entreguei a cada aluno o material juntamente com uma mensagem de agradecimento. Os alunos pediram para que eu lesse os questionários e, à medida que eu fosse lendo, eles responderiam às questões, pois se mostraram preocupados em ter alguma dúvida ou responderem “errado”. Devido a esse procedimento, acredito que os alunos se sentiram mais seguros e tranquilos para fornecer as informações.

Ao mesmo tempo em que os alunos respondiam às perguntas, a professora de Língua Portuguesa da turma respondia ao questionário (Cf. APÊNDICE A) que lhe fora destinado.

A professora de Língua Portuguesa da turma pesquisada é graduada em Letras e em Geografia, tem especialização em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, tem 24 anos de experiência em sala de aula, leciona no Ensino Fundamental II, nos turnos matutino e vespertino. Ela informou que tem o hábito de ler revistas, jornais, literatura em geral, artigos e outros textos na *internet*, além de livros adquiridos geralmente em livrarias ou em empréstimos em bibliotecas públicas ou da escola.

A professora tem participado de cursos de formação continuada, como o de Tecnologias Educacionais e o Gestar, como articuladora, ambos realizados pela SEC/BA – Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia. Ela se mostrou prestativa e entusiasmada para colaborar com a pesquisa, considerando os futuros benefícios para os alunos.

Diante dos dados coletados nos questionários aplicados, obtivemos informações, as quais foram tabuladas e aqui serão expressas da maneira mais fiel possível à forma como foram respondidas. Vale ressaltar que os alunos se mostraram prestativos, colaboradores e bastante receptivos às minhas visitas e aplicação dos instrumentos

O primeiro dado coletado no questionário socioeconômico (Cf. APÊNDICE B), referente à idade dos alunos, revela que mais da metade, treze para ser mais precisa, estão enquadrados no problema de distorção idade/série, o que revela que esses alunos apresentam um histórico de repetência ou evasão escolar, fatos geradores de insucesso nas atividades pedagógicas.

Tabela 1 – Faixa etária dos alunos da turma pesquisada

FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS						
GÊNERO	14 anos	15anos	16anos	17anos	18anos	Total por gênero
Masculino	02	01	02	05	0	10
Feminino	03	05	03	01	02	14
TOTAL POR IDADE	05	06	05	06	02	24

Autoria: Izabel Ribeiro

Esse dado é importante para a escolha do gênero e de temas que se adequem ao nível de maturidade e interesse da turma, pois é imprescindível que o professor leve em conta as particularidades da classe, a fim de elaborar atividades e fazer escolhas sobre o melhor procedimento pedagógico que atenda a essa demanda.

A tabela 2 apresenta o nível de escolaridade dos pais dos alunos. O que nos chama mais a atenção é o número de alunos que não souberam dar essa informação. Esse dado nos leva a pensar que o fato de os alunos desconhecerem o grau de escolaridade dos pais pertença a um contexto em que a educação escolar não tenha a importância merecida na construção cidadã do indivíduo. Destacamos, também, que as mães têm um nível de escolaridade mais elevado quando comparadas aos pais, se observarmos que oito concluíram o Ensino Médio e uma tem formação superior.

Tabela 2 – Nível de escolaridade dos pais dos alunos da classe pesquisada

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PAI	MÃE
Não soube informar	11	09
Não estudou	02	02
Ensino Fundamental I	01	02
Ensino Fundamental II	05	02
Ensino Médio	05	08
Ensino Superior	0	01
TOTAL	24	24

Autoria: Izabel Ribeiro

Os pais desses alunos exercem as profissões de pintor, barraqueiro, conferente, policial, lavrador, eletricista, pedreiro, professor, motorista, motoboy, operário de fábrica, taxista e técnico de reparos. Os alunos escreveram no questionário que as mães exercem a profissão de empregada doméstica, dona de casa, vendedora, cabeleireira e operária de fábrica. Observamos que a grande maioria dos pais pertence à “classe trabalhadora”⁹. Algo que possivelmente advém dessa realidade é o fato de treze alunos trabalharem, provavelmente, para complementar a renda familiar, como podemos verificar na tabela 3.

Tabela 3 – Tipos de atividades realizadas pelos alunos que trabalham

ALUNOS QUE TRABALHAM	
Babá	04
Ajudante de pedreiro	02
Cabeleireira	01
Agricultor	04
Eletricista	01
Empacotador	01
TOTAL	13

Autoria: Izabel Ribeiro

⁹ Termo utilizado ultimamente para designar a classe de trabalhadores que recebem em torno de um salário mínimo.

Esse é um dado preocupante, pois poderá ter como consequência a evasão e o abandono escolar. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP 2014, 5,4 % (10.888) dos alunos do 9º ano abandonaram as escolas em nosso país, e os principais agravantes desse número alarmante são a distorção idade/série e a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar. Infelizmente, o contexto socioeconômico do qual os alunos fazem parte pode se revelar como barreira ao desenvolvimento do potencial cognitivo de muitos alunos pertencentes, principalmente, à rede pública de ensino do nosso país.

A fim de identificar as práticas de letramentos, na nossa pesquisa, procuramos saber se as famílias apresentavam hábitos de leitura e qual tipo de leitura faziam. Nos dados, foi apontado que 18 famílias tinham o hábito de ler, e a bíblia foi o tipo de leitura mais realizado por esse grupo, por 11 famílias, seguido pela leitura na *internet*, indicada por 8 alunos, como podemos verificar na tabela 4.

Tabela 4 – Hábito de leitura na família

HÁBITO/TIPO DE LEITURA	
Bíblia	11
Outros livros	03
Internet	08
Jornal	1
Revistas	2
TOTAL	18

Autoria: Izabel Ribeiro

Nesse sentido, temos um quadro animador relacionado à leitura realizada no meio familiar. Por esse dado, podemos acreditar que as famílias desses alunos têm hábitos religiosos e podemos constatar esse comportamento em sala de aula, já que, nos momentos de observação, flagrei alguns alunos lendo a bíblia em seus *smarphones*. Alguns alunos me indicaram *sites* e aplicativos de estudos bíblicos. Esse contexto deve ser aproveitado pelo professor para interagir com o aluno e conhecer a sua realidade.

Temos a pretensão de utilizar os meios tecnológicos como computador, *notebook*, *tablet* e *smartphone*, para desenvolver no aluno habilidades relacionadas à produção textual. Esses instrumentos são importantes recursos que podem ser utilizadas pelo professor para realizar atividades de pesquisa e colaboração. Nesse sentido, dos 24 alunos, 21 responderam que têm acesso à *internet* e, desses, 17 disseram que utilizam os dados móveis das operadoras de celular.

A tabela 5 nos mostra que 17 alunos utilizam a *internet* como principal meio para obter informações, e a televisão foi apontada por 9 alunos como o segundo meio mais utilizado.

Tabela 5 – Meios utilizados para obter informações

	MEIOS UTILIZADOS PARA OBTER INFORMAÇÕES				
	<i>Interne</i>	Televisão	Jornal	Rádio	Nada
ALUNOS	17	09	01	01	01

Autoria: Izabel Ribeiro

Não há como negar o importante papel da *internet* em diversas circunstâncias do nosso contexto social, pois não temos como imaginar diversos setores da sociedade sem uso da *internet* no desenvolvimento de suas funções, entretanto, essa realidade ainda não atingiu a sala de aula como desejado, embora o Governo do Estado da Bahia já tenha realizado cursos com os professores da rede estadual para o uso das tecnologias. A realidade da escola onde ocorreu esta pesquisa pode exemplificar o quadro de despreparo para o uso de tecnologias a serviço da educação, pois os laboratórios não possuem uma infraestrutura adequada, os computadores não funcionam, e só os da área administrativa têm acesso à internet.

O segundo questionário foi elaborado com o intuito de analisar a experiência do aluno com a escrita, a fim de compreender as dificuldades, as preferências, os sentimentos e hábitos que envolvem essa esfera de produção. Os dados aqui tabulados buscaram apresentar a linguagem utilizada pelos alunos nas respostas das justificativas, optando por registrar os termos empregados por eles, a fim de manter a fidelidade aos dados. E como já imaginávamos nas nossas hipóteses, dos 24 alunos que responderam ao questionário, 18 apontaram que ler é mais fácil do que escrever. Ao longo do questionário, são realizadas outras perguntas que podem nos dar indícios das justificativas dessa resposta.

Conforme é apresentado na tabela 6, 15 alunos disseram que às vezes gostam de escrever. Nesse dado, chama-nos a atenção o número de alunos que justificaram como “chato” o ato de escrever e a falta de disposição, preguiça e falta de motivação. Apenas 5 alunos disseram que gostam de escrever e, desses, 2 revelaram que cultivam esse hábito.

Tabela 6 – Gosto para escrever

GOSTO PARA ESCREVER					
Sim/justificativas		Não/justificativas		Às vezes/justificativas	
Sente-se bem e calmo	01	Considera chato	03	Aprende mais	01
Considera bom	01	Não gosta do ato	01	Considera chato	07
Tem o hábito de escrever	02	-----	---	Falta de disposição	01
Aprende mais	01	-----	---	Sente preguiça	03
-----	---	-----	---	Considera entediante	01
-----	---	-----	---	Falta de tempo	01
-----	---	-----	---	Falta de motivação	02
TOTAL	05		04		15

Autoria: Izabel Ribeiro

No questionário, a professora também apresentou que esses alunos não gostam de escrever e costumam reclamar quando “têm que fazer produções textuais”. Ela revela também, na questão 16, que os alunos “têm resistência, reclamam das linhas solicitadas e só fazem quando são pontuadas”.

Compartilhamos dessa realidade na sala de aula, e esses são alguns dos fatores que nos levaram a realizar nossa pesquisa, tendo a produção textual escrita como objeto, por entender que os alunos se mostram resistentes, desestimulados e amargam resultados negativos no desenvolvimento das suas competências escritoras. Por isso, consideramos importante o papel do professor para investigar, analisar, refletir e modificar seu fazer pedagógico, a fim de proporcionar aos alunos uma educação de qualidade, que atinja resultados mais animadores.

Quando questionados, “você se sente motivado para escrever na escola? Por quê?”, 9 alunos disseram “sim”, e 12 responderam “às vezes”. O destaque está nos motivos expressos: “preguiça” e “depende da aula e da professora”, conforme exhibe a tabela 7, a seguir.

Tabela 7 – Motivação para escrever na escola

MOTIVAÇÃO PARA ESCREVER NA ESCOLA					
Sim/justificativas		Não/justificativas		Às vezes/justificativas	
Aprende escrevendo	04	Não gosta	03	A preguiça impede	07
Gosta de copiar	01	-----	----	Depende da aula e da professora	03
Devido às atividades realizadas	03	-----	----	Depende do momento	02
Considera a aula “bacana”	01	-----	----	A conversa atrapalha	01
-----	----	-----	----	A professora coloca para fazer	01
-----	----	-----	----	A professora ajuda	01
TOTAL	09		03		12

Autoria: Izabel Ribeiro

Essa é uma realidade que parece aterrorizar as escolas de modo geral, na busca de soluções que possam motivar os alunos a escrever e, assim, conseguir produzir seus textos com autonomia e prazer.

Infelizmente, o contexto escolar, por não conseguir desenvolver um trabalho sistemático com os alunos em relação à produção textual, corre o risco de amargar resultados negativos e preocupantes para o sucesso do aluno enquanto cidadão. Ao mesmo tempo em que os dados anteriores tendem a revelar um ambiente desanimador, a tabela 8 sinaliza que, dos 24 alunos, 15 escrevem mensagens nas redes sociais para interagir com outras pessoas, 5 gostam de copiar músicas, e 3 de criar poemas.

Tabela 8 – Ato de escrever fora da escola

ATO DE ESCREVER FORA DA ESCOLA	ALUNOS
Trocar de mensagens (<i>WhatsApp</i> , redes sociais, torpedos SMS)	15
Criar poemas	03
Copiar músicas	05
Não faz, só assiste à TV	01
Não faz uso	03
Está escrevendo um livro	01
Escrever nas atividades escolares para casa	01
Escrever no diário	01
TOTAL DE ALUNOS	24

Autoria: Izabel Ribeiro

Então, o julgamento de que os alunos não escrevem ou não sabem escrever não se trata de uma realidade atual, pois dependerá do gênero. O que podemos questionar é o contexto de produção textual dos alunos e o uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC nas atividades pedagógicas, a fim de favorecer à formação de competências escritoras.

Nessa questão, um dos alunos revelou que está escrevendo um livro. Será que a escola, a professora de Língua Portuguesa e os demais professores têm conhecimento desse fato para estimular e auxiliar nessa produção? São questões como essa, com caráter investigativo, que podem nos revelar um perfil dos nossos alunos, que muitas vezes desconhecemos.

Na tabela 9 a seguir, podemos perceber que a prática da produção textual ainda é vista como responsabilidade exclusiva da disciplina de Língua Portuguesa. Apenas a disciplina de História foi indicada por dois alunos como a que também realiza atividades de produção textual.

Tabela 9 – Ato de escrever nas aulas de Língua Portuguesa

ATO DE ESCREVER NAS DISCIPLINAS			
Língua Portuguesa	Total	Outras disciplinas	Total
Produzir textos	16	Produzir textos na disciplina História	02
Copiar o conteúdo	09	Copiar o conteúdo	15
Copiar e responder atividades	12	Copiar e responder atividades	09
Responder provas	01	Responder provas	02
Não souberam responder	04	Não souberam responder	04
		Pesquisar para trabalhos escolares	08

Autoria: Izabel Ribeiro

Possivelmente, os alunos direcionaram suas respostas para a prática de copiar os conteúdos durante as aulas e responder atividades, assim também como no ato de trocar mensagens nas redes sociais, apontados na tabela 8.

No questionário, a professora informou que, durante uma unidade (aproximadamente 50 dias letivos), os alunos produzem uma média de 4 textos, de acordo com temas da atualidade, que têm como destino final o retorno aos próprios alunos, depois de corrigidos e avaliados.

Ao longo da nossa fundamentação teórica, nos capítulos anteriores, discorremos sobre a prática da redação escolar, colocada como ato de escrever textos, em que as produções dos alunos não tinham uma função sociocomunicativa e os textos eram construídos na escola para a escola, utilizados apenas como atividade avaliativa. O estudo com os gêneros textuais propõe uma ressignificação no ensino da produção textual. Frisamos que, mais do que uma mudança de nomenclatura, no contexto escolar, a produção textual escrita precisa adequar-se ao contexto real de uso do gênero e favorecer ao aluno um aprendizado significativo e o desenvolvimento de seu potencial para escrever.

Com relação à produção de textos livres sem a solicitação do professor na questão 8, “Você escreve textos sem que o professor solicite? Quais?”, os resultados obtidos corroboram com a importância do papel do professor como mediador na motivação e no ensino sistemático da produção textual escrita com gêneros textuais, pois 18 alunos apontaram que não escrevem textos sem a solicitação do professor, e 6 costumam produzir textos como poema, música, diário, livro (não especificou o gênero ou a tipologia) e outros textos nas redes sociais.

Nessa mesma linha de afirmação, a professora apontou que as atividades que mais despertam interesse nos alunos são as que utilizam vídeos, filmes, música e pouca escrita. Acreditamos que esse interesse pode ser utilizado a favor do aprendizado dos alunos, para que

explorem a condição escritora. Essas atividades, entretanto, precisam ser conduzidas de forma sistemática, com um planejamento prévio, baseadas nas necessidades e dificuldades da turma.

A tabela 10 destaca como os alunos se sentem ao escrever na escola e fora dela.

Tabela 10 – Sentimentos que envolvem os alunos quando escrevem na escola e fora dela

COMO SE SENTE QUANDO ESCREVE			
FORA DA ESCOLA	TOTAL	NA ESCOLA	TOTAL
Tranquilo para a imaginação fluir	09	Normal	08
Normal	04	Nervoso devido ao tempo para organizar as ideias	04
Irritado porque não tem vontade	03	Inseguro com medo de errar	04
Mais ou menos porque tem medo de errar	03	Tranquilo	03
Bem porque tem mais tempo	03	Segura porque a professora ajuda e corrige	02
Triste porque prefere na escola	01	Agoniado, atordoado	02
Preocupado	01	Motivado	01

Autoria: Izabel Ribeiro

Fora da escola, os alunos revelam que se sentem mais tranquilos para articular melhor as ideias, como comprovam as falas “eu mim sinto com mais sabedoria”, “mim sinto bem, pois a maioria das noite eu escrevo”. Podemos levantar como hipótese que, em casa, os alunos tenham um tempo maior para a produção, o ambiente pode estar mais silencioso do que na escola. e os objetivos dessa produção, bem como a escolha dos gêneros, sejam outros que apresentem relação com o seu contexto sociocomunicativo.

Com relação à produção textual no contexto escolar, os alunos dizem que se sentem normais, nervosos, inseguros, tranquilos, irritados, dentre outros. Nas falas dos alunos, podemos verificar muitos aspectos negativos relacionados às atividades de produção textual.

Destacamos algumas falas como exemplos e que, futuramente, aprofundaremos em nossas discussões. Os alunos revelam apreensão e preocupação relacionadas ao fato de atender ao que foi solicitado pela professora: “eu me sinto muito nervoso porque eu quero fazer certo”, “me sinto mais leve, pois na escola está sendo monitorado a minha escrita e interpretação”.

A preocupação com o que consideram como erro também é evidenciada nas falas: “meio preocupado por causa de escrever algo errado”, “eu me sinto muito nervoso porque eu quero fazer certo”, “meio preocupado por causa de escrever algo errado”, “insegura, com medo de ter muitos erros na escrita”.

Também observamos nas falas o caráter avaliativo da produção textual na escola: “irritado, por que eu só escrevo no colégio porque vale algo”, “motivado para fazer e tirar a nota certa”, “normal porque eu vou ganhar meu ponto”. Esse se revela como um quadro desestimulador na produção textual e no desenvolvimento da autoria dos alunos que terão como objetivo tentar adequar seus textos ao processo avaliativo.

Comparando os dois contextos de produção textual, dentro e fora da escola, não há dados expressivos que revelem que um seja mais adequado do que o outro. O que podemos constatar é que o ato de escrever textos na escola pode gerar nos alunos mais desconforto do que segurança, corroborando com o que foi expresso pela professora, ao relatar que os alunos reclamam e rejeitam a atividade.

A grande maioria dos alunos (dezessete) apontou que prefere produzir textos que retratem a realidade ou fatos a textos imaginários, fantasiosos. Dessa forma, esperamos que o gênero artigo de opinião seja adequado para ser trabalhado nessa turma, pois os alunos terão a possibilidade de expressar o que pensam e abordar um tema que apresente uma relação com o seu contexto.

A seguir, a tabela 11 exibe alguns dados sobre a elaboração de opinião pelos discentes.

Tabela 11 – Expressão da opinião e justificativa

ÊXITO EM DAR OPINIÃO NA PRODUÇÃO TEXTUAL					
Sim/justificativa		Não/justificativa		Às vezes/justificativa	
Quando conhece o assunto	06	Não sabe escrever	02	Depende do tema/assunto	06
Escreve o que pensa	04	Fica com medo de críticas	01	Precisa ler muito para escrever	01
-----	----	Não tem conhecimento sobre o tema	01	Tem dificuldades	01
-----	----	Acha que não consegue	01	Dificuldade de concentração	01
TOTAL	10		05		09

Autoria: Izabel Ribeiro

Essa tabela sinaliza que, para conseguir expressar a opinião, os alunos dizem que o conhecimento do tema é primordial. Esse dado pode ser constatado por 6 alunos que disseram “sim”, e por outros 6 que responderam “às vezes”. Outros fatores como “não sabe escrever” e “tem que ler para escrever” também revelam a necessidade de os alunos apresentarem um repertório de informações sobre o tema para conseguir discorrer sobre suas ideias e argumentos.

A professora de Língua portuguesa da turma salienta que a maioria dos alunos apresenta as “ideias de forma desorganizadas e sem pontuação, dificultando o sentido do texto” e que, nos momentos de discussões sobre um tema, alguns já têm conhecimento, o que facilita a produção, e outros reclamam e não fazem. Diante desse fato, ela afirma que, às vezes, não consegue contar com a participação de todos na atividade de produção textual, que geralmente aborda temas da atualidade.

Nesse sentido, o professor precisa fornecer informações sobre o tema por meio do qual irá desenvolver as atividades de produção textual, a exemplo de realizar discussões, propor pesquisas, leituras, vídeos, documentários, dentre outros. Informados, os alunos se sentem mais seguros para expor suas ideias. Acreditamos que uma proposta de sequência didática voltada para a produção textual pode fornecer ao aluno subsídios para a realização da atividade e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de suas competências escritoras.

Ao mesmo tempo em que eles reconhecem que precisam ter informações e conhecimentos sobre o tema para a produção textual, 9 alunos revelam que não utilizam nenhuma outra fonte de informação, como gramática, dicionário ou pesquisas na *internet* para tirar dúvidas. Dez alunos informam que, às vezes, utilizam essas fontes, pois precisam saber o que dizer. Como abordamos no capítulo anterior, pela falta de repertório, fica prejudicada a progressão das ideias dos alunos nas suas produções.

Na questão referente à autoavaliação sobre os textos produzidos: 3 alunos se consideram ótimos, porque são engraçados; 9 consideram-se bons, porque escrevem o que pensam; e 13 consideram-se regular, justificando esse conceito a partir de problema relacionados à ortografia, à conversa no momento de produção, às dificuldades na escrita, à quantidade que escreve, ao medo que sentem de não conseguir ou à motivação do dia.

Os dados apresentados na tabela 12 evidenciam como os alunos veem a revisão textual. Esses dados também revelam a resistência que os estudantes possuem para reescrever a produção final. No questionário, a professora sinaliza que os alunos releem, mas não revisam sozinhos os textos para reescrever, o que nos faz refletir sobre nosso papel como mediador, a fim de desenvolver atividades que contemplem os momentos destinados à revisão e à reescrita das produções textuais.

Tabela 12 – Hábito de releitura e revisão textual

HÁBITO DE RELEITURA/REVISÃO TEXTUAL					
Sim/justificativa		Não/justificativa		Às vezes/justificativa	
Corrige a ortografia	05	Considera chato	02	Dá preguiça	03
Tira os borrões e rasuras	01	Escreve pouco	01	Fica com dúvidas	01
Observa algo “errado”	04	Não gosta de reler	02	Verifica se está bem	01
Confere se o texto está certo	02	Considera trabalhoso	01	Só faz quando considera importante	01
TOTAL	12		06		06

Autoria: Izabel Ribeiro

A partir dos dados coletados nos questionários (apêndices A, B e C), podemos refletir sobre nossa prática pedagógica e a necessidade de trabalhar com a produção textual no contexto da sala de aula sob outra perspectiva de ensino e aprendizagem. Como sugerem Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), a proposta de trabalho com a sequência didática oportuniza ao aluno a realização de uma série de atividades desenvolvidas sistematicamente, em etapas de construção textual, desde a produção inicial até a produção final, além de oferecer ao professor a oportunidade de pensar o trabalho pedagógico de maneira articulada, com vistas a alcançar os objetivos propostos.

4.2 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DA PRODUÇÃO INICIAL

Diante das informações obtidas na coleta de dados referentes ao contexto socioeconômico dos alunos, suas experiências com a escrita e das informações fornecidas pela professora referente ao contexto de ensino e aprendizagem dessa turma, elaboramos uma proposta de sequência didática com o gênero artigo de opinião, a fim de que os alunos desenvolvessem competências escritoras (Cf. QUADRO 1).

Nesse sentido, a fim de desenvolver a proposta, consideramos de fundamental importância, além da construção do perfil da turma e das abordagens pedagógicas, a busca de mais informações sobre o gênero artigo de opinião, no intuito de priorizar os aspectos a ser trabalhados e os principais conteúdos que fazem parte da produção desse gênero.

A nossa sequência didática é baseada na proposta de Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p.82) como um conjunto de atividades organizadas, a serem trabalhadas de maneira sistemática, em torno de um gênero. Com esse trabalho, acreditamos que os alunos possam se apropriar de

noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressões orais e escritas, permitindo-lhes escrever ou falar de maneira mais adequada.

Como propõem os autores, a produção inicial fornece informações preciosas para o professor ampliar e delimitar os problemas relacionados ao objeto de trabalho. Nesse sentido, desenvolvemos a atividade de produção inicial com os alunos do 9º ano em 9 horas/aulas (50 minutos cada), sendo que tínhamos previsto 8 horas/aulas, no primeiro semestre de 2016, em 4 momentos que descrevemos a seguir.

No primeiro momento (2 horas/aula), realizamos a sensibilização, uma dinâmica com os alunos. Para cada um deles, entregamos um balão de festa, solicitando que enchessem os balões e, num momento de descontração, “brincassem” com os demais colegas, lançando os balões para o alto.

À medida que os balões iam estourando, os alunos pegavam o papel com o nome de um colega ou da professora. Essa interação é extremamente importante para o desenvolvimento sociocognitivo dos alunos.

Após todos os balões estourarem e cada um se posicionar no círculo, cada aluno teve de dizer ao colega (cujo nome constava no papel) uma frase de estímulo. Após todos concluírem a atividade, conversamos sobre os objetivos e a importância de proferir palavras de incentivo ao outro e também de as receber.

Após a realização da dinâmica, apresentamos aos alunos a nossa proposta de trabalho, tendo a produção textual como objeto. Quase que de forma unânime, os alunos que estavam interessados em participar da pesquisa se mostraram preocupados. Em suas falas, revelaram a rejeição que têm com relação às atividades que envolvam a escrita, “logo texto, professora...”, “eu não sei escrever”, “vai valer ponto?”, “e se a gente não conseguir?”, “é para concurso de redação?”, “todo mundo vai ter que fazer?”.

Essas falas apontaram a necessidade de realizar atividades motivadoras e, sobretudo, de haver uma função para o texto que o aluno produz. Na apresentação, falamos qual seria o gênero textual a ser trabalhado, os objetivos da proposta e a função sociocomunicativa do artigo de opinião.

Apresentei para os alunos o destino final dos textos que eles produziram: postagem no *blog* da escola que seria criado pela turma, e divulgação dos textos na reunião de pais e mestres. Dialogamos sobre outras possibilidades, tais como escolher um texto e enviar para ser publicado no jornal da cidade ou da igreja, como sugeriram. Eles se mostraram animados com a divulgação dos seus textos e com a socialização destes na reunião.

Em seguida, elencamos no quadro alguns temas, a fim de eleger sobre qual deles faríamos as nossas discussões. Eles sugeriram os temas: gravidez na adolescência, corrupção, uso de drogas, uso do celular no contexto escolar, *bullying*, violência doméstica, mosquito *aedes aegypti*, repetência escolar.

Após discorrer sobre a relevância de cada tema, realizamos uma votação rápida em que bastava levantar a mão para contabilizar e definir seu voto. O tema *bullying* foi o mais votado pela turma e justificado por alguns como um problema nos corredores da escola, pois gera desentendimentos e brigas. Os alunos sugeriram fazer uma pesquisa, coletar dados sobre a ocorrência de *bullying* na escola e apresentar os resultados na reunião com os pais.

No segundo momento (2 horas/aula), após a escolha do tema *bullying*, elaboramos algumas atividades para esse primeiro contato com o gênero artigo de opinião, como sugere a proposta de trabalho com sequência didática.

Sendo assim, consideramos um motivo de estímulo para os alunos o conhecimento do artigo de opinião de uma das alunas finalistas das Olimpíadas de Língua Portuguesa do projeto *Escrevendo para o futuro* de 2014, moradora da cidade de Nazaré das Farinhas, localizada a 5,2 km de Cruz das Almas, onde realizamos nossa proposta de intervenção.

Os alunos realizaram a leitura individual do texto *Entre sabores e dissabores*, de Camila Gomes Conceição, aluna da professora Márcia Jesus de Almeida, na Escola Estadual Governador Luiz Viana Filho (Cf. Anexo 1). Após a leitura, conversamos sobre o texto, registrando no quadro as respostas a partir de alguns questionamentos:

- Vocês conhecem o projeto *Olimpíadas de Língua Portuguesa*?
- Vocês já participaram desse projeto na escola?
- Você se interessa para participar desse tipo de projeto? Por quê?
- Quem conhece ou já ouviu falar dessa cidade de Camila, a finalista de 2014?
- Você reconhece o gênero textual dessa produção? Qual é o gênero?
- Qual a tese apresentada pela aluna?
- Camila se mostra a favor ou contra a fabricação da farinha de sua cidade?
- Você concorda com o que ela diz?
- Quais os argumentos apresentados por ela?
- No texto, há a apresentação da ideia de alguém que tenha a opinião contrária à de Camila?
- Camila rebate a ideia contrária à sua?
- No final, ela muda de opinião ou mantém o que pensa?

Consideramos necessário sistematizar as informações no quadro, para que os alunos se familiarizassem com os elementos característicos do gênero artigo de opinião. Assim, eles anotaram no caderno para que, posteriormente, ampliássemos as discussões e aprofundássemos o conhecimento sobre o gênero.

Os alunos receberam uma ficha (Cf. APÊNDICE D), para que preenchessem, com a nossa mediação, referente à situação comunicativa do gênero a partir das informações retiradas do texto lido. Assim, enfatizamos a identificação da questão polêmica que leva à produção do texto, a posição tomada pelo autor, a construção da tese, a apresentação de uma posição contrária, o local de circulação do texto, os objetivos, o leitor e a linguagem utilizada.

Percebemos que os alunos tiveram dificuldade para identificar a tese da aluna e, ao discutirmos a questão, compreendi que os alunos não aceitavam o posicionamento de Camila em se mostrar contrária à farinha de mandioca, fruto de renda da sua cidade. Devido ao fato de muitos alunos terem uma opinião contrária à de Camila, que se mostra adversa ao consumo da farinha por causa da falta de higiene nas casas de fabricação, os alunos não identificavam o contra-argumento utilizado por ela para ser refutado com argumentos ao longo do texto. Nesse sentido, podemos perceber que seria necessário trabalhar a estrutura organizacional do artigo de opinião. É claro que estaremos atentos à série em que estão e ao grau de compreensão dos alunos.

Após o preenchimento da ficha de análise, socializamos as respostas, para que estas servissem de parâmetros para a correção de alguns alunos que apresentaram dificuldades. Os alunos participaram da correção, comentando as informações referentes à função comunicativa do gênero artigo de opinião e fizeram perguntas relacionadas à estrutura do texto, pois consideraram um texto longo para ser produzido.

No terceiro momento (2 horas/aula), no dia seguinte, realizamos uma dinâmica para a formação de duplas, a fim de desmanchar as famosas “panelinhas” e promover a integração dos alunos. Pensamos que, ao estabelecer contatos e interagir com outro colega, estaríamos colaborando para o desenvolvimento de valores como respeito e cooperação. De uma certa forma, além de promover um momento de interação, estamos desenvolvendo uma atividade de formação de duplas que pode ser utilizada contra a prática de *bullying* no contexto escolar, pois permite ao aluno conhecer o outro.

Assim, os alunos pegaram, em uma caixa, um papel com uma bala. Nesses papéis, estavam nomes de frutas e os respectivos nomes das árvores. Exemplo: manga, mangueira, uva, videira, pêra, parreira etc. As duplas eram formadas por essas combinações, fruta e nome da árvore. Foi um momento de descontração, principalmente, pela curiosidade dos alunos sobre os

nomes das árvores que eles desconheciam. Embora alguns se mostrassem contrários à formação da dupla, aceitaram essa ideia, graças ao envolvimento construído com a atividade.

Em seguida, pedi aos alunos que identificassem e escrevessem, ao lado do texto lido na aula anterior, os elementos característicos do gênero artigo de opinião, como sugere Passarelli (2012, p. 262): questão polêmica, tese defendida pelo autor, argumentos que sustentam a tese assumida, argumentos contrários a posição do autor, argumentos que refutam a posição contrária, a retomada da tese defendida.

Os alunos realizaram a atividade em dupla e solicitaram a minha ajuda para tirar algumas dúvidas. De modo geral, os alunos conseguiram identificar no texto os elementos que caracterizam o gênero artigo de opinião. Socializamos essas informações obtidas na análise e demos continuidade à apresentação de outro artigo de opinião, agora, abordando o tema escolhido pela turma.

As duplas receberam o artigo de opinião do educador Tom Coelho, intitulado *O bullying sempre existiu* (Cf. ANEXO 2) e acompanharam a minha leitura. Em seguida questionei sobre o título do texto para provocar a discussão do tema. Todos os alunos concordaram com o título e alguns exemplificavam tipos de *bullying* que cometeram e fizeram indagações sobre alguns termos existentes no texto como: contraponto, corredor polonês, coibir, bedéis, desagregação, paradigmas etc. À medida que perguntavam íamos explicando para que compreendessem melhor o texto.

Mais da metade da classe expressou suas ideias e ora concordavam com os colegas e com o texto e ora discordavam e relatavam como se sentiam quando eram sujeito de algum tipo de gozação. Foi uma discussão bastante proveitosa que proporcionou um momento de interação entre mim e os alunos e entre os alunos.

Após a abordagem do tema, orientamos os alunos a realizar o mesmo tipo de atividade feita com o texto anterior: identificar e escrever ao lado dos parágrafos os elementos característicos do artigo de opinião. O objetivo era abordar o tema e consolidar os aspectos que caracterizam o gênero estudado, para que, futuramente, pudessem aprofundar a estrutura da sequência argumentativa.

O tempo destinado à atividade, entretanto, não permitiu que a mesma fosse concluída, pois os alunos utilizaram mais tempo do que o previsto com o primeiro texto e, no momento de leitura, foi necessário discutirmos o tema. Mas os alunos levaram a atividade para casa, e a mesma seria corrigida na aula do dia seguinte.

No quarto momento (2 horas/aula), nem todos trouxeram a atividade que foi destinada a ser concluída em casa. Sabemos que fatos como esse comprometem o aprendizado dos alunos,

atrapalhando o desenvolvimento cognitivo, mas infelizmente faz parte da realidade escolar e exige do professor a realização de outros mecanismos, a fim de minimizar os prejuízos causados.

Devido a esse fato, foi necessário destinar alguns minutos para que os alunos realizassem as atividades. A correção foi realizada oralmente para que os alunos identificassem o que ainda tinham dificuldades.

Antes da produção inicial sugerida pelos autores Scheneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p. 86), retomamos os elementos que caracterizam o gênero, registrando no quadro, e entregamos o material para produção com uma mensagem de incentivo e agradecimento. Segundo esses autores, nesse momento, os alunos fazem um planejamento das ideias e tentam elaborar um primeiro texto, que servirá para o professor definir o ponto específico em que precisa intervir, bem como “o caminho que o aluno tem que percorrer”.

Aplicamos a atividade de produção textual inicial (Cf. APÊNDICE E) para que os alunos escrevessem um texto com as características do gênero artigo de opinião. Alguns alunos se mostraram resistentes a realizar tal atividade na sala de aula. Um deles propôs levar para casa e devolver na próxima aula, outro pediu para sair para ir beber água, e outro se negou a fazer ao questionar se valia ponto.

Foi necessário explicar para os alunos os objetivos daquela atividade e conscientizá-los sobre os benefícios que obteriam. Contudo, dois alunos não devolveram a atividade de produção textual diagnóstica. À medida que terminavam, iam sendo liberados. Felizmente, constatamos que todos que realizaram a atividade utilizaram todo o tempo da aula, e alguns ainda excederam alguns minutos, o que não causou transtorno, pois utilizamos o horário seguinte cedido pelo professor.

No momento da devolução das produções, pedi aos alunos que respondessem ao questionário de avaliação (Cf. APÊNDICE F), no intuito de refletir sobre a nossa prática pedagógica e perceber a auto-avaliação dos alunos.

4.3 ANÁLISE DA PRODUÇÃO INICIAL

A turma selecionada como sujeitos dessa pesquisa é formada por 24 alunos como apresentamos na tabela 1. Todos participaram da coleta de dados com os questionários, entretanto tivemos alguns problemas no percurso do desenvolvimento das atividades pedagógicas para a produção inicial, relacionados à frequência de alguns alunos no ambiente escolar.

Diante desse quadro, de alguns alunos apresentarem um número elevado de faltas¹⁰, e ao atraso no início das aulas, optamos por selecionar os sujeitos da nossa pesquisa e só analisar as produções textuais de 16 alunos assíduos e que, desse modo, participaram de todas as etapas da proposta de intervenção. Frisamos, aqui, que todos os alunos participaram das atividades propostas e receberam a mesma atenção e incentivo, independentemente de fazer parte ou não do grupo selecionado pelos critérios da frequência e assiduidade.

A identificação dos alunos será mantida em sigilo e, aqui, eles serão nominados pelas letras do alfabeto de A à P¹¹, aluno A, aluno B, aluno C e assim por diante. Compreendemos que a análise diagnóstica é de fundamental importância para identificar o que os alunos já sabem e as dificuldades que apresentam na produção textual inicial do gênero artigo de opinião.

Elaboramos um quadro de critérios (Cf. APÊNDICE G) para analisar a produção textual de cada aluno, no intuito de identificar essas dificuldades e os possíveis conteúdos para se trabalhar na nossa proposta de intervenção. Constam, no apêndice dessa proposta, o textos de todos os alunos participantes dessa pesquisa (Cf. ANEXO 8) com as denominações como indicamos anteriormente.

Nesse sentido, nossa análise é desenvolvida a partir das seguintes categorias, como são apresentadas na ficha de critérios: adequação aos elementos organizacionais do gênero artigo de opinião; adequação ao propósito do gênero textual (defender, convencer) e ao tema; adequação à organização lógica textual (coerência e coesão); e adequação à modalidade padrão da Língua Portuguesa para produção escrita.

Ressaltamos que, na produção dessa primeira versão do texto dos alunos, não são desenvolvidas as etapas do processo da produção como apresentamos anteriormente, por se tratar de uma atividade que deve ser utilizada como diagnóstica para as atividades que serão desenvolvidas na intervenção, em que serão priorizadas as etapas.

Em consequência da nossa experiência com produção textual como aluna e nossa formação acadêmica, não há como negar que, na primeira análise, o que nos saltam aos olhos são as impressões relacionadas à organização estética textual, no que se refere à disposição das margens e dos parágrafos.

É importante salientarmos que a construção estética do texto é importante para apresentação, mas não pode ser o centro das observações no estudo do gênero. A estética textual

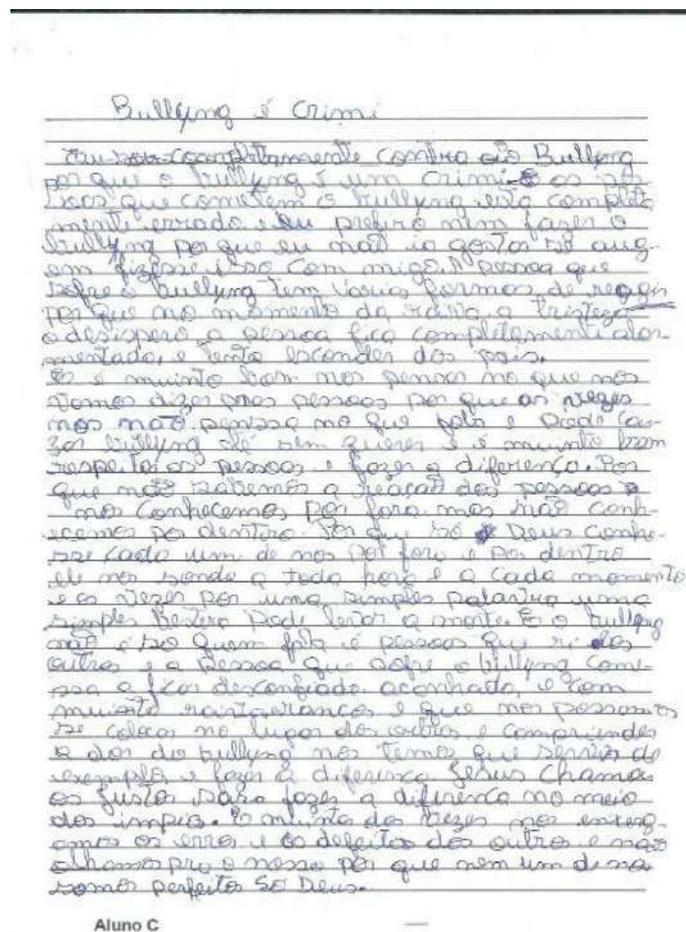
¹⁰ Dados obtidos a partir da caderneta de registro da frequência dos alunos, das atividades desenvolvidas pelo professor e notas referentes à avaliação das atividades da classe da unidade escolar.

¹¹ Todos esses alunos assinaram o termo de participação na pesquisa, bem como os pais autorizaram os menores de idade, segundo o que pede o Comitê de Ética para Pesquisas (CEP) que envolvam a participação de pessoas.

pode ser um trabalho executado na reescrita ou na editoração final do texto, pois o que deve ser levado em conta é o que está sendo dito no texto e a sua relação com o leitor.

Infelizmente, embora os alunos realizem leituras e produzam textos desde os anos iniciais na escola, no 9º ano do Ensino Fundamental, eles apresentam dificuldade de empregar a inicial maiúscula no início dos parágrafos, bem como dificuldade no recuo da margem inicial. Nessa produção inicial, quase todos os alunos apresentaram algum desses problemas em algum momento do texto, como podemos ver no texto do aluno C.

Figura 2 – Imagem do texto do aluno C



O primeiro parágrafo é iniciado com letra maiúscula afastado da margem. O segundo parágrafo é iniciado sem o recuo. No terceiro, ele recua, mas inicia com letra minúscula, o que demonstra que o aluno tem esse conhecimento, contudo não o aplica no momento da produção. Se analisarmos de acordo a macroestrutura textual, podemos destacar, ainda, a extensão dos parágrafos, em que o primeiro corresponderia à introdução, contendo 10 linhas, o segundo seria o desenvolvimento, contendo 6 linhas, e a conclusão, 18 linhas.

Ao aprofundar nossos estudos sobre gêneros, produção textual e – mais especificadamente – sobre o gênero artigo de opinião, entendemos que cada gênero possui uma estrutura relativamente estável e apresenta elementos e funções que o caracterizam. Todavia, não é necessária a obediência a uma ordem, para que não se corra o risco de ter um modelo engessado de um determinado gênero. O importante é o texto exercer a função sociocomunicativa do gênero.

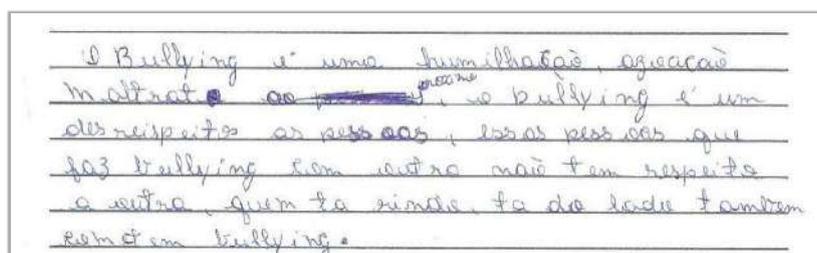
Podemos perceber que o aluno C inicia o texto já querendo afirmar que é contra o *bullying*, que é uma ação errada, que não pratica, no entanto não apresenta argumentos que possam convencer o leitor, pois se fundamenta em sua crença religiosa e no seu conhecimento do senso comum.

No critério para análise da adequação aos elementos organizacionais do gênero artigo de opinião dos textos dos alunos, constatamos que, dentre os 16 alunos, 1 não colocou título na sua produção, 9 utilizaram como título *Bullying*, 3 utilizaram *O bullying* e 3 alunos utilizaram *Bullying é crime*, “Bulling não”¹² e “*Bullying, o que se trata?*”. Sabemos que o título não impede uma produção textual, mas, no gênero artigo de opinião, ele se configura como um elemento importante para despertar a curiosidade do leitor, sobretudo, com a escolha do nosso público-alvo.

Com relação à apresentação da questão polêmica, os alunos B, C, D, E, F, G, H, J, L, M, O e P constroem a introdução do texto a partir da definição da palavra *bullying*. Embora não tenha sido essa a orientação, é possível perceber que os alunos apresentaram, nessa parte, algo que gerou muita discussão na sala no terceiro momento da produção inicial, no que se refere ao que pode ser considerado *bullying* e o que não se caracteriza como *bullying*.

Talvez por isso, eles tenham optado por iniciar o texto colocando essa definição como um problema para que se identifiquem os casos desse tipo de intimidação sistemática. Notamos, entretanto, que essas definições partem do senso comum ou de explicações algumas vezes errôneas, que acabam contribuindo para esse problema existir de forma camuflada. Vejamos nos trechos a seguir:

Figura 3 – Fragmento do texto do aluno E



¹² Transcrição de acordo com o que foi escrito pelo aluno.

Figura 4 – Fragmento do texto do aluno D

Bullying é uma brincadeira que muitas pessoas não gostam sabe o que não é bullying e as pessoas vivem em união e amor pelo próximo esquecer as dores das pessoas por que as pessoas que sofrem de bullying que com medo, odio, tristeza, insegurança

Figura 5 – Fragmento do texto do aluno E

Bullying é um tipo de brincadeira com as outras pessoas que não tem o mesmo poder das outras pessoas e eu sou super contra o bullying porque Deus criou todos nós e não deu o nome de Preto e nem Branco não.

Figura 6 – Fragmento do texto do aluno F

O bullying é uma doença que existe em vários países do mundo, principalmente, onde ocorre é no escola, Na rua ou até mesmo na igreja.

Nas figuras 3, 4, 5 e 6, os alunos definem *bullying* como xingamento, humilhação, “azoação¹³”, brincadeira, apelido, doença. No entanto, na figura 7, o aluno J busca informação de outras fontes fazendo cópia de parte de um texto e explica a partir da etimologia da palavra, como podemos conferir logo a seguir.

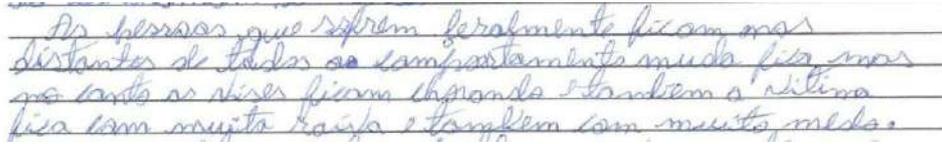
Figura 7- Fragmento do texto do Aluno J

O Bullying é um termo originado do folclore inglês "Bully" que significa, Valentão, Brigão.

Na análise dos textos dos alunos, podemos perceber, em alguns deles, a tese de forma clara e evidente e, em outros, percebemos por meio da construção dos argumentos que utilizam. Notamos que a grande maioria tem como tese que o *bullying* não deve ser praticado por causa das consequências que pode gerar para as vítimas, ou faz referência que sempre existiu, mas precisa ser combatido. Na figura 8, o aluno P apresenta a mudança do comportamento das vítimas como o afastamento social e o sentimento que passam a nutrir, tais como raiva e medo.

¹³ Palavra escrita na forma que foi utilizada pelo aluno.

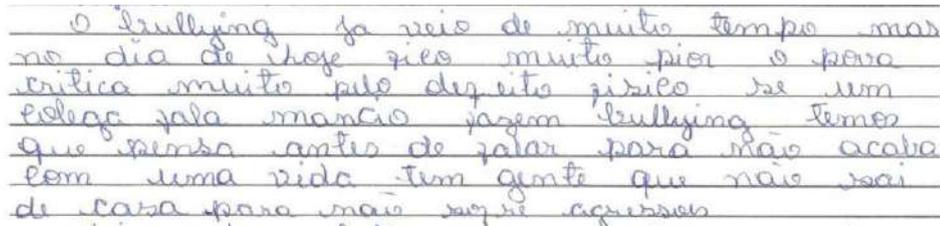
Figura 8 – Fragmento do texto do aluno P



As pessoas que sofrem geralmente ficam mais
distantes de todos e o comportamento muda, fica mais
no canto os risos ficam chorando e também a rotina
fica com muita raiva e também com muita mágoa.

Para o aluno O, o *bullying* sempre existiu, mas hoje tem consequências mais graves. Embora não tenha conseguido elaborar a tese de forma clara, ele dá indícios de que hoje está mais grave devido as tecnologias que disseminam de forma mais rápida as agressões e possivelmente coloca como consequência o afastamento social.

Figura 9 – Fragmento do texto do aluno O



O bullying já veio de muito tempo mas
no dia de hoje veio muito pior o povo
critica muito pelo direito físico de um
pessoa para mancar fazem bullying temer
que pensa antes de falar para não acabar
com uma vida tem gente que não sai
de casa para não sofrer agressões

Os alunos, de modo geral, não conseguiram apresentar, de forma precisa, o contra-argumento para refutar a ideia com seus argumentos. Para Brakling (2000, p. 227), “é, portanto, condição indispensável, para a produção de um artigo de opinião, que se tenha uma questão controversa a ser debatida, uma questão referente a um tema específico que suscite uma polêmica”.

Podemos levantar como hipótese que talvez essa falta de contra-argumento esteja relacionada com a ideia de que o *bullying* faz parte do comportamento social e que não necessite de abordagens de combate. Por isso, fizemos um estudo da lei 13.185 de 2015, que cria um programa de combate à intimidação sistemática na escola, a fim de que os alunos percebam a gravidade do problema e a concepção dos agressores sobre essa prática.

Percebemos que os alunos E, H, J, L e M incorporaram no texto um posicionamento contrário a sua tese, geralmente justificando que o “bullying sempre existiu” ou que “é uma brincadeira que agora é proibida”. No entanto, apenas os alunos E, J e M, como demonstrado a seguir, conseguem desenvolver os argumentos para refutar a ideia, apoiando-se nas consequências para as vítimas ou no risco de uma reação contra os agressores.

Figura 10 – Fragmento do texto do aluno E

O bullying já existia a muito tempo mas faziam e fica por ali mesmo, agora já tem redes sociais.

Figura 11 – Fragmento do texto do aluno J

Muitas pessoas confundem o bullying com uma simples brincadeira, só que não é bem assim, no sentido de é algo muito mais sério no lado de quem sofre o bullying. No meu ver, a brincadeira é algo que ambos se divertem.

Figura 12 – Fragmento do texto do aluno H

O único desses pessoas que optaram de fazer isto, eles podem até se divertir mas a pessoa que isto acontece com esta doença podem até sofrer colada mais não conseguem contar para os pais, professores por ter vergonha de falar e se disserem alguma coisa que punissem os agressores eles já não estão para a violência física.

Figura 13 – Fragmento do texto do aluno H

~~o bullying de fato sempre existiu e que ocorre e que, com a influência da televisão e da internet, os papéis negativos foram tornando mais presentes.~~

De modo geral, os alunos compreenderam a função sociocomunicativa do gênero ao desenvolver, no texto, uma opinião a respeito de um tema e buscar defender sua ideia. Percebemos, entretanto, que é necessário explorarmos o tema por meio da leitura de textos, vídeos, documentários, discussões, pesquisa de dados etc., para que possam construir argumentos mais fundamentados, capazes de convencer o seu leitor, conforme afirma Passarelli (2012, p.243):

O ponto-chave para formar a opinião a ser defendida é ter informação sobre o assunto ou tema com que será produzido o texto argumentativo. Além dos conhecimentos prévios do aluno sobre o tema, os textos que compõem a proposta também já oferecem mais dados e situam o tipo de abordagem a ser contemplada.

Acreditamos que, a partir da construção de um repertório de informações sobre o tema, os alunos possam desenvolver as ideias de forma organizada e progressiva, pois apenas os alunos J, M e P se aproximaram desse propósito. Nessa análise, por meio da presença de marcas linguísticas que revelam a voz do articulista, podemos constatar o posicionamento claro dos alunos A, C, D, F, G, I, J, L, M e N, mostrando-se contrários à prática de *bullying*, como podemos perceber nos fragmentos a seguir: “No meu ver” e “infelizmente”, empregadas pelo aluno J; e “É bem verdade” e “na minha opinião eu sou contra”, empregadas pelo aluno M; e “eu não concordo”, pelo Aluno D.

Figura 14 – Fragmento do texto do aluno J

quem sofre o Bullying. No meu ver, o brincadeira é algo que ambas se divertem. Infelizmente as pessoas que sofrem o Bullying também o ficam delatadas, agressivas. Em alguns casos

Figura 15 – Fragmento do texto do aluno M

É bem verdade que os sentimentos que ocorrem nas vítimas de bullying, são sentimentos de medo, timidez, baixa auto estima, tristeza, insegurança, odio, dentre outros. Na minha opinião eu sou contra o bullying, tanto bullying com agressão física como o bullying verbal.

Figura 16 – Fragmento do texto do aluno D

Bullying é uma brincadeira que muitas pessoas não gosta sabe o que não é Bullying. é as pessoas vivem em união e em amor pelo próximo esquecem os defeitos das pessoas por que as pessoas que sofrem do bullying vive com medo, odio, tristeza, insegurança eu não concordo com essas Brincadeiras causa muitas morte e muita vida chatada

Muitos alunos construíram suas produções a partir de recortes do texto utilizado em uma atividade da etapa da produção inicial sobre o tema ou do texto orientador usado para essa produção. Devido a esse fato, nas estratégias da proposta de intervenção, usamos também como estratégias discussões sobre o tema a partir de vídeos, para que eles percebessem a necessidade de ter seu repertório de informações para construir seus argumentos e desenvolver suas ideias,

apropriar-se do uso de recursos linguísticos como elementos coesivos e construir frases coerentes.

Como os alunos, nos questionários, apontaram a relação que fazem entre a produção textual e erros ortográficos, não focamos nossa proposta nessa categoria, a fim de estimular os alunos a produzir seus textos e a não ficar com a falsa impressão de que, caso apresentem problemas com ortografia, acentuação, pontuação e concordância, não podem aprender a produzir textos.

No entanto, serão realizadas atividades que favoreçam a apropriação da modalidade padrão da língua portuguesa para a produção escrita. Como estratégias, utilizaremos atividades em duplas e em grupos, para que, na interação com os colegas, os alunos percebam seus desvios e façam as correções adequadas.

Diante dos problemas apresentados pelos alunos na produção textual do artigo de opinião, fez-se necessária uma ressignificação no fazer pedagógico, para aproximar o ensino ao contexto do aluno. Por meio de uma educação mediada pelo professor, de forma organizada e sistemática, é possível minimizar os problemas relacionados à produção textual.

Em se tratando de uma classe de 9º ano, observamos que os alunos apresentam muitos problemas relacionados à produção textual escrita e, mais especificadamente, ao gênero do tipo argumentativo. Assim, decidimos manter o foco na análise do desenvolvimento do aluno ao realizar as etapas do processo da produção textual, a fim de verificar o nível de desempenho alcançado ao longo da execução dessa sequência didática.

É nesse sentido que a formação continuada representa para o professor uma das possibilidades de refletir a sua prática e de se mobilizar enquanto pesquisador na sua sala de aula para se instrumentalizar, a fim de investigar e intervir nos problemas que dificultam o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Sendo assim, a seguir, apresentamos os módulos das atividades elaboradas a partir desse diagnóstico obtido na produção inicial e acreditamos que os mesmos possam promover um desenvolvimento das competências escritoras no aluno, a fim de, ao longo do processo, melhorar o seu desempenho.

5 ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A escrita não existiria sem que nós, como indivíduos, não trabalhássemos ao fazê-la. Tampouco existiria sem uma história de invenção e manutenção de sistemas de escrita, tecnologias de inscrição, gêneros e uso e disseminação socialmente organizados – cada qual envolvendo inúmeras ações cuidadosas da parte de muitas pessoas.
(Bazerman)

Neste capítulo, apresentamos as atividades realizadas nos módulos e na produção final. Sendo assim, serão desenvolvidos três módulos¹⁴ referentes às etapas: construção de argumentos e repertório de informações sobre o tema; estrutura composicional do gênero artigo de opinião; e organização lógica textual. Na produção final, serão desenvolvidas: a segunda versão do texto, a revisão e a reescrita.

5.1 MÓDULO 1: CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS E REPERTÓRIO DE INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA

MÓDULO 1 – Construção de argumentos e repertório de informações sobre o tema

Carga horária: 17 horas/aulas

Objetivos:

- Ampliar o repertório de informações sobre o tema;
- Interpretar a Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015;
- Compreender a Lei de Combate à Intimidação Sistemática;
- Pesquisar a origem da palavra *bullying*;
- Coletar informações sobre a ocorrência de *bullying* na escola;
- Tabular e analisar os dados coletados na pesquisa realizada na escola;
- Identificar os tipos de argumentos nos textos;
- Produzir diferentes tipos argumentos;
- Identificar e empregar modalizadores;
- Compreender o sentido das palavras modalizadoras no texto;
- Demonstrar respeito às diferenças nas relações sociais.

¹⁴ Reproduzidos aqui, tal qual foram elaborados, contendo imagens e destacados em molduras.

Conteúdos:

- Tipos de argumentos;
- Seleção lexical;
- Articuladores metadiscursivos: modalizadores.

Estratégias: Módulo dividido em 6 etapas.**Etapa 1 – Construção de repertório (2 horas/aula)**

- Leitura do texto *Fábula da convivência*, de autor desconhecido. (Cf. ANEXO 3).
- Abordagem sobre as diferenças existentes entre as pessoas e a necessidade de cooperação para vencer as dificuldades:
 - Todas as pessoas são iguais?
 - O que é mais difícil na convivência entre as pessoas?
 - Você conseguiria viver sozinho sem depender de ninguém (que produzisse seu alimento, seu vestuário, seu calçado, seus móveis, sua casa)?
 - Qual a mensagem transmitida pelo texto? Você concorda?
- Exibição de vídeo do Projeto que define os oito tipos de *bullying* que devem ser evitados na escola, *Tipos de bullying* disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=psieH5qBIpk>>. Duração: 02'39''

Figura 18 – Imagem do vídeo *Tipos de bullying*Fonte: *Google Imagens*

- Análise do vídeo a partir de algumas questões:
 - Qual o nome do projeto do governo exibido no vídeo?
 - Qual o objetivo do projeto, orientar ou punir?
 - Quais os tipos de *bullying*?

- Quem tem a responsabilidade de abordar o tema e viabilizar ações contra o *bullying*?
 - Quais ações podem ajudar no combate à intimidação sistemática, *bullying*?
- Anotação no caderno sobre as questões abordadas no vídeo.

Etapa 2 – Ampliação de repertório (2 horas/aula)

- Pesquisa sobre a origem da palavra “*bullying*” com a utilização de dicionários impressos ou virtuais nos seus *smartphones*.
- Leitura do texto *Bullying, a violência na escola*.
- Exibição do vídeo *Bullying diário de 7 dias* na sala de vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pba1CqOM-Ow>>. Duração 11’44”
- Anotação realizada pelos alunos de informações importantes que possam servir para ampliar seu repertório de informações sobre o tema: consequências, comportamentos, ajuda, reações, sentimentos que envolvem as vítimas e os agressores etc.
- Roda de conversa: Por que devemos combater o *bullying*?

Etapa 3 – Conhecimento da Lei 13.185/2015 (3 horas/aulas)

- Realização de dinâmica para formação de grupos de três componentes para promover a interação entre os alunos e impedir a formação das “panelinhas”.
 - Os alunos pegam um papel numa caixa com partes de uma frase que formará uma mensagem. Os trios serão formados de acordo a cor do papel que formará uma mensagem.
 - Apresentação de argumentos referentes a concordância ou discordância da frase.

Grupos	ALUNO 1	ALUNO 2	ALUNO 3
Grupo 1	A educação é	a arma mais poderosa que	você pode usar para mudar o mundo. Nelson Mandela
Grupo 2	Regra de ouro:	trate os outros como	gostaria de ser tratado.
Grupo 3	Respeitar as diferenças e as qualidades do outro	evita a prática	de <i>bullying</i> entre as pessoas
Grupo 4	O autorrespeito é a raiz da disciplina;	a noção de dignidade cresce	com a habilidade de dizer não a si mesmo. Abraham Lincoln
Grupo 5	Não se trata do direito de sermos iguais,	mas do igual direito	de sermos diferentes.
Grupo 6	Ninguém é obrigado a gostar de ninguém	mas existe uma coisa	que se chama respeito.
Grupo 7	O que não queiras	que os outros façam a ti,	não o façam aos outros. Confúcio
Grupo 8	O sonho de igualdade	só cresce no terreno	do respeito pelas diferenças. Augusto Cury

- Leitura sobre a Lei 13.185 de 06/11/2015 que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). (Cf. ANEXO 4) realizada em grupo de três componentes.
- Apresentação das questões a serem respondidas no caderno.
 - Qual o número da lei de combate ao *bullying*?
 - Qual o nome do programa instituído pelo governo contra o *bullying*?
 - Quando um ato é considerado *bullying*?
 - Exemplifique situações que caracterizam o *bullying* de acordo o Artigo 2º da lei.
 - O que é *cyberbullying*?
 - Como podem ser classificadas as ações de intimidação sistemática?
 - Cite os principais objetivos do programa.
 - Qual o papel da escola segundo a lei de combate à intimidação sistemática?
- Correção das questões: cada grupo apresenta a resposta de uma questão.

Etapa 4 – Pesquisa na escola (4horas/aula)

- Realização da pesquisa para coleta de dados na escola nos turnos matutinos e vespertinos, sobre a ocorrência de casos de *bullying*. Para isso, será necessário:
 - a) construir um questionário de pesquisa;

- b) formar grupos de três alunos que serão orientados sobre a postura no momento da pesquisa;
- c) cada grupo deve visitar a sala selecionada para explicar sobre a pesquisa e aplicar os questionários;
- d) orientar os grupos na tabulação dos dados da classe visitada;
- e) reunir os dados encontrados por cada grupo que serão socializados na escola e podem ser utilizados no artigo de opinião.

Etapa 5 – Estudo sobre argumentos (4 horas/aula)

- Apresentação em *slides* sobre tipos de argumentos e exemplos.
- Entrega de material sobre os tipos de argumentos. (Cf. APÊNDICE H)
- Análise dos textos utilizados na atividade diagnóstica *Entre sabores e dissabores* e *O bullying sempre existiu*, para que os alunos identifiquem os tipos de argumentos utilizados pelos autores.
- Correção da análise com auxílio do professor.
- Produção de um tipo de argumento no caderno sobre o tema proposto a critério do aluno.
- Leitura do argumento produzido, para que a turma identifique o tipo utilizado pelo aluno.

Etapa 6 – Identificação e uso de modalizadores (2 horas/aula)

- Apresentação de uma frase que apresenta palavras modalizadoras no quadro e em seguida o apagamento dessas palavras para que os alunos observem o impacto dessas expressões num texto.
- Formação de grupos de três componentes.
- Distribuição de enunciados aos grupos para que identifiquem a presença das palavras modalizadoras no discurso sociocomunicativo e o sentido expresso.
- Socialização da atividade realizada pelos grupos. A cada apresentação, as palavras serão escritas no quadro, para sistematizar as informações e para que eles as registrem no caderno.

- Exibição do depoimento *Daniel, bullying!!! – O SMS que levou Daniel a cometer suicídio*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N98gRz1WXLs>>. Duração: 06'53''.
- Registro de palavras modalizadoras utilizados pela mãe durante o depoimento.

Figura 19 – Imagem do vídeo *O SMS que levou Daniel a cometer suicídio*



Fonte: Google Imagens

- Preenchimento da ficha avaliativa de autoavaliação e das atividades desenvolvidas. (Cf. APÊNDICE F)

Recursos:

- Textos impressos, *notebook*, *datashow*, papéis coloridos, vídeos.

Avaliação:

- Acompanhamento da realização das produções escritas dos alunos para identificar se alcançaram os objetivos propostos.

5.2 MÓDULO 2 – ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

MÓDULO 2 – Estrutura composicional do gênero artigo de opinião

CARGA HORÁRIA: 7 horas/aula

Objetivos:

- Analisar a estrutura textual do artigo de opinião;
- Identificar os elementos constituintes do artigo de opinião;
- Selecionar argumentos e contra-argumentos para seu artigo de opinião.

Conteúdos:

- Gênero artigo de opinião;
- Estrutura textual do artigo de opinião;
- Coerência textual;
- Parágrafos.

Estratégias:

**Etapa 1 – Estudo da macroestrutura e da microestrutura do gênero artigo de opinião
(3 horas /aula)**

- Realização de dinâmica de persuasão.
- Realização de um sorteio para selecionar alguns alunos para a atividade.

O aluno seleciona uma das frases que está na mesa e escolhe dois colegas para que lhe convença a modificar sua opinião sobre a frase que será lida. Ex: Eu não gosto de laranja. Os colegas escolhidos deverão construir argumentos que façam com que o outro mude de opinião. Eles formarão um grupo de três componentes para as atividades desse módulo.

- Conversa sobre a importância de saber opinar:
 - Você costuma dar opiniões no cotidiano?
 - As pessoas ouvem suas opiniões?
 - Na escola, você tem oportunidade de expor suas opiniões?
 - A escola ouve o que você tem a dizer?
 - Você considera importante saber opinar?
 - Quais os benefícios que podem acontecer com as pessoas que “sabem” expressar suas opiniões?

- Entrega de envelope aos grupos com o texto *Entre sabores e dissabores* (Cf. ANEXO 1) para que os alunos ordenem e percebam a estrutura do texto e a coerência existente entre as partes.
- Correção feita pelo professor, apresentando as partes do texto em fonte maior e sinalizando a formação estrutural e a coerência entre as partes.
- Entrega de material impresso sobre o conteúdo para os alunos. (Cf. ANEXO 6).
- Apresentação da estrutura textual dos artigos trabalhados na classe.
- Identificação da macroestrutura textual: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Identificação da microestrutura desenvolvida nos parágrafos do gênero artigo de opinião.
- Sugestão para que os alunos, em casa, assistam à reportagem *Bullying e perseguição*, exibida no Globo Repórter. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=M6EQh7WeVHI>>. Duração: 13'56''.

Figura 20 – Imagem da reportagem *Bullying e perseguição*



Fonte: Google Imagens

Etapa 2 – Estudo da microestrutura do artigo de opinião (2 horas/aula)

- Formação dos grupos como na aula anterior.
- Conversa sobre o vídeo sugerido na aula anterior.
 - Como se sentem as vítimas de *bullying*?
 - Por que algumas pessoas cometem *bullying*?
 - O *bullying* pode ser considerado uma brincadeira ou diversão?
 - Qual a sua conclusão sobre o tema?

- Entrega de envelope com o texto *Nem tão doce como parece* (Cf. ANEXO 7), para que os alunos ordenem o texto e anotem no caderno os parágrafos que compõem a macroestrutura do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão).
- Correção feita pelo professor, apresentando as partes do texto em fonte maior, sinalizando a formação estrutural e a coerência entre as partes, para os alunos.
- Análise do texto para que os alunos percebam a microestrutura e os tipos de argumentos utilizados.

Etapa 3 – Estética textual: margens e parágrafos (2 horas/aulas)

- Formação de duplas de modo livre.
- Entrega de material impresso com parte do texto (quatro parágrafos) *O bullying sempre existiu* (Cf. APÊNDICE I), com algumas inadequações relacionadas à margens e uso de letra maiúscula, para que os alunos analisem e reescrevam no caderno, fazendo as correções necessárias.
- Correção feita pelo professor de forma individual durante a aula e apresentação do texto em *slide*.

Recursos: *Notebook, datashow*, textos impressos, vídeos, envelopes, papéis coloridos.

Avaliação: Avaliação formativa na qual são observados os processos de construção da aprendizagem.

5.3 MÓDULO 3 – ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTUAL

MÓDULO 3 – Organização lógica textual

CARGA HORÁRIA: 5 horas/aula

Objetivos:

- Analisar a construção das frases;
- Identificar os conectivos que ligam as orações;
- Empregar conectivos para tornar o texto coeso;

- Estabelecer relações entre as orações;
- Pontuar as frases obedecendo à coerência e à coesão das ideias.

Conteúdos:

- Coesão textual:
- Emprego de conectivos;
- Coerência textual;
- Pontuação – uso da vírgula e ponto final.

Estratégias

Etapa 1 – Construção de sentido (2 horas/aula)

- Entrega de provérbios aos alunos para formação de duplas e, em seguida, de grupos.

É melhor prevenir	do que remediar.	GRUPO AMARELO
Um é pouco, dois é bom,	três é demais.	
Água mole em pedra dura,	tanto bate até que fura.	
Uma andorinha só,	não faz verão.	GRUPO VERMELHO
Quando um não quer,	dois não brigam.	
Vão-se os anéis,	ficam os dedos.	
Amarre o burro	como o dono quer.	GRUPO AZUL
Quem com ferro fere	com ferro será ferido.	
Pimenta nos olhos dos outros	é refresco.	
Errar é humano,	persistir no erro é burrice.	GRUPO VERDE
Cachorro que muito ladra	não morde.	
Quem comeu a carne	que roa os ossos.	

- Formação das duplas pela formação do provérbio.
A cada formação de provérbio, a dupla explica qual o sentido da frase.
- Formação dos grupos a partir da cor do papel em que estão escritas as partes do provérbio (4 grupos de 6 componentes).
- Entrega de uma caixa para cada grupo com orações separadas para que sejam interligadas aos conectivos.

CAIXA 1		
Não compareceu à reunião do condomínio	porque	viajou.
Ele pagará a dívida	conforme	prometeu.
Não percebeu nada,	embora	estivesse atento.

Irei à praia logo cedo,	se	não chover
Seja paciente na estrada	para que	não seja paciente no hospital.

CAIXA 2

Compre o bilhete,	pois	o sorteio será amanhã.
Eles discutiram bastante,	mas	não chegaram a nada.
Viu o acidente	e	socorreu as vítimas.
Eu o considero;	portanto,	quero contar-lhe um segredo.
Todas as tardes ia ao cinema	ou	fazia pequenas compras em lojas da região.

CAIXA 3

Ferradura desse sorte	se	burro não puxava carroça.
Viu o acidente,	no entanto	não socorreu as vítimas.
Ela comprou a passagem	e	partiu no primeiro trem.
Passarinho não come pedra	porque	não sabe o bico que tem.
Ela era tão medrosa,	que	não saía de casa.

CAIXA 4

Nunca chegará ao fim	por mais que	ande depressa.
Houve protestos	depois que	o diretor saiu.
Não poderemos nadar	mesmo que	faça calor.
Tudo aconteceu	conforme	planejamos.
Ele treinou por muitos dias,	todavia	não venceu a prova.

- Registro no caderno das orações formadas pelos grupos e troca das caixas até usarem todas.

Etapa 2 – Interligação de sentidos (3 horas/aula)

- Exibição do vídeo de animação *Conto animado Bullying (Blender)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I0RZvBUYgnQ>>. Duração: 04' 12''

Figura 21- Imagem do vídeo *Conto animado Bullying (Blender)*



Fonte: Google Imagens

- Abordagem de questões como:
 - A falta das falas das personagens atrapalhou a compreensão da história apresentada?
 - Qual o tema abordado na história?
 - Qual o público-alvo desse vídeo?

- Qual o objetivo desse vídeo?
- Qual a importância da abordagem desse tema?
- Quem são as maiores vítimas do *bullying*?
- Realização de atividade no caderno para que o aluno altere o conectivo que liga as orações e explique o sentido expresso em cada alteração.

A aluna escreveu o texto _____ foi selecionada no concurso.
e mas(não) por isso portanto ou

- Sistematização das conclusões do conteúdo gramatical referente ao sentido dos conectivos.
- Aplicação de atividade com uso dos sinais de pontuação em que seja evidenciado o comprometimento de sentido. Substituição dos espaços por nomes de alunos.

Este presente é para _____ não para _____ também não _____ penso em dá-lo para _____ não é para _____ jamais será dado para _____

- Leitura de diferentes construções do texto.

Recursos

- *Notebook, Datashow, vídeo e atividades impressas.*

Avaliação

- A avaliação será processual com acompanhamento das atividades realizadas pelos alunos, para que alcancem os objetivos propostos.

5.4 PRODUÇÃO FINAL: TRANSPOSIÇÃO DAS IDEIAS, REVISÃO E REESCRITA

PRODUÇÃO FINAL – Transposição das ideias, revisão e reescrita

CARGA HORÁRIA: 11 horas/aula

Objetivos:

- Ler o texto da produção inicial;

- Selecionar no material de apoio informações sobre o tema que possam ser utilizadas como outras vozes.
- Produzir a segunda versão do artigo de opinião a partir dos estudos dos módulos (transposição das ideias para o papel);
- Analisar o gênero artigo de opinião a partir da ficha de revisão, a fim de que seja verificado se a produção atende as características do gênero;
- Revisar a segunda versão do texto (artigo de opinião) produzido na sala a partir das indicações do bilhete orientador;
- Reescrever o texto da segunda versão;
- Reconhecer os avanços na produção textual;
- Criar um *Blog* para divulgação dos textos produzidos;
- Realizar uma reunião com pais e professores para a abordagem do tema e dos dados obtidos na pesquisa;
- Avaliar o desempenho no desenvolvimento das atividades da sequência didática.

Conteúdos:

- Análise textual;
- Produção textual (2ª versão do texto)
- Revisão textual;
- Reescrita textual.

Estratégia

Etapa 1 – Produção textual, segunda versão - transposição das ideias (3horas/aula)

- Entrega da pasta aos alunos com todo material utilizado nas atividades do módulo para que possam utilizar outras vozes no texto e uma cópia da produção inicial.
- Leitura da produção inicial, para que o aluno faça a segunda versão do texto com os acréscimos que julgar pertinentes e necessários.
- Produção textual em folha específica (segunda versão).
- Análise da produção textual a partir da ficha de revisão (Cf. APÊNDICE J).

Etapa 2 – Revisão e reescrita (4 horas/aula)

- Formação de duplas de forma livre, para que troquem os textos (segunda versão) e façam a leitura;
- Conversa entre a dupla sobre as impressões do texto, se atende ao gênero artigo de opinião e definição do título;
- Uso de dicionário;
- Entrega do bilhete orientador produzido pelo professor;
- Reescrita do artigo de opinião produzido na sala de aula, a partir das informações contidas no bilhete orientador.

Etapa 3 – Análise das produções textuais (2horas/aula)

- Entrega de cópias das produções textuais aos alunos, para que reconheçam os avanços obtidos na escrita;
- Escolha do nome do *Blog* para divulgação dos textos produzidos e eventos realizados na escola;

Etapa 4 – Reunião com a comunidade escolar (2 horas/aula)

- Reunião com pais e professores para divulgação dos dados e informações obtidas pelos alunos sobre o tema estudado:
 - Abertura da reunião: Exibição do vídeo de animação *Conto animado Bullying (Blender)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I0RZvBUYgnQ>>. Duração: 04'12'';
 - Apresentação das informações e dados referentes ao tema *Bullying*.
 - Exibição de vídeo do Projeto que define oito tipos de *bullying* que devem ser evitados na escola, *Tipos de bullying*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=psieH5qBIpk>>. Duração: 02'39'';
 - Descrição das atividades desenvolvidas pelos alunos na intervenção.
 - Divulgação do *blog*.

Recursos:

- Ficha de revisão textual, texto inicial, *notebook*, *datashow*.

Avaliação:

- Correção textual-interativa com utilização dos bilhetes orientadores.

6 DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

*Na realidade, toda palavra comporta duas faces, ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.
(Bakhtin)*

A sequência didática sugerida pelos autores Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p. 82) tem como pretensão postular a ideia de que é possível, desde que de forma sistemática, ensinar a escrever textos e se exprimir oralmente. Eles ainda salientam sobre a necessidade da criação de contextos precisos e da realização de atividades diversas que possibilitem aos alunos apropriar-se de noções, técnicas e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão, quer seja oral ou escrita.

Neste capítulo, descrevemos a sequência didática desenvolvida para essa turma, a partir dos problemas apresentados pelos alunos na produção inicial, relacionados à produção textual do gênero argumentativo artigo de opinião. Vale ressaltar que, como cada turma tem as suas especificidades, essa sequência foi construída para essa classe pesquisada, mas que pode e deve ser adaptada a outras.

Na análise da produção inicial, de modo geral, observamos que os alunos apresentaram um repertório restrito de informações sobre o tema, não conseguiram desenvolver as ideias de acordo com a estrutura composicional do gênero artigo de opinião. Mesmo quando percebemos suas falas dentro do texto, os argumentos não apresentaram ideias convincentes. Em muitos textos, houve problemas relacionados à estética, tais como a falta de construção de parágrafos, a desobediência às margens, a falta de recuo na primeira linha do parágrafo e o erro na separação das sílabas das palavras no final da linha. Devido a alguns desses fatores, houve o comprometimento na coerência e na coesão textual em menor ou maior proporção.

A nossa sequência didática foi dividida de acordo com o que sugerem os autores Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004): apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Os autores, todavia, não determinam a quantidade de aulas e atividades que deverão ser desenvolvidas, eles salientam a necessidade de trabalhar, nos módulos, problemas apresentados de níveis diferentes, variar as atividades e capitalizar as aquisições.

Construímos essa sequência com um total de 49 aulas previstas distribuídas da seguinte forma: apresentação da situação (2 aulas), produção inicial (7 aulas), módulos (29 aulas) e produção final (11 aulas).

A apresentação da situação e a produção inicial foram descritas e analisadas no capítulo 4. Elas serviram de diagnóstico para a elaboração e o desenvolvimento das atividades dos três módulos e para a realização da produção final. Acredito que, no movimento sugerido por essa sequência do complexo para o simples – ou seja, da produção inicial para os módulos, como confirmam os autores, e retornando ao complexo –, a produção final represente uma nova perspectiva no ensino da produção textual no âmbito escolar.

Como dito anteriormente, embora a turma conte com 24 alunos, e todos participaram das atividades desenvolvidas na sequência, apenas 16 não apresentaram problemas referentes à falta e assiduidade nas atividades escolares. Sendo assim, só será analisado o desempenho dos 16 alunos que participaram efetivamente de todas as atividades propostas, pois compreendo que as faltas e o atraso dos alunos na realização das atividades podem mascarar os resultados esperados.

Durante a realização das atividades sugeridas nos módulos, foi extremamente importante ter muita atenção para o fator tempo, pois todos nós sabemos que, sem essa monitoração, corre-se o risco da dispersão durante a aula. Neste capítulo, descrevo as atividades desenvolvidas nos módulos e a produção final, etapas da sequência didática, assim como a participação dos alunos e a interação ocorrida durante o processo. Foram realizados três módulos com atividades necessárias para o desenvolvimento de habilidades para a produção textual do artigo de opinião.

Na apresentação da situação, os alunos sugeriram algumas atividades de que gostariam de participar, tais como exibição de filmes e vídeos, pesquisas na escola, apresentações etc. Na medida do possível, inseri algumas ideias na realização dos módulos e, como a questão do tempo da aula é um fator determinante, precisei redobrar a atenção.

6.1 MÓDULO 1: CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS E REPERTÓRIO DE INFORMAÇÕES SOBRE O TEMA

Esse módulo ocorreu em 17 horas/aula e foi dividido em 6 etapas, nas quais realizamos atividades, no intuito de atingir alguns objetivos: ampliar o repertório de informação dos alunos sobre o tema; conhecer os tipos de argumentos, justamente pelo fato de o artigo de opinião ser um gênero argumentativo; e fazer a seleção das escolhas lexicais que serão utilizadas na

produção textual. Em cada etapa a ser desenvolvida, registrei, no quadro, os objetivos e destaquei os conteúdos a serem estudados, para que os alunos fiquem informados das atividades a serem desenvolvidas.

Etapa 1 – Construção de repertório (2horas/aula)

Os alunos foram recepcionados com o texto impresso *Fábula da convivência* (Cf. ANEXO 3), para realizar a leitura. Perguntei se alguém gostaria de ler o texto em voz alta, e uma aluna aceitou de forma voluntária. Vale ressaltar que ela fez uma excelente leitura, obedecendo à pontuação e com um timbre de voz muito bom para que todos conseguissem ouvir e acompanhar.

Após a leitura, conversamos sobre algumas questões que escrevi no quadro, uma por vez: por que esse texto é chamado de fábula? Todas as pessoas são iguais? O que é mais difícil na convivência entre as pessoas? Você conseguiria viver sozinho sem depender de ninguém (que produzisse seu alimento, seu vestuário, seu calçado, seus móveis, sua casa)? Qual a mensagem transmitida pelo texto? Você concorda?

Ao levantar esses questionamentos em nossa conversa, pretendi trabalhar no aluno: o respeito às diferenças; a necessidade de conviver bem com as pessoas; a reflexão sobre quaisquer tipos de brincadeira ofensivas ao colega.

Quase todos os alunos que desejaram falar responderam com seriedade e compreenderam o intuito da leitura da fábula. Apenas dois alunos, em tom de brincadeira, diziam “Tá vendo, fulano?”, “Fulano, você é igual a mim!”.

Percebi que essa era uma forma de intimidar ou envergonhar dois alunos que são bastante tímidos e costumam se sentar afastados dos outros. Assim, mediei a situação, perguntando aos alunos por que estavam se dirigindo daquela forma aos colegas. Um deles respondeu “Por nada, professora. Ele é meu amigo”, e a outra não quis dizer nada.

Aproveitei a “brincadeira” e lancei a pergunta para a turma: essa ação é um tipo de *bullying*? Alguns diziam que sim, e outros diziam que só era uma brincadeira para os outros rirem. Em nossa conversa, busquei separar a ideia de brincadeira e intimidação, dizendo que, se a brincadeira não agrada o outro, não é brincadeira! Daí, apresentei o vídeo a que iríamos assistir e ressaltei a importância de iniciativas desse tipo.

Em seguida, assistimos ao vídeo do Projeto que define os oito tipos de *bullying* que devem ser evitados na escola, *Tipos de bullying*. Por ser um vídeo curto (2’39”) e dinâmico, os alunos prestaram atenção e, após o final, foram respondendo oralmente às questões que estavam

escritas no quadro: “Qual o nome do projeto do governo exibido no vídeo?”, “Qual o objetivo do projeto, orientar ou punir?”, “Quais os tipos de *bullying*?”, “Quem tem a responsabilidade de abordar o tema e viabilizar ações contra o *bullying*?”, “Quais ações podem ajudar no combate à intimidação sistemática, *bullying*?”.

Após esse diálogo, pedi que anotassem as questões no caderno e respondessem para que usassem as respostas futuramente. A fim de garantir que os alunos registrassem as questões no caderno, acompanhei a realização da atividade, indo de carteira em carteira e perguntando se tinham dúvidas. Uma aluna pediu que exibisse o vídeo mais uma vez e, assim, aguardei que terminassem de copiar as questões para assistirmos ao vídeo. À medida que assistiam, iam escrevendo as respostas e, em alguns momentos, pediam que parasse, a fim de obter algumas respostas.

Os dois alunos que foram vítimas de intimidação no momento anterior pediram para que eu observasse a atividade no caderno. Um deles perguntou se eu daria aula no dia seguinte. Compreendi que aquela ação era uma forma de se aproximar e, talvez, sentir-se seguro como o meu posicionamento. Isso ocorreu certamente porque o vídeo orienta os alunos, vítimas de *bullying*, a contar para os pais e se aproximar dos professores, a fim de compartilhar o problema.

No final da aula, após a saída dos alunos, um outro aluno me falou que era vítima de *bullying* por causa da sua cor e porque alguns o abusavam com relação à sua religiosidade. Ele falava isso enquanto arrumava as carteiras da sala. Nesse momento, parei de registrar a aula e fui ajudá-lo, a fim de conversar um pouco.

Ele falou sobre religião e relatou parte da sua história de vida. Com esse diálogo, constatei a necessidade que os alunos têm de conversar sobre sua vida, seus problemas, suas fragilidades, e o quanto é importante o papel do professor quando traz à tona, para a sala de aula, temas que sejam relevantes e façam parte do contexto dos alunos.

Portanto, é importante que os alunos tenham oportunidades de se expressar, seja da forma oral ou escrita, para que desenvolvam habilidades de escutar com atenção e respeito os diferentes interlocutores que se relacionam. Por isso, precisamos estar atentos à abordagem de um tema, para que consigamos obter o máximo de informações possíveis e relacioná-las com a realidade do aluno.

Etapa 2 – Ampliação de repertório (2 horas/aula)

Nessa etapa, foram realizadas quatro atividades: pesquisa no dicionário, leitura, análise de um vídeo e produção de argumentos. Os alunos foram orientados a pesquisar o significado e a origem da palavra *bullying* com o auxílio dos *smartphones* ou dos dicionários impressos, pertencentes à escola, os quais levamos para a sala de aula. Depois da anotação nos cadernos, conversamos sobre o sentido e a etimologia da palavra pesquisada.

Em seguida, os alunos realizaram a leitura silenciosa do texto *Bullying, a violência na escola*, e alguns comentaram sobre o posicionamento da escola para resolver esse problema e o que deveria ser feito diante de fatos relatados pelos alunos. No entanto, constatamos que muitos apresentaram uma ideia no sentido de vingança, pois expressavam isso em suas falas: “deve dá o troco”, “tem que provar o próprio veneno”, “tem que devolver na mesma moeda” “é melhor ele pegar visão”.

Assim exibimos o vídeo *Bullying, diário de sete dias*, para que os alunos percebessem e identificassem as ocorrências de *bullying* na escola e pudessem ajudar a combater esse tipo de intimidação e agressão. A ideia inicial era que todos os alunos expressassem oralmente sobre por que devemos combater o *bullying*, entretanto, todos falavam sobre as cenas do vídeo e demonstravam indignação.

Conversamos no sentido de que as vítimas precisam ser ouvidas, mas que também os agressores precisam de atenção, para que sejam conscientizados sobre os danos causados ao outro. Eles trouxeram à tona o crime cometido por um aluno, vítima de *bullying*, provocado por um grupo, ocorrido dentro de uma sala de aula na nossa cidade. Alguns alunos conheciam a vítima, outros conheciam os agressores e apresentavam as informações que tinham do fato. Os alunos que desconheciam todos os fatos que envolveram a agressão física grave sofrida pela vítima, ficaram perplexos e também deram suas opiniões.

Nesse momento, pedi que eles anotassem as informações nos cadernos, para que pudessem ser utilizadas futuramente em seus argumentos. No entanto, constatei que os alunos gostaram de expressar a opinião de forma oral, mas quando foram direcionados para a escrita, eles apresentaram uma certa recusa e não se mostraram tão dispostos como para fala.

Durante a fala dos alunos, foi possível perceber que ainda apresentavam argumentos frágeis, no sentido de defender suas opiniões em relação ao combate ao *bullying*, porém, em suas falas, foi possível observar que não expressaram o *bullying* como uma brincadeira ou simples gozação entre colegas, como diziam no início das nossas discussões para a produção inicial.

No final da aula, alguns alunos, de forma livre e espontânea, trouxeram os cadernos para que eu “corrigisse” o que eles escreveram. Depois que eu lia o que escreveram e devolvia os cadernos, eles perguntavam se eu não daria o visto, inclusive me ofereciam a caneta. Percebi que eles queriam demonstrar que realizaram a atividade e que eu avaliasse as suas produções.

É indiscutível a importância do papel do professor na interação e mediação das discussões e na realização das atividades, como sendo um fator essencial para que os alunos se sintam motivados e estimulados à aquisição de aprendizado. Por isso, é tão importante que o professor promova situações diferenciadas de aprendizagem, para o aluno desenvolver habilidades.

Etapa 3 – Conhecimento da Lei 13.185/2015 (3 horas/aula)

Nessa etapa, considerei importante a realização de uma dinâmica para promover a interação entre os alunos, evitar a formação das famosas “panelinhas” da sala e conter o barulho das conversas paralelas. Portanto, entreguei-lhes uma caixa que passaram de mão em mão, retirando um papel com parte de uma frase a ser formada, conforme apresentamos no quadro a seguir, e formaram, assim, 8 grupos com 3 componentes cada.

Quadro 2 – Enunciados para formação de grupos e estudo sobre coesão.

GRUPOS	ALUNO 1	ALUNO 2	ALUNO 3
Grupo 1	A educação é	a arma mais poderosa que	you can use to change the world. (Nelson Mandela)
Grupo 2	Regra de ouro:	trate os outros	como gostaria de ser tratado.
Grupo 3	Respeitar as diferenças e as qualidades do outro	evita	a prática de bullying entre as pessoas
Grupo 4	O auto respeito é a raiz da disciplina;	a noção de dignidade cresce	com a habilidade de dizer não a si mesmo. (Abraham Lincoln)
Grupo 5	Não se trata do direito de sermos iguais,	mas do igual direito	de sermos diferentes.
Grupo 6	Ninguém é obrigado a gostar de ninguém	mas existe uma coisa	que se chama respeito.
Grupo 7	O que não queiras	que os outros façam a ti,	não o faças aos outros. Confúcio
Grupo 8	O sonho de igualdade	só cresce no terreno	do respeito pelas diferenças. (Augusto Cury)

Eles foram lendo os trechos e se reunindo com os demais para formar a frase. À medida que os grupos iam sendo formados, eles faziam comentários sobre as frases, argumentando porque concordavam ou discordavam. Além de auxiliar a formação dos grupos, com essa dinâmica, foi possível focar a coesão textual necessária para construir o sentido das frases.

Os alunos gostaram da dinâmica, mas apresentavam uma certa recusa para a formação dos grupos e disseram preferir ficar em seus grupos de colegas que sentavam juntos. No final, no entanto, aceitaram a formação dos novos grupos. Tive também o cuidado de arrumar os grupos de forma organizada, distribuídos pela sala, para que não ficassem aglomerados no fundo e percebessem a importância da organização de um ambiente para o desenvolvimento de uma atividade.

Cada grupo recebeu três cópias da Lei 13.185 de 06/11/2015 (Cf. ANEXO 4), que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática – *Bullying*, para realizar a leitura. Alguns alunos perguntaram se precisariam ler tudo. Para que percebessem a importância daquela atividade, iniciei a leitura perguntando se eles conheciam ou já tinham lido alguma lei. De forma unânime, eles disseram que nunca se interessaram para fazer a leitura de lei.

Foi necessário falar sobre a importância de fazermos a leitura de leis, para que possamos fazer valer os nossos direitos. Perguntei se conheciam alguns símbolos que apareciam naquele texto e, nesse momento, foi necessário explicar sobre símbolos, expressões, abreviaturas, uso de numerais ordinais e romanos. Salientei sobre o símbolo utilizado para parágrafo, o uso do número ordinal até o 9º parágrafo, o significado da expressão “*caput*”, o uso dos incisos em números romanos e o que era um Diário Oficial.

Com essa atividade de leitura, constatei a indiscutível importância de levantar os conhecimentos prévios dos alunos, para que se consiga realizar qualquer atividade com o melhor êxito possível. Assim, não se corre o risco de os alunos considerarem a atividade inacessível ao seu entendimento, nem de não conseguirem desenvolver as competências necessárias.

Os alunos ficaram atentos às explicações, acompanhando no texto, e, a partir daí, mostraram-se receptivos à leitura e ao entendimento da lei. Alguns grupos pegaram dicionários que estavam sobre a mesa para pesquisar o significado de palavras que desconheciam. À medida que eu percebia que os grupos finalizavam a leitura, entregava-lhes as questões impressas, a fim de que buscassem as informações no texto, a saber: Qual o número da lei de combate ao *bullying*? Qual o nome do programa instituído pelo governo contra o *bullying*? Quando um ato é considerado *bullying*? Exemplifique situações que caracterizam o *bullying* de

acordo o Artigo 2º da lei 13.185/2015. O que é *cyberbullying*? Como podem ser classificadas as ações de intimidação sistemática? Cite os principais objetivos do programa. Qual o papel da escola segundo a lei de combate à intimidação sistemática?

Para fazer a correção da atividade, cada grupo lia uma questão e a resposta para os demais grupos. No entanto, na apresentação da questão que pedia para exemplificar situações que caracterizam o *bullying*, todos os grupos quiseram dar um exemplo que conheçam tanto do seu meio social quanto de fatos noticiados na mídia.

O objetivo dessa aula era que o aluno conhecesse a lei, para ampliar seu repertório de informações sobre o tema. Todavia, para essa atividade com leitura, foi necessário ressaltarmos algumas características do gênero Lei, no intuito de que compreendessem o texto. Dessa forma, foi indispensável o uso de dicionário, para que pesquisassem algumas palavras que desconheciam o significado.

Nesse sentido, com essa atividade, ficou evidenciado que, para a produção de um artigo de opinião, seriam inevitáveis a leitura e a pesquisa de informações oriundas de outros gêneros. Por isso, é importante a percepção do professor diante dos imprevistos que ocorrem como: o aluno não saber o significado de palavras e símbolos, não conhecer o gênero dos textos de referência, não perceber utilidade das informações obtidas para sua produção, dentre outros.

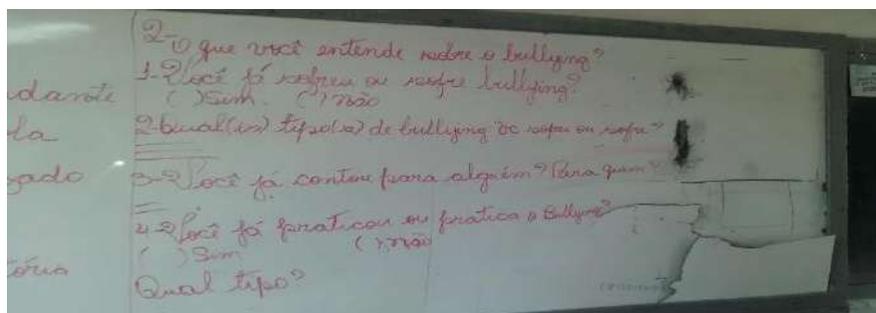
Fatos como esses não podem gerar obstáculos para o professor na realização das atividades. Ao longo da minha prática pedagógica, constantemente, sou surpreendida por circunstâncias que exigem uma adaptação no plano de aula, para que eu alcance os objetivos propostos. Por isso, é indispensável que o professor elabore o planejamento das atividades que pretende realizar, para que, em situações como essa, saiba como adequar o seu plano.

Etapa 4 – Pesquisa na escola (4horas/aula)

Essa atividade realizada foi uma sugestão de alguns alunos, pois, de início, eu tinha a intenção de identificar a ocorrência de casos de *bullying* com os alunos da classe pesquisada, mas eles desejaram obter essa informação com os alunos de todas as salas da escola.

Sendo assim, considere relevante que elaborássemos, juntos, as questões que poderiam nos dar as informações que queríamos. Conversamos como os alunos deveriam se comportar no momento da pesquisa e no momento da tabulação dos dados. À proporção que eles falavam, eu escrevia as questões no quadro e íamos corrigindo, como podemos ver na imagem a seguir, a fim de que definíssemos o modelo a ser impresso (Cf. APÊNDICE K).

Figura 22 – Imagem das questões elaboradas pelos alunos para a pesquisa sobre a ocorrência de *bullying*.



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Eles compreenderam a necessidade de transmitir seriedade no momento da aplicação do questionário e o sigilo na identificação dos alunos, para que estes aceitassem participar da pesquisa, pois, caso contrário, eles ficariam inseguros e se negariam a responder.

Dois alunos foram à secretaria da escola para pesquisar a quantidade de estudantes frequentes em cada sala, pois precisávamos dessa informação para imprimir o material com recursos próprios, uma vez que a escola estava sem material para nos ajudar.

Eu desejei que os alunos mantivessem o mesmo grupo formado na aula anterior, mas alguns solicitaram mudar, por questão de afinidade, a fim de ter mais segurança ao se expressar. Compreendi que não seria uma tarefa fácil para eles executarem, pois cada grupo de alunos teriam de se dirigir a uma classe que não era a sua, pedir autorização aos professores, que já tinham sido informados anteriormente sobre essa coleta de informações, conversar com a turma e orientar no preenchimento do questionário. Dessa forma, entramos em consenso, e os grupos foram formados por alunos mais desinibidos e outros tímidos.

Na aula seguinte, os alunos demonstravam muita satisfação para ir às salas, e nenhum aluno se recusou a participar das atividades de pesquisa no turno matutino. Assim aconteceu, os alunos realizaram a atividade de forma entusiástica. Por serem divididos em 7 grupos para realizarem as visitas um grupo por classe, a atividade ocorreu em torno de 20 a 25 minutos. Após a coleta, eles retornaram à sala com os questionários para que pudessem ser analisados e computados. Eles comentavam como se sentiram ao visitar e conversar com as classes. Falavam como as séries menores se comportaram de forma mais espontânea, como alguns maiores não queriam responder, como alguns aceitaram, mas reclamavam e como era difícil manter o silêncio.

Os alunos liam as respostas e comentavam sobre as informações contidas no questionário. O que mais chamou a atenção deles foram os relatos de alunos que disseram sofrer *bullying* em casa. Alguns se mostravam indignados e demonstravam isso em suas falas: “Tá vendo que a gente já se revolta de casa?”, “Aí. Depois que a gente entra no errado, o povo não sabe.”, “Eu também sofro com minha tia me xingando todo dia”.

Particularmente, também fiquei surpresa com essas informações, pois, geralmente, assim como eu, as pessoas acreditam que o lar deve ser o local de proteção e de cuidado. Se esses alunos são vítimas de agressões em suas casas como conseguirão reagir de forma pacífica a situações de desentendimentos e intimidações?

Após esse momento em que leram os questionários, orientei-os a quantificar as informações, a fim de tabular os dados coletados. Eles se mostraram agitados e com dúvidas sobre a contagem. No decorrer da atividade, foram se organizando e escrevendo no caderno os resultados obtidos, e cada grupo entregava a atividade no final da aula.

Entretanto, devido à falta de transporte disponível ou por ter outras ocupações no turno oposto ao que estudam, apenas dois alunos compareceram para a realização da coleta de dados nas classes do turno vespertino. Dessa forma, foi necessária a minha colaboração para visitar todas as salas e realizar a atividade proposta. O que seria uma coleta mais rápida, como ocorreu na manhã, demorou, pois foi preciso pedir a colaboração dos professores que estavam nas turmas, mas todos aceitaram ajudar para acelerar o processo.

No dia seguinte, os grupos receberam os questionários de cada turma do turno vespertino, para que coletassem os dados. Antes disso, foi necessário pedir a alguns grupos que corrigissem alguns dados e anotações referentes ao turno matutino. Dando continuidade, fomos colocando no quadro as informações, no intuito de obter o resultado final. Os alunos registraram as respostas no caderno, para que pudessem utilizar no seu artigo de opinião.

Foi uma atividade de pesquisa bastante proveitosa. Os alunos se sentiram envolvidos, fazendo parte do processo e compreenderam o objetivo que foi obter as informações referentes a ocorrência de *bullying* na escola e se conscientizarem da necessidade de combater esse tipo de agressão.

No momento da contagem dos dados, percebi que, embora algumas vezes os alunos falassem alto algumas informações do questionário, a exemplo dos apelidos, eles compreenderam a complexidade do problema, pois alguns se mostraram preocupados e comovidos com o que liam. Esses dados serão compartilhados com os pais, professores, direção e funcionários durante a reunião e com os demais alunos no mural da escola.

Etapa 5 – Estudo sobre argumentos (4 horas/aula)

Iniciamos a aula recordando alguns argumentos utilizados pelos alunos na aula anterior e, nesse momento, em *slides*, apresentamos alguns tipos de argumentos que podem ser construídos e utilizados nos textos, para que consigam defender, de modo mais contundente, as suas ideias. Em seguida, os alunos receberam um material impresso com a abordagem do conteúdo (Cf. APÊNDICE H), e analisamos o texto *Entre sabores e dissabores* (Cf. ANEXO 1), para identificar os tipos de argumentos utilizados pela articulista, para defender a sua tese, e pedi que os alunos escrevessem o tipo ao lado do parágrafo. Alguns tiveram dificuldades e buscavam o meu auxílio ou de colegas para realizar a atividade.

Durante a análise, dois alunos perguntaram se a articulista do artigo de opinião era contra ou a favor da farinha, porque ela informou o que os donos de casa de farinha pensavam. E é “claro que eles não vão falar mal da farinha”. Foi uma excelente oportunidade para mostrar que ela utilizou essa informação como um contra-argumento para refutar e fortalecer a sua tese.

Assim, perguntei-lhes qual seria um exemplo de contra-argumento para o nosso tema. Eles falavam o que os agressores costumam dizer, que “é uma brincadeira”, “é só gozação”, “é uma zoação”, “não faz nada de mal”, “é besteira”, “isso sempre existiu”, “agora não pode nem mais brincar”. Ressaltei a importância sobre a apresentação de uma ideia contrária no artigo de opinião e como refutar a ideia apresentada. Durante a análise, a cada argumento identificado, eles informavam o tipo e escreviam ao lado do parágrafo.

A fim aprofundar a aprendizagem do conteúdo, pedi aos alunos que identificassem os argumentos e os tipos construídos no texto *O bullying sempre existiu* (Cf. ANEXO 2). Alguns ressaltaram as diferenças existentes entre o primeiro e o segundo texto e procuraram o contra-argumento utilizado pelo articulista como perceberam no primeiro.

Embora esse texto tenha sido utilizado no momento da produção inicial para o diagnóstico, os alunos tiveram outras percepções e fizeram outras inferências no texto ao analisar a construção dos argumentos.

Alguns comentaram que o autor parecia aceitar que o *bullying* existe e que não apresentou uma ideia de combate a esse tipo de agressão. Apresentaram informações do texto da Lei 13.185/2015 sobre os tipos de *bullying* e as consequências para as vítimas, que não foram colocadas pelo articulista, mas que eram consideradas importantes para eles.

O texto promoveu uma discussão importante, pois os alunos, naquele momento, mostraram-se indignados com a aceitação e a forma de revidar apresentada pelo autor. Notaram, também, o que eles não tinham percebido dessa maneira no primeiro momento, embora

destacassem que, em algum momento da vida, já tinham ouvido de seus pais a frase dita no texto: “Se apanhar de novo lá fora e não reagir, vai ter outra surra quando chegar em casa”.

Eram perceptíveis, em suas falas, o amadurecimento das ideias, a demonstração de respeito às diferenças, o limite que separa brincadeira e *bullying* e um maior entendimento sobre o tema e a forma de apresentar seus argumentos.

Os alunos desconheciam o significado de algumas palavras e, assim, foi necessário que pegassem alguns dicionários, a fim de os utilizar na sala. E isso não aconteceu no primeiro contato com o texto. Como o texto trouxe muita conversa, e a maioria queria destacar algo que percebeu ou comparou com o vídeo da etapa anterior, não foi possível finalizarmos toda a atividade na sala como previsto.

Na aula seguinte, duas alunas insistiam em querer identificar o contra-argumento e disseram que, no terceiro parágrafo, o autor trazia a ideia de que o *bullying* só era menor porque os alunos tinham medo dos bedéis e da diretora. Durante a correção, fomos chamando a atenção para a sequência argumentativa utilizada e os tipos de argumentos utilizados.

Dando seguimento, solicitei aos alunos que escolhessem um tipo de argumento e produzissem um exemplo, abordando o nosso tema. Durante essa escrita, eles pediam a minha ajuda e buscavam saber se a forma que pensavam estava “correta”.

Quase todos os alunos leram seu argumento, até os que não queriam foram encorajados por mim e pelos colegas, e os demais identificavam qual o tipo de argumento utilizado. Para os alunos que não quiseram ler, eu me dispus a fazer leitura, e eles permitiram. A grande maioria produziu argumento de autoridade, e quando eu perguntava por que escolheu aquele tipo, eles respondiam que era mais verdadeiro, mais importante. Ressaltei sobre a importância de opinar diante do argumento, expressando seus valores no texto.

Etapa 6 – Identificação e uso de modalizadores (2 horas/aulas)

Dei início às atividades dessa etapa, escrevendo no quadro branco a seguinte frase de Lili Cavalcanti: “Foi-se o tempo, **infelizmente**, em que os amados mestres eram valorizados por toda a sociedade. Hoje, **muito pelo contrário**, a categoria vive numa selva de pedra. E bem diferente daquela de Janete Clair”.

Fizemos a leitura da frase e, em seguida, expliquei-lhes o sentido de selva de pedra e quem foi Janete Clair. Fiz uma pequena abordagem da frase e comentei o porquê de a autora se referir daquela forma. Dando continuidade, apaguei as palavras que estavam destacadas e pedi para que os alunos lessem e comentassem sobre o impacto das expressões modalizadoras na

frase. Expliquei sobre o uso de palavras modalizadoras na argumentação e a forma que o autor assume ou foge do que diz. Como nos exemplo: “Hoje vai chover!” e “Possa ser que hoje chova”.

Os alunos foram orientados a formar grupos de três componentes para a realização da atividade. Cada grupo recebeu uma frase ou trecho de um texto impresso em folha de papel ofício, para identificar palavras modalizadoras e o sentido expresso conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 3 – Enunciados para atividade sobre modalizadores

<p>Grupo 1 Infelizmente, em menos de um mês tenho que voltar ao tema da violência gratuita, face aos incidentes que aconteceram em plena avenida Paulista, quando um grupo de quatro menores e um garoto de 19, todos de classe média e teoricamente "educados", agrediram outros jovens. (Jairo Bouer)</p>
<p>Grupo 2 É possível que o Brasil tenha crescimento inferior ao esperado nos próximos semestres devido à crise no exterior.”</p>
<p>Grupo 3 O certo é que a descoberta das relações muito perigosas entre um senador da República e um contraventor (travestido de empresário), infelizmente mostra como funcionam os bastidores políticos na capital federal. E é provável que esta CPI vá descer fundo nessa cachoeira. (Lili Cavalcanti)</p>
<p>Grupo 4 As chuvas podem se espalhar pelo país, atingindo faixa que vai de SC até AM. As pancadas podem ser isoladas no Nordeste. Já no Sudeste e no Centro-Oeste, há risco de temporais, sobretudo no sul de MG e RJ.</p>
<p>Grupo 5 Um jogador indiscutivelmente talentoso, mas que se aproveita de momentos em que a bola não está rolando para se mostrar, seja através de firulas que não irão trazer benefícios para o time ou através de frases infelizes, e que “acha que pode tudo”, definitivamente, para mim, não deve pois representar o país.</p>
<p>Grupo 6 E para falar a verdade, não são apenas os animais que o etólogo estuda. Há pesquisas de etologia sobre o bicho homem. Algumas buscam compreender como as crianças brigam e se reconciliam; como as pessoas escolhem seus namorados ou namoradas e por aí vai...</p>
<p>Grupo 7 Pode ser que chova amanhã, mas certamente choverá quando a lua for cheia. Sendo assim, possivelmente não sairemos de casa.</p>
<p>Grupo 8 Não dá para admitir tal comportamento como sendo natural, um rito de passagem, agressividade normal de meninos, necessidade de afirmação frente ao grupo e falta de limites colocados pelos pais, entre outras alegações. É uma selvageria inadmissível e, para isso, existe lei, julgamento e eventuais responsabilizações.</p>

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Cada grupo se apresentou, lendo o seu material e mostrando as palavras e expressões modalizadoras destacadas. À medida que cada grupo apresentava, eu escrevia no quadro as palavras e expressões para que chamasse a atenção de todos os alunos. Ao mesmo tempo,

solicitava aos integrantes dos grupos que lessem as frases ou trechos, sem as palavras que eles destacaram, para que percebessem o impacto que geravam em um texto. Por se tratar de períodos curtos e realizarem em grupo a ação de retirar a palavra para identificar a modalização, todos os grupos acertaram.

Por ser uma atividade em pequenos grupos, os alunos se sentiram mais seguros em suas apresentações para a classe. Os que tinham maiores dificuldades de aprendizagem ou falta de concentração acabaram se envolvendo e colaborando para o trabalho executado. Solicitei aos alunos que escrevessem em seus cadernos as informações que estavam registradas no quadro a fim de serem utilizadas futuramente.

Finalizamos a aula assistindo ao vídeo *Daniel bullying!* A exibição desse vídeo teve como finalidade, além de os alunos identificarem, no depoimento da mãe do garoto, o emprego de palavras modalizadoras, perceber as consequências desse tipo de intimidação sistemática na vida das vítimas.

De modo geral, os alunos ou se mostraram emocionados com o vídeo ou revoltados em conhecer a história do garoto que cometeu suicídio por ser uma vítima de *bullying*. As discussões avançaram o horário das aulas, então utilizamos um tempo do intervalo para fazer a correção, e os alunos preencherem a ficha avaliativa de autoavaliação e das atividades desenvolvidas. (Cf. APÊNDICE F)

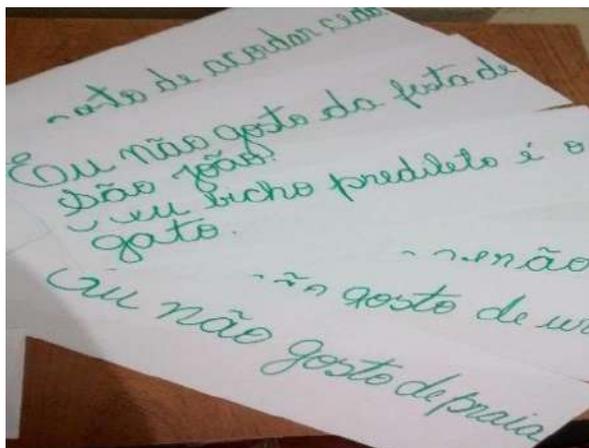
6.2 MÓDULO 2: ESTRUTURA COMPOSICIONAL DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

O módulo dois teve a carga horária de 7 horas/aula e foi dividido em três etapas. Realizamos atividades no intuito de os alunos conhecerem a macroestrutura e a microestrutura do artigo de opinião e empregar em suas produções textuais. Em cada etapa a ser desenvolvida, registrei no quadro os objetivos e destaquei os conteúdos a serem estudados para que os alunos ficassem informados das atividades que seriam desenvolvidas.

Etapa 1 – Estudo da macroestrutura e da microestrutura do gênero artigo de opinião (3 horas /aula)

Quando os alunos chegaram à classe, perceberam que, na mesa do professor, havia algumas frases, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 23 – Imagem dos enunciados para a atividade



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Alguns se aproximavam curiosos, liam as frases, perguntavam para que seriam usadas e também queriam saber o que havia dentro da caixa.

Após eles se acomodarem, realizei o sorteio dos alunos que escolheriam a frase e convidariam dois colegas a participar do seu grupo. Com essa dinâmica, os alunos tiveram a autonomia de escolher o seu grupo de trabalho e, de forma lúdica, construíam argumentos para convencer os colegas.

Foi uma atividade divertida, pois, mesmo com opinião contrária ao que estava na frase, os colegas precisavam construir argumentos que fossem capazes de modificar a opinião do outro, e os demais alunos julgavam a pertinência dos argumentos. Um exemplo foi a frase “Eu não gosto da festa de São João”, pois a aluna que escolheu a frase precisou construir argumentos contra a festa que ela mais gostava.

A aluna dizia “eu vou falar mal do São João? Ah, não!”. Embora tenha considerado uma ação difícil, ela apresentou os pontos negativos da festa e citou o barulho dos carros, o engarrafamento na cidade, o volume de pessoas nos supermercados, o incômodo das visitas e os gastos com comidas e bebidas.

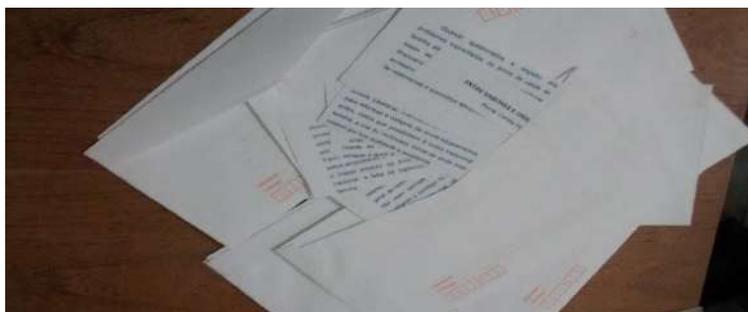
Aproveitei para explicar a construção do contra-argumento e convidei os outros alunos do grupo a rebater os argumentos que ela utilizou. Os dois alunos escolhidos, que não gostam da festa, precisaram apresentar argumentos a favor da festa e, para isso, apoiaram-se na fala da colega para justificar os benefícios. Os colegas disseram, então, que: o barulho do carro era causado pela animação dos visitantes, para evitar o engarrafamento; era melhor usar bicicleta ou ir a pé; os supermercados teriam muito lucro; e as visitas deviam colaborar nas despesas da casa.

Ao finalizar a dinâmica, conversamos a partir de alguns questionamentos referentes à importância de opinar: Você costuma dar opiniões no cotidiano? As pessoas ouvem suas opiniões? Na escola, você tem oportunidade de expor suas opiniões? A escola ouve o que você tem a dizer? Você considera importante saber opinar? Quais os benefícios que podem acontecer com as pessoas que “sabem” expressar suas opiniões?

Alguns alunos disseram que, geralmente, quando uma pessoa dá a opinião, há o desentendimento que pode ocasionar discussões e brigas. Assim, ressaltai a importância de saber opinar, defendendo o que pensa de forma respeitosa e sem agressões.

Com os grupos formados, eles receberam um envelope com as partes de um texto separado em parágrafos, para que ordenassem, como vemos a seguir.

Figura 24 – Imagem do material para atividade



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Embora eu tivesse considerado que seria uma atividade fácil, e que os alunos conheçam o texto *Entre sabores e dissabores*, eles tinham dúvidas e queriam que eu os ajudasse, no entanto, eu orientei para que o grupo realizasse a atividade com autonomia.

Eles relatavam que algumas partes que foram colocadas na ordem errada, estavam sem sentido, e que pareciam não se encaixar. Foi necessário pedir para que eles mudassem o parágrafo de lugar e observassem a progressão textual. Chamei a atenção para que observassem a estrutura do texto no sentido da macroestrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão. Observei que eles apresentaram dúvidas na organização do desenvolvimento do texto, pois seria necessário dominar o conhecimento de microestrutura do gênero artigo de opinião.

Para correção, levei os parágrafos impressos em fonte maior. Cada grupo indicava o parágrafo que ia compondo a ordem do texto. À medida que eu apresentava as partes, sinalizava sobre a microestrutura e o sentido existente entre os parágrafos. Mesmo se tratando de um texto que tinha sido utilizado pelos alunos em outras atividades, eles demonstravam outras percepções relativas ao gênero.

Em seguida, entreguei o material impresso sobre o conteúdo (Cf. ANEXO 6) para cada aluno. Realizamos a leitura, identificando, no texto da atividade, a microestrutura apresentada no artigo de opinião. Nesse momento, um aluno perguntou se aquilo seria uma fórmula para escrever o texto. Respondi salientando sobre a composição estrutural que caracteriza um gênero.

A fim de que compreendessem melhor o conteúdo, perguntei-lhes como era a estrutura de uma receita culinária e registrei no quadro as informações dadas pelos alunos. No decorrer da explicação, lembrei que, na minha bolsa, havia duas caixas de remédios. Aproveitei a oportunidade para entregar a dois grupos as bulas e pedi para que me informassem a estrutura. Ao mesmo tempo em que davam a informação, eu registrava no quadro.

Aproveitando que as bulas apresentavam diferenças na estrutura, reforcei sobre a estabilidade relativa dos gêneros. Os alunos demonstravam ter compreendido as informações referentes à estrutura do gênero e ao objetivo da atividade, embora considerassem a atividade lúdica. Percebi que eles se apropriaram de algumas nomenclaturas relacionadas à microestrutura do gênero artigo de opinião. Isso foi observado nos momentos em que falavam alguma coisa, e o outro dizia “isso é sua tese?”, “qual seu argumento?”, “vou usar um contra-argumento” etc. Ao mesmo tempo que era divertido, eles queriam demonstrar que aprenderam.

Finalizando a atividade da aula, sugeri aos alunos que assistissem, em casa, à reportagem sobre *Bullying e perseguição* – exibida no Globo Repórter, disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=M6EQh7WeVHI>>, com duração de 13’56”, para discutirmos no dia seguinte.

Etapa 2 – Estudo da microestrutura do artigo de opinião (2 horas/aula)

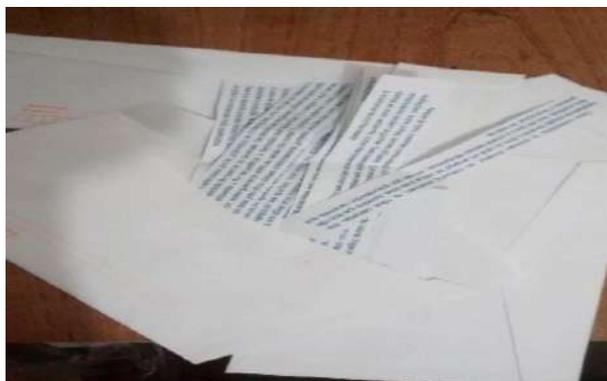
Nessa etapa, mantivemos a formação dos grupos do encontro anterior, e dei início à aula, conversando sobre o vídeo sugerido na aula passada. Mais da metade da classe não havia assistido ao vídeo, entretanto, muitos dos que haviam assistido tinham baixado no *smartphone* permitiram que os colegas assistissem na sala.

A partir das informações obtidas na entrevista conversamos por considerar pertinente para a ampliação de repertório sobre o tema e para a construção de argumentos contundentes a partir das questões: Como se sentem as vítimas de *bullying*? Por que algumas pessoas cometem *bullying*? O *bullying* pode ser considerado uma brincadeira ou diversão? Qual a sua conclusão sobre o tema?

Alguns alunos iam dando suas respostas e, por vezes, precisei intermediar pequenos desentendimentos que surgiam a partir de algumas falas que ainda expressavam a ideia de vingança contra os agressores que cometem *bullying*.

Após a conversa que durou cerca de quinze a vinte minutos, entreguei um envelope, como vemos na imagem abaixo, com o texto *Nem tão doce como parece* (Cf. ANEXO 7), para que os alunos realizassem a atividade similar a da aula anterior. Pedi-lhes que, no caderno, anotassem os parágrafos que compõem a macroestrutura do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão).

Figura 25 – Imagem do material para a atividade 2



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Embora esse texto fosse maior, os alunos demonstraram maior segurança e tranquilidade para ordenar os parágrafos. Eram perceptíveis: a formação de habilidades desenvolvidas na aula anterior; e a forma como buscavam no conteúdo as orientações para a realização da atividade.

Cada representante de um grupo lia o início do parágrafo, a fim de orientar os demais na correção. Percebi que um ou outro grupo confundiu a ordem de algum parágrafo pertencente ao desenvolvimento, mas aceitavam e até justificavam por que era realmente aquele. Constatei que nenhum grupo teve problema com a identificação da introdução e da conclusão. Quando questionei sobre o fato, eles relataram sobre a apresentação da polêmica e que, na conclusão, a “aluna-articulista”, termo deles, iniciou com “Portanto, lanço minha voz em prol dessa causa nobre, pois tenho sede de mudança” e apresentou a conclusão, dando uma solução.

Considerei de extrema importância reforçar a composição do desenvolvimento e salientar sobre a apresentação da tese do autor, uso de tese contrária, refutação e retomada da tese, para que eles percebessem esses elementos na progressão do texto e analisassem a microestrutura. Também ressalté a colocação de um título que despertasse o interesse do leitor,

pois, no diagnóstico, constatei que os que apresentaram um título ao texto utilizaram apenas *O bullying*.

Etapa 3 – Estética textual: margens e parágrafos (2 horas/aula)

A partir da análise da produção inicial, percebi que a grande maioria dos alunos não obedecia às margens da folha, escrevendo o texto não justificado, não reservando o recuo da margem para o início do parágrafo. Além disso, muitos textos não estavam organizados em parágrafos, o que comprometia a coerência textual, dificultando a compreensão do leitor e a apresentação lógica das ideias.

Diante dessa dificuldade, propus a realização de uma atividade em dupla, porque tinha a ideia de que os alunos apresentariam dúvidas e seria mais fácil fazer o acompanhamento dessa forma, como também eles poderiam auxiliar um ao outro.

Assim, pedi aos alunos que formassem duplas de livre escolha para a realização da atividade e entreguei a cada um o material impresso, para que reescrevessem os quatro parágrafos, fazendo as correções referentes ao título, margens e uso de letra maiúscula. (Cf. APÊNDICE I).

Nesse dia, os alunos estavam abatidos e preocupados com o quadro de saúde de uma colega da escola. Portanto, considerei importante conversar um pouco sobre as preocupações dos alunos e sobre a necessidade de realizar aquela atividade até mesmo para tirar o foco do problema. Para mostrar a relevância da atividade, pedi-lhes que pegassem o texto da produção inicial na pasta em que guardamos todo o material utilizado nas aulas e observassem a obediência às margens e à construção dos parágrafos.

Alguns acharam engraçado, diziam que os textos não eram deles, perguntavam se eu tinha entendido alguma coisa e resolveram realizar a atividade. Entretanto 4 alunos se mantiveram irredutíveis e se negaram a fazer. Eles disseram que levariam para casa e, para que não desconcentrassem os demais colegas, retomei a atividade.

Os alunos analisaram alguns problemas existentes no texto e realizaram a correção. Todos pediram a minha ajuda para atendê-los e necessitaram da minha monitoração. Muitos não queriam reescrever a linha seguinte se não tivessem a certeza de que a margem estava correta. Esse fato aconteceu até o segundo parágrafo, o que gerou uma sobrecarga para eu conseguir atender a todos em suas carteiras.

A partir do terceiro parágrafo, eles apresentaram um melhor domínio da atividade e pediam orientação ao colega. Quando ouviam algum comentário referente ao uso da letra maiúscula, tentavam identificar a falha no seu texto e corrigi-la.

Observei que grande parte dos alunos que não se atentaram à margem da folha foi devido a problemas relacionados com a translineação das palavras. Assim, quando eles percebiam que o espaço era pouco para o tamanho da palavra, escreviam em outra linha. Quanto ao afastamento da margem para iniciar os parágrafos, eles tinham dúvidas relacionadas ao tamanho do recuo. Alguns diziam que sabiam, mas se esqueciam de afastar da linha da margem quando estavam escrevendo.

Não foi necessária a utilização dos *slides* para fazer a correção da atividade como apresentei na sequência, pois, como a classe era formada por 24 alunos, 4 se recusaram a fazer e 2 faltaram, consegui fazer o acompanhamento dos 18 alunos que realizaram a atividade dando atenção individual e por estarem formando duplas eles se colaboraram.

Embora tenha sido uma atividade que exigiu bastante do meu acompanhamento individual ao aluno, foi muito importante observar de perto a atividade e poder compreender porque o aluno apresentava esse tipo de dificuldade na produção textual. Ou seja, foi possível verificar que alguns alunos realmente não sabiam como reescrever o texto, fazendo as correções referentes às margens e ao uso de maiúsculas no início do parágrafo. Outros revelaram que sabiam, mas que se esqueciam de organizar dessa forma em suas produções.

Mais uma vez, é necessário ressaltar a importância do papel do professor como mediador, acompanhando o desenvolvimento das habilidades escritoras dos alunos na realização das atividades, para que possa analisar os conhecimentos prévios deles e verificar o que precisam saber.

6.3 MÓDULO 3: ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTUAL

Esse módulo de 5 horas/aula foi dividido em duas etapas e teve como tema a organização lógica textual no que se refere à coerência e à coesão textuais, pois são recursos linguísticos essenciais na construção do sentido do texto. Dessa forma, os alunos foram informados dos motivos que me fizeram construir esse módulo, sobre os conteúdos que seriam estudados, os objetivos das aulas e as atividades que seriam realizadas na sala de aula.

Etapa 1 – Construção de sentido (2 horas/aula)

Nessa primeira etapa, foram realizadas atividades referente a coerência textual com uso de provérbios e uma atividade com o uso de conectivos para os alunos perceberem o sentido e a construção das frases.

Iniciei a atividade com a realização de uma dinâmica para formação de duplas e grupos e também com o propósito de trabalhar a coerência textual a partir da construção dos provérbios. Para a escolha desses provérbios, optei por colocar alguns bem conhecidos, a fim de ajudar os alunos na construção das frases, e alguns menos empregados, para que os alunos buscassem fazer a junção de forma coerente.

Em uma caixa, os alunos pegaram uma parte do provérbio escrito em um papel colorido e, em seguida, fizemos um círculo em que todos ficaram de pé. À medida que um aluno lia uma parte do provérbio, o outro aluno, que possuía a outra parte, completava a frase e lia, formando a dupla.

A dupla lia o provérbio e explicava o sentido do texto formado, alguns explicavam por meio de exemplos relacionados com sua realidade e contexto social. Assim aconteceu para que formassem 12 duplas, entretanto três alunos faltaram a aula e precisei ficar com as partes que seriam para esses alunos, a fim de conseguir realizar a atividade e não retirar nenhum provérbio.

A ludicidade na realização da atividade descontraíu e motivou os alunos para as atividades seguintes. Assim, pedi que formassem grupos a partir da cor do papel em que estava escrito o provérbio. Felizmente, a falta dos alunos não prejudicou a atividade no sentido de impedir ou ser modificada. Os grupos foram formados com os provérbios como constam no quadro 4.

Depois de formados os grupos, apresentei no quadro a junção de duas partes de provérbios diferentes, como no exemplo: Pimenta nos olhos dos outros/ não morde. Os alunos riram e, ao mesmo tempo, iam fazendo outras junções com outros colegas que geravam sentido ambíguo e provocavam muitas gargalhadas. Foi necessário conter o barulho e aproveitei para salientar a quebra de coerência na apresentação da ideia.

Quadro 4 – Provérbios para a formação de grupos e estudo sobre coerência textual

PARTE 1	PARTE 2	GRUPOS
É melhor prevenir	do que remediar.	GRUPO AMARELO
Um é pouco, dois é bom,	três é demais.	
Água mole em pedra dura,	tanto bate até que fura.	
Uma andorinha só,	não faz verão.	GRUPO VERMELHO
Quando um não quer,	dois não brigam.	
Vão-se os anéis,	ficam os dedos.	
Amarre o burro	como o dono quer.	GRUPO AZUL
Quem com ferro fere	com ferro será ferido.	
Pimenta nos olhos dos outros	é refresco.	
Errar é humano,	persistir no erro é burrice.	GRUPO VERDE
Cachorro que muito ladra	não morde.	
Quem comeu a carne	que roa os ossos.	

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Formados os grupos, entreguei-lhes uma caixa com orações, como vemos na imagem a seguir, para que os alunos interligassem com o uso de conectivos e escrevessem as construções no caderno:

Figura 26 – Imagem do material utilizado para estudo da coesão.



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

A seguir, apresentamos todas as frases que constavam nas caixas entregues aos grupos para a realização da atividade:

Quadro 5 – Formação de frases na caixa 1

CAIXA 1		
Não compareceu à reunião do condomínio	porque	viajou.
Ele pagará a dívida	conforme	prometeu.
Não percebeu nada,	embora	estivesse atento.
Irei à praia logo cedo,	se	não chover
Seja paciente na estrada	para que	não seja paciente no hospital.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Quadro 6 – Formação de frases na caixa 2

CAIXA 2		
Compre o bilhete,	pois	o sorteio será amanhã.
Eles discutiram bastante,	mas	não chegaram a nada.
Viu o acidente	e	socorreu as vítimas.
Eu o considero;	portanto,	quero contar-lhe um segredo.
Todas as tardes ia ao cinema	ou	fazia pequenas compras em lojas da região.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Quadro 7 – Formação de frases na caixa 3

CAIXA 3		
Ferradura desse sorte	se	burro não puxava carroça.
Viu o acidente,	no entanto	não socorreu as vítimas.
Ela comprou a passagem	e	partiu no primeiro trem.
Passarinho não come pedra	porque	não sabe o bico que tem.
Ela era tão medrosa,	que	não saía de casa.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Quadro 8 – Formação de frases na caixa 4

CAIXA 4		
Nunca chegará ao fim	por mais que	ande depressa.
Houve protestos	depois que	o diretor saiu.
Não poderemos nadar	mesmo que	faça calor.
Tudo aconteceu	conforme	planejamos.
Ele treinou por muitos dias,	todavia	não venceu a prova.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Após o registro dos períodos construídos da sua caixa, os grupos trocaram as caixas até realizarem a atividade com as 4, totalizando vinte períodos construídos.

Para fazermos a correção da atividade, cada grupo leu os períodos construídos com a primeira caixa utilizada. Sendo assim, cada grupo apresentou a correção dos períodos de uma caixa e comentou sobre outras possibilidades de formação dos períodos com os conectivos. À proporção que os grupos liam os períodos, eu perguntava qual o conectivo utilizado para interligar as orações e registrava cada resposta no quadro.

Para finalizar, sistematizei o conteúdo, falando sobre a importância do uso adequado dos conectivos na construção da coesão textual e o sentido que cada um apresentava no período

construído. Ao lado de cada conectivo, escrevi o sentido e pedi para que os alunos escrevessem também ao lado dos períodos construídos: adição, oposição, alternância, conclusão, causa, condição, conformidade etc.

Etapa 2 – Interligação de sentidos (3 horas/aula)

Iniciamos a aula assistindo ao vídeo de animação *Conto animado Bullying (Blender)*. Em seguida, fiz a abordagem de algumas questões sobre o vídeo, tais como: A falta das falas das personagens atrapalhou a compreensão da história apresentada? Qual o tema abordado na história? Qual o público-alvo desse vídeo? Qual o objetivo desse vídeo? O que você achou de positivo nesse vídeo? Qual a importância da abordagem desse tema? Quem são as maiores vítimas do *bullying*?

O vídeo não apresenta falas e, no momento da exibição, os alunos ficaram atentos e faziam comentários das ações sofridas pelo personagem. De modo geral, eles compreenderam a história, assim como identificaram o objetivo, o público-alvo e consideraram interessante a forma como foi abordado o tema, pois as pessoas que não sabiam ler poderiam entender as informações transmitidas.

Após a conversa com os alunos, recordei a atividade desenvolvida na aula anterior. Pedi-lhes que registrassem no caderno o período que escrevi no quadro, completassem o espaço com os conectivos indicados e escrevessem, ao lado, o sentido expresso em cada um. Chamei também a atenção para algumas alterações necessárias que aconteceriam no período para que ficasse coeso.

A aluna escreveu o texto _____ foi selecionada no concurso.				
e	mas	por isso	ou	portanto

Sistematizei as informações no quadro e classifiquei as orações para que os alunos relembassem as terminologias que são utilizadas, mas destaquei a importância de eles compreenderem o sentido construído com as conjunções.

Na análise da produção inicial, percebi que os alunos apresentaram problemas quanto ao uso correto de pontuação ou apresentaram falta de pontuação, como ponto final e vírgula. Mesmo não sendo o foco principal dos problemas apresentados na atividade diagnóstica,

realizei uma atividade para chamar a atenção dos alunos para o uso da vírgula e do ponto final no texto e a construção de sentido produzido.

Escrevi o texto no quadro e, nos espaços, coloquei alguns nomes de alunos. Pus sobre a mesa uma caixinha com balas, para que os alunos despertassem a curiosidade e ficassem motivados.

<p>Este presente é para _____ não para _____ também não _____ penso em dá-lo para _____ não é para _____ jamais será dado para _____.</p>

Os alunos ficaram ansiosos e, a todo custo, queriam mostrar que o presente deveria ser do que estava lendo. No texto, empreguei alguns pontos e vírgulas e fui enfatizando durante a leitura o local do sinal de pontuação e como deveria ser a leitura. Fiz outras alterações e mais uma vez realizei a leitura.

Percebi que, de modo geral, eles compreenderam a atividade e se mostraram curiosos e interessados. Pedi para que um aluno fosse ao quadro e modificasse a pontuação e o local, para que percebessem outras possibilidades. Duas alunas aceitaram participar da atividade de forma espontânea, mas deixaram bem claro que as duas tinham de estar juntas.

Não houve problema em aceitar as condições colocadas por elas, pois embora os alunos conversassem bastante em seus grupos, eles não gostavam de se expressar para a turma. No entanto, a cada atividade realizada encorajei e provoquei os alunos para que sentissem segurança para se expressar em público.

6.4 PRODUÇÃO FINAL: TRANSPOSIÇÃO DAS IDEIAS, REVISÃO E REESCRITA

A produção final é o momento, segundo os autores Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004), em que o aluno tem a oportunidade de colocar em prática o aprendizado adquirido na realização das atividades dos módulos e permite ao professor realizar uma avaliação somatória dentro das constatações construídas durante a sequência. Esse é o momento para o aluno revisar e reescrever seu texto, avaliando seu progresso na produção textual e, também, o momento de dar o destino final ao seu produto.

Para a etapa da reescrita, com carga horária de 11 horas/aula de duração, utilizei o bilhete orientador como recurso para que os alunos fizessem as correções que fossem necessárias.

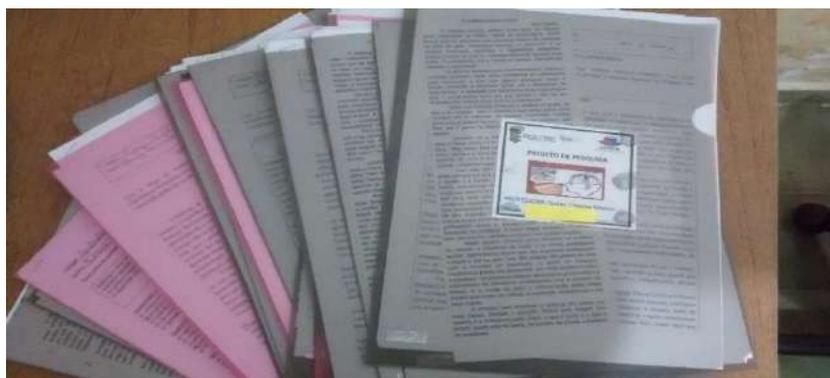
O trabalho de reescrita incitado pelo bilhete-orientador pode inaugurar um espaço de interlocução entre professor e aluno, e, através dessa interação, possibilitar novas formas de encarar o fazer textos na escola. Uma nova forma que deixa de lado um pouco a tarefa e a nota, tão arraigadas às práticas escolares, já que o aluno passa a ter um leitor interessado no seu texto, e não apenas alguém à procura de erros [...]. (NASCIMENTO, 2009, p.77)

Vale ressaltar que a elaboração do bilhete orientador se revelou como um desafio, tanto no que se refere à própria redação do texto, no sentido de adequar a linguagem à compreensão do aluno, quanto ao tempo dispensado para essa produção.

Etapa 1 – Produção textual- transposição das ideias: segunda versão (3horas/aula)

Os alunos receberam a pasta com todo material utilizado nas atividades dos módulos, como vemos na imagem a seguir, e foram orientados a observar as anotações e atividades registradas no caderno. De posse desse material, eles tiveram a possibilidade de ler a produção inicial, para que observassem os problemas apresentados e pudessem fazer a nova versão do texto transpondo para o papel as ideias desenvolvidas nas discussões sobre o tema a partir dos textos de apoio e vídeos.

Figura 27 – Imagem das pastas com material impresso dos alunos



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Inicialmente, os alunos não entendiam porque precisavam escrever outro texto sobre o mesmo tema, alguns sugeriram escrever sobre outro assunto. Então foi necessário explicar sobre a apreensão de informações ocorridas nas atividades dos módulos, que ampliariam o seu repertório e corrigiriam problemas relacionados à escrita.

Perguntei-lhes se seria justo que fossem avaliados apenas com a primeira versão ou seria melhor ter a oportunidade de demonstrar o aprendizado adquirido. Nesse momento, considerei importante que eles tivessem acesso à ficha de critérios utilizada para análise do artigo de opinião da produção inicial deles e observassem as habilidades que deveriam ser apresentadas em seu texto.

Sendo assim, fiz uma leitura dos critérios para ajudar na compreensão de alguns termos que os alunos poderiam desconhecer e, ao mesmo tempo, eles observavam a produção inicial. Em seguida, os alunos receberam uma folha específica para fazer a segunda versão da produção textual e, assim, deram início à sua escrita (Cf. ANEXO 9).

A previsão para essa etapa seria de 3 aulas, entretanto, precisamos utilizar mais uma aula para que os alunos preenchessem a ficha de revisão. Na aula seguinte, os alunos receberam uma cópia da produção final e analisaram para preencher a ficha de revisão (Cf. APÊNDICE J).

Alguns precisaram de orientação para fazer a análise da produção final e preencher a ficha. Então foi necessário que eu lesse e fizesse uma breve explicação de cada item, para que eles respondessem de acordo com suas observações.

Durante a atividade, eles relatavam alguns problemas apresentados no texto e diziam que queriam “passar a limpo”. Tranquilei-os, informando que aquela não era a versão final e que eles receberiam orientações para a reescrita do texto. Essa frase gerou um certo barulho, pois alguns alunos não compreendiam porque deveriam “escrever três textos sobre o mesmo tema”, como eles diziam, e foi necessário que eu retomasse as etapas da produção textual escrita.

Usei como exemplo a necessidade que os grandes autores têm de fazer diversas revisões e reescritas de suas obras até chegar ao produto final. Sinalizei que também realizamos essas etapas no nosso cotidiano, quando lemos e “corrigimos” uma mensagem antes de enviá-la. Destaquei, ainda, a necessidade de revisar o texto, para que as mensagens não gerem outras interpretações que podem levar a desentendimentos.

Depois da nossa conversa, os alunos ficaram mais tranquilos. Mas compreendo que é preciso entender a impaciência dos alunos, até mesmo porque são jovens, ativos, fazem parte de uma geração em que as informações são velozes e querem mudanças rápidas a todo instante. Infelizmente, o ocorre que, geralmente, as aulas de produção textual, principalmente com gêneros argumentativos, quebram as etapas do processo, e os alunos são condicionados a escrever e entregar as produções, mesmo que alguns ainda “passem a limpo”, fazendo poucas alterações.

Entretanto, tenho a convicção de que um trabalho com a sequência didática – em que os alunos tenham a possibilidade de realizar as etapas de produção textual, planejar suas ideias, escrever, revisar sua produção e reescrever – pode minimizar problemas relacionados à escrita e melhorar o seu desempenho.

Etapa 2 – Revisão e reescrita (4 horas/aulas)

Essa etapa foi destinada à reescrita do artigo de opinião. Assim, para que os alunos se sentissem mais tranquilos, optei por realizar um trabalho em duplas escolhidas de forma livre. Claro que houve aqueles que desejaram “fazer uma dupla de três”, como eles dizem, mas conversamos sobre as atividades que seriam desenvolvidas e perceberam que um número maior de alunos poderia atrapalhar.

A atividade de reescrita ocorreu depois de uma semana sem aula, devido à paralisação gerada pela falta de pagamento aos servidores da escola pelas empresas terceirizadas que assumem esse serviço nas escolas públicas da rede estadual da Bahia. Esse tempo foi importante para que eu analisasse as produções e escrevesse os bilhetes orientadores para a reescrita da produção final.

Quero ressaltar que a produção dos bilhetes-orientadores me exigiu uma sobrecarga na questão do tempo, pois foi necessário fazer uma análise detalhada das produções dos alunos com domínio de conhecimentos aprofundados sobre o gênero artigo de opinião e dos recursos linguísticos-discursivos dos gêneros argumentativos, para que eu conseguisse apontar para os alunos os seus avanços e o que ainda faltava.

Na produção dos bilhetes, precisei adequar a linguagem, para que os alunos compreendessem as minhas observações e identificassem onde fazer as modificações no texto sem retirar do aluno a autoria do seu texto, pois eles podem apresentar problemas linguísticos, mas também discursivos. Foi necessário fazer que o aluno desempenhasse seu papel como autor e leitor do seu próprio texto e refletisse sobre a sua própria linguagem.

Após uma semana sem aulas, os alunos retornaram agitados, conversando bastante e, de uma certa forma, com dificuldades de concentração. Nesse momento, foi necessário conversarmos com os alunos, a fim de conseguir realizar as atividades. Não tenho dúvida de que a interação com a turma e o diálogo constante em diversos momentos (de cansaço, desânimo, indisposição e até incredibilidade em seu próprio potencial) possibilitam ao aluno uma reflexão sobre as suas dificuldades e podem gerar um estímulo, para que não desistam do processo de aprendizagem.

Nesse sentido, após conversarmos, pedi às duplas que trocassem os textos, lessem e discutissem sobre suas produções finais. Salientei que observassem se percebiam no texto a opinião do colega sobre o tema e alguns alunos relataram que partes dos textos da dupla eram semelhantes. Esse comentário foi importante para falar sobre a transcrição completa de textos orientadores do tema e ressaltar a importância de escrever demonstrando autoria, apresentando claramente a sua opinião.

Entreguei um dicionário para cada dupla, para possíveis consultas, caso considerassem necessárias, e lhes apresentei o bilhete orientador (Cf. APÊNDICE P). Pedi que tivessem atenção, pois, no bilhete, constavam observações feitas a partir do texto de cada um e era individual. Portanto, eles não poderiam se apoiar no texto dos colegas para realizar a reescrita.

Acredito que essa tenha sido a atividade que mais exigiu atenção e envolvimento do aluno, para que compreendesse o que ainda faltava em seu texto para finalizá-lo. Não que eu tenha considerado o texto acabado, pois sabemos que todo texto pode sofrer modificações em qualquer momento, a depender de um novo contexto.

Os alunos demonstraram uma certa dependência no início da atividade e requisitaram a minha ajuda, dizendo que não queriam “errar”. Assim, orientei que poderiam rabiscar as modificações necessárias na cópia da produção final antes de reescrever o texto. Sugeri, também, que se atentassem às orientações contidas no bilhete orientador.

Não foram tarefas fáceis para que eles ler o bilhete e perceber, em seu texto, como realizar as alterações. Muitos demonstraram impaciência, e isso gerava um certo barulho que acabava dificultando, ainda mais, a realização da atividade. Fui atendendo aos chamados e tentando explicar como deveriam proceder. Com o passar do tempo, eles foram criando mais autonomia, requisitando menos a minha ajuda ou apenas pediam a colaboração do colega.

No momento da reescrita na folha específica, os alunos se mantiveram em silêncio e não queriam ser incomodados com barulho algum. Quase todos realizaram a atividade em tempo hábil, alguns solicitaram outra folha para reiniciar o texto devido a alguma rasura. Apenas cinco alunos, que tiveram problema com a concentração na atividade, atrasaram-se, então precisamos utilizar parte do intervalo para concluir.

Etapa 3- Análise das produções textuais (2 horas/aula)

À medida que os alunos chegavam na sala, iam recebendo a cópia das três versões produzidas, com uma mensagem parabenizando pelo desempenho e um chocolate. Eles se

mostravam surpresos ao analisarem seu desenvolvimento e alguns diziam que não acreditavam que tinham conseguido aquele avanço em suas produções.

Uma aluna me indagou se ela conseguiria escrever outros textos com aquele desempenho. Aproveitei para ressaltar a importância da realização das etapas que desenvolvemos para atingirmos aquele nível de desenvolvimento. No entanto, ela retrucou sobre a demora das etapas para a realização das atividades e precisei explicar que cada vez mais ela desenvolveria habilidades e o processo seria mais rápido porque ela já teria mais competências acumuladas.

No segundo momento conversamos sobre a importância e os objetivos da construção do blog da escola para divulgar os trabalhos realizados pelos alunos em todas as disciplinas e fizemos uma eleição para a escolha do nome. Depois de algumas sugestões dadas pelos alunos e registradas no quadro, elegemos o nome que não poderá ser informado aqui para manter o sigilo sobre a escola e os alunos garantidos em documentos do Comitê de Ética. Eles ficaram animados e eu me comprometi a me empenhar na criação do blog com a colaboração de sugestões deles.

Eles sugeriram para abrir espaço nas publicações dos alunos para que fizessem comentários e também fossem postadas imagens dos alunos em atividades na escola a fim de divulgarem suas habilidades intelectuais, culturais, artísticas e profissionais.

Creio que os alunos viram no blog a oportunidade de dar uma outra função sociocomunicativa para suas produções diferente de produzir um texto e entregar para ser avaliado pelo professor e por esse ser um ambiente que possa permitir a divulgação de eventos realizados pela escola.

Infelizmente essa criação não pode ser feita na escola pela falta de uma conexão de internet de boa qualidade para esse tipo de atividade e também porque exigiria a ajuda de um profissional da área que pudesse nos auxiliar. Assim, foi necessário buscar além da ajuda de alunos e de um funcionário da escola para fornecer informações necessárias para as postagens, a colaboração de um profissional.

Etapa 4 – Reunião com a comunidade escolar (2horas/aula)

No dia seguinte, ocorreu a reunião da unidade com a participação da direção, dos professores, funcionários, alguns alunos e pais. Conforme combinado com a professora da classe e com a diretora da escola, ministrei uma palestra sobre o tema trabalhado com os alunos da pesquisa, *Bullying*, e das informações obtidas com os alunos sobre esse tipo de agressão.

Após a diretora dar abertura à reunião e uma professora proporcionar um momento religioso, iniciei a palestra com a exibição do vídeo de animação *Conto animado Bullying (Blender)* e uma conversa sobre o vídeo. Destaquei porque aquele tipo de agressão representava um grande problema, principalmente, para as vítimas, e qual o papel dos pais diante de um fato como aquele.

Figura 28 – Mosaico de fotos da reunião com pais e professores



Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Em seguida, em *slides*, apresentei as informações sobre o tema, o resultado da pesquisa sobre a ocorrência de casos de *bullying* nessa escola. Eles assistiram ao vídeo do Projeto do Governo do Federal de Combate à Intimidação Sistemática, *Tipos de bullying*.

Os pais se mostraram surpresos com a informação dada pelos alunos que responderam ao questionário e relataram sobre a ocorrência de *bullying* em casa. Foi um momento de interação entre a escola e a família, em que os pais e responsáveis se comprometeram a observar e conversar com os filhos, para que não sejam os agressores e se sintam seguros se forem vítimas.

Descrevi para pais e professores que ali estavam as atividades desenvolvidas durante esse período de intervenção. Realizei a leitura do texto de um dos alunos da turma participante da pesquisa, e uma professora leu alguns poemas dos alunos de outras turmas, que foram apresentados em um recital em comemoração ao aniversário da cidade. Aproveitamos a oportunidade para comunicar a criação do *blog* da escola, onde serão divulgados eventos e produções realizadas pelos alunos.

A reunião foi um excelente momento para abordar um tema de grande relevância como sugere a Lei 13.185/2015, para a escola divulgar parte das atividades desenvolvidas pelos alunos durante o período de intervenção e, também, para aproximar a relação com a família, no

intuito de estabelecer parcerias que visem ao melhor desempenho dos alunos na aprendizagem e na formação enquanto cidadãos.

6.5 CULMINÂNCIA DA PROPOSTA E APLICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após uma semana, retornei à escola para a aplicação de um questionário, a fim de que os alunos avaliassem a sequência didática e o desempenho dos sujeitos envolvidos. Também aproveitei o momento para, em uma confraternização, agradecer aos alunos a participação nesta pesquisa.

Realizamos as atividades desse momento em uma sala utilizada para reuniões e alguns eventos festivos. Assim, os alunos foram recebidos com uma mensagem e um chocolate e se acomodaram nas carteiras. Eles ficaram surpresos com a recepção e demonstraram satisfação em participar daquele momento.

Iniciei apresentando, em *slides*, todo o percurso das atividades desenvolvidas, o que significava aquela pesquisa, a importância da participação deles, os resultados obtidos na coleta de dados sobre a ocorrência de casos de *bullying* na escola, imagem do *blog* da turma, os resultados da nossa pesquisa e imagens da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, do *Campus V*, onde ocorrem as aulas do PROFLETRAS.

Em seguida, entreguei-lhes o questionário, para que respondessem. Nesse momento, alguns diziam que estavam emocionados, porque sabiam que seria uma despedida. Posso afirmar que eu e os alunos mantivemos uma relação cordial de parceria e amizade em que o respeito de ambas as partes permitiu a realização e a conclusão de todas as etapas.

Após terminarem de responder aos questionários, agradei à turma a colaboração. Alguns tomaram a fala, para registrar a importância do nosso trabalho, pedir desculpas pelas conversas e indisposições em alguns momentos e, também, para tecer alguns elogios a mim. Cumprimentamo-nos e encerramos nossas atividades com um *coffee break*, que organizei para festejar esse momento, na certeza de que alcançamos os objetivos propostos.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A principal diferença entre os processos de escolha no adulto e na criança é que, nesta, a série de movimentos tentativas consistiu o próprio processo de seleção. A criança não escolhe o estímulo (a tecla necessária) como ponto de partida para o movimento conseqüente, mas seleciona o movimento, comparando o resultado com a instrução dada.
(Vigotsky)

Neste capítulo, em três etapas distintas, apresentamos as análises e discussões dos resultados – da produção final, da reescrita, e outros resultados igualmente importantes à proposta deste trabalho. A seguir, detalhamos cada uma dessas etapas.

7.1 ANÁLISE DA PRODUÇÃO FINAL

Durante a execução da sequência didática, coletamos de cada aluno três produções textuais, aqui chamadas de produção inicial, produção final e reescrita. A produção inicial foi utilizada como a 1ª versão do texto (Cf. ANEXO 8), com a finalidade de identificar as dificuldades¹⁵ discursivas e linguísticas. A partir dessas informações, foi possível elaborar as atividades necessárias que pudessem trabalhar os problemas apresentados no texto, no intuito de desenvolver competências escritoras no aluno.

Para analisar as produções, orientamo-nos pelos três aspectos que constituem um gênero apresentados por Bakhtin (2011, p. 262), que são “o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo”. Podemos relacionar, no artigo de opinião, o conteúdo temático com o tema gerador da polêmica, a estrutura composicional, os elementos que constituem o gênero, e o estilo, a utilização de marcas linguísticas na construção dos argumentos e contra-argumentos.

Dessa forma, elaboramos uma ficha de critérios que privilegia esses aspectos, mas reforçando que serão levadas em conta as particularidades da turma no tocante ao seu conhecimento linguístico, seu desempenho discursivo e o seu nível de maturidade e idade, pois, como afirmam Schneuwly, Dolz e Noverraz:

¹⁵ A análise referente à produção inicial consta no capítulo *Análise da produção inicial*.

[...] constitui um momento de conscientização do que está em jogo e das dificuldades relativas ao objeto de aprendizagem, sobretudo se o problema comunicativo a ser resolvido ultrapassa parcialmente as capacidades de linguagem dos alunos e confronta-os, assim, a seus próprios limites. (2004, p.87)

Na produção inicial, constatamos que os alunos, de modo geral, de forma mais expressiva, apresentaram dificuldades relacionadas a vários fatores: estrutura organizacional do gênero artigo de opinião; construção de contra-argumentos e argumentos relevantes e convincentes; desenvolvimento do tema ao longo do texto, de forma organizada e progressiva; construção de frases coerentes; segmentação adequada do texto em parágrafos; e utilização adequada de recursos linguísticos como elementos coesivos.

Durante a aplicação dos módulos, desenvolvemos atividades com o objetivo de realizarmos a discussão do tema abordado e buscamos trabalhar dificuldades que foram apresentadas no texto da produção inicial, para que os alunos realizassem, no momento da produção final, a segunda versão do seu texto, o momento da etapa da transposição das ideias. Assim, os alunos desenvolveram habilidades de leitura, compreensão, análise, discussão, pesquisa, identificação, produção, dentre outras que forneceram subsídios para ampliar suas competências escritoras.

Na produção final (Cf. ANEXO 9), constatamos que eles apresentaram uma melhoria no desempenho bastante significativa com relação à produção inicial. Essa constatação já reforça a importância de analisar as dificuldades dos alunos na produção escrita inicial e trabalhar essas habilidades durante os módulos, para que eles tenham a oportunidade de avançar no seu processo de desenvolvimento.

Para exemplificar, podemos destacar que, na produção inicial, o aluno C apresentava dificuldades com o uso de letra maiúscula no início do parágrafo e com o recuo da margem inicial, além de desenvolver suas ideias em torno do senso comum, prezando pelo lado religioso. No entanto, percebemos que, na produção final¹⁶, esses problemas já aparecem com menor ocorrência. Todos os parágrafos foram iniciados com letra maiúscula e, a partir do segundo parágrafo, o aluno modifica seu enunciado comparado à primeira versão.

Ele desencadeia a ideia, apresentando como os pais devem agir, quem são as principais vítimas, os tipos de *bullying* que são praticados e como os agressores devem se redimir, diferente da produção inicial, em que seus argumentos ficaram em torno da sua crença religiosa,

¹⁶ Produção final, nesta pesquisa, refere-se à segunda versão da produção textual. O último texto dos alunos chamamos, aqui, de Reescrita. Consta no anexo 9 todas os textos dos alunos.

abordando o tema de forma superficial, embora percebamos que, nessa produção, ele tenha utilizado trechos dos textos orientadores.

Figura 29 – Texto da produção final do aluno C

(O) Bullying

O bullying de todo tempo existe
as pessoas que praticam o bullying todo com
deliberadamente errada a culpa com o objetivo a pes-
soa que ta sendo ofendida.
A pessoa que sofre o bullying tem vários
formas de reagir.
Os pais dizem mentiras que o filho não é
culpado de perseguição e quem ofende tudo
as coisas e não pensam no que está fazendo.
E os pais pensam nas consequências
que ele pode causar.
Tá certo porque o bullying é uma prá-
tica de exclusão cujo principal objetivo costu-
ma ser pessoas nos relacionamentos,
e muitas das vezes as pessoas que pratica
am o bullying tá prejudicando e ofen-
dendo a pessoa que tá sendo ofendida e
não sabendo que isso tá ruim e não
deixa a pessoa e se a pessoa for de menor
ou menor tá prejudicando os seus pais tam-
bem e o bullying começa com intimi-
dações, piadinhas, acusações, xingamentos, dis-
criminação e coisas outras coisas.
E as pessoas que praticam o bullying
se que tá os direitos dos outros e não
deixa para o seu. Eles tem que entender que to-
dos são iguais e todos que ama
uns aos outros como que tá mesmo e tem
que fazer a diferença no mundo das outras pessoas.

Damos início a essa análise, observando o uso adequado dos elementos que organizam o gênero artigo de opinião. Dessa forma, quanto ao uso adequado do título, eles mantiveram os mesmos, sendo que dois alunos (D e O), embora tenham usado título na produção inicial, nessa, reservaram a linha destinada, mas não o colocaram. Sabemos que, no artigo de opinião, esse é um elemento indispensável para anunciar o texto e chamar a atenção do leitor. Podemos imaginar que eles tenham tentado modificar o título, mas que não tenham conseguido elaborar um que considerassem interessante.

Com relação à questão polêmica, os alunos A, B, D, E, F, G, H, J, K, M, O e P praticamente mantiveram a mesma forma de iniciar o texto por meio da definição da palavra *bullying* e, mesmo com a leitura e análise da lei que classifica como um tipo de intimidação e agressão, eles não modificaram essa introdução.

O aluno K não conseguiu apresentar o problema de forma adequada na produção inicial, entretanto, na produção final, embora com alguns problemas relacionados à pontuação, ao uso

incorreto da letra maiúscula e à troca da palavra “vítima” pela palavra “agressor, ele demonstrou maior habilidade, como podemos conferir nas duas introduções dos textos:

Figura 30 – Fragmento do texto do aluno K (Produção inicial)

O Bullying é um termo que dá e chiza, lava e tira. Muitos seus humores são de criticar a maneira de outro e modo de falar, vestir, andar, direitos de pessoas especiais etc. Isso sem saber se coloca no lugar do outro sentir na pele tudo que aquela pessoa passa, todas as suas dificuldades porque quando falamos "especial" é algo diferente, então o tratamento deles tem que ser melhor, tem que ser especial porque ela é especial.

Figura 31 – Fragmento do texto do aluno K (Produção final)

O Bullying é um grande problema, ele tá em qualquer lugar atingindo qualquer um. O bullying está mais visado e nos escolas um lugar construtivo, porém está mais difícil. O agressor do bullying não fala no alto, forte, gorda e magro de qualquer jeito ou maneira, qualquer ~~co~~ um pode ser.

Os exemplos a seguir demonstram como o aluno M, na produção final, apresentou a introdução da polêmica a partir da definição e estabeleceu uma relação entre o antes e o agora, referente às consequências para as vítimas, diferente da produção inicial, entretanto, apresenta problemas na falta de elementos coesivos na articulação das ideias.

Figura 32 – Fragmento do texto do aluno M (Produção inicial)

O Bullying é um tipo de opressão, humilhação que acontece de várias maneiras e em vários lugares.

O Bullying é feito por pessoas que tem pouca empatia, que se consideram os mais fortes da turma e são agressor.

As que cometem Bullying não gostam de se admitirem a rugras.

Figura 33 – Fragmento do texto do aluno M (Produção final)

O Bullying é um tipo de opressão, humilhação, intimidação, dentre outros. O bullying, de fato, sempre existiu. O que ocorre é que, com a influência da televisão e do internet, os apelidos pejorativos foram tomando outras ~~proporções~~ proporções.

Os alunos mantiveram as mesmas teses apresentadas na produção inicial. Mesmo que alguns ainda tenham definido o *bullying* como uma “brincadeira” ou apelido, suas teses eram em torno das consequências causadas nas vítimas e, por isso, não pode ser praticado, ou escreveram que, mesmo sabendo que o *bullying* sempre existiu, hoje, as proporções da agressão são muito maiores.

Nesse sentido, percebemos que os alunos buscaram em seus argumentos fazer o interlocutor partilhar da mesma opinião deles, adotando um novo comportamento e forma de pensar devido ao seu convencimento.

Na produção final, os alunos C, D, E, F, I, L, M, N, O e P transcreveram, para suas produções, trechos dos textos utilizados como suportes de informações. Contudo percebemos que alguns investiram, também, em colocar as informações apreendidas na lei de combate à intimidação sistemática e nas suas anotações referentes aos vídeos e discussões ocorridas na sala de aula.

Na produção inicial, apenas 3 alunos apresentaram um contra-argumento no texto, já na produção final, 6 alunos – A, E, I, J, K e L – contra argumentaram, como vemos nos fragmentos a seguir:

Figura 34- Fragmento do texto do aluno E

O autor de bullying acha graça, diverte de, quando acha outra pessoa pra praticar e com ela pior fica.

Figura 35 – Fragmento do texto do aluno J

Muitas pessoas confundem o bullying com brincadeira, mais o bullying é algo sistemático que ocorre diariamente.

Figura 36 – Fragmento do texto do aluno K

Os agressores não aceitam a diferença alheia sendo de ela qualquer coisa de característica diferente, ainda mais sendo mais considerada diferente pelo agressor ele vai querer causar até ele causar sem saber os sintomas que ele já causando na vida do vítima sendo que o agressor pensa que é algo engraçado e se torna algo então causa uma coisa repetitiva e o Bullying é uma Intimidação sistemática (Bullying nº 3.385/06/11/2015).

Na produção final, podemos verificar que os alunos A, B, C, E, G, H, I, N e O não conseguiram concluir a ideia, retomando a tese e finalizando o texto. Alguns, D, F, J, K, L, M e P, sugerem uma solução para o problema, mas não concluem a ideia final do texto, como podemos ver em alguns fragmentos a seguir.

Figura 37 – Fragmento do texto do aluno M

Com isso mesmo eu afirmo que professores, diretores, pais dentro outras pessoas, deve prevenir e combater o bullying.

Figura 38 – Fragmento do texto do aluno P

Os países devem mostrar que os filhos não são vitimas pelas perseguições e deixaram arde que ele tem os seus recursos e qualidade.
"Se criticam e não resolvem o problema"

Além dessa dificuldade para concluir o texto, percebemos que o aluno P escreve uma frase no final do texto como os alunos O, “Vamos ter o Brasil melhor”, e o aluno B, “Diga não ao *bullying*”, talvez com o propósito de causar um impacto no leitor.

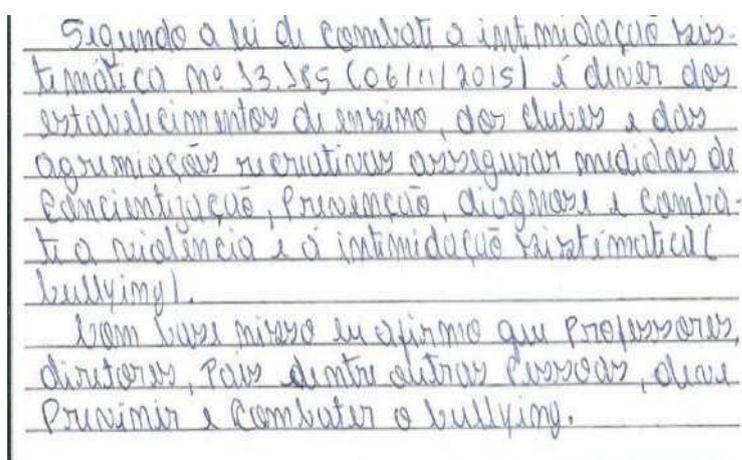
Com relação aos elementos organizacionais do gênero artigo de opinião, observamos que parte dos alunos escreveu a segunda versão do texto apresentando mais elementos. Consideramos, no entanto, que os argumentos podem ser mais fundamentados nas informações obtidas sobre o assunto, e eles podem se apoiar em posições contrárias para desenvolver seus argumentos.

No que se refere à adequação ao propósito do gênero textual de defender, convencer o outro que tem opinião contrária sobre um assunto ou tema, embora ainda não apresentem uma abordagem organizada e progressiva ao longo do texto, os alunos E, J, K, M, O e P

demonstraram ter mais habilidade que os demais alunos. Todos, no entanto, mostraram-se contrários à prática de *bullying*.

Os alunos A, E, H, J, K e M utilizaram informações baseadas na Lei 13.185/2015 de combate à intimidação sistemática, todavia não desenvolveram os argumentos apoiados nessa voz, pois sabemos que a autoria também se dá baseada em outras vozes utilizadas no texto para reafirmação da tese. Podemos verificar, no fragmento do aluno M, que ele apresenta essa informação e encerra o seu texto.

Figura 39 – Fragmento do texto do aluno M



Segundo a lei de combate a intimidação sistemática nº 13.185 (06/11/2015) é dever dos estabelecimentos de ensino, dos clubes e das organizações recreativas assegurar medidas de prevenção, promoção, diagnóstico e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying).

Com base nisso eu afirmo que professores, diretores, pais dentre outras pessoas, devem prevenir e combater o bullying.

Ao compararmos a produção inicial com a produção final, notamos que os alunos F, G, L e P mantiveram o mesmo texto, fazendo algumas correções relacionadas à ortografia e à concordância verbal das palavras. Os alunos A, B, H, J, M e O acrescentaram informações aos textos, apresentando mais informações e argumentos. E os alunos C, D, E, I, K e N escreveram um outro texto com enunciados completamente diferentes do texto da primeira versão.

Os textos apresentaram, de modo geral, uns de forma mais expressiva que outros, problemas relacionados à quebra do sentido lógico textual, pois as frases e os parágrafos não estavam interligados, mas compreendemos que, no decorrer do processo em que os alunos desenvolvem tais habilidades, podem, por meio da leitura de seus textos, fazer essas conexões e apresenta-las na reescrita.

Figura 40 – Fragmento do texto do aluno H

As vítimas do bullying ela fica calada e não fala
 com ninguém até um certo ponto que ela aguenta e quando
 não da mais ela se mata ou recorre com violência.
 O bullying com agressão moral é o pior porque todas
 as pessoas juntas contra essa vítima e começam
 a perturba-la. Por isso que as pessoas que sofrem o bullying
 a maioria preferem se calar e ficar no seu ou outro
 estado e pode acontecer algo de pior ao agressor.
 Também tem vários tipos de bullying que ocorre
 no dia-a-dia de cada pessoa graças a lei de combate
 a intimidação sistemática do bullying, o bullying diminuiu
 quase 30% do que existia e o número da lei 33.385
 criada em 01/11/2015. E não podemos esquecer os
 tipos de bullying que ocorre todos os dias e não
 podemos e são eles: físico, psicológico, moral, verbal,
 sexual, social, material, virtual.

Nesse fragmento, é possível perceber que ele apresenta a reação da vítima antes de falar sobre os tipos de *bullying* e sobre a lei que classifica esses tipos. Todavia, constatamos que, dentro do parágrafo, ele apresenta uma relação de causa e efeito como vemos a seguir.

Figura 41 – Fragmento do texto do aluno H

O bullying com agressão moral é o pior porque todas
 as pessoas juntas contra essa vítima e começam
 a perturba-la. Por isso que as pessoas que sofrem o bullying
 a maioria preferem se calar e ficar no seu ou outro
 estado e pode acontecer algo de pior ao agressor.

É importante ressaltar que, na análise dos textos da produção final, foram detectados outros problemas que os alunos não evidenciaram na produção inicial. Como as atividades dos módulos foram elaboradas a partir da produção inicial, essas dificuldades foram sinalizadas nos bilhetes orientadores, para que os alunos se atentassem a corrigi-las no momento da reescrita.

Assim como na produção inicial, não abordaremos os aspectos relacionados à adequação à modalidade padrão da Língua Portuguesa para produção escrita, pois acreditamos que essa correção deva acontecer na reescrita.

7.2 ANÁLISE DA REESCRITA

Para a realização da reescrita das produções, utilizamos a ficha de revisão (Cf. APÊNDICE J), para o aluno analisar seu texto e identificar o que já tinha alcançado e o que precisava alcançar. Como salientam Coelho e Palomanes (2016, p.33):

É essencial, também, promover a reescrita dos textos para que os alunos, sozinhos, em dupla, ou em pequenos grupos, possam se autoavaliar; perceber o que precisa ser mudado nos textos, comparar suas produções com as dos colegas; questionar os critérios usados pelo professor, enfim, serem reais autores dos seus próprios textos.

Essa análise foi baseada nos aspectos relacionados ao uso adequado do título, a apresentação da questão polêmica, da tese do autor e de opiniões contrárias, a construção dos argumentos capazes de convencer o leitor, uso de recursos linguísticos como modalizadores e articuladores argumentativos e a linguagem adequada utilizada para o gênero artigo de opinião.

A partir da análise da produção final e do que os alunos apontaram na ficha de revisão, elaborei o bilhete orientador (Cf. APÊNDICE P), sinalizando algumas observações para a correção do texto, a fim de que eles apresentassem um melhor desempenho na reescrita, pois observei que, em alguns aspectos considerados, por eles, evidentes no texto, ainda precisavam de mais informações sobre o tema ou de elementos que compusessem a organização do gênero artigo de opinião.

Desse modo, os alunos realizaram a etapa da reescrita seguindo as orientações apontadas no bilhete e na sua revisão textual. Embora não fosse o foco do nosso trabalho, foi preciso sinalizar, no bilhete orientador (Cf. APÊNDICE P), questões gramaticais, tais como pontuação, acentuação gráfica, ortografia e concordância verbal e nominal. Foi necessário, também, sinalizar sobre a estética do texto na apresentação das margens e os problemas relacionados à translineação no momento da escrita.

Sem sombra de dúvidas, as produções textuais da reescrita (Cf. ANEXO 10) apresentaram um resultado bastante significativo. Temos consciência de que uma reescrita não é o suficiente para dar conta de todos os problemas elencados na produção inicial, no entanto, o desempenho alcançado pelos alunos durante todo o processo demonstra que, ao desenvolver uma proposta de atividades com sequência didática, na qual, sistematicamente, trabalhamos as etapas do processo de produção, os alunos têm a possibilidade de desenvolver competências escritoras.

Os textos dos alunos corresponderam ao contexto de produção em que definimos o nosso interlocutor, a finalidade do nosso texto, as escolhas lexicais, o suporte em que será publicado e o contexto social ao qual os alunos pertencem.

Os alunos conseguiram explicitar suas opiniões sobre o tema de forma reflexiva e crítica, expondo o que sabiam e argumentando de acordo a sua visão de mundo e informações adquiridas nas leituras e discussões. Durante esse processo, avaliamos os alunos, comparando o nível de desempenho entre a produção inicial (1ª versão) e a reescrita (3ª versão), a partir das categorias de critérios¹⁷ desenvolvidas para a análise do artigo de opinião.

No texto da reescrita, os alunos reescreveram trechos, acrescentaram dados e informações, reestruturaram os enunciados, organizaram os parágrafos, complementaram seus argumentos, realizaram correções acerca do uso padrão na modalidade escrita e buscaram dar clareza aos seus textos, tanto para facilitar a leitura dos mesmos, quanto para atingir a finalidade proposta.

Um dos nossos objetivos era desenvolver uma proposta de intervenção com sequência didática, como sugere o grupo de autores de Genebra, em que sejam desenvolvidas as etapas do processo para a produção escrita, a fim de os alunos atingirem melhores desempenhos em gêneros argumentativos. Podemos afirmar que os resultados apresentados pelos alunos revelam a eficácia desse tipo de trabalho no contexto escolar.

Entretanto, como essa sequência teve um período de 49 aulas, cerca de três meses, os alunos apresentaram uma certa fadiga em relação à extensão do tema abordado, pois eles não consideravam importante a necessidade de pesquisar e coletar informações sobre um tema para escrever seu enunciado em um texto.

De acordo ao entendimento de muitos deles, eles já tinham “em suas cabeças o que tinham que escrever”. Um aluno relatou, em sua avaliação, sobre a nossa proposta que “teve momentos cansativos como o passar mais um texto, mas isso foi para o nosso crescimento”, outra aluna reconhece que, na reescrita, de ruim, em sua avaliação, seu texto passou para bom, porque ela “já estava boa no assunto”, no entanto, afirma que continuou “sem gostar de escrever”

Na análise da reescrita, observamos que poucos alunos conseguiram efetivamente corresponder às expectativas relativas a todos os aspectos de análise do gênero artigo de opinião, no entanto, levamos aqui em consideração a melhoria na proficiência alcançada por

¹⁷ Adequação aos elementos organizacionais do gênero, adequação ao propósito do gênero (defender, convencer) e ao tema, adequação a organização lógica textual (coerência e coesão) e adequação à modalidade padrão da Língua Portuguesa para produção escrita.

todos os alunos, o que já nos indica que, se os alunos tiverem a oportunidade de produzir seus textos, passando pelo processo do planejamento, revisão e reescrita, eles desenvolverão, de forma cada vez mais significativa, suas competências escritoras.

Acreditamos que quase todos os alunos compreenderam que o artigo de opinião é organizado a partir de uma questão controversa que aparentemente parece estar definida, mas que precisa da defesa do ponto de vista do outro com argumentos que possam sustentar a sua tese e provocar a mudanças no seu leitor. Nesse sentido, o tema *bullying* promoveu uma reflexão por parte dos alunos que, antes, consideravam como uma simples brincadeira, conforme apontaram em seus textos.

Eles tiveram a oportunidade de discutir o problema, rever seus conceitos e compreender as consequências para as vítimas. Talvez tenha partido desse aspecto a dificuldade para eles apresentaram, em suas produções, as opiniões contrárias à sua tese, pois, no decorrer das atividades de exploração sobre o tema, eles perceberam que tinham comportamentos que se caracterizavam como prática de uma intimidação sistemática.

Quando os alunos apontaram, em seus textos, que a prática do *bullying* se trata de uma brincadeira e diversão para um grupo, eles se puseram em consonância com o posicionamento dos agressores e, então, perceberam que faziam parte desse grupo. Ao notar que consideravam esse tipo de intimidação sistemática como uma ação inofensiva, deram-se conta dos prejuízos que também causavam às vítimas.

Assim, atendemos a mais um dos objetivos da nossa pesquisa, pois trouxemos um tema para discussão que promoveu reflexões a partir da realidade do aluno, possibilitando-lhe a percepção da função social do texto, ao formar opiniões e defender seu ponto de vista, pois a linguagem se realiza em situações práticas do convívio social, quer seja oral ou escrito.

Com relação ao critério de adequação aos elementos organizacionais do gênero textual, consta no quadro a descrição do nível de proficiência dos alunos.

Quadro 9 – Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação aos elementos organizacionais do gênero textual

NÍVEL	1. ADEQUAÇÃO AOS ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS DO GÊNERO TEXTUAL
Insuficiente	Texto não corresponde ao gênero ou apresenta alguns indícios na estrutura.
Básico	Uso limitado da estrutura e características do gênero.
Adequado	Emprego adequado do gênero mesmo que com alguns desvios.
Avançado	Uso consciente da estrutura e característica do gênero bem como a função sociocomunicativa.

Com relação a esse critério, constatamos os seguintes avanços: 2 alunos (B, N) saíram do nível insuficiente para o nível básico; 5 alunos (E, G, I, K e L), do nível insuficiente para o nível adequado; 3 alunos (A, F e H), do nível básico para o nível adequado; 1 aluno (O) saiu do nível básico para o nível avançado; e 2 (J, M) passaram do nível adequado para o avançado. Apenas 3 alunos (C, D, P) se mantiveram no mesmo nível básico, no entanto, eles melhoraram o desempenho dentro desse nível. Podemos conferir esses resultados no quadro a seguir.

Quadro 10 – Resultado de desempenho dos alunos no critério 1 (produção inicial e reescrita)

ADEQUAÇÃO AOS ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO					
Alunos	Produção Inicial	Reescrita	Alunos	Produção Inicial	Reescrita
A	Básico	Adequado	I	Insuficiente	Adequado
B	Insuficiente	Básico	J	Adequado	Avançado
C	Básico	Básico	K	Insuficiente	Adequado
D	Básico	Básico	L	Insuficiente	Adequado
E	Insuficiente	Adequado	M	Adequado	Avançado
F	Básico	Adequado	N	Insuficiente	Básico
G	Insuficiente	Adequado	O	Básico	Avançado
H	Básico	Adequado	P	Básico	Básico

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Esses avanços podem ser confirmados na análise de alguns elementos textuais dos textos dos alunos, comparando a produção inicial à reescrita, doravante chamadas de PI e RE.

Figura 42 – Fragmento do texto da PI do aluno A

O que o bullying não faz para quem pratica imediatamente não faz nada o bullying é uma agressão psicológica que causa a morte de 100 pessoas uma grande parte em número 80% sofrem de bullying no mundo frequentemente

Figura 43 – Fragmento do texto da RE do aluno A

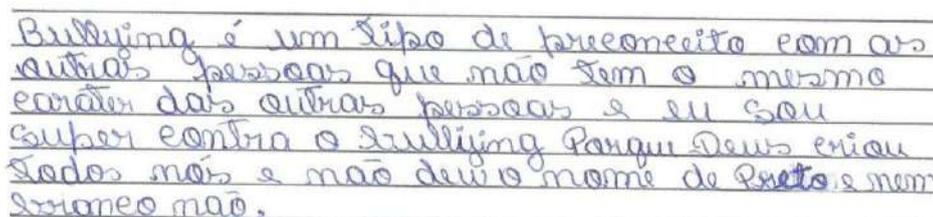
O bullying é uma agressão que atinge muitas pessoas. Dentre as pessoas atingidas, as que mais sofrem são as crianças com os vários tipos de bullying: verbal, moral, sexual, racial e o mais usado, o ciberbullying que ocorre pela internet.

Na apresentação da polêmica da produção inicial do aluno A, notamos que falta coerência em sua informação, pois apresenta dados que não têm comprovação e personifica o *bullying*, em seguida, define-o como uma agressão psicológica. Ao compararmos com a reescrita, ele já define como uma agressão, sinaliza quem são as principais vítimas e apresenta alguns tipos. Vale ressaltar que, na reescrita, todos os alunos conseguiram apresentar, no início do texto, o assunto gerador de polêmica.

Com relação ao título, apenas o aluno B não o colocou. Embora 6 alunos houvessem mantido o título *Bullying*, surgiram outros títulos, tais como: “O *bullying* é lei”, “O *bullying* assusta”, “Combate a intimidação sistemática”, “*Bullying* não!” “As face do *Bullying*”, “Contra o *bullying*”, “O que precisamos saber sobre o *bullying*”, “Fora *Bullying*!”.

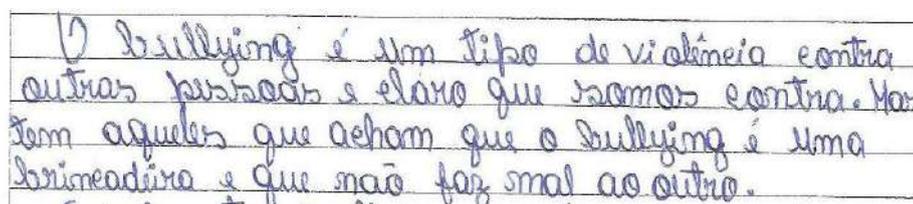
Com relação à tomada de posição da tese a ser defendida, todos os alunos conseguiram evidenciar que se mostravam contra essa prática. Alguns alunos apresentam na RE o assunto, apresentando a tese, já utilizando a posição contrária na introdução do texto diferente de como apresentaram na PI em que faltava leituras sobre o tema, como podemos verificar nos fragmentos a seguir:

Figura 44 – Fragmento do texto da PI do aluno F



Bullying é um tipo de brincadeira com as outras pessoas que não tem o mesmo caráter das outras pessoas e eu sou super contra o bullying porque Deus criou todos nós e não deu o nome de Preto e nem branco não.

Figura 45 – Fragmento do texto da RE do aluno F



O bullying é um tipo de violência contra outras pessoas e é algo que somos contra. Mas tem aqueles que acham que o bullying é uma brincadeira e que não faz mal ao outro.

Todos os alunos se apoiaram nas discussões, nas informações dos vídeos, nas pesquisas e leituras para construir seus argumentos, a fim de sustentar sua tese contrária à prática de *bullying*. Os alunos A, C, H, J, K, L, M e O apresentaram dados da lei 13.185/2015 para construir argumentos, no entanto, os alunos A, C, H, K e L não conseguiram desenvolver os argumentos.

Figura 46 – Fragmento do texto da RE do aluno J

Segundo a Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015 de combate a intimidação sistemática, foi criado pelo governo, para diminuir esse tipo de prática principalmente nas escolas onde não se pode aceitar isso.

As formas de Bullying mais comuns são: agressões físicas e verbais, ameaças, boatos, chantageiras, apelidos, insultos, exclusão, isolamento, humilhação e outros tipos de se ridicularizar uma pessoa.

Figura 47 – Fragmentos do texto da RE do aluno M

Segundo a Lei 13.185 (06/10/2015) de combate a intimidação sistemática e dever dos estabelecimentos de ensino, dos clubes e das organizações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate para a violência chamada bullying com livros mesmo que professores, diretores e pais devem promover e combater o bullying.

Figura 48 – Fragmento do texto da RE do aluno O

Segundo a lei nº 13.185 de combate a intimidação sistemática, o bullying é um ato de violência física ou psicológica.

Temos que pensar antes de falar pra não acabar machucando uma pessoa que se sente desamparada e sofre com constantes intimidações por parte de agressores que querem praticar o bullying.

Os alunos A, C, E, F, G, H, K, L, N e P inseriram, em seus artigos, os dados coletados na pesquisa realizada na escola sobre a ocorrência de práticas de *bullying*. Os alunos E, F, L e N não conseguiram argumentar baseados a partir desses dados. Os alunos C, H e K finalizaram o texto com essa informação e sugeriram que a escola fizesse alguma coisa, no entanto, eles não especificaram o que deveria ser feito. E os alunos A e G desenvolveram os argumentos de forma convincente, como podemos observar:

Figura 49 – Fragmento do texto da RE do aluno A

“Na nossa escola fizemos uma pesquisa e descobrimos que 99 alunos já sofreram bullying, 39 estão sofrendo. A escola precisa ajudar esses alunos e também conscientizar os agressores para que não façam mais agressões. Esses agressores não são os alunos e os professores sempre são frequentes. O bullying não pode mais existir.”

Figura 50 – Fragmento do texto da RE do aluno G

O bullying é mais comum no ambiente escolar mas também acontece na própria família que tal vez apelido feio e de outras ficam também chamando. Como relataram as pesquisas da escola na escola é mais comum o bullying verbal e físico e a vítima não consegue pedir ajuda para ninguém porque fica com vergonha de falar a situação. No JB os alunos disseram 99 já foram vítimas de bullying 39 estão sofrendo bullying. Também bullying em casa e na escola foi a pessoa vai suplantando tudo até que um dia pode não gostar de agredir também para se defender. A escola precisa criar atividades que ajudem a acabar com o bullying e as vítimas passam ficar seguras temas que acaba com essa violência.

Um dos problemas apresentados na produção inicial foi a falta de contra-argumentos nos textos, para que os alunos refutassem uma posição contrária. Apenas os alunos B, D, G, H, e P não conseguiram desenvolver essa habilidade na reescrita. Podemos exemplificar o contra-argumento utilizado pelo aluno E que não conseguiu fazer essa construção na primeira versão, mas, sim, na reescrita e utilizou articuladores argumentativos, tais como “geralmente”, “é claro”, “de certa forma” na refutação.

Figura 51 – Fragmento do texto da RE do aluno E

“O autor do bullying geralmente acha graça, divertido como uma brincadeira. Quando encontra a sua vítima para agredir e faz isso de forma sistemática e vai pensando com o passar do tempo. É claro que o comportamento violento de agredir é inaceitável, mas que é possível mudar essa conduta. De certa forma, o bullying é uma prática de exclusão social e os alunos mais pobres costumam ser pessoas mais rebaixadas e inseguras.”

Entretanto, dos 11 alunos que utilizaram contra-argumento no seu texto, apenas 7 refutaram a ideia contrária de maneira relevante. Também verificamos que metade dos alunos ainda apresentou dificuldades na conclusão, pois não conseguiu retomar a tese para reforçar sua finalização. Alguns finalizaram com os dados da pesquisa realizada na escola, apontando que tinham as informações, mas não conseguiram utilizá-las para argumentar.

De modo geral, os avanços dos alunos na reescrita foram muito significativos comparados à produção inicial, no que se refere aos elementos que devem fazer parte da organização textual do artigo de opinião. Eles demonstraram conhecer os elementos, embora tenham apresentado dificuldades na articulação das partes.

Com relação ao propósito do gênero textual artigo de opinião – defender, convencer – e ao tema, na reescrita, vale ressaltar, de início, que quase todos os alunos conseguiram desenvolver de maneira satisfatória a abordagem do tema ao longo do texto, com organização e progressão das ideias. A maioria definiu *bullying*, apresentou como tese as consequências para as vítimas, utilizou como contra-argumento a compreensão de *bullying* como brincadeira por parte dos agressores ou a afirmação de alguns ao dizer que sempre existiu, e seus argumentos foram construídos, referindo-se à lei, ao comportamento dos agressores e a quem são as principais vítimas. No quadro a seguir, consta a descrição do nível de proficiência dos alunos no critério referente à adequação e ao propósito do gênero e do tema.

Quadro 11 – Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação ao propósito do gênero textual e ao tema

NÍVEL	2. ADEQUAÇÃO AO PROPÓSITO DO GÊNERO TEXTUAL E AO TEMA
Insuficiente	Não faz a abordagem do tema, fuga da ideia central com o mínimo de articulação das ideias com relação ao tema.
Básico	Articula as ideias de forma limitada para abordagem do tema baseando-se nos textos orientadores
Adequado	Desenvolve o tema e dá indícios de autoria nas ideias expressas.
Avançado	Extrapola o recorte temático e demonstra autoria de ideias.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

De acordo com essa escala de nível de proficiência, constatamos que 1 aluno (I) avançou no seu desempenho do nível insuficiente para o nível adequado, 9 alunos (A, E, F, G, H, K, L, O, P) saíram do nível básico para o nível adequado, 1 (M), do nível adequado para o nível avançado, 4 (B, C, D, N) se mantiveram no mesmo nível básico, e 1 (J), no nível adequado, como podemos verificar no quadro a seguir.

Quadro 12 – Resultado de desempenho dos alunos no critério 2 (produção inicial e reescrita)

2 – ADEQUAÇÃO AO PROPÓSITO DO GÊNERO TEXTUAL E DO TEMA					
Alunos	Produção Inicial	Reescrita	Alunos	Produção Inicial	Reescrita
A	Básico	Adequado	I	Insuficiente	Adequado
B	Básico	Básico	J	Adequado	Adequado
C	Básico	Básico	K	Básico	Adequado
D	Básico	Básico	L	Básico	Adequado
E	Básico	Adequado	M	Adequado	Avançado
F	Básico	Adequado	N	Básico	Básico
G	Básico	Adequado	O	Básico	Adequado
H	Básico	Adequado	P	Básico	Adequado

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

O texto do aluno I que foi classificado com o desempenho insuficiente na produção inicial, não fugiu do tema, ele escreveu sobre o *bullying*, no entanto as informações que foram colocadas no texto estavam desarticuladas e dessa forma não conseguiu fazer a abordagem com o mínimo de encadeamento das ideias.

No entanto na reescrita, o texto desse aluno apresenta a abordagem do tema de forma progressiva e organizada, estabelece relações entre as partes, apresenta de forma clara a posição assumida, e faz a retomada do seu ponto de vista para reforçar a sua tese. Mesmo sem utilizar outras vozes, o aluno I consegue articular ideias de forma adequada e tornar o seu texto compreensível para o leitor.

Figura 52 – Texto da RE do aluno I (parte 1)

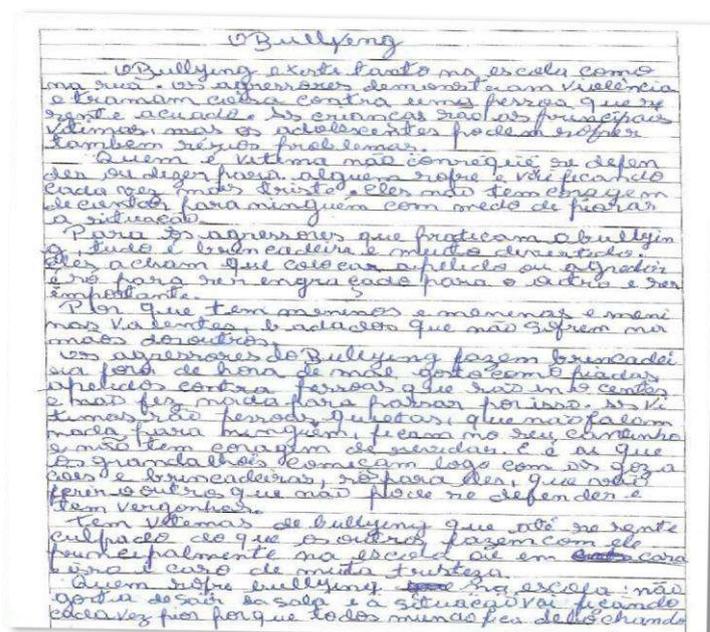


Figura 53 – Texto da RE do aluno I (parte 2)

articulando o fato da pessoa não fazer de ninguém. Tem a ideia ajudar no combate da intimidação subliminar, mas mesmo assim tem quem continua a fazer como se nada tivesse acontecido

Ao alcançar o nível adequado em seus textos, os alunos demonstram que conseguiram desenvolver o tema, apresentaram a tomada de posição contra a prática de *bullying* de forma clara, construíram argumentos convincentes, embora alguns fossem baseados nos textos orientadores, e conseguiram utilizar argumentos apoiados em outras vozes, como da lei 13.185/2015 e os resultados da pesquisa realizada na escola, deixando visível, no texto, sua voz enquanto articulista, “na nossa”, “claro que somos”, “infelizmente”, “é claro que sou contra”, “é bem verdade”, como podemos ver nos fragmentos a seguir:

Figura 54 – Fragmento do texto da R do aluno A

na nossa escola fizemos uma pesquisa e descobrimos que 99 alunos já sofreram bullying

Figura 55 – Fragmento do texto da R do aluno F

O bullying é um tipo de violência contra outras pessoas e claro que somos contra. Mas tem aqueles que acham que o bullying é uma brincadeira e que não faz mal ao outro.

Figura 56 – Fragmento do texto da R do aluno J

Infelizmente as pessoas que sofrem o bullying tendem a ficar depressivas, agressivas, costumam se isolar e em alguns casos a pessoa chega até cometer suicídio.

Figura 57 – Fragmento do texto da R do aluno L

É claro que eu sou contra o bullying e não acho certo. principalmente devido a internet as apelidos ficaram mais ofensivos principalmente porque os agressores se escondem dos agressões que fazem. Na escola os

Figura 58 – Fragmento do texto da R do aluno M

É bem verdade que intimidaram, em que dois ou mais concordam, não é considerado bullying. É considerado bullying todo tipo de

Com relação ao critério de adequação à organização lógica textual (coesão e coerência), constatamos que será necessário realizar mais atividades específicas para que os alunos utilizem os articuladores argumentativos com mais propriedade, entretanto, frisamos que, de acordo com o plano de curso da escola, os alunos estão desenvolvendo essas habilidades nessa série.

Como sinalizam Koch e Elias (2016, p.22), para a coerência “concorrem muitos conhecimentos (de língua, de textos, das coisas do mundo e de interação), em uma indicação de que a relação entre os sujeitos e o que se pressupõe entre eles como conhecimento compartilhado de modelos mentais estão na base do processamento textual”. Não se trata, portanto, de uma tarefa a ser realizada em uma sequência para resolver todos os problemas relacionados ao encadeamento lógico das ideias. Consta, no quadro a seguir, a descrição do nível de proficiência para os alunos

Quadro 13 – Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à organização lógica textual (coesão e coerência)

NÍVEL	3. ADEQUAÇÃO À ORGANIZAÇÃO LÓGICA TEXTUAL (COESÃO E COERÊNCIA)
Insuficiente	Problemas na organização do sentido nas frases e entre parágrafos.
Básico	Alguns problemas na continuidade de sentido e na utilização de recursos coesivos.
Adequado	Articulação satisfatória de sentido e progressão da temática com alguns problemas com recursos coesivos e pontuação.
Avançado	Articulação entre as partes do texto, domínio no uso dos recursos coesivos pontuação.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016

Constatamos que, na produção inicial e final, a maioria dos alunos apresentou problemas em articular os enunciados e em realizar uma progressão temática esperada no artigo de opinião com o intuito de convencer o interlocutor. A falta de operadores argumentativos e articuladores textuais provocaram a fragmentação dos enunciados e, conseqüentemente, comprometeram o sentido do texto como um todo.

Na reescrita, os alunos apresentaram um avanço na organização textual, na progressão temática e na articulação dos enunciados, elaborando frases coerentes, fazendo a segmentação do texto em parágrafos e utilizando recursos linguísticos como elementos coesivos. Nesse sentido, verificamos que todos os alunos tiveram avanços em sua proficiência, como podemos ver no quadro a seguir.

Quadro 14- Resultado de desempenho dos alunos no critério 3(produção inicial e reescrita)

3 – ADEQUAÇÃO À LÓGICA TEXTUAL (COERÊNCIA E COESÃO)					
Alunos	Produção Inicial	Reescrita	Alunos	Produção Inicial	Reescrita
A	Insuficiente	Adequado	I	Insuficiente	Adequado
B	Insuficiente	Insuficiente	J	Adequado	Avançado
C	Insuficiente	Básico	K	Insuficiente	Adequado
D	Básico	Adequado	L	Insuficiente	Insuficiente
E	Insuficiente	Adequado	M	Adequado	Avançado
F	Básico	Adequado	N	Insuficiente	Básico
G	Insuficiente	Adequado	O	Insuficiente	Avançado
H	Insuficiente	Básico	P	Básico	Adequado

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

De acordo com essa análise, 3 alunos (C, H, N) saíram do nível insuficiente para o nível básico, 5 alunos (A, E, I, G, K) passaram do nível insuficiente para o nível adequado, 3 alunos (D, F, P) saíram do nível básico para o nível adequado, 2 alunos (J, M), do nível adequado para o nível avançado, 1 aluno (O) passou do nível insuficiente para o avançado, e 2 alunos (B, L) se mantiveram no nível insuficiente.

Podemos apresentar como exemplo desses avanços o aluno E, a fim de observar como articulou os enunciados na PI e na RE.

Figura 59 – Fragmento do texto da PI do aluno E

O autor de bullying acha difíceis nos
 outros ~~se~~ e começam a praticar o
 bullying. A vítima de bullying pode ser
 identificada, porque ele fica calado no
 canto bem sozinho.
~~A vítima~~ ^{A vítima} pode cometer seu suicídio, ~~mas~~ pode
~~faz~~ fazer muitas coisas, pode até matar
 o autor de bullying. Bullying com agressão
 física ou moral os dois são ruins, por que
 de um jeito ou de outro é bullying. ~~mas~~
~~o~~ a agressividade é a arma daquela
 que se sente sozinha.

Figura 60 – Fragmento do texto da RE do aluno E

As vítimas de bullying facilmente são
 identificadas por causa da baixa auto-
 estima, timidez, apatia, insegurança. São
 crianças que se escondem e são geralme-
 nte quietas e mais calmas. As formas
 mais comuns ocorridas na escola são
 a agressão física e verbal com amea-
 ças, apelidos, malizmo, piadinhas.

Esse aluno apresentou problemas na organização do sentido das frases e, também, entre parágrafos na PI, no entanto, na RE, ele articulou os enunciados de maneira mais organizada, estabelecendo uma relação de causa e efeito dentro do parágrafo, embora ainda apresente problemas com recursos coesivos e com a pontuação.

Com relação a esse critério, o aluno L não conseguiu avançar nessa habilidade, mantendo-se no nível insuficiente. Embora tenha demonstrado avanços comparados à produção inicial, observamos que ainda apresenta os mesmos problemas na construção das frases, na segmentação do texto em parágrafos e na utilização de articuladores argumentativos, conforme podemos verificar no fragmento a seguir.

Figura 61 – Fragmento do texto da R do aluno L

O Bullying é quando a pessoa chama a outra de um apelido que não gosta ou xingamento como por exemplo alto grande, calção, cabelo de alano, coisas que ofendem a outra impedindo de trabalhar sem paz com outras pessoas. A intimidação sistemática bullying pode ser classificada em: Verbal, moral, sexual, social, psicológica, física, material, virtual. Os grandes problemas do bullying são as consequências que podem ir de uma depressão até uma reação do vítima em revidar e atacar o agressor. Antes que seja tarde demais, o bullying precisa ser combatido assim que for identificado. O bullying já acontece há muito tempo, mas as pessoas que cometem que dizem que é brincadeira mas para quem sofre é tristeza e vergonha. Será que o agressor sabe o que acontece com o vítima? Será que sabem o que uma vítima está sentindo?

É claro que eu não combato o bullying e não acho certo. Principalmente devido a internet os apelidos ficaram mais ofensivos principalmente porque os agressores se escondem dos agressões que fazem. Na mesma escola as alunos disseram 99 já foram vítimas de bullying 39 estão sofrendo bullying e sabem bullying em casa e na escola. O bullying

Como afirma Koch (2014, p.53), “a coerência se estabelece em diversos níveis: sintático, semântico, temático, estilístico, ilocucional, concorrendo todos eles para a construção da coerência global”. Assim, salientamos que, a partir da identificação de problemas como esses nos textos dos alunos, é indispensável que o professor realize atividades específicas no intuito de ele perceber a falta de encadeamento das ideias e da articulação entre elas.

O aluno O demonstrou articulação das partes do texto e domínio no uso dos recursos linguísticos coesivos responsáveis pela conexão dos enunciados, saindo do nível insuficiente, na PI, para o nível avançado na RE. Nesse momento, indago-me sobre a avaliação que o professor faria sobre as competências escritoras desse aluno se apenas tomasse como base a primeira versão do texto, pois, com as atividades desenvolvidas no módulos e a realização das etapas de produção textual escrita, os avanços alcançados por esse aluno já justificam a eficácia desse processo, como podemos verificar na comparação entre os textos da PI e RE a seguir.

Figura 62 – Texto da PI do aluno O

Bullying

Bullying é tudo aquilo que acontece no-
sso colega e coloca apalido, isso porque que
pode ser a morte, porque a pior que um
lepra no resto pode ser a morte pode ser a
a depressão.

O bullying já veio de muito tempo mas
no dia de hoje já é muito pior, o para
critica muito pelo jeito que se um
alguém já manda fazer bullying. Tem
que pensar antes de falar para não acabar
com uma vida. Tem gente que não sabe
de casa para não se ir sozinho.

Nós pode a lutar para acabar com o
bullying porque isso muito repete para
se não vamos denunciar essa pessoa que
fazem isso praticar com o mesmo nome
vamos ser uma boa pessoa e não ficar
sendo de mais colega.

O bullying sempre existiu. Os pais dizem mostrar
que o filho não é culpado pelas perseguições e
dizem claro que ele tem os seus valores e qualida-
de. É importante ensinar-lhe a contar sobre o
que acontece na escola e apresentar as pessoas que fazem parte
do seu ciclo de relacionamento.

Figura 63 – Texto da RE do aluno O

O Bullying

O bullying é tudo aquilo que acontece
judica muitas coisas, coloca apalido, prejudica
que vão tomando grande por pessoa. É uma prá-
tica que pode levar a brigas e morte. As cri-
anças são as principais vítimas, porém pe-
roxim muitos adultos que sofrem desde a
essa agressão.

O bullying já veio de muito tempo, mas
nos dia de hoje já é tudo pior, pois a agressão
se cada tem as rede sociais para aqui e se
estende criticando e machucando os outros e
para se tudo mais passa de uma brincadeira
diversão.

Se para a pessoa é uma brincadeira, pa-
ra o vítima é bullying e um trauma que
prezera muitas coisas e os pais precisa
ficar atentos aos sinais de tristeza, apatia,
agressividade e medo para os filhos que não
são culpados das perseguições, teriam de
claro e apoio e ajuda para solucionar
o problema por que muitas vítimas recorre
com medo de que se agrava.

É muito importante ensinar-lhe a contar
sobre o que acontece na escola e apresentar
as pessoas que fazem parte do seu ciclo de re-
lacionamentos.

Segundo o lei nº 13.185 de combate a
intimidação sistemática, o bullying é um ato
de violência física ou psicológica.

Temos que pensar antes de falar para não
acabar machucando uma pessoa que se sente
desesperada e não com constantes in-
timidações por parte de agressores que querem
praticar o bullying.

As pessoas que são vítimas de bullying
precisa ter coragem de denunciar para acabar
com isso que precisa conduzir seu caminho
e mudar a situação em 120. No dia acordado.

Embora tenhamos nos confrontado com o momento da reescrita, devido aos alunos demonstrarem não compreender essa necessidade, eles foram se envolvendo e percebendo que não significava “passar o texto a limpo”, mas, sim, o momento de eles exercitarem a leitura do seu próprio texto e, como leitores, analisar o que ainda precisava ser modificado.

Vale salientar que, ao realizar a leitura do seu próprio texto com o intervalo de tempo de uma semana da escrita da produção final, pudemos observar que os alunos se mostraram mais críticos na sua avaliação e buscaram manter a unidade de seu texto, para não perder o sentido global.

O quarto critério analisado diz respeito à adequação à modalidade padrão da Língua Portuguesa para a produção escrita. Mesmo não sendo o nosso foco de atividade nos módulos, problemas ortográficos, acentuação gráfica e uso de pontuação adequada, no decorrer das leituras dos textos utilizados, foi necessário chamar a atenção para esses aspectos, a fim de fazer que os alunos percebessem esses problemas em seus textos.

Uma das estratégias que utilizamos foi a realização de atividades em duplas ou em grupo, pensando que, nesse processo de interação, os alunos cooperassem no sentido de apontar

e vencer as dificuldades apresentadas como erros ortográficos, emprego apropriado das concordâncias e uso do registro formal, eliminando marcas da oralidade.

Nesse critério, apontamos no quadro a descrição do nível de proficiência esperado no texto da reescrita dos alunos.

Quadro 15- Descrição do nível de desempenho do aluno no critério adequação à modalidade padrão da língua portuguesa para a produção escrita

NÍVEL	4.ADEQUAÇÃO À MODALIDADE PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PRODUÇÃO ESCRITA
Insuficiente	Desvios generalizados e recorrentes de sintaxe e ortografia.
Básico	Poucos desvios da modalidade escrita, marcas da oralidade.
Adequado	Uso satisfatórios das regras normativas da escrita com alguns desvios.
Avançado	Domínio das regras normativas da escrita.

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Assim como nos outros critérios analisados, na RE, foi possível constatar que os alunos, de modo geral, fizeram correções necessárias em seus textos, para que se adequasse ao padrão exigido à produção escrita. Infelizmente, em nosso país, a competência escritora ainda é vista primeiramente pelo viés do uso ortográfico das palavras ou da concordância do uso do plural, e muitos alunos acabam envolvidos nessa ideia errônea, criando uma certa aversão à produção textual, com medo de “errar”.

Nesse critério, verificamos que 3 alunos (B, L, N) melhoraram o desempenho do nível insuficiente para o nível básico, 3 (A, G, O) passaram do nível insuficiente para o nível adequado, 8 (C, D, E, F, H, I, K, P) migraram do nível básico para o adequado, 1(M) saiu do adequado para o avançado, e 1(J) se manteve no nível adequado, como podemos conferir no quadro a seguir.

Quadro 16 – Resultado de desempenho dos alunos no critério 4 (PI e RE)

4 – ADEQUAÇÃO À MODALIDADE PADRÃO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA					
Alunos	Produção Inicial	Reescrita	Alunos	Produção Inicial	Reescrita
A	Insuficiente	Adequado	I	Básico	Adequado
B	Insuficiente	Básico	J	Adequado	Adequado
C	Básico	Adequado	K	Básico	Adequado
D	Básico	Adequado	L	Insuficiente	Básico
E	Básico	Adequado	M	Adequado	Avançado
F	Básico	Adequado	N	Insuficiente	Básico
G	Insuficiente	Adequado	O	Insuficiente	Adequado
H	Básico	Adequado	P	Básico	Adequado

Crédito: Izabel Ribeiro, 2016.

Nesse critério, os alunos realizaram a seleção lexical adequada ao contexto, ao tema e ao gênero e adequaram seu texto à modalidade escrita, de acordo com o seu conhecimento das normas gramaticais. Ressaltamos que não tivemos a pretensão, em qualquer momento, de resolver os problemas dessa esfera, pois acredito que se trata de um processo a ser desenvolvido ao longo das atividades em salas de aula. Sem dúvidas, no entanto, foi constatado na reescrita que muitos alunos conseguiram, durante a revisão, minimizar esses problemas.

Como exemplo, ao analisar o texto do aluno L, observamos que este praticamente não apresenta problemas em relação à ortografia, nem ao emprego das concordâncias, nem às marcas de oralidade, nem à acentuação gráfica, o que não faz de sua produção um texto coeso, pois ele apresenta problemas relacionados à progressão das ideias e à interligação entre as partes do texto.

Portanto, na análise dos resultados das produções dos alunos, é incontestável a importância das etapas do processo da produção escrita e da aplicação de atividades organizadas e sistemática, para que os alunos consigam desenvolver habilidades, a fim de ampliar suas competências escritoras. Ressaltamos, também, o papel mediador do professor como um elemento indispensável na interação com o aluno, para que compreenda o seu nível de desempenho, identificando o que falta para produzir textos com maestria, de acordo com o seu estágio.

7.3 OUTROS RESULTADOS

Diante dos avanços alcançados pelos alunos na reescrita do gênero artigo de opinião e das indagações dos alunos sobre esses avanços no momento da culminância e avaliação da sequência didática, decidi realizar uma outra proposta de produção textual do mesmo gênero com a abordagem de outro tema, no intuito de observar como seria o desempenho dos alunos ao desenvolver as etapas do processo de produção de maneira autônoma, sem a minha mediação direta.

Realizamos, então, a proposta com uma previsão inicial de 5 horas/aula, mas se estendeu para 7 horas/aula, por se tratar de uma atividade em que o aluno geriu o seu tempo de produção. Eles estavam em diferentes etapas ao longo do percurso, as quais precisavam ser respeitadas.

Aproveitando a fala da aluna e de outros que concordaram com o seu questionamento sobre a possibilidade (ou não) de obterem um bom desempenho na produção de outro artigo de opinião, sugeri que eles produzissem mais um artigo, no intuito de perceber as competências que foram desenvolvidas. Muitos concordaram, mas queriam saber qual seria o tema e quanto

tempo levariam para concluir a produção. Expliquei que seria uma atividade semelhante à que realizamos, e que eles deveriam realizar as etapas da produção textual escrita do gênero artigo de opinião, a saber: planejamento das ideias; transcrição das ideias para o papel; revisão; e reescrita.

A proposta foi realizada com toda a classe, entretanto, dos 16 alunos participantes da pesquisa, apresentaremos a análise dos textos de 14, pois os alunos B e D se ausentaram por esse período das atividades escolares.

Como quase todos os alunos aceitaram a proposta, partimos para a decisão das escolhas dos temas. Sugeri que abordassem temas diferentes e registramos alguns no quadro. No entanto, como tínhamos passado pelos festejos juninos e temos uma tradição polêmica da guerra de espadas – que foram proibidas, mas que continuam sendo tocadas – a grande maioria dos alunos fez essa escolha. Eles consideraram melhor que fosse um mesmo tema para toda a turma, porque teriam a oportunidade de discutir o tema e não correriam o risco da indecisão na escolha.

Como o propósito dessa atividade era analisar o desempenho dos alunos na realização autônoma das etapas da produção textual, não fiz objeção a essa opção. Desde a indicação do tema, dado por uma aluna, começou o debate em sala de aula entre os que são contra e os que são a favor da tradição da queima desse tipo de fogos de artifício.

Salientei que não seria analisado, neste artigo de opinião, se era correta ou não a proibição das espadas, mas que eles apresentassem seu ponto de vista e elencassem os argumentos que serviriam de apoio à defesa de sua tese, a fim de convencer seu leitor, fazendo mudar de opinião.

Assim, solicitei-lhes a realização de pesquisas sobre o tema, as quais deveriam ser trazidas para a sala na aula seguinte. Sugeri, também, que ouvissem a opinião de pessoas sobre a proibição, a fim de embasar seus argumentos na produção, pois precisamos “pensar em aulas e materiais didáticos [...] que estabeleçam uma inter-relação entre as atividades de leitura, produção de texto e análise linguística e que não fragmentem a relação entre a língua e a vida.” (BUNZEN, 2006, p. 159).

Alguns alunos trouxeram para a aula pesquisas realizadas na *internet* sobre o tema e informações coletadas com pessoas que se mostravam a favor ou contra a proibição da queima de espadas na cidade de Cruz das Almas. Eles relataram alguns fatos ocorridos no São João e, à medida que falavam, eu fazia alguns questionamentos para que refletissem sobre sua posição para a construção de argumentos que não ferissem aos direitos humanos.

Levei para a sala de aula alguns textos que abordavam a proibição das espadas em Cruz das Almas, para servir de suportes, no caso de alguns alunos não levarem material de pesquisa

suficiente. Coloquei os textos sobre uma mesa e salientei a importância e a necessidade de pesquisar e realizar leituras sobre um assunto, para que se possa construir um repertório de informações que dê subsídios no momento da produção de um texto argumentativo.

Os alunos que não tinham levado nenhum material escolheram alguns textos para ler e percebemos que as discussões passaram a apresentar argumentos mais contundentes baseados nas informações obtidas. Eles entenderam, por exemplo, que a proibição não fora determinada pelo prefeito ou governador, mas, sim, pelo o Tribunal de Justiça, a pedido do Ministério Público, fato que eles desconheciam. Eles buscavam informações, porque, em outras cidades, era permitida tal prática, mas em Cruz das Almas, cidade onde moravam, isso gerava muitos atritos com a polícia antes e durante a festa de São João.

Muitos questionamentos foram levantados e debatidos entre os alunos. Por se tratar de uma tradição festiva que atrai muitos turistas para a cidade e tem repercussão nacional, os alunos relatavam os fatos acontecidos recentemente, inclusive a morte de um “espadeiro”¹⁸ durante os festejos e os possíveis motivos que não foram divulgados pela mídia. Ao mesmo tempo que eles argumentavam a prática da confecção e queima de espadas como uma tradição, eles também apontavam os prejuízos e buscavam dar uma solução para o impasse.

Os alunos analisaram os prós e os contras da proibição e apresentaram algumas possíveis soluções para a liberação da confecção e queima das espadas na cidade. Conforme eles iam apresentando os questionamentos, considerei interessante registrar, de forma aleatória no quadro, para que, no final da discussão, eles avaliassem o que era importante e relevante para ser colocado no artigo de opinião.

Entreguei o material impresso (Cf. APÊNDICE N) com as orientações para a realização da produção textual e, assim, os alunos iniciaram o planejamento das ideias. Infelizmente, alguns alunos estavam dispersos e, mesmo participando ativamente das discussões sobre o tema e apresentando argumentos em defesa ou contrários a proibição, o mesmo não aconteceu no momento da produção textual escrita.

Alguns alunos deram início à atividade, mas continuaram conversando sobre fatos ocorridos no São João como casos de queimaduras, acidentes e prejuízos causados pelas espadas. No entanto, eles não registraram essas informações para utilizá-las no seu artigo de opinião, embora eu chamasse a atenção nesse sentido.

¹⁸ Termo utilizado em algumas cidades onde ocorre a tradição da queima de espadas para as pessoas que fabricam ou soltam esse tipo de fogos de artifício.

Como um dos propósitos dessa atividade era estimular um trabalho autônomo para que os alunos realizassem as etapas do processo da produção textual escrita por si só, reconhecendo a sua importância para o seu bom desempenho, precisei interferir em relação ao barulho, para não atrapalhar os alunos que estavam escrevendo.

De modo geral, os alunos que estavam desenvolvendo a atividade planejaram as ideias, mas queriam ouvir a minha opinião, se daquela forma estavam certos e se poderiam começar a escrever. A cada solicitação de ajuda, eu pedia que se atentassem para a estrutura organizacional do gênero artigo de opinião e a seleção dos argumentos que seriam utilizados de forma progressiva na construção do texto.

Mesmo pedindo que eu olhasse os seus planejamentos, percebi que os alunos procuraram seguir as orientações, também, a ordem das etapas. Foi necessário interromper a atividade devido ao tempo da aula e recolher o material. Alguns alunos desejaram levar o material para casa, porém, para ter a segurança de que as produções seriam feitas por eles, impedir os esquecimentos corriqueiros e ter a garantia de que realizariam as etapas do processo, achei mais seguro dar continuidade na aula seguinte.

Após a etapa de planejamento do texto, eles iniciaram a produção da primeira versão em folha de rascunho. Nesse processo, um dos alunos informou que precisava de um dicionário. Foi necessário pegar alguns exemplares e os levar para a sala. Observei que outros alunos também os consultavam e passavam para os colegas quando pediam. Essa foi uma prática que realizamos durante a execução da sequência e se mostrou, sem dúvidas, eficiente nos resultados.

No momento da transcrição das ideias, o barulho gerado por alguns alunos estava atrapalhando a concentração dos colegas e precisei interferir algumas vezes, pedindo silêncio e tentando motivá-los na realização da atividade. Sabemos que não se trata de uma tarefa fácil e que ocorra ocasionalmente na sala de aula. Esse comportamento dos alunos é mais comum do que gostaríamos, e tais atitudes geram um desgaste no professor para desempenhar suas funções. Mas para o momento de produção, o silêncio é primordial para manter a concentração.

Alguns alunos conseguiram escrever a primeira versão e deram início à revisão textual relendo o textos, fazendo as correções necessárias, acrescentado informações e checando se a produção textual atendia ao gênero pedido. Outros ainda buscavam informações nos textos pesquisados na *internet* para fundamentar seus argumentos.

No outro dia, levei para a sala de aula: alguns dicionários, prevendo que os alunos precisariam consulta-los, como na aula anterior; e a folha de produção definitiva, para que dessem seguimento às suas produções.

No decorrer da aula, alguns alunos desejaram que eu lesse o texto após a revisão feita por eles. Eu lhes assegurei que eles tinham competências para fazer a revisão e, caso considerassem necessário, eles poderiam requisitar a ajuda de algum colega que estivesse disponível. Acredito que os alunos solicitavam a minha correção por não termos utilizados o bilhete orientador nessa atividade para observar como seria o desempenho deles.

Alguns alunos deram início à reescrita das suas produções, enquanto outros estavam na revisão. Esse fato fez que alguns se mostrassem ansiosos ao perceberem que o colega estava em uma etapa mais avançada. No entanto, quando eu os tranquilizei, deram continuidade à sua atividade. Alguns finalizaram a produção e entregaram no tempo estimado, enquanto outros precisaram de mais tempo para concluir.

De posse dessas produções, realizei a análise a partir dos mesmos critérios utilizados na sequência. Assim como ocorreu com o texto da reescrita da sequência didática, os alunos demonstraram que compreenderam os elementos organizacionais do gênero artigo de opinião, mesmo que ainda tivessem demonstrado problemas na retomada da tese na conclusão.

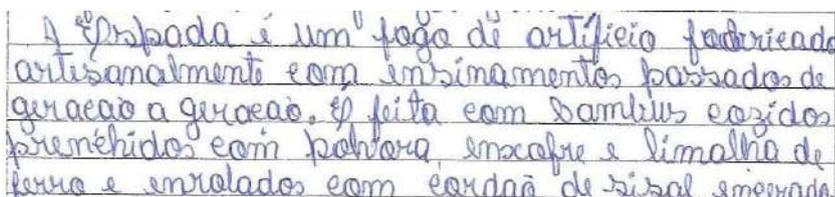
Os alunos usaram títulos mais atrativos para os leitores, tais como “A proibição da guerra de espadas”, “espadas em Cruz das Almas”, “A guerra de espadas de Cruz das Almas”, “Tradição e perigo”, “A guerra de espada”, “As espadas de Cruz das Almas”, “As espadas”, “Amor e tradição”, “Tradição ou proibição”, “Contra guerra de espadas”, “A espada em Cruz”, “A espada e seus ataques”.

Nesse artigo de opinião, a maioria dos alunos construiu o texto com uma estrutura bem semelhante a que outros colegas também empregaram. Na introdução, eles apresentaram a questão polêmica, situando o leitor sobre o problema da proibição das espadas em Cruz das Almas, na tese, deixaram evidente que se trata de um fogo de artifício que gera lucros e prejuízos, mas que pertence à tradição da cidade. Desenvolveram os argumentos apoiados na opinião de quem é a favor ou contra. Vale ressaltar que todos apresentaram claramente seu posicionamento diante do assunto e concluíram seu texto, sugerindo uma solução para esse impasse.

Dos 14 textos analisados (Cf. ANEXO 11), verifiquei que, no início das suas produções, ainda que com algumas modificações, 8 transcreveram partes dos textos que serviram para montar o repertório de informações sobre o tema. No entanto, não consideramos esse fato como um grande problema, pois as informações se referiam a dados, definições e construções do senso comum dos moradores da cidade, que os alunos julgaram necessário expressar.

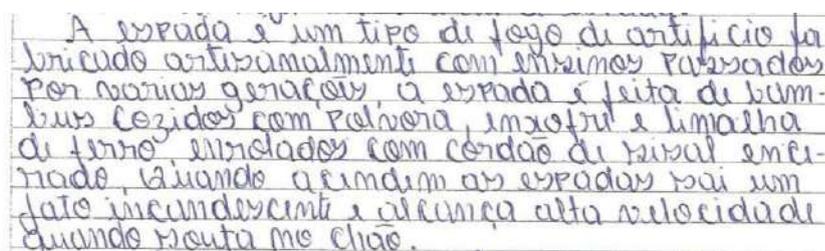
É evidente que, se eu tivesse optado por fazer uma mediação direta ou utilizar a correção com bilhete orientador para a reescrita, seria sinalizada a necessidade de o aluno fazer essas alterações.

Figura 64 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno F



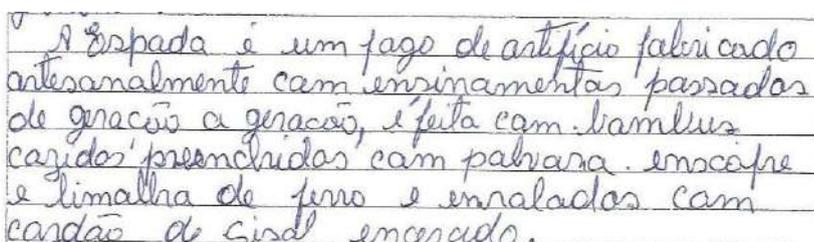
A Espada é um tipo de fogo de artifício fabricado artesanalmente com ensinamentos passados de geração a geração, é feita com bambus cozidos preenchidos com pólvora, enxofre e limalha de ferro e enrolados com cordão de sisal emverdeado.

Figura 65 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno M



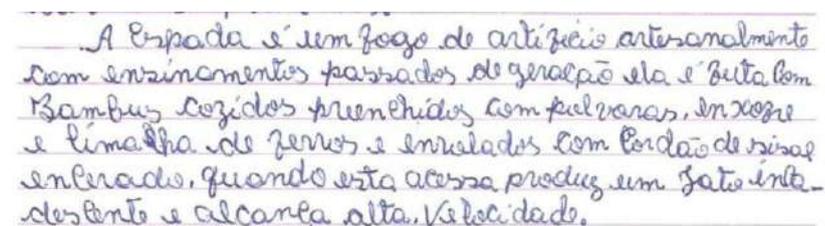
A espada é um tipo de fogo de artifício fabricado artesanalmente com ensinamentos passados por várias gerações, a espada é feita de bambus cozidos com pólvora, enxofre e limalha de ferro, enrolados com cordão de sisal emverdeado, quando acendidas as espadas vai um fogo incandescente e alcança alta velocidade quando pronta no chão.

Figura 66 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno G



A Espada é um tipo de artifício fabricado artesanalmente com ensinamentos passados de geração a geração, é feita com bambus cozidos preenchidos com pólvora, enxofre e limalha de ferro e enrolados com cordão de sisal emverdeado.

Figura 67 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno N



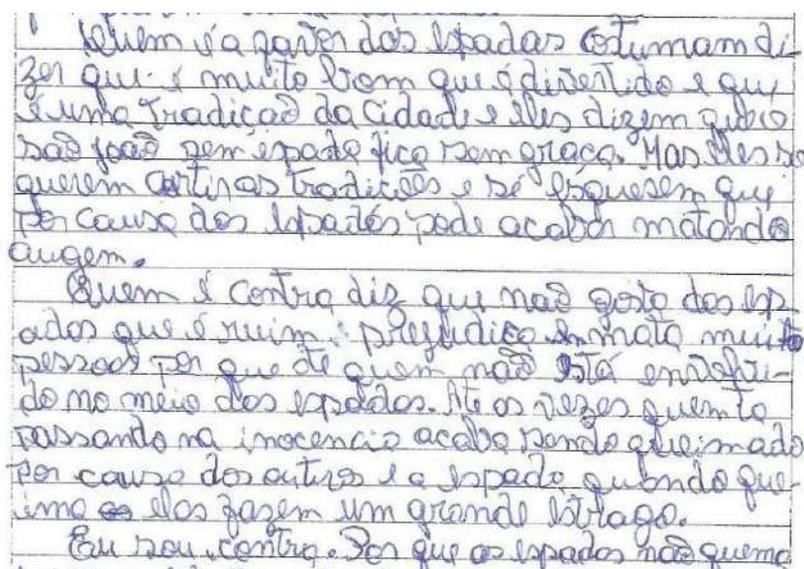
A Espada é um tipo de artifício artesanalmente com ensinamentos passados de geração a geração e é feita com bambus cozidos preenchidos com pólvora, enxofre e limalha de ferro e enrolados com cordão de sisal emverdeado, quando esta acende produz um fogo incandescente e alcança alta velocidade.

É possível notar que os alunos transcreveram os mesmos enunciados dos textos pesquisados para o seu texto, para explicar o que é “a espada”. Essas “cópias” foram observadas em outros trechos dos textos em alguns alunos. Entretanto, vale ressaltar que os alunos E, H, I,

J, K e O desenvolveram o tema ao longo do texto de forma progressiva, demonstrando autoria em seus enunciados, sem transcrever as informações de outros textos.

Com relação à adequação dos elementos organizacionais do artigo de opinião, os alunos demonstraram que sabem que o gênero se organiza a partir da apresentação de uma questão polêmica a ser defendida de uma determinada posição, a favor ou contra, por meio de argumentos contundentes para convencer seu leitor. Eles apresentaram como contra-argumento a opinião de pessoas que são a favor ou contra a proibição das espadas e refutaram essa posição, apresentando seus argumentos em que foi possível observar marcas linguísticas “eu sou contra”, que revelam a voz do articulista, como podemos verificar nos fragmentos a seguir.

Figura 68 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno C



Segundo Koch e Elias (20016, p. 192), esse tipo de estratégia utilizada pela maioria dos alunos na abordagem desse tema tem “como foco a argumentação centrada em um tópico ou assunto controverso, razão pela qual se pressupõe o levantamento de argumentos favoráveis e contrários para uma tomada de posição, a defesa de um ponto de vista, uma avaliação”. Para isso, os alunos se apoiaram na opinião dos “detratores” e “defensores” da proibição da confecção e queima de espadas em Cruz das Almas.

Na conclusão, apenas os alunos B, H e L não conseguiram finalizar seu artigo de opinião, retomando a tese e encerrando a sua ideia, da mesma forma como ocorreu na reescrita da primeira produção. Eles levantaram o problema a partir do seu ponto de vista e apontaram a solução para o impasse que envolve partes da população e a Justiça. Podemos constatar essa dificuldade, observando o exemplo do aluno H.

Figura 69 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno H (tese)

Os moradores de Guy Day Almas gostam da guerra de espadas porque é uma festa de luzes. Tem gente de todo mundo para esse show de espadas que é feito com palcos encapados, lâminas de ferro e encolados com cordão de risal encenado.

Figura 70 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno H (conclusão)

Eu não sou a favor da guerra de espada porque eu gosto do show de luzes ou de fogueira.

No entanto, os demais alunos A, C, E, G, I, J, K, M, N e O retomam a tese ou a polêmica e a maioria opta na conclusão pela sugestão de uma solução para o impasse gerado pela proibição, o que revela autoria numa posição crítica nessa intervenção, como podemos perceber a exemplo do aluno O.

Figura 71 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno O (tese)

Eu não sou a favor porque ela pode matar e destruir quem tocar acha que se é viver.

Figura 72 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno O (conclusão)

Só que tem pessoas que querem que com fimem essa tradição e então o prepuito deveria criar um lugar para que os que gosta fosse para lá e pagasse os custos com as quemadura e os fuzigo can sade.

Nenhum dos alunos fugiu à abordagem do tema proposto, mas constatei que os alunos A, B, E, H, I e L apresentaram dificuldades para articular os enunciados e garantir que essa abordagem tivesse organização e progressão a fim de garantir a coesão ao seu texto. Vejamos o fragmento do texto do aluno I:

Figura 73 – Fragmento do texto da produção 2 do aluno I

Produção da Quiloma foi determinada
 Pelo ferreiros que foram em junho de 2011
 a sel feto de produção de Espada e foi
 realizar o número de vítimas tendo
 quem não se preocupou e com o fabricação
 do uso de Espada Alasca ficaram
 feridos durante festa junina na cidade
 mas passado isto número caiu para

Os alunos E e L apresentaram ainda problemas na segmentação dos parágrafos e no recuo da margem na primeira linha, fato que foi verificado na produção inicial da sequência didática e que ainda necessita de atenção por parte do aluno e do professor.

Figura 74 – Texto da produção 2 do aluno E

Tradição e Purificação

A espada é um tipo de artefato, é feita com bambus e outros materiais de madeira e pedras, é feita de ferro e cobre e é utilizada com finalidade de ritualístico. Tem junho de 2011 a produção foi determinada. A tradição é antiga tem mais de 150 anos e é dependida pela maioria da população, embora de por mais desde de pequena que eu gosto de espada por que não tem uso espada. Sobre contra eu apertar eu vou a fazer, porque eu gosto, mais tenho medo de não ganhar. Quer saber eu não vou mais fazer. Segundo a Santa Casa de Misericórdia de Cruz das Almas em 2010 quando não havia produção 315 pessoas fizeram pedidos, mas como requisição, este número caiu para 79. A utilização dos produtos de espada depende da regularização e compra de lotes e a preservação da atividade. Os produtos são em depósito, não são de casa queimadas, telhados queimados, queimadas, fumos e idades, mais há de fora por que os produtos são feitos, tem medo de se queimarem, ou serem vítimas fatais. A única solução que eu acho que seria melhor para não acabar a tradição é fazer um espaço especialmente para as espadas, sem queimadas.

Figura 75 – Texto da produção 2 do aluno L

Contra guerra de espadas

Maradaxer de Cruz das Almas, a 146 km de Salvador foram os seus protestar contra de ação do Ministério Público Estadual tomado no quase um Ano com a decisão falar com o sargento espadas de São João na cidade Nova Orizânia Espada é um tipo de artefato falar toda anteriormente e feito com bambus e outros produtos com madeira, enxada. Quem é contra essa lei fala que isso é injusto que é uma cultura que não tem essa lei guerra de espadas e a decisão para toda orizânia. Quem é contra ~~para~~ todos eles quer fazer com a guerra de espadas que uma lei que proíbe a guerra de espadas de uma vez mais já tem uma lei que proíbe a guerra de espadas mais não adianta nada porque assim eles tocam espadas e mais ficaram não mortos por espadas. Quem é a favor fala que é cultura que gosto da guerra de espadas e uma decisão que é a alegria. Eu não sou contra guerra de espadas eu acho ainda legal mais ela tinha que ter um lugar adequado para fazer toda as espadas ser utilizadas com segurança e ao final do dia ter alegria e diversão.

Os alunos, de modo geral, apresentaram problemas quanto ao uso de articuladores entre as frases e de operadores argumentativos como podemos verificar nos fragmentos abaixo (alunos K e G). Entretanto é preciso salientar que esse conteúdo de acordo ao plano de curso da série se inicia no 9º ano o que me leva a compreender que eles estão no processo de construção dessas habilidades.

Figura 76 – Texto da produção 2 do aluno K

Essa tradicional guerra de espadas do ano
 custando a 150 reais e chega a ser como a
 Moirja da população da cidade de Cruz
 dos Rios, tendo como tradição cultural de
 São João da cidade.

Porém a guerra sempre acontece, que cultura
 é cultura, que é tradição, atrai turistas,
 trazendo rendimento para mesma cidade de re-
 mendo sempre os turistas atraídos pelas festas
 ou pela a guerra de espadas. Entre os turistas
 cuidamos, a cultura, quem temos principais
 para a tradição si terra usa hora os
 Espadilhas e pela quem bosticha.

Figura 77 – Texto da produção 2 do aluno G

também tem pessoa que é contra a
 guerra porque tudo isso tem vítimas de
 queimaduras, provocadas por fogueiras de
 brifício tipo as espadas, essa tradição
 atrai turista traz rendimento prejuízos
 causados queimaduras de in e não
 Mas eu sou a favor por mim tem
 espadas de verdade eu tenho medo eu
 não gosto de ter lá no meio das
 espadas deveria ter um lugar certo pro
 ter a guerra das espadas mas não é uma
 tradição de São João sem a espadas
 não tem graça nem uma mas
 também tem muito crescimento das
 festas

Nessa análise, fica evidente a necessidade de trabalhar questões propriamente gramaticais que não couberam nessa sequência, pois priorizamos o que propõe o grupo de Genebra (2004, p.96), o qual afirma que “a perspectiva adotada nas sequências é uma perspectiva textual” e salienta ainda que “as sequências não podem assumir a totalidade do trabalho necessário para levar os alunos a um melhor domínio da língua e devem apoiar-se em certos conhecimentos, construídos em outros momentos”.

Por isso que, ao longo das atividades, desenvolvemos estratégias de trabalho em duplas e grupos e sugerimos que os alunos lessem o texto do colega para realizar eventuais correções ortográficas, de acentuação gráfica, pontuação, uso de articuladores e concordâncias que fossem observadas pelo outro.

Pensar em desenvolver competências escritoras nos alunos perpassa o desenvolvimento de outras habilidades como leitura e compreensão de textos e o domínio de recursos discursivos e linguísticos que envolvem a produção de enunciados. Dessa forma, há muitos desafios a enfrentar nessa tarefa do ensino da produção textual na sala de aula, a fim de que sejam desenvolvidas todas as habilidades e de que os alunos compreendam que é possível aprender a produzir textos com qualidade. Nesse sentido, sobre a complexidade do processo pedagógico, Antunes alerta:

[...] cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, *concepções* (o que é a linguagem? O que é uma língua?), *objetivos* (Para que ensinamos?), *procedimentos* (Como ensinamos?) e *resultados* (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos* (grifos da autora). (2003, p. 34)

É evidente que essa análise não foi explorada ao máximo aqui, porém ela nos permitiu perceber os significativos avanços alcançados pelos alunos em sua produção textual escrita, em especial, do gênero artigo de opinião com relação à melhoria na qualidade e no desempenho das competências escritoras.

Com a realização dessa segunda produção textual, pude constatar que o professor não pode desconsiderar as etapas do processo de produção, se deseja que os alunos desenvolvam competências escritoras e apresentem um melhor desempenho em seus textos. Nesse processo de desenvolvimento de habilidades, portanto, são elementos imprescindíveis à prática pedagógica: a mediação do professor; e as formas adequadas de correção que privilegiam a autonomia dos alunos em suas produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação tem apresentado um local de destaque nas discussões acerca da produção textual, nesse contexto contemporâneo, que exige indivíduos conscientes de seus direitos e deveres. Assim, torna-se cada vez mais necessário que essa discussão inicie no espaço escolar ainda na Educação Básica, para que os alunos possam desenvolver as habilidades necessárias à produção textual de gêneros argumentativos e se tornem cidadãos mais críticos.

O trabalho com produção textual representa um desafio para o professor, porque esse perpassa a leitura e a compreensão textual. Não é tarefa fácil fazer que os alunos compreendam esse processo em etapas, pois, após anos de práticas de produção textual no contexto escolar, além da recusa em realizar essa atividade, muitos alunos consideram suficiente escrever apenas uma versão e, no máximo, “passá-la a limpo”. A maioria já apreendeu a ideia de que basta conseguir colocar no papel o que pensa, restando apenas entregar o texto ao professor e aguardar a nota, produto final desse processo.

Esse contexto de produção textual em sala de aula, há muito, inquieta-me. E tal inquietude provocou a busca de respostas que me capacitassem a auxiliar os alunos a desenvolver competências escritoras, para atuar nas mais variadas circunstâncias do seu cotidiano, sem sofrer com o medo de não conseguir “escrever” ou ser apontado pelos erros ortográficos e de acentuação cometidos.

Nesse processo de busca, foi imprescindível realizar estudos que me dessem um suporte teórico para as minhas dúvidas e inquietações referentes ao processo de produção textual no contexto escolar. Assim, ao realizar o curso GESTAR (Gestão de Aprendizagem Escolar) despertei a vontade de ir além nessa procura e, no Mestrado PROFLETRAS, encontrei esse suporte. Realizei estudos, abandonei velhos conceitos, refiz minhas concepções e tive a oportunidade de, com um olhar pesquisador, perceber as mudanças necessárias à minha prática em sala de aula e, também, como escritora.

Ao desenvolver o trabalho que ora apresento, decidi realizar um estudo e propor uma intervenção exatamente sobre o processo de produção textual. O objetivo era identificar as dificuldades nas produções textuais dos alunos e elaborar uma proposta de sequência didática com um gênero argumentativo que colaborasse para a formação de competências escritoras dos alunos no Ensino Fundamental e, assim, amenizasse esses problemas que os impedem de apresentar textos de qualidade.

O desenvolvimento da proposta e a análise dos dados obtidos permitem afirmar que os objetivos foram alcançados na medida em que foi possível constatar os avanços demonstrados nas produções textuais dos alunos e, também, na forma como se deu a minha prática em sala de aula, para adequar as atividades às necessidades da turma e ao contexto de produção.

A definição dos critérios de análise e de avaliação das produções foram imprescindíveis para evidenciar os avanços alcançados, pois se revelaram como um instrumento relevante no sentido de direcionar o meu olhar e, futuramente, estabelecer novas metas. Nesse sentido, o professor precisa definir, de maneira perspicaz e precisa, os critérios que serão observados nos textos dos alunos, a fim de que não percam, no percurso da avaliação, a finalidade da produção do gênero textual específico.

Nessa proposta, é incontestável o desenvolvimento das etapas da produção textual para que os alunos desenvolvam habilidades, constatem seu avanços e compreendam que escrever significa um trabalho em que é necessário desenvolver técnicas dentro de um processo de construção como o planejamento, a transcrição das ideias, a revisão e a(s) reescrita(s).

A nossa proposta partiu da observação para a análise, perpassando a identificação das dificuldades relacionadas às competências escritoras dessa série, em especial, dessa turma, e à execução de uma proposta de intervenção. Os resultados comprovaram que os alunos melhoraram seu desempenho, claro que em proporções diferentes, em sua proficiência escritora. E esses resultados me levam a afirmar que a sequência didática, aos moldes do Grupo de Genebra, revelam-se como um conjunto de atividades ao alcance da realidade da escola pública.

A partir do trabalho desenvolvido com essa sequência didática para produção textual escrita, fica evidenciada a necessidade de os alunos desenvolverem atividades que priorizem os elementos que compõem o gênero textual e que realizem pesquisas, leituras e discussões sobre o tema a ser abordado. Apesar de tais prioridades, não podemos descartar o trabalho com sintaxe, concordância, regência, ortografia, acentuação, pontuação, a fim de que os alunos aprimorem o domínio da norma culta padrão exigida na escrita.

A fim de garantir os conhecimentos de determinadas normas que regem o padrão para produção escrita, após o conhecimento da produção do gênero, faz-se necessário, também, o estudo gramatical de questões específicas relacionadas às competências escritoras do gênero em questão, pois, no processo de produção textual, o aluno já precisa desenvolver e demonstrar uma série de habilidades para a modalidade escrita.

A formação continuada do professor é, pois, imprescindível para que ocorram mudanças significativas no contexto escolar, no que se refere ao uso de práticas inovadoras, com uso dos

recursos tecnológicos à disposição da educação, que possibilitem a produção textual e promovam o interesse da classe.

Diante da forma que se desenvolveram as atividades da proposta da sequência didática apresentada, pude refletir sobre a concepção de língua adotada em sala de aula. Daí, deparei-me com a necessidade de realizar estudos mais aprofundados sobre os gêneros textuais, as estratégias utilizadas para motivar e aprimorar a escrita dos alunos, permitindo-lhes, sobretudo, a interação entre si e com o mundo ao seu redor. Tais estudos e procedimentos resultaram em um aprendizado mais significativo, tanto para mim quanto para os alunos envolvidos.

Baseada no relato dos alunos na avaliação sobre a nossa proposta de sequência didática, acredito que eles perceberam o seu nível de desenvolvimento, pois revelaram isso em suas falas: “Eu achei que foi um ótimo aprendizado, aguçou uma coisa que eu não sabia que existia em mim, o gosto pela escrita e leitura, aprendizados que eu levarei para toda vida.”; “As dinâmicas me deixavam mais entusiasmada, com mais interesse nos textos. A professora trabalhou com nossas opiniões, desenvolveu nossas ideias [...] e assim fiquei com a produção de texto bem melhor.”; “[...] eu tinha muitas dificuldades para escrever e eu não tinha muitas ideias para escrever, mas agora eu tenho.”

Relatos como esses fazem que eu observe e avalie as práticas de letramento que tenho priorizado até o momento, antes da realização dessa pesquisa, reveja as situações de produção que são apresentadas na sala de aula e me atente para as condições de circulação dos textos dos alunos, a fim de garantir uma função sociocomunicativa para essas produções.

Temos consciência de que muitos fatores que interferem no aprendizado dos alunos não estão ao alcance do professor, nem sempre podendo resolvê-los, como a frequência, a realização das atividades extraclasses, o tempo de estudo em casa, o acesso a outras leituras, a responsabilidade sobre seu aprendizado, questões emocionais, entre outros. Vale ressaltar que 30% dos alunos da classe pesquisada informaram que “estudaram os conteúdos trabalhados”, 25% disseram “às vezes”, e 45% revelaram que “não estudaram os conteúdos”. Esses dados alarmantes provocam outras discussões no que se refere ao aprendizado dos alunos nas habilidades necessárias à produção textual escrita.

Portanto, ao final das nossas análises, foi possível constatar a relevância da proposta de sequência didática sugerida por Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), os avanços dos alunos ao desenvolver as etapas do processo de produção textual escrita, a importância da definição dos critérios de análise dos textos dos alunos, a necessidade de o professor realizar estudos para apropriação do trabalho com gêneros textuais e a ressignificação do fazer pedagógico, para que ocorram melhorias no ensino de Língua Portuguesa em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábolas, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábolas, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábolas, 2010.

ARAÚJO, Denise Lino de; SILVA, Williany Miranda da (Orgs). **Gêneros de ensino: didatizando objetos para ensino de língua**. In: **Gêneros (escolarizados) em contextos de ensino**. Curitiba: Appris, 2015. P. 17-39

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 277-326.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Org. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. São Paulo: Cortez, 2005.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, gêneros e interação social**. Org. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. São Paulo: Cortez, 2007

BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Judith C.; DIONÍSIO, Angela P. (Orgs). **Gênero, agência e escrita**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

BRAKLING, Katia Lomba. Trabalho com artigo de opinião: Re-visitando o eu no exercício da (Re) sigfnificação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.p. 221-248

BRASIL. **Decreto Federal nº 79.298/77**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Antigos/D79094.htm>. Acesso em: maio, 2016.

BRASIL. **Lei de Combate à Intimidação Sistemática na Escola (Bullyng)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm> Acesso em: dezembro, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: julho, 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CAMPOS, Elísia Paixão de. Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Cânone Editorial, 2014.

COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (Orgs.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DESLANDES, Suelly Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2016.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 5. ed., São Paulo: Ática, 1995.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça. **Coesão textual**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual**: gêneros textuais do argumentar e expor. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Orgs). **Argumentação na escola**: o conhecimento em construção. São Paulo: Pontes, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução Maria Cecília de Souza Silva. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Beth. Redação escolar: características de um objeto de ensino: **Revista da FAGED**, UFBA, nº 09, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. P. 23-74

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Beth. Redação escolar: características de um objeto de ensino: **Revista da FAGED**, UFBA, nº 09, 2005. P. 139-155

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder Pinheiro. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

MIRANDA, Matildes M. Os usos da escrita no cotidiano. In: **Leitura: Teoria & Prática – Revista da Associação de Leitura do Brasil**, Campinas: UNICAMP, 1992, p. 17-33.

NASCIMENTO, C. Os bilhetes orientadores da reescrita e a aprendizagem do gênero relatório de experiência. In: GONÇALVES, A.V.; BAZARIM, M. (Orgs.). **Interação, gêneros e letramento**: a (re) escrita em foco. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2009.

- NÓBREGA, Maria José. Perspectivas para o trabalho com a análise linguística na escola. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 74-86.
- PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- PASSARELLI, Lílian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- ROCHA, Ana Virgínia Lima da Silva. Artigo de opinião e as sequências tipológicas no contexto de ensino. ARAÚJO, Denise Lino de; SILVA, Williany Miranda da (Orgs.). In: **Gêneros (escolarizados) em contextos de ensino**. Curitiba: Appris, 2015. P. 41-75
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000. p. 207-220
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. P 415-440.
- ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. P. 7-34.
- RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf>. Acesso: abr. de 2016.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Libertad, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática pedagógica**: como ensinar. Porto Alegre, Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À PROFESSORA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 Departamento de Ciências Humanas - Campus V
 Santo Antônio de Jesus – BA
 Mestrado Profissional em Letras



Caro professor,

Este questionário destina-se à pesquisa acadêmica, da qual você participa, sobre a produção escrita com o gênero artigo de opinião na sala de aula.

Responda ao questionário da forma mais próxima à sua realidade, pois suas respostas são muito importantes, para que eu tenha algumas informações necessárias e, assim, consiga desenvolver um melhor trabalho com produção escrita no contexto escolar.

Não é necessária a sua identificação. Sua participação é muito importante para essa pesquisa. Desde já, agradeço-lhe a sua colaboração.

Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva

*Contatos: belfacs@hotmail.com
 (71) 99969- 0537*

1 Gênero: () masculino () feminino

2 Idade: () menos de 25
 () 25 a 39
 () 40 a 50
 () 51 a 60

3 Formação acadêmica:

Graduação _____

Pós-graduação _____

Mestrado _____

Doutorado _____

4 Tempo de serviço na educação _____

5 Disciplina(s) em que atua: _____

6 Séries em que leciona: _____

7 Período na escola: Ensino Fundamental () manhã () tarde () noite
 Ensino Médio () manhã () tarde () noite

8 O que você costuma ler:

() revistas

() jornais

() literatura em geral

() livros técnicos

() artigos e outros na Internet

() outros. Quais? _____

9 Como você adquire os livros que lê?

() compro pela Internet

() compro em livrarias

() pego emprestado de bibliotecas

() pego emprestado de amigos

() leio nas bibliotecas e nas escolas

() faço xerox

10 Você tem participado de cursos de aperfeiçoamento nos últimos quatro anos? Quais?

11 Quais gêneros textuais você costuma utilizar na turma?

12 Como são trabalhados os gêneros textuais durante as aulas?

13 A turma do 9º ano gosta de escrever?

() Sim

() Não

Justifique. _____

14 Quanto tempo/aula é destinado para o aluno realizar uma atividade de produção escrita?

15 Após a produção textual, os alunos releem, revisam o texto para reescrever?

16 Qual a sua percepção sobre a turma no momento de atividades de produção escrita?

17 Quais as principais dificuldades identificadas na produção escrita dos alunos?

18 Quais atividades despertam mais o interesse da turma?

19 Os alunos apresentam melhor resultado em atividades com questões objetivas ou com questões abertas? Por quê?

20 Em relação ao seu trabalho com produção escrita nessa classe, você considera que consegue atingir os objetivos propostos? Por quê?

21 Como se comportam os alunos no momento de discussões sobre um tema?

22 Os alunos conseguem expressar com clareza o que pensam nas atividades de produção textual escrita?

23 Quantos textos, em média, os alunos produzem por unidade?

24 Qual o destino final das produções escritas dos alunos?

25 Quando você era estudante, gostava de fazer produções textuais? Como se sentia no momento EM que produzia um texto escrito?

26 Você se recorda como eram as aulas dadas por seus professores de português ou redação? Como eram essas aulas?

27 Atualmente, quais os sentimentos que a envolvem no momento em que é solicitada para produzir um texto?

28 Como surgem os temas das produções textuais em sala de aula?

29 Você desenvolve atividades com o uso de sequências didáticas? Qual a relevância desse tipo de trabalho para sua prática pedagógica?

Obrigada por sua colaboração!

7 Qual a profissão de sua mãe? _____

8 Você trabalha ou já trabalhou? () Sim. Em quê? _____ () Não

9 As pessoas na sua casa têm o hábito de ler?

() Sim. O quê? _____

() Não. Por quê? _____

10 Você tem acesso à internet? () Sim. De qual forma? _____

() Não

11 Qual das atividades abaixo ocupa a maior parte do seu tempo livre?

() tv () religião () música () leitura () internet () esportes

() outra. Qual? _____

12 Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado (a)?

() jornal escrito () tv () rádio () revistas () internet

() outros _____

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS (EXPERIÊNCIA COM ESCRITA)

PERFIL DE EXPERIÊNCIA COM ESCRITA

1 Das atividades realizadas na escolar, qual você considera mais fácil?

() Ler () Escrever

2 Você gosta de escrever? () Sim () Não () Às vezes

Por quê? _____

3 Você se sente motivado na escola para escrever? () Sim () Não () Às vezes

Por quê?

4 Em quais atividades do seu cotidiano fora da escola você escreve?

5 Como você utiliza a escrita nas aulas de Português?

6 Como você utiliza a escrita nas outras disciplinas?

7 Quanto você escreve?

() Muito () Pouco () Mais ou menos

8 Você escreve textos sem que o professor solicite?

() Sim. Quais? _____

() Não

9 Como você se sente quando escreve um texto fora da escola?

10 E como você se sente quando escreve um texto na escola?

11 Que texto você prefere escrever?

Textos que retratem a realidade, fatos.

Textos imaginários, fantasiosos.

12 Você considera que consegue para dar sua opinião sobre algum tema/assunto nas atividades de produção escrita realizadas na escola? Sim Não Às vezes
Por quê?

13 Qual conceito você dá para os textos que você escreve?

Ótimo

Bom

Regular

Ruim

Por quê?

14 Você costuma fazer pesquisas (dicionário, gramática, internet etc) quando escreve o seu texto?

Sim

Não

Às vezes

Por quê?

15 Você tem o hábito de reler o texto que escreveu e revisar a escrita?

Sim

Não

Às vezes

Por quê?

Obrigada por sua colaboração!

APÊNDICE D – FICHA PARA ANÁLISE DOS TEXTOS DE ARTIGO DE OPINIÃO
(LEITURA)

Aluno:	
SITUAÇÃO COMUNICATIVA DO ARTIGO DE OPINIÃO	
Texto: _____	
Articulista: _____	
1. Qual a polêmica que leva a construção do texto?	
2. Qual a posição do autor, a favor ou contra?	
3. Qual a tese defendida?	
4. Onde irá circular esse texto?	
5. Qual o objetivo desse texto?	
6. Quem é o leitor?	
7. Qual tipo de linguagem utilizada, formal ou informal?	

APÊNDICE E- ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL (INICIAL)

Colégio: _____
 Nome: _____ Série: _____ Turma: _____

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO ESCRITA

Leia o artigo de opinião produzido pelos alunos Dafinin Oliveira, Fernando Fray, Jecino Nascimento, Karolaine Souza, Ludimila Rocha, Stefane Freitas e Vanessa Barbosa do Colégio João Conceição publicado no Blog Geração Notícia.

TEXTO I

BULLYING

O *bullying*, de fato, sempre existiu. O que ocorre é que, com a influência da televisão e da internet, os apelidos pejorativos foram tomando outras proporções. A natureza e o desenvolvimento humano demonstram que a agressividade é a arma daquele que se sente acuado, impotente, com dificuldade de se impor e de expressar aquilo que sente de forma que o outro o entenda e respeite. As crianças são as principais vítimas, porém já possuem muitos adultos com as mesmas dificuldades de lidar com a problemática, a depressão, baixo auto-estima e ansiedade – já que tudo isso pode ser resultado das agressões sofridas pelas vítimas. Normalmente, os agressores foram ou são vítimas de agressões dentro de suas casas. O processo de educar, de ensinar, de criar laços verdadeiros de afeto e cumplicidade é algo que leva tempo, que não se impõe e nem se consegue através da força, das chantagens ou da manipulação e nem, muito menos, através dos excessos do poder.

Os pais devem mostrar que o filho não é culpado pelas perseguições e deixar claro que ele tem os seus valores e qualidades. É importante incentivá-lo a contar sobre o que acontece na escola e apresentar as pessoas que fazem parte do seu ciclo de relacionamento. Já com os agressores, a reação deve ser parecida. “Só criticar não resolve o problema. É preciso conversar, se interessar e saber ouvir. Deixe claro que o comportamento violento é inaceitável, mas que é possível mudar essa conduta”, salienta a psicóloga Maria Tereza Maldonado, do Rio de Janeiro, autora do livro "A Face Oculta – Uma história de bullying e cyberbullying", da Editora Saraiva.

As crianças são as principais vítimas, porém já possuem muitos adultos com estes problemas: Depressão, baixo auto-estima, ansiedade, abandono dos estudos – essas são algumas das características mais usuais das vítimas. De certa forma, o bullying é uma prática de exclusão social cujos principais alvos costumam serem pessoas mais retraídas, inseguras. Essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldades de aceitação.

As formas de *Bullying* mais comuns em ambientes escolares são: agressões físicas e verbais, ameaças, brigas, chantagens, apelidos, trotes, roubo, racismo, xenofobias - aversão a tudo aquilo que vem de outras culturas e nacionalidades - intimidações, piadinhas, assédios, xingamentos, abusos discriminações e várias outras formas de se ridicularizar uma pessoa.

Para extravasar sentimentos como raiva, medo e ansiedade, a pedagoga Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros sugere que a criança realize atividades como brincar com outras pessoas, participar de atividades coletivas, interativas ou artísticas (música, teatro, artes plásticas e dança), além de praticar esportes. “São várias formas de a criança se abrir para os conhecimentos e assim transformar sua própria realidade. A escola, a família e a comunidade podem proporcionar isso, como algo que extravase a criatividade, e a formação de um adulto

mais humanitário”, diz. Talvez guarde essa mágoa durante anos e tenha dificuldade de se relacionar com as pessoas.

É necessário que todos os envolvidos no processo educacional estejam atentos a este vilão que permeia a educação do século XXI e elaborem planos de ação em que valores como o respeito, amor, companheirismo e cidadania sejam constantemente abordados. Conseqüentemente os ambientes escolares que investirem nesses valores tão esquecidos em tempos atuais, estarão contribuindo para que a prática do Bullying venha a se extinguir de nossas escolas.

O artigo de opinião que lemos torna bem claro os efeitos do *bullying* na vida das vítimas que sofrem essa intimidação sistemática. Agora, leia os outros textos que também tratam desse tema e, a seguir, produza o seu artigo de opinião.

TEXTO II

Bullying na escola é uma situação que se caracteriza por **agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.** O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

Fonte: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/bullying-escola-494973.shtml>

TEXTOS III E IV



Respeitar as diferenças e as qualidades do outro evita a prática de bullying entre as pessoas.

Pense nisso...

Pense antes de falar!
E se fosse com você?

Direito de expressão não dá direito a agressão!

Palavras podem levar uma pessoa à morte.

O bullying pode mudar para pior o destino de alguém
Não seja o responsável por isso.

Cante. Esse é o primeiro passo para se livrar do bullying.

Fontes das imagens: <http://bullynobullying.blogspot.com.br/2011/07/frases-contras-o-bullying.html>

<http://image.slidesharecdn.com/bullying6ano2013-131019224625-phpapp02/95/bullying-um-tema-em-discusso-3-638.jpg?cb=1382223109>

TEXTO V

O que é bullying?

O que não é bullying?

O bullying é um fenômeno recente?

O que leva o autor do bullying a praticá-lo?

O espectador também participa do bullying?

Como identificar a vítima do bullying?

Já conhecemos o gênero artigo de opinião. Agora é com você!

APÊNDICE G- FICHA DE CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DE ARTIGO DE OPINIÃO

PRODUÇÃO INICIAL DIAGNÓSTICA		ALUNO:		
CATEGORIAS	CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DE ARTIGO DE OPINIÃO	SIM	NÃO	
1.Adequação aos elementos organizacionais do gênero textual	1.1 Apresentação de título adequado para o desenvolvimento do tema.			
	1.2 Apresentação da questão polêmica a ser discutida.			
	1.3 Apresentação da tese a ser defendida.			
	1.4 Utilização de argumentos que sustentam a tese a ser defendida.			
	1.5 Utilização de contra-argumento/ possíveis posições contrárias.			
	1.6 Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.			
	1.7 Retomada da tese na conclusão.			
2.Adequação ao propósito do gênero textual (defender, convencer) e ao tema	2.1 Abordagem do tema ao longo do texto de forma organizada e progressiva.			
	2.2 Tomada de posição clara da tese do articulista de acordo ao tema (a favor ou contrária).			
	2.3 Construção de argumentos relevantes e convincentes.			
	2.4 Presença de marcas linguísticas que revelam a voz do articulista (opinião).			
	2.5 Utilização de argumentos apoiados em outras vozes.			
	2.6 Retomada do ponto de vista na conclusão para reforçar a tese.			
		SIM	NÃO	ÀS VEZES
3.Adequação a organização lógica textual (coesão e coesão)	3.1 Construção de frases coerentes.			
	3.2 Segmentação adequada do texto em parágrafos.			
	3.3 Utilização adequada de recursos linguísticos como elementos coesivos (coesão referencial e sequencial).			
4.Adequação à modalidade padrão da Língua Portuguesa para produção escrita	4.1 Seleção lexical apropriada ao propósito do gênero, ao contexto e ao tema.			
	4.2 Demonstração de conhecimentos da norma padrão:			
	4.2.1 Respeito às convenções ortográficas e à acentuação gráfica;			
	4.2.2 Emprego apropriado da concordância verbal e nominal;			
	4.2.3 Emprego adequado de modos e tempos verbais;			
	4.2.4 Uso de pontuação adequada à argumentação.			
	4.3 Emprego do registro formal da língua.			

Tábua de critérios baseada na proposta de Lílian Passarelli(2012, p.261)

APÊNDICE H- MATERIAL DE APOIO SOBRE TIPOS DE ARGUMENTOS

TIPOS DE ARGUMENTOS	DEFINIÇÃO
Argumento de autoridade	O interlocutor é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão defendida a respeito de certos dados, pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área
Argumento por evidência	Pretende-se levar o leitor a admitir a tese ou conclusão, justificando-a por meio de evidências de que ela se aplica aos dados considerados.
Argumento por comparação (analogia)	O argumentador pretende levar o leitor a aderir à tese ou conclusão com base em fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados.
Argumento por exemplificação	O argumentador baseia a tese ou conclusão em exemplos representativos, os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la
Argumento de princípio, crenças, valores	A justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados, por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita.
Argumento por causa e consequência-pragmático	A tese, ou conclusão, é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados

APÊNDICE I- ATIVIDADE APLICADA AOS ALUNOS

Colégio: _____	Data: _____
Nome: _____	

ATIVIDADE

**O texto abaixo possui alguns problemas!**

Leia o texto e reescreva em seu caderno fazendo as correções necessárias com relação ao título, as margens e uso da letra maiúscula.

o bullying sempre existiu!

o bullying sempre existiu. anos atrás as vítimas eram chamadas de CDFs, nerds ou puxa-sacos. eram jovens que se sentavam nas primeiras fileiras de carteiras na sala de aula, prestavam atenção no professor e na matéria lecionada, inquiriam e respondiam perguntas, faziam o dever de casa e, conseqüentemente, tiravam boas notas. o contraponto era a "turma do fundão", formada por rebeldes e descolados.

os atos de bullying eram bem conhecidos. desde o "corredor polonês", onde vários estudantes se enfileiravam para escorraçar o alvo com alguns Petelecos, tapas e breves pontapés, a chamada "geral", até o famigerado "te pego lá fora". a opressão era mais física do que psicológica, pois o constrangido tinha em sua defesa o fato de ser, normalmente, melhor aluno que seus agressores.

claro que também tínhamos o assédio ao gordo, ao feio e ao varapau. mas a questão é que estas ações eram contidas em si mesmas. as escolas mantinham "bedéis" para colocar ordem na casa e coibir atos de violência, sem falar que ir "parar na diretoria" era temido pela maioria dos alunos.

Contudo, se o bullying ocorresse, ao chegar em casa a vítima ainda iria ter com seus pais. alguns poderiam dizer: "Não reaja, pois não é de sua natureza", no melhor estilo "ofereça a outra face". Já outros argumentariam: "Se apanhar de novo lá fora e não reagir, vai levar outra surra quando chegar em casa".

Fragmento do texto. Tom Coelho

APÊNDICE J- FICHA DE REVISÃO TEXTUAL DO ALUNO

FICHA DE REVISÃO TEXTUAL DO ALUNO

Aluno:			
Crítérios para revisão textual	Sim	Não	Parcial
1.O título está adequado para o artigo de opinião?			
2. A questão polêmica está clara no início do texto?			
3. Os argumentos utilizados estão bem fundamentados?			
4. Quais os tipos de argumentos utilizados?			
De autoridade			
De evidência			
De comparação			
De exemplificação			
De princípios e crenças			
De causa e consequência			
5. Os articuladores argumentativos estão utilizados corretamente?			
6. Usou modalizadores nas construções argumentativas?			
7. O tema está abordado com clareza?			
8. A linguagem utilizada está adequada ao gênero artigo de opinião?			
9. A posição defendida está evidente?			
10. São apresentadas causas e consequências?			
11. Os argumentos utilizados foram capazes de lhe convencer enquanto leitor?			
12. Utilizou uma posição contrária para rebater?			

APENDICE K- PESQUISA ESCOLAR SOBRE OCORRÊNCIA DE *BULLYING***PESQUISA ESCOLAR PARA COMBATE À INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA**

1. Para você, o que é bullying?

2. Você já sofreu ou sofre bullying?

() Sim, já sofri.

() Sim, eu sofro.

() Não.

Em caso afirmativo, responda as perguntas 2a, 2b, 2c e 2d.

2a. Qual(is) tipo(s) de bullying você foi(é) vítima?

2b. Onde ocorre(u)?

2c. Você contou para alguém? Para quem?

2d. Como você se sente(sentia) quando praticam bullying contra você?

3. Você já praticou bullying contra

alguém? () Sim, já pratiquei

() Sim, eu pratico,

() Não.

3a. Em caso afirmativo, por que você pratica bullying?

Agradecemos a sua participação!

APÊNDICE L- AVALIAÇÃO DA PESQUISA



AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO



Prezado aluno,

Você participou da pesquisa **Produção textual de artigo de opinião: uma proposta de intervenção na sala de aula**. Sua participação e empenho foram muito importantes para a nossa coleta de informações. Acreditamos que nossa pesquisa pode colaborar para melhorias no nosso sistema educacional nas aulas de Língua Portuguesa.

Agora é sua vez de avaliar o desenvolvimento do nosso trabalho e da sua participação!

Assinale no quadro a alternativa que melhor traduz a sua opinião sobre o desempenho da professora

	Sim	Não	Às vezes
1 Demonstrou domínio nos conteúdos			
2 Criou um ambiente favorável nas aulas			
3 Envolveu os alunos nas atividades			
4 Esteve disponível para atender aos alunos			
5 Considerou a opinião dos alunos			
6 Incentivou os alunos nas atividades			
7 Esclareceu dúvidas			
8 Explicou com clareza cada etapa da proposta			

Agora, assinale no quadro a alternativa que melhor traduz sua opinião sobre seu envolvimento na proposta

	Sim	Não	As vezes
1 Compareceu as aulas			
2 Estudou os conteúdos trabalhados			
3 Realizou as atividades propostas			
4 Participou com entusiasmo das atividades			
5 Sentiu-se à vontade para fazer perguntas			
6 Assistiu as aulas do início ao fim			

SEU DESEMPENHO NAS ETAPAS DE TRABALHO DA PRODUÇÃO TEXTUAL				
AS ETAPAS DA PRODUÇÃO TEXTUAL	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
1 Planejamento das ideias				
Por quê?				
2 Transcrição das ideias para o papel				
Por quê?				
3 Revisão textual				
Por quê?				
4 Reescrita do texto				
Por quê?				
AVALIE SEUSTEXTOS PRODUZIDOS	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Texto 1 - produção inicial (sobre o bullying)				
Por quê?				
Texto 2 - produção final (sobre o bullying)				
Por quê?				

APÊNDICE M- SLIDES DA REUNIÃO COM A COMUNIDADE ESCOLAR



Bullying é uma violência contra o outro!



LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional

- ▶ Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:
 - ▶ I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
 - ▶ II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
 - ▶ III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
 - ▶ IV - social: ignorar, isolar e excluir;

V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

??

- ▶ Qual a idade em que é praticado com maior frequência?
- ▶ É possível definir um perfil dos jovens que praticam violência sobre outros jovens?
- ▶ Quem são as vítimas?
- ▶ O que deve fazer um jovem que seja vítima de agressões por parte dos colegas?
- ▶ Quem assiste também tem formas de ajudar?
- ▶ Quais consequências pode ter na vida de um jovem vítima de bullying?

PESQUISA SOBRE O BULLYING

ALUNOS PESQUISADOS	254
FORAM VÍTIMAS DE BULLYING	99
SÃO VÍTIMAS DE BULLYING	39
LOCAL ONDE OCORRE	Escola Casa Rua
TIPO DE BULLYING	Apelidos por causa de característica física ou opção sexual. Xingamentos
PRATICANTES/AGRESSORES	113

O que fazer para acabar com o bullying?

- ▶ Ajudar as vítimas
- ▶ Identificar e punir os agressores
- ▶ Promover ações como gincanas, jogos, palestras, excursões, recitais, apresentações artísticas, etc.

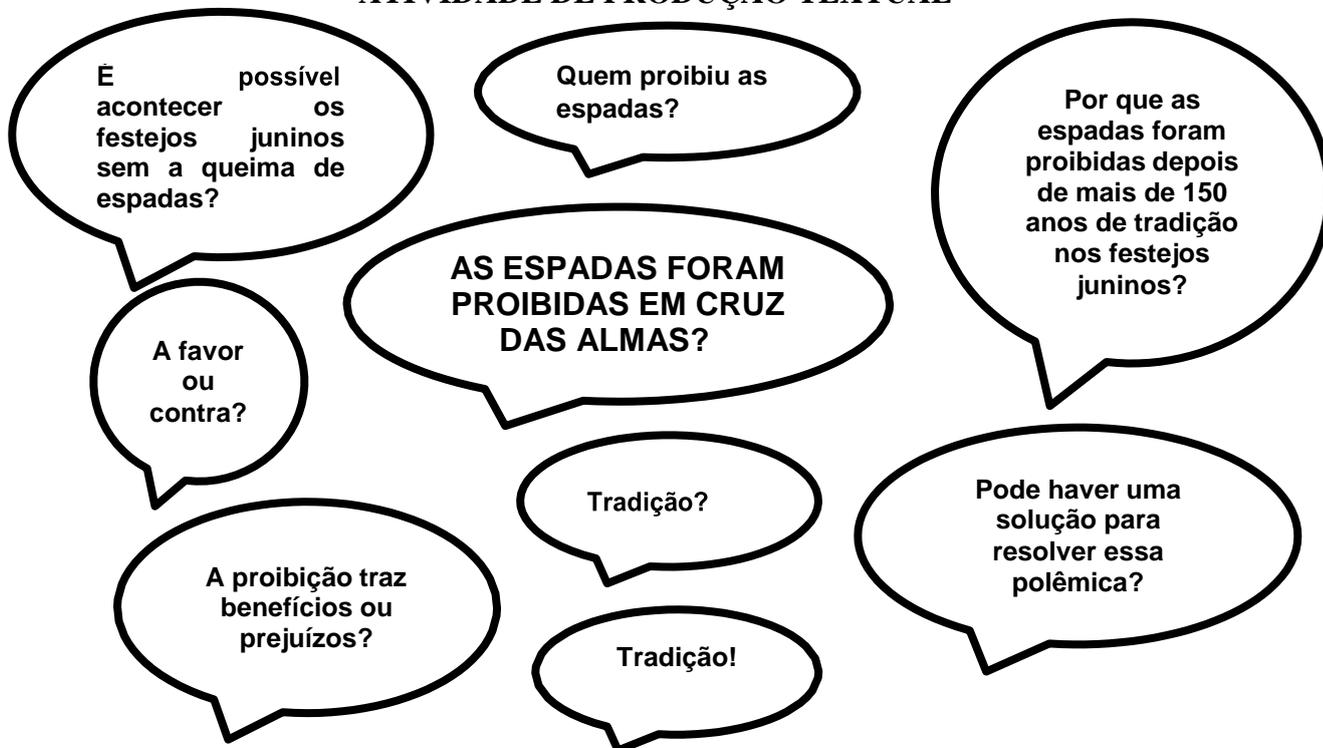
OBRIGADA!

Izabel Cristina Ribeiro
belfacs@hotmail.com

APÊNDICE N- ATIVIDADE APLICADA PARA PRODUÇÃO TEXTUAL 2

COLÉGIO _____
 NOME _____

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL



Todos os anos após o carnaval e com a proximidade dos festejos juninos, a nossa cidade Cruz das Almas é tomada por discussões nas ruas e instituições, debates nas rádios locais e manifestações nas redes sociais à respeito da proibição do fabrico, transporte, venda e queima de espadas considerada um artefato de fogo que ocorreu desde 2010 por uma decisão da justiça local baseada na lei de desarmamento 10826/03, que vem sendo descumprida todos os anos e parece estar longe de ter uma aceitação por parte dos *espadeiros*.

Os moradores tem opiniões diferentes, uns são a favor da proibição e outros são contra. Os visitantes também aproveitam o passeio à cidade durante a festa de São João para opinarem sobre esse impasse entre uma parte da população e o Tribunal de Justiça. EQ

E você? O que pensa sobre a proibição das espadas em Cruz das Almas?

Agora é a sua vez de dizer o que pensa sobre esse tema A proibição das espadas em Cruz das Almas escrevendo um **ARTIGO DE OPINIÃO**.

Atente-se para quem será o leitor do seu texto, pois ele será postado no nosso blog.

Lembre-se de algumas informações importantes para produção textual do seu artigo de opinião:

1. Não esqueça do TÍTULO!
2. Lembre-se da estrutura organizacional do gênero artigo de opinião

INTRODUÇÃO	Descrição do assunto que gera a polêmica.
DESENVOLVIMENTO	Apresentação da sua tese. Apresentação da tese contrária. Não aceitação da tese contrária(refutação) Colocação de argumentos a favor da sua tese.
CONCLUSÃO	Fechamento do texto/reforço da sua tese e apresentação de uma possível solução.

3. Dê a sua opinião. Deixe clara a sua posição a favor ou contra
4. Utilize estratégias argumentativas:

a) Use diferentes tipos de argumentos para que fortaleçam a sua opinião

Tipos de argumentos	Definição
De autoridade	Reproduz declarações de um especialista, de uma pessoa respeitável, de uma instituição considerada autoridade no assunto.
Exemplo	Relata um fato ocorrido como autor ou com outra pessoa para mostrar que o argumento definido é válido.
Comparação	Faz comparações das semelhanças ou analogias
Evidência/prova	Comprova seus argumentos com informações incontestáveis: dados estatísticos, fatos históricos, acontecimentos notórios.
Princípios/valores/crença	Refere-se a valores éticos ou morais
Causa e consequência	Afirma que um fato ocorre em decorrência de outro.

- b) Use operadores ou marcadores argumentativos que colaboram na coerência e coesão textual como: mas, entretanto, portanto, que, para que, depois que, à medida que, enquanto, se, ou etc.
- c) Utilize palavras modalizadoras como: realmente, certamente, felizmente, infelizmente etc.

5. Apresente uma solução para esse problema.

Para que seu texto apresente uma boa qualidade final, sugerimos que siga as etapas de produção textual que trabalhamos em sala de aula.

Etapas para a produção textual do artigo de opinião	
1	Planeje as ideias do texto e faça pesquisas e leituras que considerar importante para enriquecer seu texto.
2	Escreva o texto atentando-se para as informações dadas acima.
3	Leia o seu texto para fazer a revisão textual – esse é o momento para você fazer as alterações e correções necessárias para que seu texto seja considerado bem escrito.
4	Reescreva o texto na folha específica para entregar a professora.

Agora vamos lá! Tenho certeza que você fará uma ótima produção!

APÊNDICE O - FICHA DE CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO COMPARATIVA DAS PRODUÇÕES

NIVEL	CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO	%	
		Produção inicial	Produção final
	1. Adequação aos elementos organizacionais do gênero textual		
Insuficiente	Texto não corresponde ao gênero ou apresenta alguns indícios na estrutura		
Básico	Uso limitado da estrutura e características do gênero.		
Adequado	Emprego adequado do gênero mesmo que com alguns desvios		
Avançado	Uso consciente da estrutura e característica do gênero bem como a função sociocomunicativa.		
	2. Adequação ao propósito do gênero textual e ao tema		
Insuficiente	Não faz a abordagem do tema, fuga da ideia central com o mínimo de articulação das ideias com relação ao tema.		
Básico	Articula as ideias de forma limitada para abordagem do tema baseando-se no textos orientadores		
Adequado	Desenvolve o tema e dá indícios de autoria nas ideias expressas.		
Avançado	Extrapola o recorte temático e demonstra autoria de ideias.		
	3. Adequação à organização lógica texto textual (coesão e coerência)		
Insuficiente	Problemas na organização do sentido nas frases e entre parágrafos.		
Básico	Alguns problemas na continuidade de sentido e na utilização de recursos coesivos.		
Adequado	Articulação satisfatória de sentido e progressão da temática com alguns problemas com recursos coesivos e pontuação.		
Avançado	Articulação entre as partes do texto, domínio no uso dos recursos coesivos pontuação.		
	4. Adequação à modalidade padrão da língua portuguesa para a produção escrita		
Insuficiente	Desvios generalizados e recorrentes de sintaxe e ortografia.		
Básico	Poucos desvios da modalidade escrita, marcas da oralidade.		
Adequado	Uso satisfatórios das regras normativas da escrita com alguns desvios.		
Avançado	Domínio das regras normativas da escrita.		

APÊNDICE P – BILHETES ORIENTADORES

Bilhete orientador**Aluno A**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considereei muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Onde você encontrou o dado apresentado no início do texto referente a ocorrência do bullying? Registre a informação da maneira mais precisa possível.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga separar as partes sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no início do texto na polêmica o porquê do bullying ser um tema importante.
- Se a sua tese é que o bullying precisa ser combatido porque causa muitas consequências ruins para as vítimas, você está no caminho certo! (linhas 6 à 8)
- Quando você diz que o bullying não é brincadeira e os agressores não param com as gozações, você pode construir no terceiro parágrafo um contra-argumento (posicionamento de quem tem uma opinião diferente da sua a respeito do bullying para que você combata a ideia.)
- Retome sua tese organizando os argumentos que deseja utilizar.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final, vírgula.
- Você citou a lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015. Seria interessante você colocar no seu texto o que diz a lei, trazer um artigo ou discutir sobre algo que considere mais relevante
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Lembre-se que não podemos combater a violência com a violência.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.
- Atente-se para a grafia de algumas palavras no seu texto. Se precisar de ajuda consulte um dicionário ou um colega para ajudar a identificá-las.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno B**

Gostei do que você escreveu! A nossa proposta é escrevermos um artigo de opinião sobre a ocorrência de casos de bullying. Você deu a sua opinião e acredito que você tem muito mais a dizer sobre isso, pois você traz informações que podem ser desenvolvidas. Você pode organizar melhor as suas ideias e escrever um texto muito bom.

Para que seu texto possa ficar melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Reveja a sua definição de bullying. O bullying é um apelido ou uma agressão?
- Cuidado com a grafia da palavra bullying!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema a partir da comparação que faz sobre o que é e o que não é bullying. Assim os dois primeiros parágrafos podem formar um parágrafo inicial.
- No segundo parágrafo escreva a sua tese, a ideia que você irá defender. Você já começou dizendo que o bullying não é recente, complete a ideia justificando porque ainda existe.
- Por que você saltou uma linha? Não é necessário!
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira como você disse, quais são suas características, por que cometem esse tipo de agressão etc.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes sobre as vítimas, as consequências dessa agressão (como você já apresenta no texto), o posicionamento da escola sobre esse problema, os tipos de bullying (lembre-se que há vários tipos).
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais e de correção ortográfica de algumas palavras. Cuidado com os acentos!
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.
- Não é necessário a frase “Diga não ao bullying” no final do seu texto.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno C**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considerei muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final, vírgula nos locais ideais.
- No segundo parágrafo você diz que as vítimas tem muitas formas de reagir. Explique melhor sobre essas reações.
- Traga no terceiro parágrafo o posicionamento de quem tem uma opinião diferente da sua a respeito do bullying de forma mais específica para que você combata a ideia ao longo do seu texto.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.
- Atente-se para a grafia de algumas palavras no seu texto. Se tiver dificuldades consulte um dicionário ou um colega para ajudá-la.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno D**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considere muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Você destacou muito bem os tipos de bullying, quem são as principais vítimas e as consequências dessa agressão. Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. O bullying não é uma brincadeira!
- No segundo parágrafo apresente a sua tese para o tema, a sua ideia para você defender. Você destacou quem são as principais vítimas e as consequências. Você está no caminho certo!
- Você pode apresentar como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira.
- Apresente outros argumentos baseados na lei, em exemplos, em dados etc.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final, vírgula nos locais ideais.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.
- Atente-se para a grafia de algumas palavras no seu texto. Se tiver dificuldades consulte um dicionário ou um colega para ajudá-la a identificá-las.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno E**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considerei muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Lembre-se de no início do parágrafo afastar da margem, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- No primeiro parágrafo você apresenta a sua polêmica referente ao bullying. Evite repetir a palavra bullying utilizando *que* e antes de hoje em dia você pode empregar *mas, porém, todavia etc.*
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender. Que tal juntar o segundo e o terceiro parágrafo em um?
- Desenvolva um pouco mais o contra-argumento que utilizou sobre o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma diversão. Você pode também informar características desses agressores.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes baseado na lei, opiniões...
- Releia seu último parágrafo e observe que ao se referir a suicídio não precisa dizer “próprio” e quando diz “suicídio do autor” o correto é *homicídio*.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno F**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considere muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Além disso, você praticamente não cometeu erros ortográficos!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema?
- Qual será a tese que você defenderá? Será sobre as consequências que as vítimas sofrem? Você está no caminho certo!
- Você pode apresentar como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira e não se dão conta das consequências.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere **ao plural**.
- Você não precisa dizer que está finalizando o texto.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno G**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considere muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga separar as partes sem perder a coerência do seu texto.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final, vírgula.
- No início do texto fale porque o bullying é um assunto que gera polêmica na escola.
- Faça um segundo parágrafo em que deixe claro a sua tese, a ideia que você vai defender no texto.
- Traga no terceiro parágrafo o posicionamento de quem tem uma opinião diferente da sua a respeito do bullying para que você combata a ideia.
- Ao trazer como argumento um exemplo de um caso de bullying que você conhece, relate de forma mais organizada as informações e encerre esse parágrafo dando sua opinião.
- A partir de” hoje em dia” você pode construir outro parágrafo e utilizar dados, informações de especialistas, outras opiniões que podem lhe ajudar a defender sua ideia.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.
- Atente-se para a grafia de algumas palavras no seu texto. Se precisar de ajuda consulte um dicionário ou um colega para ajudá-las.
- Seria interessante você colocar no seu texto o que diz a lei de combate ao bullying, trazer um artigo da lei, os tipos de bullying, quem são as vítimas escolhidas, as consequências ou discutir sobre algo que considere mais relevante.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno H**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considere muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Você quase que não tem problemas com a ortografia das palavras! Só precisamos ter cuidado com os acentos!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes. Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Reveja a sua definição de bullying. O bullying é uma doença ou um agressão?
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema?
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira e não se dão conta das consequências como você já diz no seu texto.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes como você apresentou sobre as vítimas, as consequências dessa agressão, o posicionamento da escola sobre esse problema.
- Você citou os tipos de bullying que estão na lei. Que tal trazer mais um artigo da lei para seu texto?
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa **sobre o nosso tema**, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno I**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considereei muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema?
- No segundo parágrafo deixe clara a sua tese, a ideia que você irá defender
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, quais são suas características, por que agem dessa forma como você já diz no seu texto.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes como sugeri acima.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno J**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você demonstrou conhecimento sobre o gênero e sobre o tema que considerei muito importantes e revelaram o quanto você se empenhou para escrever! Você apresentou em seu texto informações da lei e a opinião de especialistas sobre o a nossa abordagem. Estou muito feliz com seu desenvolvimento e progresso!

Além de tudo isso, você quase que não tem problemas com a ortografia das palavras! Só precisamos ter cuidado com os acentos e a separação de sílabas das palavras no final da linha!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Da linha 1 à 4, você pode formar o seu primeiro parágrafo relativo a apresentação da polêmica e acrescentar se a escola faz algo para combater o bullying.
- Na sua tese, reveja o que diz sobre os agressores e traga como escolhem as suas vítimas.
- No seu contra-argumento, você pode substituir a palavra algo por intimidação e deixar claro que não se trata de um a simples gozação.
- Lembre-se de no início do parágrafo afastar da margem, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Você citou alguns tipos de bullying que estão na lei. Que tal trazer os outros tipos **ou mais um** artigo da lei para seu texto e os dados que coletamos na nossa pesquisa?
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o bullying, apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola para encerrar seu texto.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação.

Vamos lá! Seu artigo de opinião será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno K**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou informações e argumentos que considerei muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Além de não cometer quase que nenhum erro de ortografia das palavras!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Para fundamentar os seus argumentos de forma mais consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema e principalmente ocorre na escola?
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender. Veja que você fez isso até a quinta linha do segundo parágrafo.
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, como você já diz no seu texto. Você pode acrescentar falando sobre como eles agem.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes por meio da lei, relatos, opiniões, exemplos de casos etc. Esse parágrafo pode se transformar em dois ou mais.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying e apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final, vírgula nos locais ideais.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno L**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considerei muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”! Vejo que você tem muitas informações que precisam ser organizadas.

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola, informações dos textos que lemos e dos vídeos que assistimos, etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema que precisamos nos preocupar?
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender. Você demonstrou preocupação com as consequências para as vítimas. Desenvolva essa ideia que estará no caminho certo!
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, quais são suas características e não se dão conta das consequências como você já diz no seu texto na linha 10.
- Retome sua ideia com argumentos consistentes. Você apresentou a influência das mídias, os tipos de bullying, as principais vítimas. Que tal apresentar dados da lei e da nossa pesquisa realizada na escola?
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o nosso tema, a necessidade da lei para combater o bullying, destaque a uma possível solução para esse fato principalmente na escola como você sugeriu ao falar da realização de atividades.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final evírgula nos locais ideais.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno M**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você demonstrou conhecimento sobre o gênero artigo de opinião e sobre o tema que considerei muito importantes e revelaram o quanto você se empenhou para escrever! Você apresentou em seu texto informações da lei e sua opinião de forma bem clara sobre o a nossa abordagem. Estou muito feliz com seu desenvolvimento e progresso! É muito bom ver sua opinião de forma tão clara no seu texto!

Além de tudo isso, você praticamente não tem problemas com a ortografia das palavras! Só precisamos ter cuidado com os acentos!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer poucos ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- O seu primeiro parágrafo relativo à apresentação da polêmica está bem claro apenas reveja o uso das vírgulas.
- O segundo e o terceiro parágrafo podem formar um. Na sua tese, reveja o que diz sobre os agressores, eles têm pouca ou muita empatia com os demais?
- Da linha 11 à 20, você apresenta em sua tese quem são as principais vítimas de bullying e como se sentem. Releia o parágrafo para deixá-lo mais coeso nas construções das orações.
- Quando você coloca que “é bem verdade que...”, você pode a apresentar como um contra-argumento daqueles que consideram o bullying como brincadeira e deixar claro que não se trata de um a simples gozação.
- Que tal trazer para seu texto dados que coletamos na nossa pesquisa?
- Acho que seu penúltimo parágrafo fique melhor colocado depois de quando fala que o bullying não deve ser aceito (11º parágrafo). Concorda? Pois assim, você encerra o seu texto apresentando uma solução.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação.

Vamos lá! Seu artigo de opinião será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno N**

Gostei do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considerei muito importantes e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, informações que obtemos dos textos e vídeos, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Organize suas ideias em parágrafos lembrando de afastar da margem no início, assim visualizaremos melhor as partes do texto que compõem o gênero artigo de opinião como estudamos.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema? Você traz a informação que o bullying sempre existiu. Essa afirmação é para aceitarmos essa prática ou para combatermos e darmos um fim?
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender. Você apresentou informações sobre os tipos de bullying que ocorrem e onde eles são mais comuns. Desenvolva melhor essa ideia!
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, uma graça e não avaliam as consequências como você já diz no seu texto.
- Retome sua ideia em outro parágrafo com argumentos consistentes apresentando as consequências para as vítimas e também para os agressores como você diz no texto.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre esse tema, a necessidade da lei para combater o bullying.
- Finalize apresentando uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Faça a correção ortográfica de algumas palavras. Se for preciso, consulte o dicionário ou tire a dúvida com um colega.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno O**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considere muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir.

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- No primeiro parágrafo ao apresentar a polêmica referente ao bullying, você diz que é tudo aquilo. Não seria melhor substituir por intimidação ou agressão? Releia o parágrafo e veja que palavras como “e”, “que” podem ajudar no sentido do que diz deixando sua polêmica mais coesa.
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender ao comparar o antes e o agora. Por que agora é pior?
- Você pode apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, quais são suas características e não se dão conta das consequências como você já diz no seu texto.
- No quarto parágrafo você pode retomar sua ideia com argumentos utilizados no seu terceiro parágrafo. No entanto organize melhor as ideias.
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, você registrou o que você pensa sobre o tema. Que tal acrescentar a necessidade da lei para combater o bullying, o que ela diz etc
- Finalize com as possíveis soluções que considera viável para esse fato principalmente na escola como você já traz no final do texto.
- Dispense o uso da frase “Vamos ter o Brasil melhor!”
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Cuidado com a separação de sílabas no final das linhas.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

Bilhete orientador**Aluno P**

Gostei muito do seu texto artigo de opinião! Você apresentou argumentos que considerei muito importante e revelaram o seu conhecimento sobre o tema que abordamos, “O Bullying”!

Para que seu texto possa ficar ainda melhor percebi que você precisa fazer alguns ajustes.

Veja as observações a seguir:

- Dê um título que atraia a atenção do seu leitor!
- Para fundamentar os seus argumentos de forma consistente você pode trazer informações obtidas na lei de combate a intimidação sistemática 13.185 de 06/11/2015, dados da pesquisa realizada na escola, opiniões de especialistas, relatos de ocorrência de bullying principalmente na escola etc.
- Reveja no material de apoio a estrutura do gênero artigo de opinião para que você consiga desenvolver suas ideias sem perder a coerência do seu texto.
- Apresente no primeiro parágrafo a polêmica referente ao bullying de forma mais clara. Por que o bullying é um problema ultimamente? Por que você diz que aumentou? Traga para o início do texto o significado do termo bullying que você colocou no penúltimo parágrafo.
- No segundo parágrafo deixe claro a sua tese, a ideia que você irá defender. Por que devemos combater o bullying? Você já expressou que o bullying tem consequências ruins para as vítimas, certo?
- Você precisa apresentar no terceiro parágrafo como contra-argumento o pensamento dos agressores que consideram o bullying como uma brincadeira, quais são suas características, como agem e por que precisam cometer essas agressões.
- Retome sua tese com argumentos de forma consistente. Você já colocou as formas de bullying e onde e como ocorre. Que tal acrescentar informações contidas na lei de combate a intimidação sistemática?
- Como o próprio nome diz, artigo de opinião, registre o que você pensa sobre o tema (se considera uma brincadeira ou uma agressão), a necessidade da lei para combater o bullying etc.
- Você disse como os pais devem se comportar para resolver o problema. Apresente uma possível solução para esse fato principalmente na escola.
- Leia o seu texto pausadamente e verifique a necessidade da pontuação como o ponto final e vírgula nos locais ideais.
- Faça as concordâncias necessárias principalmente no que se refere ao plural.

Vamos lá! Seu texto será um sucesso no nosso blog!

ANEXOS

ANEXO 1 – TEXTO 1

ENTRE SABORES E DISSABORES

Aluna: Camila Gomes Conceição

Sou moradora da zona rural de Nazaré, município do Recôncavo Baiano, reconhecido por produzir uma inigualável farinha de mandioca, símbolo da tradição de nossa terra e responsável por conferir à cidade a alcunha de “Nazaré das Farinhas”. Entretanto, na contramão do indiscutível sabor encontra-se um problema que pode ameaçar o nosso produto de firmar-se como referência nacional: a falta de higienização das casas de farinha.

No ano de 2011, a Universidade Federal do Estado (UFBA), a fim de contribuir para a Indicação Geográfica (IG) desse produto agrícola, iniciou na região, juntamente com alguns parceiros, um projeto do qual eu fiz parte como bolsista de Iniciação Tecnológica (IT), tendo a função de colaborar para o mapeamento de informações acerca do processo de produção da farinha.

À medida que as pesquisas avançavam, foi possível constatar a negligência com a higiene durante a fabricação do produto, em decorrência de fatores como: a estrutura das casas de farinha não impede a circulação de animais durante a raspagem, moenda e torrefação da mandioca; no geral, as raízes não são lavadas; os trabalhadores não usam camisas, luvas, toucas ou máscaras, facilitando o contágio do produto com bactérias e vírus; sem contar que, na maioria dos casos, os locais para o armazenamento após a torragem da farinha são inadequados.

Quando questionados a respeito dos problemas supracitados, os donos de casas de farinha alegaram não ter condições de melhorar esses aspectos diante da falta de recursos financeiros para as reformas necessárias e do excessivo calor, que dificulta sobremaneira o uso de vestimentas e acessórios apropriados.

Compreendo as dificuldades dos produtores; todavia, como atribuir o selo IG a um produto que está em desacordo com as orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)? E ainda: onde fica o zelo pela saúde do consumidor?

Segundo o nutricionista Ícaro Cazumbá (também membro da equipe de pesquisa), embora haja ressalvas no que se refere aos métodos de produção da farinha, essa não é a questão mais preocupante – em virtude de a alta temperatura do forno eliminar toda impureza –, mas a sua conservação até chegar à mesa do consumidor. Diante de tantos fatores negativos, preferi não arriscar e aboli a farinha do meu cardápio

Que fique claro que eu não estou fazendo nenhuma campanha contra a nossa farinha, apenas defendendo o direito do consumidor à informação acerca do produto que irá comprar. Espero um dia voltar a me deliciar com a saborosa iguaria da minha terra; antes, porém, preciso sentir-me segura de que as condições mínimas de higiene estão sendo respeitadas.

Como cidadã nazarena e apaixonada por esta terra, cultivo o desejo de que haja maiores iniciativas governamentais voltadas para as casas de farinha, valorizando os produtores e incentivando-os a buscar melhorias através de cursos, palestras, financiamentos ou empréstimos para reformas e compras de novos equipamentos; enfim, meios que possibilitem à nossa tradicional farinha, a joia do recôncavo, tornar-se ainda mais notável por sua qualidade e excelência.

Professora: Márcia Jesus de Almeida

Escola: E. E. Governador Luiz Viana Filho – Nazaré (BA)

Artigo de opinião de uma aluna finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa de 2014

ANEXO 2 – TEXTO 2

O bullying sempre existiu!

O bullying sempre existiu. Anos atrás as vítimas eram chamadas de CDFs, nerds ou puxa-sacos. Eram jovens que se sentavam nas primeiras fileiras de carteiras na sala de aula, prestavam atenção no professor e na matéria lecionada, inquiriam e respondiam perguntas, faziam o dever de casa e, conseqüentemente, tiravam boas notas. O contraponto era a "turma do fundão", formada por rebeldes e descolados.

Os atos de bullying eram bem conhecidos. Desde o "corredor polonês", onde vários estudantes se enfileiravam para escorraçar o alvo com alguns petelecos, tapas e breves pontapés, a chamada "geral", até o famigerado "te pego lá fora". A opressão era mais física do que psicológica, pois o constrangido tinha em sua defesa o fato de ser, normalmente, melhor aluno que seus agressores.

Claro que também tínhamos o assédio ao gordo, ao feio e ao varapau. Mas a questão é que estas ações eram contidas em si mesmas. As escolas mantinham "bedéis" para colocar ordem na casa e coibir atos de violência, sem falar que ir "parar na diretoria" era temido pela maioria dos alunos.

Contudo, se o bullying ocorresse, ao chegar em casa a vítima ainda iria ter com seus pais. Alguns poderiam dizer: "Não reaja, pois não é de sua natureza", no melhor estilo "ofereça a outra face". Já outros argumentariam: "Se apanhar de novo lá fora e não reagir, vai levar outra surra quando chegar em casa".

Mas isso tudo são histórias de 30 ou mais anos atrás, tempos em que a educação era partilhada pela igreja, a família e a escola. A igreja católica se viu alvejada, no Brasil, pelo avanço dos evangélicos e outras religiões, de modo que passou a se preocupar mais com seu negócio do que com seus clientes. A família abandonou o modelo patriarcal, migrando para o nuclear. Agora a mulher trabalha fora, acumulando a chamada dupla-jornada, ou seja, cuidar de seu emprego e dos afazeres domésticos, sobrando menos tempo para dar atenção aos filhos. Esta nova rotina profissional levou à desagregação familiar. Assim, a educação foi entregue à tutela quase exclusiva da escola que, por sua vez, também se tornou um grande negócio.

Neste quadro, coloque como tempero os conflitos de valores, a influência da mídia e os novos paradigmas sociais. Agora temos alunos que não respeitam professores, colegas e até os pais, pois têm grande dificuldade de lidar com o conceito de hierarquia. O apelo ao consumo

transformou pátios em passarelas, por onde desfilam roupas e celulares. Os péssimos hábitos alimentares promoveram o crescimento da obesidade contrastando com a ditadura da beleza. E a cereja do bolo: a comunicação pelas redes sociais que levam as vítimas à exposição instantânea e em larga escala.

A solução para amenizar o bullying não passa por mais regras, coerção e punição. Passa pelo resgate dos valores e a conscientização sobre o que é certo e o que é errado, tarefa esta da igreja, da família, da escola e também da sociedade.

Tom Coelho 2011

tomcoelho@tomcoelho.com.br

Educador, conferencista e escritor com artigos publicados em 15 países. É autor de 'Sete Vidas – Lições para construir seu equilíbrio pessoal e profissional', pela Editora Saraiva, e coautor de outros quatro livros.

ANEXO 3 – TEXTO 3

A Fábula da Convivência

Durante uma era glacial muito remota, quando parte do globo terrestre estava coberto por densas camadas de gelo, muitos animais não resistiram ao frio intenso e morreram, indefesos, por não se adaptarem às condições de clima hostil.

Foi então que uma grande manada de porcos espinhos, numa tentativa de se proteger e sobreviver, começou a se unir, ajuntar-se mais e mais. Assim, cada um podia sentir o calor do corpo do outro. E todos juntos, bem unidos, agasalhavam-se mutuamente, aqueciam-se enfrentando por mais tempo aquele inverno tenebroso.

Porém, vida ingrata, os espinhos de cada um começam a ferir os companheiros mais próximos, justamente aqueles que lhes forneciam mais calor vital, questão de vida ou morte.

E afastaram-se, feridos, magoados, sofridos. Dispersaram-se por não suportar mais tempo os espinhos de seus semelhantes.

Doíam muito...

Mas essa não foi a melhor solução. Afastados, separados, logo começaram a morrer.

Os que não morreram voltaram a se aproximar, pouco a pouco, com jeito, com precauções, de tal forma que, unidos, cada qual conservava uma certa distância do outro, mínima, mas o suficiente para conviver sem ferir, para sobreviver sem magoar, sem causar nenhum dano recíproco.

Assim suportaram-se resistindo à era glacial. Sobreviveram.

Autor desconhecido

ANEXO 4 – TEXTO 4

LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.**Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).**

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - social: ignorar, isolar e excluir;

V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;

VI - físico: socar, chutar, bater;

VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF
Luiz Cláudio Costa
Nilma Lino Gomes

Diário Oficial da União de 9.11.2015

ANEXO 5 – TEXTO 5

BULLYING A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Artigo por Thatiane Reis Fernandes - quarta-feira, 25 de julho de 2012

A violência na escola tanto física quanto psicológica está aumentando consideravelmente e ganhando destaque na mídia. É considerado bullying: chutar, zoar, bater, ameaçar, e várias outras maneiras de humilhação. Esta situação é muito preocupante para toda a sociedade. O que fazer? O bullying é tão antigo quanto a existência da escola. Infelizmente acontece em todo o mundo. A situação é preocupante, muitos alunos sofrem violência por serem diferentes, mas é claro que o problema não está nessas pessoas e sim nos que se sentem superiores, poderosos. Parte dos alunos que sofreram bullying são praticantes.

Muitos sofrem calados e se tornam adultos agressivos, é aquela velha história, "violência gera violência". Outros além de não procurarem ajuda acabam se isolando tanto e se sentindo tão humilhados que chegam a cometer suicídio. Baixa autoestima, medo, angústia, diminuição no rendimento escolar, aumento do pedido de dinheiro aos pais, não querer ir à escola, entre inúmeras outras são consequências do bullying que podem refletir em toda a sociedade, esses agressores possuem grandes chances de se tornarem adultos revoltados, criminosos e até mesmo criarem uma gangue perigosa.

É preciso que familiares e professores estejam atentos aos sintomas, pois, geralmente as vítimas não procuram ajuda. Não adianta mudar de escola, pois o problema acontece em todo o mundo. Após notar esse comportamento anormal é preciso procurar ajuda de um psicólogo. Seria importante também que todos os professores tivessem um conhecimento que fosse capaz de analisar a mudança de comportamento dos alunos pra que não resolvam o problema tarde demais.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online : Mais de 1000 cursos online com certificado

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/15010/bullying-a-violencia-nas-escolas#ixzz40R5XRWsn>

ANEXO 6 – MATERIAL DE APOIO SOBRE ARTIGO DE OPINIÃO E TIPOS DE ARGUMENTOS

Artigo de Opinião

O que é:

Trata-se de um texto de opinião, dissertativo ou expositivo, que forma um corpo distinto na publicação, trazendo a interpretação do autor sobre um fato noticiado ou tema variado (político, cultural, científico, etc.). O artigo vem geralmente assinado pelo articulista e não reflete necessariamente a opinião do órgão que o publica, a estrutura composicional desse tipo de texto varia bastante (não necessariamente terá uma estrutura canônica tradicionalmente ensinada na escola: Tese inicial na Introdução; Argumentação/Refutação no Desenvolvimento e Conclusão), mas sempre desenvolve explícita ou implicitamente uma opinião sobre o assunto, com um desfecho conclusivo, a partir da exposição das ideias ou da argumentação/refutação construídas. Em suma, a partir de uma questão polêmica e num tom/estilo de convencimento, o articulista (jornalista ou pessoa entendida no tema) tem como objetivo apresentar seu ponto de vista sobre o assunto, usando o poder de argumentação, defendendo, exemplificando, justificando ou desqualificando posições.

Organização do texto:

Introdução	Descrição do assunto que gera a polêmica.
Desenvolvimento	Tese do autor (proposta ou posicionamento). Tese contrária (ou atitudes contrárias). Refutação (não aceitação) da tese ou das atitudes contrárias. Argumentos a favor da tese do autor.
Conclusão	Fecha o texto e reforça a tese do autor.

Tipos de argumentos	Explicação	Exemplos
De autoridade	Reproduz declarações de um especialista, de uma pessoa respeitável (líder, artista, político), de uma instituição considerada autoridade no assunto.	O aumento no número de cobras encontradas em diversas cidades do país pode ser provocado pelo desmatamento e pela destruição do habitat natural desses animais. É o que explica o coordenador de fauna do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), João Pessoa Moreira, em declaração ao site G1, em 26 de novembro de 2009.
Exemplos	Relata um fato ocorrido com o autor ou com outra pessoa, para mostrar que o argumento defendido é válido.	A demissão do senhor Vicente Francisco do Espírito Santo, da Eletrosul, em março de 1992, porque seu chefe pretendia “clarear o ambiente”, foi um caso emblemático de discriminação racial. O funcionário entrou com processo e foi reintegrado ao quadro funcional da empresa três anos depois.
Provas	Comprova seus argumentos com informações incontestáveis: dados estatísticos, fatos históricos, acontecimentos notórios.	Relatório da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação indica que o desmatamento ocorrido no Brasil entre 2000 e 2005 responde por 42% da perda de áreas florestais no mundo. A informação foi publicada no site do Greenpeace, em 26 de novembro de 2009.
Princípios ou crença pessoal	Refere-se a valores éticos ou morais supostamente irrefutáveis.	A vida é sagrada e ninguém tem o direito de retirá-la de outra pessoa. Por isso a pena de morte é inaceitável.
De causa e consequência	Afirma que um fato ocorre em decorrência de outro.	Os abortos feitos de forma clandestina e insegura provocam sérios riscos à saúde da mulher, como a perda do útero, hemorragias e mesmo a morte.

ANEXO 7 – TEXTO 6

Nem tão doce quanto parece**Aluna: Jaqueline Ferreira da Silva**

A pacata cidade de Goianésia, situada no Vale do São Patrício, é carinhosamente chamada de “Princesinha do Vale”, por ser considerado um lugar jovem, bonito e organizado. O setor primário é o motor da economia, pois, além da produção de leite, milho, sorgo e seringueira, destaca-se na atividade canavieira. A cana-de-açúcar é o nosso ouro verde e gera emprego e renda para a população. Entretanto, visando aumentar a produção, os empresários do setor sucroalcooleiro investem cada vez mais na mecanização. Essa é a causa de grandes transtornos para os goianesienses. O assunto é alvo de tensas polêmicas, pois os prós e os contras são muito polarizados.

Como consequência do processo inovador, as máquinas substituem as mãos calejadas dos trabalhadores braçais, tornando o doce da cana um amargo fel para as suas vidas. Acredito que isso não deve acontecer, uma vez que é a jornada desses labutadores, em meio aos quilométricos canaviais, que garantem o “doce açúcar” de cada dia.

A oferta de serviços para os “boias-frias” diminuiu consideravelmente, por isso aqueles que permanecem no emprego, geralmente com baixa ou sem nenhuma escolaridade, se sujeitam a qualquer condição de trabalho. Por pior que seja, não podem perder o pouco que ganham. É evidente a desvalorização destes profissionais, que ficam escondidos entre os “jussás” da cana.

Um rurícola que trabalha há mais de 26 anos em uma indústria local alega que seu salário, assim como o de seus colegas, caiu drasticamente nos últimos anos. Segundo ele, os trabalhadores com menos tempo de serviço são os primeiros da lista de demissão; já aqueles que estão na firma há longo período são pressionados a pedirem as contas. Essa é uma política que reduz os custos para a empresa, mas é simplesmente vergonhosa e lastimável.

Cabe ressaltar que o desemprego que se alastrou por Goianésia, em decorrência desse processo, gerou um surto de vendedores ambulantes, os mascates. Eles estão à mercê do trabalho informal; logo, se encontram desprotegidos e desamparados pela legislação trabalhista.

A mecanização é estimulada por lei, pois reduz as incinerações, uma vez que as máquinas fazem a colheita sem a necessidade de queimar os canaviais. Os donos das empresas utilizam-se desse artifício de sustentabilidade ambiental a fim de justificar a demissão dos boias-frias. E o sangue e suor derramados durante anos por esses guerreiros entre as canas não conta? É possível preservar o meio ambiente e ao mesmo tempo zelar pelo ofício desses colaboradores; portanto, uma desculpa como essa é ridícula.

Uma solução viável seria adaptá-los para a colheita da cana “crua”, que, por ser mais dificultosa, requer melhor remuneração. De acordo com o meu professor de biologia, Victor de Sá, essa modalidade de corte também é lucrativa para a empresa. Ele acrescenta que as queimadas só servem para aumentar o desempenho de cada trabalhador, serventia que se torna insignificante se comparada aos impactos ambientais gerados.

Outra questão levantada pelos donos das empresas é que o lucro gerado pela mão de obra dos boias-frias é bem menor que o proporcionado pela mecanização, pois, segundo dados da edição nº- 88 da revista Dinheiro rural, uma máquina faz o trabalho de até 100 rurícolas. Concordo plenamente com eles, mas isso não é justificativa para demiti-los, já que necessitam desse árduo trabalho para sobreviverem. Quero que meu grito represente o choro desses batalhadores reprimidos pela opressão dos gerentes do agronegócio. Portanto, lanço minha voz em prol dessa causa nobre, pois tenho sede de mudança.

O correto seria investir em projetos de capacitação profissional, para que os boias-frias possam ser admitidos em outros cargos e trabalhem em melhores condições. É importante priorizar o bem-estar do trabalhador-estudante, visto que as duas profissões acarretam um grande desgaste físico-mental.

Nesse âmbito, medidas como reduzir a jornada de trabalho, bonificação salarial, folgas em dias de avaliações, entre outras, seriam eficazes. Com essa ascensão profissional, tanto os rurí- colas quanto os empresários tendem a ganhar. Sem demissões, sem prejuízos para as empresas e sem maiores ou tantos danos ao meio ambiente, todos nós poderemos saborear semculpa a doçura desse açúcar que “alimenta” a economia de minha cidade.

Professora: Patrícia Nara da Fonseca Escola: C. E. Jalles Machado – Goianésia (GO)

ANEXO 8- PRODUÇÃO DE TEXTO DOS ALUNOS (INICIAL-1ªVERSÃO)

Bullying

O que o bullying não faz é ser quem pratica honestamente
 não vai fazer nada o bullying é uma agressão psicológica
 que causa até mortes de 100 pessoas uma grande parte de
 número 80% de casos de bullying no mundo frequentemente

O bullying não tem mas ainda é por que as pessoas
 tem deficiência ou tem diferentes formas físicas
 para evitar bullying devemos para com as brincadeiras
 de mau gosto pois as pessoas que sofri ficam em

Depressão muitas acabam se matando ou digo
 o bullying não pode ser usado para fazer o mau
 se quis sofrer e quem pratica acaba se dando muito
 mau pois os que sofrem se vingando deles que praticam

Bullying não presta de quer fazer bullying físico
 com o próprio bullying pois não tem nada pois que
 o bullying digo somos expulsos o bullying.

Produção inicial: ALUNO A

Bulling é um apelido que uma pessoa coloca no outro. A outra não gosta e os outros continuam falando.

O que não é Bulling é quando a gente põe um apelido em alguém e aquele alguém não liga nada tudo na brincadeira.

mas Bulling não é um erro recente, tem muito tempo que o Bulling já existe.

O que leva o autor do Bulling a praticar é se saber que uma pessoa não gosta. O nome daquela pessoa se chama e chamam.

O escritor também pratica do Bulling porque quando uma pessoa pratica um apelido que a outra não gosta, faz de tudo para se juntar aos outros e se divertir como se fossem a vítima do Bulling. Ele se ilude que existe a pessoa besteira na mente.

as vezes a vítima do Bulling pode se tornar a vítima e ser a vítima. Pode ficar doente não fazer amizade com ninguém. Não dá para não fazer nada de ninguém e as vezes podem até cometer suicídio.

O Bulling com agressão física ou o Bulling com agressão moral os dois são muito graves. Podem causar morte, suicídio, brigas e muitos mais. As pessoas não fazem Bulling e as crianças porque são inocentes. A outra criança que pratica o Bulling não faz isso em brincadeira, aí se ninguém falar ou mandar parar ele começa a praticar Bulling até o dia que acontece uma coisa feia. ~~Podem causar morte~~

Bullying é Crime

Eu sou completamente contra o bullying porque o bullying é um crime e os pessoas que cometem o bullying está completamente errado e eu prefiro não fazer o bullying porque eu não ia gostar se alguém fizesse isso com mim. A pessoa que sofre o bullying tem vários formas de reagir por que no momento da raiva a tristeza e desespero a pessoa fica completamente alienada e tenta incendiar dos pais.

É muito bom nos pensar no que nos vamos dizer pros pessoas por que as vezes nos não pensamos no que fala e pode causar bullying de sem querer e é muito bom respeitar as pessoas e fazer a diferença. Por que não sabemos a realidade das pessoas e nos conhecemos por fora. mas não conhecemos por dentro. Por que só Deus conhece cada um de nos por fora e por dentro ele nos sendo a todo hora e a cada momento e as vezes por uma simples palavra uma simples besteira pode levar a morte. E o bullying não é só quem fala e pessoas que ri dos outros e a pessoa que sofre o bullying com isso a fica desconfiada, acanhado, e com muito vergonha e que nos pessoas de colocar no lugar dos outros e compreender a dor do bullying nos temos que servir de exemplo e fazer a diferença Jesus chamou os justos para fazer a diferença no meio dos ímpios. É muito das vezes nos enxergamos os erros e os defeitos dos outros e não olhamos pra o nosso por que nem um de nos somos perfeitos só Deus.

Produção inicial: ALUNO C

Bullying

Bullying é uma brincadeira que muitas pessoas não gostam ~~vale~~ o que não é bullying é as pessoas viverem em união e em amor pelo próximo esquecem os defeitos das pessoas porque as pessoas que sofrem do bullying ficam com medo, odio, tristeza, insegurança e não conseguem lidar com essas brincadeiras causa muitas mortes e muitos ficam chateados com as pessoas tem que fazer para evitar que isso aconteça deixando de abusar os colegas quando os colegas vêm criticar as pessoas ficam com muito odio e acaba cometendo muitas loucuras.

É melhor agente se colocar no lugar dos outros porque agente não ia gostar de ser com nós porque é bem mais fácil agente apontar os erros dos outros do que o nosso porque ninguém é perfeito que nós podemos respeitar os colegas e fazer a diferença com as pessoas.

As crianças são as principais vítimas, podem já possuem muitos adultos com estes problemas: depressão, baixa auto-estima, ansiedade, abandono dos estudos essas são algumas das características alvo costumam serem pessoas mais retraídas, inseguras. Essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldades de aceitação... As formas de bullying escolares são: agressões físicas, verbais, ameaças, brigas, chantagens, apêlidos, tratos, roubo, racismo, xenofobias - atencão a tudo aquilo que vem de outro...

Produção inicial: ALUNO D

Bullying

O Bullying é uma humilhação, agitação, maltrato. ~~ao contrário~~ ^{nessas} no bullying é um desrespeito as pessoas, essas pessoas que faz bullying com outro não tem respeito a outro, quem tá sendo, tá do lado também está em bullying.

Respeito ao próximo isso não é Bullying, mais muitas gente não entende o que é respeito, consideração, harmonia, isso as pessoas não entende, mais humilhação elas entendem e sabem fazer.

O bullying já existia a muito tempo mais faziam e fica por ali mesmo, agora já tem redes sociais.

O autor de bullying acha defeitos nos outros ~~isso~~ e começam a praticar o bullying. A vítima de bullying pode ser identificá-lo, porque ele fica calado no canto sem reagir.

~~o~~ ^o vítima pode cometer seu suicídio, ~~o~~ pode ~~o~~ fazer muitas coisas, pode até matar o autor de bullying. Bullying com agressão física ou moral os dois são ruim, por que de um jeito ou de outro é bullying. ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ a agressividade é a arma daquele que se sente oculto,

Produção inicial: ALUNO E

"Bullying"

Bullying é um tipo de preconceito com as outras pessoas que não tem o mesmo coraço das outras pessoas e eu sou super contra o bullying porque Deus criou todos nós e não deu o nome de preto e nem branco não.

Ele deu a cada um nome então porque colocar o nome das pessoas de outra forma eu sei que quando um chama outro daquela feita Deus fica muito triste com isso.

O bullying é um dos preconceitos que acontece a muito tempo atrás o bullying acontece com um apelido e aquele apelido gera um trauma muito grande.

As vezes as pessoa está sofrendo a muito tempo aquilo e não fala pra ninguém então aquela pessoa que sofre muito com aquilo.

O bullying com agressão física é muito pior porque além de sofrer bullying sofre agressão física, verbal, ameaças, surras, chantagens, apelido, tratos ruins, racismo, xenofobias, ameaças a tudo aquilo que vem de outras culturas ~~intimidadas~~ e nacionalidade - intimidações, piadinhas, assédios, xingamentos, abusos, discriminações e várias outras formas de ridicularizar uma pessoa.

Para sobreviverem sentimentos como raiva, medo e ansiedades como brincar com outras pessoas, participar de atividades esportivas, interativas ou artísticas (música, teatro, artes plásticas e dança)

Produção inicial: ALUNO F

"Bullying"

Bullying é uma coisa muito triste que pode até causar morte por isso que eu não fasso Bullying com ninguém e sou trantra. Bullying é uma coisa muito visto nesse país

Eu conheço uma pessoa que já foi vítima de Bullying e ela sofria muito e ela chorava muito da escola as colegas chamava e de ela e ela dizia que ninguém gosta de mim pra que deus me fez para sofrer assim

Tudo lugares que passava os pessoas criticava ela um dia ela deu a volta por cima e não ligo mais e disse pra mim agora eles falam eu não tô nem aí

há em dia ninguém respeita ninguém as vezes tem gente que não acha trabalho por se ~~prato~~ como dizem se tudo mas não ligase não acontecer o Bullying no nosso país

Deu fez mas todos um igual ou outro mas tem gente que se... membro aquelas pessoas que praticam Bullying deveria descer mas cuidado por que assim mesmo que muito mais sem precisão e com pestência

As formas de Bullying mais comuns em ambientes escolares são agressões físicas e verbais ameaças, linças e chantagens apelidas brates saulic, racismo, xingamentos - aversão a tudo aquilo que vem de outras culturas e nacionalidades - intimidações piadinhas assédios xingamentos alusos discriminações e várias outras formas de se ridicularizar uma pessoa Bullying ocorre e que com a influencia da televisão e da internet as apelidos já que tudo isso pode ser resultado das agressões

Bullying Não

O bullying é uma doença que existe em vários países do mundo, principalmente, onde ocorre é na escola, na rua ou até mesmo na igreja.

O bullying é uma agressão que acontece com pessoas negras, gordas, alta e baixa. Essa doença que tem mais ou menos 25 anos ou até mais, o ruim dessas pessoas que gostam de fazer isto, eles podem até se divertir mais a pessoa que está sofrendo com esta doença podem até sofrer calado mais não conseguem contar para os pais, professores por ter vergonha de falar e se disserem alguma coisa que puniriam os agressores eles iam pedir para a violência física. As vítimas do bullying elas ficam caladas e não falam com ninguém ali um certo ponto que elas aguentam e quando não dá mais elas se matam ou vivem com violência.

O bullying com agressão moral é a pior por que todos as pessoas juntam contra essa vítima e começam a perturbar. Por isso que as pessoas que sofrem bullying a maioria preferem se calar e ficam na rua ou estão sozinhos e pode acontecer algo pior com o agressor.

~~O bullying de fato sempre existiu e que ocorre é que, com a influência da televisão e do internet, as pessoas preferem fazer tomando outras proporções.~~

Por que o bullying é uma chantagem ou violência física moral, sexual, virtual e até mesmo em qualquer lugar do mundo.

O bullying físico é aquele que ocorre com pessoas gordas, negras, baixa, alta, magras, e cor do olho e até mesmo o cabelo.

O bullying moral é aquele que as pessoas fazem através de chantagens pela boca ou por gestos.

O bullying sexual virtual é aquele que ocorre com o computador ou pelo celular, que os agressores ficam mandando vídeos para essas pessoas que sofrem.

O Bullying

O Bullying hoje em dia acontece não somente nas escolas fora também acontece por exemplo na rua, no trabalho, na igreja e etc. Também tem situações que se caracteriza por agressões verbais ou físicas feitas de maneira repetitiva pois o bullying tem a origem na palavra bully, que significa valentão, brigão mais é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

O bullying é assim pense antes de falar talvez se fosse com você você ia gostar não claro tem situações que o bullying levar a pessoas a morte isso é muito grave mas qualquer com o bullying coisa seria tem palavras que podem até levar uma pessoa a morte também tem uma coisa importante que pode evitar a prática do bullying respeitar as diferenças e as qualidades do outro pode evita a prática de bullying entre as demais pessoas pois isso que eu entendo sobre o bullying assim finalize minha redação.

Produção inicial: ALUNO I

Bullying

O Bullying é um termo originado do folclore inglês "Bully" que significa, Valente, Brigão.

O Bullying é algo que está muito presente na sociedade, principalmente nas escolas. O bullying não é algo recente, ~~tem acontecido o mesmo tempo, mais não se algo que se desvriu atualmente.~~

Muitas pessoas confundem o bullying com uma simples brincadeira, só que não é bem assim, na verdade é algo muito mais sério no caso de quem sofre o bullying. No meu ver, a brincadeira é algo que ambos se divertem.

Impelmente as pessoas que sofrem o bullying tendem a ficar solitárias, agressivas. Em alguns casos a pessoa fica depressiva, e nos piores casos, o suicídio.

O que fazem as pessoas a cometer bullying são os defeitos físicos das outras por exemplo: Alto, magro, gordo, negro entre outras.

O Bullying deixou de ser apenas uma "chacota", é um crime, que pode levar a prisão.

Além dos tipos de bullying, o moral e o que agride, os dois são físicos.

~~Agora me pergunto, e se fosse um ato?~~

A psicóloga Maria Inez moldonado afirma que também possuem adultos. Com estes problemas, por exemplo: Depressão, baixa auto estima, ansiedade, abandono de estudos. Os principais alvos de bullying costumam ser pessoas solitárias ou inseguras. Essas características ocorrem fazendo com que elas não fiquem felizes. A pedagoga Flavia Cristina Oliveira Almeida de Romão sugere que crianças realizem atividades como brincam com outras pessoas, participem de atividades esportivas, interativas em outras culturas, teatro, artes plásticas, danças, danças de proteção espiritual.

Nr

Produção inicial: ALUNO J

Bullying, o que se trata?

O bullying é um termo que dá e diz, leva e traz. Muitos dos humores são de criticar a maneira de agir e modo de falar, vestir, andar, hábitos de pessoas especiais etc. Isso sem saber se colocam no lugar do outro sentir na pele tudo que aquela pessoa passa, todos os seus dificuldades porque quando falamos "especial" é algo diferente e o tratamento deles tem que ser melhor, porque ser especial porque ela é especial.

Di vem uma pessoa e a ofende com palavras que magoa profundamente sem saber as consequências que isso trás a ela que não são consequencias boas de lhe dar.

É o bullying não só em crianças, adolescentes, jovens, idosos especial não é por qualquer características físicas diferentes, ou por que tem demais ou de menos, um exemplo: em jovens seja a mulher ou homem ser chamado(a) de "gordinho(a)", por que está acima do peso ele é oprimido por isso sendo chamado de conclusões pessoas do agressor que pratica o bullying que sofre em dia e noite por que cada dia que passa aumenta mais.

Pois além de ser violência moral também existe física, os dois muitos vezes estão lado a lado trazendo sofrimento a muitas pessoas que o autor do bullying nem imagina temer que nos coloca no lugar do outro e para de cometer esses erros opressivos.

Produção inicial: ALUNO K

Bullying

Bullying é quando a pessoa chama a outra de um Ex: Meu olho grande, seu cabelo. Tipo essas coisas de Times que fala com uma coisa de Bullying isso leva a pessoa até mesmo ter motor Também a vítima ele quando muito raiva, leva a pessoa mata o outro isso é muito sério para eles que não se dão conta de mais o Bullying já vem acontecendo a muito tempo mais as pessoas pensam o outro na virada tem ele que não mais, um pergunta ser sabe ser ele to gostado? do "bullying" sabe o que ele to sentido por dentro muitas pessoas leva na virada mas não sabe o que ele to sentido por dentro então eu vou contar o Bullying não acha isso certo e acho que tem que falar isso que eu acho de Bullying o que ocorre é que tem a influência da televisão e da internet as apelidos já mais a punição As crianças não as principais vítimas também os adultos tem dificuldades de lidar com o problema de Bullying O Bullying tá bem e mais comuns em na escola agressões físicas, verbais, amarras, virgas, chantagens, apelidos, trotes, waull, racismo, xenofobias as principais alvos do Bullying são o aquelas pessoas mais retraídas inseguras acallam fazendo com que os pessoas não se tornem ajuda, elas ficam desamparadas a vários tipo de se ridicularizar uma pessoa, para poder tirar o quele raiva e medo e ansiedade e que as crianças realize Atividades como brincar com outras pessoas participar de atividades coletivas ou interativas e são vários formas de o criança se Alisar para os sentimentos e assim transformar sua própria realidade que extrair a criatividade das crianças e uma forma de guarda esse mágoa durante anos e não ter dificuldade de se relacionar com outras pessoas e que o valor e respeito e amor...

Produção inicial: ALUNO L

O Bullying

O Bullying é um tipo de opressão, humilhação que acontece de várias maneiras e em vários lugares.

O Bullying é feito por pessoas que tem pouca empatia, que se consideram os mais fortes da turma e são agressor.

Os que cometem Bullying não gostam de se adaptar a regras.

O Bullying acontece muito das vezes em escolas, alunos que são mais quietos geralmente são os que sofrem o Bullying, outros sofrem por serem magros, outros por serem gordos, outros por ter alguma deficiência, algum modo de falar ou até mesmo de se vestir.

Bribeidades em que dois ou mais concordam mas é considerado como Bullying. O Bullying é um tipo de ofensa em que oprime uma pessoa.

As consequências que o Bullying traz na vida da vítima são consequências que pode prejudicar ambas partes. Por ex: A vítima sofre Bullying repetidamente e não faz nada, fica quieto, chega um determinado tempo em que ele se mata ou mata o opressor.

É uma verdade que os sentimentos que sofrem as vítimas de bullying, são sentimentos de medo, timidez, baixa auto estima, tristeza, insegurança, odio, dentre outros.

Na minha opinião eu sou contra o bullying, tanto bullying com agressão física como o bullying verbal.

O bullying verbal eu acho que oprime, que machuca muito um indivíduo, pois quando um indivíduo sofre bullying verbal ele guarda no coração e aquelas palavras não saem da sua mente, por isso

as palavras não saem da sua mente, o indivíduo pode ficar deprimido ou até mesmo querer se matar.

Na minha opinião eu acho que o bullying não deve ser mais escrito pelas vítimas, eu acho que deve ser falado para os pais ou direção do colégio para que não fique pior e acabe em morte de ambas partes, tanto da vítima como do agressor.

Na minha opinião eu acho melhor para vocês que pratiquem o ato de bullying pensar antes de falar pois uma palavra que sai da sua boca pode machucar alguém.

É pra vocês que sofrem o bullying não fique quieto, não coma calado, se abra com uma pessoa de confiança para que seja tomada as decisões certas.

Produção inicial: ALUNO M

O Bullying

Existe tanto nas escolas, quanto na rua, mais pra variar o Bullying existe em qualquer lugar provavelmente, mais muitos sentem este tipo de coisa, o Bullying se caracteriza por "Agressões nas escolas ou foras de maneira repetitiva por um ou mais colegas contra um ou mais tipo de pessoas, mais eu não sei porque porque tem meninas(as), Valentes(as), Badaladas(as) e etc... e etc porque eles não sabem Bullying, porque eles não sabem qualquer tipo de aterrorização brincadeira de mal gosto alguma brincadeira sem graça, porque? Eles só querem os mais ricos os inteligentes aqueles que não ligam pro Briga porque que eles gostam de fazer Bullying só porque não tem de mais de Badaladas e varias outras coisas, sempre que um idiota que falta logo uma brincadeira de mal gosto como isso "U que é aquilo, mais que cair honrosa, alho, roupa e o cabelo KKKKK", ai ficam todos debochando!! E aqueles pessoas que ficam ali (oh eu quero do tempo que for necessario, tudo isso e todo dia mais dependendo, querendo de, ou ceder, querendo ir pra escola, embora sem a mal saber de nada, mais quando chega na sala de aula e nos corredores lentamente ficar tranquiho mais o coturno, chega junto pra fazer as coisas de dominio so pra ser gloriado no pra dizer que todo mundo, ~~ai~~ e onde pra ser admirado e dizer que eu posso fazer Bullying porque é muito engraçado il por isso não da cadeia porque é apenas uma brincadeira mais tem gente que hoje o dia todo e não acha isso uma brincadeira uma coisa dessa o horrível mas simplesmente tem que apudiar os mais próximos!

O Bullying é crime, e uma agressão

Vitimas, e mais não
Eles que praticam Bullying

Bullying

Bullying é tudo aquilo que ocorre no-
sso colega e colega apalido, essa prática que
pode levar a morte, palavras e pior que um
tempo no resto, pode levar a morte pode levar
a depressão.

O bullying já veio de muito tempo mas
no dia de hoje veio muito pior e para
critica muito pelo direito físico de um
colega para mania fazem bullying. Temos
que pensar antes de falar para não acabar
com uma vida. Tem gente que não sai
de casa para não sofrer agressões.

Nós podemos lutar para acabar com o
bullying porque isso muito sofrido para
se viver. Vamos denunciar essa pessoa que
fazem essa prática com o nosso próximo
vamos ser um país solidário e não ficar
rindo do nosso colega.

O bullying sempre existiu. Os pais devem mostrar
que o filho não é culpado pelas perseguições e
deixa claro que ele tem os seus valores e qualida-
de. É importante incentivá-lo a contar sobre o
que acontece na escola e apresentar as pessoas que fazem
parte do seu ciclo de relacionamento.

Produção inicial: ALUNO O

Bullying

Bullying é uma coisa que ultimamente está aumentando, as pessoas que praticam conseqüentemente aumentam as vítimas, no bullying a maioria das vítimas são as mais indefesas as pessoas que praticam esses atos são chamados de infelizes.

As pessoas que sofrem geralmente ficam mais distantes de todos os comportamentos muda fica mais no canto as risas ficam choradas e também a vítima fica com muita raiva e também com muita medo.

Mas infelizmente o bullying não acontece só nas escolas acontece em todos os lugares como por exemplo no trabalho, em casa, na rua, na casa do colega de casa.

No escola são as principais formas de bullying, são: Agressão física e verbal, amedrontar, fofocas, chantagens, apelidos, trocas, roubo, ridicularização, intimidação, perseguições assíduas, xingamentos, alusos, discriminações e várias outras formas de praticas de bullying na escola.

O termo bullying tem origem do palavra inglesa bully, que significa malintão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como somelas, tirania, apressão, intimidação, humilhação e maltrato.

Os pais devem mostrar que os filhos não são culpados pelas perseguições e deixas brals que ele tem os seus direitos e a qualidade

Produção inicial: ALUNO P

ANEXO 9 – PRODUÇÃO DE TEXTO DOS ALUNOS (FINAL-2ª VERSÃO)

Bullying

O bullying é uma agressão psicológica que atinge 80% entre 100 pessoas as pessoas mais atingidas são crianças tem todo tipo de bullying Verbal, Moral, sexual Moral, social e o mais usado é o cyber bullying que ocorre pela internet muitas pessoas acabam cometendo suicídio as pessoas que sofrem bullying preferem ~~o~~ escola e que sentem o bullying é um grande problema no mundo não é brincadeira bullying é crime não pratique bullying por que não pode está fazendo uma pessima coisa para outras pessoas um exemplo de bullying ~~o~~ peguem sempre as mais quietas ou quem usa culos ou um garotinho etc. ~~o~~ dai começa as gozações dai acontece uma Intimidação Sistemática (Bullying) esse agressor não para com os abusos as gozações começa a ser frequente o bullying ~~o~~ não pode mais existir temas que botar o bullying para correr para acabar o bullying vamos participar de Dia de combate a Intimidação Sistemática temas que pegam as pessoas que comete o bullying e fazer pra ela do próprio nome não se o bullying presta oparte dessa atitude para ser se o tem praticar o bullying o numero da lei do Bullying é 13.185 de (06/11/2015) não vamos praticar bullying pois quem sofre bullying entao está em depressão as consequências do bullying e ovinos as pessoas quem cometer Suicidio, querem matar e agredir, temas que evitam tem muitas causas de bullying não só no Brasil mais em todo o mundo.

Produção final (2ª versão): ALUNO A

Bullying é um apelido que uma pessoa coloca na outra e a outra não gosta e as outras continuam falando.

① Que não é Bullying é quando agente Bota um apelido em alguém e aquele alguém não liga pra tudo na brincadeira.

② Bullying não é um fenômeno recente tem muito tempo que o bullying já existe.

③ Que leva a outras do bullying a praticar se sabe que uma pessoa não gosta que chame daquele nome e a outra chamar.

④ Espectador também participa de Bullying ~~se~~ porque quando uma pessoa botam apelido que a outra não gostam todos que está ali juntos vão dar olhadas com a cara de vítima. Então indentificar a vítima de bullying ele ou ela ficam triste e se aborrem dentro na mente e faz até outras em depressão.

As consequências de bullying para vítima é que a vítima pode ficar deprimido não quer socializar com ninguém não quer falar de ninguém e as vezes podem até cometer suicídio.

⑤ Bullying com a intenção física ou o bullying com agressão moral as dois não muito grave podem causar mentes suicídio baixas e muito mais. As pessoas mais que sofrem bullying são as crianças porque são inocentes e a outra criança que pratica o bullying não pensa em nada aí se ninguém manda parar ele segue praticando bullying até o dia que acontecer uma coisa pior.

DIGA NÃO AO BULLYING

Produção final (2ª versão): ALUNO B

① Bullying

O bullying de fato sempre existiu
 as pessoas que praticam o bullying isto comp-
 letamente errada e acaba constrangendo a pes-
 soa que ta sendo ofendida.

A pessoa que sofre o bullying tem varios
 formas de reagir,
 Os pais dizem muitas que o filho não é
 culpado de perseguido e quem ofende fala
 as coisas e nem pensão no que está falando.
 E eles não pensão nas consequências
 que ele pode causar.

De certa forma o bullying é uma práti-
 ca de exclusão cujos principais atos costum-
 am ser palavras mas retróidas insegura,
 e muitas das vezes as pessoas que pratic-
 am o bullying vai ta prejudicando e ofen-
 dendo a pessoa que vai estar sofrendo e
 Não sabendo que isso é crime e pode
 levar a cadeia e se a pessoa for de men-
 or idade ta prejudicando os seus pais tam-
 bem e o bullying começa com intimi-
 dades, piadinhas, acedio, xingamentos, dis-
 criminações e coisas outras coisas.

É as pessoas que praticam o bullying
 são que vê os defeitos dos outros e não
 olha para o seu. Eles tem que enxergar que to-
 dos não somos iguais, e temo que ama-
 mos aos outros como a si mesma e temo
 que fazer a diferença no meio dos outros pessoas.

O Bullying é uma brincadeira que muitas pessoas não gostam, sabe o que não é Bullying? é as pessoas viverem em união e em amor pelo próximo esquecer os defeitos das pessoas porque o Bullying de fato sempre existiu. as pessoas que sofrem do Bullying ficam com medo, odio, tristeza, insegurança. As crianças são as principais vítimas, porém já passaram muitas adultos com estes problemas depressão, baixa auto-estima ansiedade, abandono dos estudos essas são algumas das características alvo costumam serem pessoas mais retraídas inseguras essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldades de aceitação. A formas de Bullying escolares são agressões físicas, e verbais, ameaças, brigas, chantagens, apelidos, trotes, roubo, racismo, xenofobias - aversão a tudo aquilo que vem de outras culturas e nacionalidades. intimidacões, Piadinhas, assédios, xingamentos, abusos discriminacões e várias outras formas de se ridicularizar uma pessoa. É melhor agente se colocar no lugar dos outros por que agente não ia gostar se fosse com nós porque é Bem mais fácil agente apontar os erros dos outros do que os nossos erros porque ninguém é perfeito que nós podemos respeitar os colegas e fazer a diferença com as pessoas.

Produção final (2ª versão): ALUNO D

Bullying

O bullying é um xingamento, humilhação, ameaça, maltrato ao próximo, e bullying já existia a muito tempo mais jogavam e ficava por ali mesmo, hoje em dia se espalham pelas redes sociais. A vítima de bullying pode ser indisciplinada por: baixa-estima.

As formas de bullying mais comuns nas escolas são: agressão física e verbal, ameaças, apelidos, maltrato e piadinhas.

O autor de bullying acha graça, divertido, quando acha outra pessoa pra praticar e com ela pior fica.

Deixa claro que o comportamento agressivo da vítima é inevitável, mas que é possível mudar esta conduta. É de esta forma, o bullying é uma prática de exclusão social e os principais alvos costumam serem pessoas mais retraídas, inseguras.

Além dos pais, os professores também estejam atentos as vítimas.

A vítima fica depressiva, muitas cometem seu próprio suicídio ou até o suicídio do autor de bullying. A agressividade é a arma daquele que se sente acuado.

Produção final (2ª versão): ALUNO E

"Bullying"

Bullying é um tipo de preconceito com as outras pessoas que não tem o mesmo caráter das outras pessoas e eu sou super contra o bullying porque Deus criou todos nós e não deu o nome de preto e nem de branco não.

Ele deu a cada um nome então porque colocou o nome das pessoas de outra forma eu sei que quando um chama o outro daquele jeito Deus fica muito triste com isso.

O bullying acontece com uns apelido e aquele apelido gera um trauma muito grande para aquela pessoa.

As vezes as pessoas está sofrendo a muito tempo aquilo e não fala pra ninguém então aquela pessoa sofre muito com aquilo.

O bullying com agressão física é muito pior porque além de sofrer e agredido fisicamente e também tem outras formas de sofrer o bullying como além de sofrer fisicamente, sofrer verbalmente, ameaças, brigas, chantagens, apelido, insultos, roubo, racismo, xenofobias, aversão a tudo aquilo que vem de outras culturas, intimidações, piadinhas, assédias, ringamentos, abusos, discriminação e várias outras formas de ridicularizar uma pessoa.

Para extravasar sentimentos como raiva, medo, ansiedades como brincar com outras pessoas, participar de atividades coletivas, interativas ou artísticas (música, teatro, artes plásticas e dança) Lei de combate a intimidação sistemática nº13.185 C.06/11/2015

Bullying"

Bullying é uma coisa muito triste que pode até causar morte por isso que eu não faço e nem pratico bullying com ninguém e sou contra é uma coisa muito vista na massa país

Eu conheço uma pessoa que já foi vítima de bullying e ela sofria muito e ela chorava muito na escola as colegas chamavam ela de ébri e ela dizia que ninguém gosta de mim pra que deus me fez para sofrer assim todo lugar que passava as pessoas criticava ela um dia ela deu a volta por cima e não liga mas se disse pra mim agora eles falam eu não tô nem aí hoje em dia ninguém respeita ninguém as vezes tem gente que não acha trabalho pra ser negro como dizem ser todo mas não ligase não aconteceria o bullying no massa país deus fez nas todas um igual ou outro mas nem todo mundo pensa assim tem gente quer que ser menor aquelas pessoas que pratico o bullying deveria até mas cuidado pra que assim mesmo que muitos more sem precisão pra que pratico o bullying as formas de bullying mas comuns em ambientes escolares são agressões físicas e verbais ameaças brigas apelidos raiva racismo e nacionalidades intimidações piadinhas xingamentos alusos discriminações e varias outras formas de ser ridicularizar uma pessoa bullying acaba com a influência da televisão e da internet

Bullying não

O bullying é uma doença que existe em vários países do mundo, principalmente, onde ocorre e na escola, na rua ou até mesmo na igreja.

O bullying é uma agressão que acontece com pessoas negras, gordas, Altas e Baixo. Essa doença que tem mais ou menos 35 anos ou até mais. O ruim dessas pessoas que gostam de fazer isto, eles podem até se divertir mais a pessoa que não aguenta com esta doença podem até sofrer calado mas não conseguem contar para os pais professores por ter vergonha de falar e se dissessem alguma coisa que punissem as agressões eles iam partir para a violência física.

As vítimas do bullying ela fica calada e não fala com ninguém até um certo ponto que ela aguenta e quando não dá mais ela se mata ou revolta com violência.

O bullying com agressão moral é o pior porque todas as pessoas juntas contra essa vítima e começam a perturba-la. Por isso que as pessoas que sofrem o bullying a maioria preferem se calar e ficar na sua ou entrar escondido e pode acontecer algo de pior as agressões.

Sambém tem vários tipos de bullying que ocorre no dia-a-dia de cada pessoa, graças a lei de combate a intimidação sistemática do bullying, o bullying diminuiu quase 30% do que existia e o número da lei é 13.185 criado em 06/11/2015. E não podemos esquecer os tipos de bullying que ocorre todos os dias e não percebemos e são eles: físico, psicológico, moral, verbal, sexual, social, material, virtual.

Bullying 11

O Bullying existe tanto nas escolas como na rua demonstram que a agressividade e armas de uma pessoa que se sente acuada as crianças e os adultos são as principais vítimas e tem dificuldade de lidar com a vítimas agressivas dentro de casa por isso sofre o agressor através das força mais el fies pensando por que tem meninos e meninas valentes, Badalados e etc e tal por que eles não sofre Bully por que eles não sofre qualquer tipo de gasta são brinca de fora de horas da mai goste algumas fiadas sem graça esse tipo de pessoas já gosta de fazer isso contra as pessoas em gente ino sente por que é quieto de mais para ser i dar a falar f e car no seu contentos ai os guardalheis nota ai para logo e o que é a aquilo sente a esta cheio de odio blha a roupa dela deus e mais como vem para o colegio a sim tomar vergonha na cara e vai se vestir melhor e a cada dia melhor, ela sofre até chora de vergonha por que está sofrendo de Bullying na escola não gosta de sair da sala de aula a situação é cada vez pior por que f e car todo mundo de bocha da cara dela criticando o gatinho dela quando ver quem não da mais fura abusar pro cura outras pessoas!!...

Bullying

O Bullying é um termo originado do folclore inglês "Bully" que significa: valentão, brigão.

O bullying, de fato sempre existiu, o bullying é algo que está muito presente no cotidiano de, principalmente nas escolas.

Alternadamente os agressores foram ou são vítimas de agressões dentro de casa.

Muitas pessoas confundem o bullying com brincadeira, mais o bullying é algo sistemático que ocorre diariamente.

Infelizmente as pessoas que sofrem o bullying tendem a ficar deprimidos, agressivos costumam se isolarem, em alguns casos a pessoa chega a cometer suicídio.

Os agressores buscam deficiências físicas, que em alguns casos nem existem, com o intuito de embaraçá-las com apelidos pejorativos.

Segundo a lei 13.185 de 6 de novembro de 2015 cometer bullying é crime. O bullying se caracteriza físico ou moral.

Segundo a pedagoga Flávia Loustina Oliveira Murtych de Ramos sugere que crianças realizem atividades como Brincar com outros colegas, participar de atividades coletivas em grupos de teatro, música, teatro mudo, artes plásticas, dança além de praticar esportes.

Bullying, O que se trata?

O Bullying é um grande problema, ele tá em qualquer lugar atingindo qualquer um. Lugar onde o bullying está mais usado é nos escolas um lugar construtivo, porém onde mais acontece. O agressor do bullying não precisa ser alto, forte, gordo ou magro de qualquer jeito ou maneira, qualquer ~~coisa~~ um pode ser.

Os agressores não veem a diferença alheia sendo ela qualquer coisa de característica diferente, ainda mais sendo mais considerada diferente pelo agressor ele vai querer causar até ele causar sem saber os sintomas que ele tá causando na vida dos vitimas sendo que o agressor pensa que é algo engraçado e o Teve algum está causando uma coisa repetitiva e o Bullying é uma Intimidação sistemática (Bullying nº 3.385 (06/11/2015)).

E o Bullying não foge só com crianças, adolescentes, jovens, Idosos Especial não é por qualquer características físicas diferentes ou por que tem demais ou de menos, um exemplo: um jovem seja la mulher ou homem ser chamado(a) de gordinho(a) por que está acima do peso ele é oprimido por isso sendo chamado de conclusões pessoais do agressor que pratica o bullying que hoje em dia é lei, por que cada dia que passa aumenta mais.

Pois além de ser violência Moral também existe física, os dois Muitos vezes estão lado a lado trazendo sofrimentos a muitas pessoas que o autor do bullying nem Imagina, times que nos coloca no lugar do outro e para de cometer esses erros opressivos.

Bullying

Bullying é quando, a pessoa chama a outra. De um Ex: Meu filho Grande, meu coleção tipo essas coisas de Temos que para com isso. coisa de Bullying isso leva a pessoa até mesmo ser matar Também a vítima ela guarda muito raiva leva A pessoa mata a outra isso é muito serio para Além que serja Torde de mais o Bullying ja vem acontecendo a muito tempo mais as pessoas Pensa o eu to so brincado com ele ou ele mais uma pergunta? sera vale ser ele to gastado? da "bricadeira" vale o que ela to sentido far dentro muitas pessoas leva na bricadeira. mais não vale o que ela to sentido far dentro então eu sou contra Bullying não acho isso certo e acho que tem que para isso que eu Acho do Bullying o que alorre é que com a influencia da televisão e do internet as apelidos fica mais o pensio As Crianças são os principais vítimas Também os adultos Tem dificuldades de lidar com o problema do Bullying O Bullying to vem e mais comuns no escolar agressões físicas e verbais, ameaças, brigas, chantagens apelidos, Trates, roubo e racismo, xenofobias os principais atos do Bullying são. a quem pessoas as pessoas a vários tipos de se ridicularizar uma pessoa. para poder tirar o quele raio o medo e ansiedade, que as Criança realize Atividade como brincar com outros pessoas participar de atividades laticas ou interativas e são vários formas de o Criança de relacionar

Bullying

O Bullying é um tipo de opressão, humilhação, intimidação, dentro outros. O bullying, de fato, não tem existência. O que ocorre é que, com a influência da televisão e do internet, os apelidos pejorativos foram tomando outras ~~as~~ proporções.

O bullying é feito por pessoas que tem pouca empatia, que se consideram os mais fortes da turma e não agressor.

Os que cometem bullying não gostam de se adaptar a regras.

O bullying acontece muita das vezes em escolas. As crianças não os principais vítimas. Porém já possuiem muitos adultos com as mesmas dificuldades de lidar com a problemática, a depressão, baixo auto-estima e ansiedade - já que tudo isso pode ser resultado de agressões sofridas pelas vítimas. O bullying também acontece com alunos que são mais quietos, geralmente pessoas gordas, magras, altas demais ou baixas demais, que possuem alguma deficiência não os que mais sofrem.

É bem verdade, que brincadeiras, em que dois ou mais concordam não é considerado bullying.

É considerado bullying um tipo de ofensa que oprime, ofende outra pessoa.

As formas de bullying mais usadas em escolas são: agressões físicas e verbais, ameaças, brigas, chantagens, apelidos, trotes, roubos, racismo dentro outros.

É bem verdade que os sentimentos que nos dão

as vítimas de bullying não sentem medo, timidez, baixa auto-estima, tristeza, insegurança, ódio e etc...

As consequências que o bullying traz na vida da vítima, são consequências que pode prejudicar ambas partes.

Ex: A vítima sofre bullying repetidamente e não faz nada, fica quieto, chega um tempo em que ele se mata ou mata o agressor.

Eu sou contra o bullying, tanto bullying com agressão física como o bullying verbal. O bullying verbal, na minha opinião, é pior, machuca mais uma pessoa, pois quando um indivíduo sofre esse tipo de bullying, ele guarda na cabeça e aquelas palavras não sai da sua mente, por isso palavras não saem da sua mente, e o indivíduo fica deprimido ou se mata.

O bullying não deve ser aceito pelas vítimas, na minha opinião as vítimas devem falar com os pais, professores ou uma pessoa de confiança, para resolver o problema.

Os pais e professores devem mostrar para o indivíduo que ele não é culpado pelas agressões, perseguições, atos e dizer bem claro que o comportamento agressivo é intencional e que eles têm seus valores e qualidades.

Na minha opinião é melhor que os praticantes de bullying pense antes de falar, pois uma palavra que sai da sua boca pode "matar" uma pessoa em questão de minutos.

Para você que sofre bullying não fique quieto,

mas como eu disse, a melhor coisa a ser feita é pedir ajuda a seus pais e falar com seus pais, com pessoas de confiança para que seja tomada as devidas providências.

Segundo a lei de combate a intimidação sistemática nº 13.265 (06/11/2015) é dever dos estabelecimentos de ensino, dos clubes e das organizações recreativas assegurar medidas de prevenção, diagnóstico e combate a violência e a intimidação sistemática (bullying).

Com base nisso eu afirmo que professores, diretores, pais dentre outras pessoas, deve prevenir e combater o bullying.

Bullying

O Bullying, ele sempre existiu quanto, nas suas nas escolas em vários outros lugares o Bullying de fato ele, sempre existiu. O Bullying se caracteriza por agressões, repetitiva, violenta por um ou mais colegas de escola, de trabalho, ou até nas ruas. O Bullying sempre expressa aquilo que sente de forma problemática, valentes (as) eles se sabem criticar e os outros se criticando, chigando, e cada dia mais colocando apelidos zéis, o Bullying cada vez mais vai aumentando porém se está baixa. Ah, muitos maneiras de se resolver. Todo mundo tem que pensar antes de apelar as pessoas, mais toda pessoa tem um direito de expressar, conversar, e resolver problema, Os Valentes acham que é simplesmente uma Brincadeira, acha graça, mais não é brincadeira é uma coisa que da cadeia, é uma coisa que tira a pessoa que está sofrendo a noite pra não lidar com isso mais a solução é pensar tudo que é ruim pra não ficar refletindo ruim "dizendo eu acho que não vou conseguir superar o Bullying" isso pode pessoa acha que fazer Bullying é inocente e por isso não da cadeia porque é apenas uma Brincadeira mais metade sofre cada dia mais por isso porque é muito horrível tudo o que nós podemos fazer é ajudar os mais próximos. porque muitos deles ficam com trauma e medo, ninguém pode ser responsável pelo Bullying, é crime é uma agressão. vítimas somos aqueles que sofrem o dia inteiro, mais somos as vítimas, não aqueles que praticam o Bullying

O bullying é tudo aquilo que ofende e prejudica nesse colega, coloca apelidos pejorativos, geram tomando outras proferções. Essa prática pode levar a morte, a brigas, as crianças são a principais vítimas, porém já possuem muitos adultos.

O bullying já veio de muito tempo mas no dia de hoje pelo tudo muito pior o agressor critica pelo defeito físico dos outros. Mas os pais devem mostrar que o filho não é culpado pelas perseguições e deve deixar claro que ele tem os seus valores e qualidades. É muito importante inventar-lhe a conta sobre o que acontece na escola e apresentar as pessoas que fazem parte do seu ciclo de relacionamento. Temos que pensar antes de falar para mãe acaba com um vida, e essa pessoa mãe pode ajudar e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldade para tudo elas se sentem acuada.

Nos temos que acabar com o bullying vamos denunciar essa pessoa que fazem essa prática com o nosso próximo, vamos lista os sentimentos para fora expressar toda raiva, medo e denunciar porque essa pessoa tem que achar que é uma brinca-deira mas tem pessoa sofrendo com isso e com medo elas mães tem coragem de falar mas não tem que falar porque elas as vítimas não tem coragem porque elas amamos ela vamos denunciar! Vamos ter o Brasil Melhor.

Bullying

Bullying é uma problema que ultimamente está aumentando, as pessoas que praticam conseguem facilmente aumentarem as vítimas. etc.

No bullying a maioria das vítimas são as mais inteligentes as pessoas que praticam essas atitudes são chamadas de nerds.

As pessoas que sofrem geralmente ficam mais distantes de todos, comportamentos mais do que a vítima fica com muita raiva e também com muito medo de ir para a escola.

Mas infelizmente o bullying não acontece só na escola acontece em todos os lugares como por exemplo: no trabalho, em casa, na rua, no caso da colega etc.

Na escola as principais formas de bullying são: agressão física e verbal, apelidos, brigas, chantagens, apelidos, trotes, roubos, racismo, xenofobia, intimidação, piadinhas, assédio físico e mental, xingamentos, alarvos, discriminação e várias outras formas de prática de bullying na escola.

O termo bullying tem origem da palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Mesmo assim sem uma denominação em português é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e multato.

Os países devem mostrar que os filhos não são cutados pelas perseguições e deixarem eles que eles tem os seus recursos e qualidade.

"Se criticam e não resolvem o problema"

ANEXO 10 - PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS (REESCRITA- 3ª VERSÃO)

O bullying

O bullying é uma agressão que atinge muitas pessoas. Dentre as pessoas atingidas, as que mais sofre são as crianças com os vários tipos de bullying como verbal, moral, físico, racial e o mais usado, o ciberbullying que ocorre pela internet.

As pessoas que sofrem bullying preferem esconder o que sentem. O bullying é um grande problema no mundo e não é brincadeira, é um crime que não deve ser praticado por que assim está fazendo uma péssima coisa para outra pessoa. Mas para seus agressores tudo é brincadeira e divertido.

Os agressores sempre pegam os mais quietos os que são mais tímidos, gorduchos, magrinhos, altos, baixinhos e daí começam a gozaria que se torna uma situação sistemática que vai piorando e tornando cada vez mais.

Na maioria do bullying sofre bastante com as agressões e chegam a entrar em depressão tendo até como consequência horrível o suicídio ou até querem mata os agressores.

Na escola fizemos uma pesquisa e descobrimos que 99 alunos já sofreram bullying e 39 estão sofrendo. A escola precisa ajudar esses alunos e também conscientizar os agressores para que não façam mais agressões.

Esses agressores não para com os abusos e as gozarias sempre são frequentes. O bullying não pode mais existir.

Temos que lutar o bullying para acabar para evitar termos que partir para lei (3.185/06) de combate a uma intimidação sistemática.

Temos que ajudar as pessoas que cometem o bullying e fazer parar de próprio nome. Ou seja o bullying proibido a partir dessa atitude para não se comprometer com o bullying.

Reescrita (3ª versão): ALUNO A

O bullying é um apelido ou uma palavra colocada na outra e há as pessoas não gosta mais a outra continua falando. O que não é bullying e quando a gente coloca apelido em alguém e aquele alguém não liga e vive tudona brincadeira.

O bullying não é uma ação recente, existe a muito tempo.

O que vive as outras a praticando e se sentir foi uma pessoa não gosta. Foi chamada de bull nome da outra chama. Quem vive a respeito, também pratica o bullying, porque quando uma pessoa trata apelido que a outra não gosta e toda vez está ali junto e são tiradas com a cara da vítima.

Li

Como podemos identificar as vítimas de bullying? Elas geralmente ficam tristes e se tornam tristes que podem levar a depressão. As consequências do bullying para a vítima e ela podem ficar triste, não quer amizade com ninguém e podem até cometer suicídio.

O bullying tem a intenção física ou o bullying com agressão verbal, os dois são muito graves. Podem causar lesões, consequências. Geralmente acontece com as crianças e adolescentes, mais podem acontecer também com adultos. Os agressores escolhem suas vítimas entre as mais inocentes para atacar e não tem coragem para reagir.

Reescrita (3ª versão): ALUNO B

O Bullying e a Lei

O bullying sempre existe em qualquer lugar, mas agora se espalha mais rápido. As pessoas que praticam o bullying estão agindo completamente de forma errada e acaba contrariando quem está sendo ofendido.

A pessoa que sofre o bullying tem muitas formas de reação que precisam ser vistas pelos pais e professores. Ela não tem raiva, tristeza, depressão, ficam completamente atolado e tentam brincar de todos. Os pais devem mostrar que o filho não é culpado de perseguição. Quem ofende muitas vezes fala as coisas e nem pensam no que estão falando, consideram uma brincadeira, eles não pensam nas consequências que podem causar agindo dessa forma.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica, em atos de intimidação, humilhação ou discriminação, ainda:

I- ataques físicos; II- insultos pessoais; III- comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV- ameaças por quaisquer meios; V- grafites depreciativos; VI- expressões preconceituosas; VII- isolamento social consciente e premeditado; VIII- Bulhônias.

O bullying é um tipo de exclusão e os escolhidos pelas agressores para sofrer são os mais quietos, inseguros e muitos dos vezes as pessoas que praticam vão estar ofendendo a pessoa que vai estar sofrendo e não sabendo que isso é crime e pode levar a cadeia e se a pessoa for de menor vai estar prejudicando os seus pais também.

O bullying começa com intimidações, piadinhas, assédio, xingamentos, discriminação e vai aumentando com o tempo. As vítimas ficam acanhados desconfiados e com medo de quem comete esse crime.

As pessoas que praticam o bullying não querem ver os defeitos dos outros e não dá o seu.

O bullying assusta

O bullying é uma brincadeira que muitas pessoas não gostam. Sabe o que não é bullying? São as pessoas viver em união e em amor pelo próximo. Esquecer as defeitos das pessoas porque o bullying é zoto. Sempre existiu, mas agora tá pior.

As pessoas que sofrem bullying fica com medo, são, tristes e inseguras. As crianças são as principais vítimas, porém já possuem adultos com estes problemas como depressão e falta de auto-estima, ansiedade, abandono dos estudos. Essas são algumas características e as alvos do bullying costumam ser pessoas mais retraídas, inseguras.

Essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e em geral, elas se sentem desamparadas e se encontrem dificuldades de aceitação.

As formas de bullying escolares são agressões físicas e verbais, ameaças, brigas, chantagens, apelidos, trates, roubos, racismo.

O melhor é se colocar no lugar do outro porque a gente não iria gostar se fosse com um de nós porque é bem mais fácil... apontar os erros dos outros do que os nossos. Ninguém nasceu perfeito e temos que respeitar o outro colega e fazer a diferença.

O Bullying

O bullying é um xingamento, humilhação, zombaria, maltrato ao próximo. O bullying já existe a muito tempo, mas faziam e ficam ali mesmo mesmo. Hoje em dia se espalham pelas redes sociais.

As vítimas de bullying facilmente são indentificadas por causa da baixa auto-estima, timidez, apatia, insegurança. São pessoas que se escondem e são geralmente quietos e mais calmos. As formas mais comuns ocorridas na escola são a agressão física e verbal com ameaças, apelidos, xofisimo, piadinhas.

O autor do bullying geralmente acha graça, divertido como uma brincadeira. Quando encontra a sua vítima para agredir e faz isso de forma sistemática e vai piorando com o passar do tempo. É claro que o comportamento violento do agressor é inaceitável, mas que é possível mudar essa conduta. De certa forma, o bullying é uma prática de exclusão social e os principais alvos costumam ser pessoas mais retraídas e inseguras.

É preciso que além dos pais, os professores precisem estar atentos as vítimas e seu sofrimento silencioso para que possa resolver esse problema que piora tanto sofrimento as sua vítimas e deixem de estar aliadas.

Na minha escola os alunos disse-ram 99% já foram vítimas de bullying 39% estão sofrendo bullying. O sofrimento Bullying em casa e na escola

"Combate a intimidação sistemática"

O bullying é um tipo de violência contra outras pessoas e elas que sofrem contra. Mas tem aqueles que acham que o bullying é uma brincadeira e que não faz mal ao outro.

Geralmente o bullying mais comum é quando coloca um apelido que ofende o outro. O outro não gosta, mas não consegue reagir e isso pode gerar traumas muito grande para aquela pessoa. Às vezes a pessoa está sofrendo há muito tempo com aquilo e não fala para ninguém ficando com vergonha, tristeza, raiva, angústia e outros sentimentos ruins.

Mas tem o bullying de agressão física que é muito pior porque é agredido para ficar com medo. Os agressores batem, dão empurrões, colocam peças de cabelo para intimidar a vítima que não consegue reagir porque geralmente são menores, mais frágeis, quietos.

Tem muitas formas de bullying que acontecem como chantagem, insultos, ameaças, assédio sexual e tudo que ofenda o outro de forma sistemática, muitas vezes moral, sexual, social, psicológica, físico, material virtual.

A Lei contra o bullying 13.185 que combate a intimidação sistemática pode ajudar a fazer com que esse tipo de violência acabe.

Uma pesquisa realizada em nossa escola os alunos disseram que 99 já foram vítimas de bullying, 39 estão sofrendo bullying e 89 sofrem bullying em casa e na escola.

Bullying

Bullying é uma forma de agressão e violência muito triste que pode até causar a morte. Por isso eu não faço e nem pratico com ninguém e sou contra.

Cambrecemas e já quisimas falar de pessoas que são vítimas de bullying e sabem por causa disso. Elas se sentem culpadas por saber porque o outro não aceita o seu jeito de ser.

Quem comete o bullying se acha melhor do que o outro que pode ser menor, mais gordo mais fraco ou ainda humilha por causa da cor ou de alguma coisa no corpo.

O bullying é mais comum no ambiente escolar, mas também acontece na própria família que cala, apelido feio e as outras ficam também chamando como revelaram as pesquisas da escola.

Na escola é mais comum o bullying verbal e físico e a vítima não consegue pedir ajuda para ninguém porque fica com vergonha de passar a situação. No IB os alunos disseram 99 já foram vítimas de bullying 39 estão sofrendo bullying e sabem bullying em casa e na escola há a pessoa vai suportando tudo até que um dia pode não gostar de agredir também para se defender.

A escola precisa criar atividades que ajudem a acabar com o bullying e as vítimas passam ficar seguras demais que acaba com essa violência.

Bullying Não!

O bullying é uma forma de violência que existe no mundo todo e ocorre principalmente nos escolas, na rua e até mesmo dentro de uma igreja.

O bullying é uma agressão que acontece com várias pessoas seja de negro, branca, latina, gorda, magra. Quem sofre o bullying são pessoas que ficam mais quietas e que não tem muito amigos. Elas não conseguem contar para ninguém porque acham que são piadas e porque fica com muita vergonha de falar porque sabem que se elas disserem alguma coisa os agressores vão partir para a violência física e isso é um pior.

As vítimas de bullying ficam caladas e não falam com ninguém aumentando até um certo ponto que ela aguenta, mas quando não dá mais ela recorre e aí pode matar com violência.

O bullying como agressão moral é o pior porque todas as pessoas se juntam contra uma vítima e começam a perturba-la. Por isso que as pessoas que sofrem bullying possuem os colar e ficam na rua ou então amada, pode acontecer algo de pior com o agressor.

Tem vários tipos de bullying que ocorre no dia-a-dia de cada pessoa como o sexual, psicológico, verbal, virtual, racial mas graças a lei de combate a intimidação sistemática nº 385/2005 esperamos que esse crime diminua e as pessoas possam viver um paz com segurança com esse crime.

No 3º os alunos disseram 33 se foram vítimas de bullying 39 estão sofrendo bullying e sofrem bullying em casa e na escola e 1 por por acabar com 1200 as escolas devem organizar palestras e várias outras coisas pra não se algum das seus alunos sofrer bullying.

Bullying

O Bullying existe tanto na escola como na rua. Os agressores demonstram violência e tratam a vítima contra uma pessoa que se sente acuado. As crianças são as principais vítimas, mas os adolescentes podem sofrer também vários problemas.

Quem é vítima não consegue se defender ou dizer para alguém sobre e vai ficando cada vez mais triste. Eles não tem coragem de contar para ninguém com medo de piorar a situação.

Para os agressores que praticam o bullying, tudo é brincadeira e muito divertido. Eles acham que colocar apelidos ou agredir é só para ser engraçado para o outro e ser importante.

Por que tem meninas e meninos e meninas valentes, bradados que não sofrem na mão dos outros.

Os agressores do Bullying fazem brincadeira fora de hora de mal gosto com fiadas, apelidos contra pessoas que são importantes e não fez nada para provocar por isso. As vítimas são pessoas quietas, que não falam nada para ninguém, ficam no seu canto e não tem coragem de brincar. É aí que os grandalhões começam logo com os jogos de brincadeiras, só para eles, que não ferem outros que não pode se defender e tem vergonha.

Tem vítimas de bullying que até se sente culpado do que os outros fazem com ele principalmente na escola ou em ~~caso~~ casa isso é caso de muita tristeza.

Quem sofre bullying ~~que~~ na escola: não gosta de sair da sala e a situação vai ficando cada vez pior porque todos mundo fica delirando

criticando o fato da pessoa ser que não fez a ninguém.

Tem lições ajudar no combate da intimação sistemática, mas mesmo assim quem continua a fazer caso de nada nunca acontece.

Os Facos do Bullying

O Bullying é um termo originado do folclore inglês "Bully" que significa realidade física. O bullying sempre existe e é algo que está presente na nossa sociedade principalmente onde mais deveria acontecer, nas escolas.

Normalmente os agressores ficam ou são vítimas de agressão todos os dias. Muitos consideram que é apenas uma brincadeira, zoeira. Muitas pessoas confundem o bullying com brincadeira, mas se trata de uma intimidação sistemática que ocorre diariamente. Não dá para brincar pois quem começa sofre as consequências.

Infortunadamente as pessoas que sofrem o bullying tendem a ficar deprimidas, agressivas, costumam se isolar e em alguns casos a pessoa chega até cometer suicídio.

Os agressores buscam vítimas fracas que às vezes nem existem com a intenção de interagir com vítimas agressivas que aprendem.

Segundo a lei 13.335 de 6 de novembro de 2015 de combate a intimidação sistemática foi criado pelo governo para diminuir esse tipo de agressão principalmente nas escolas onde não era para acontecer isso.

As formas de bullying mais comuns são: agressões físicas e verbais, ameaças, beijos, chantage, apelidos, insultos, roubo, exclusão, ameaças e outros. Outras formas de se ridicularizar uma pessoa.

Segundo a pedagoga Flávia Cristina Malhotra de Ramos sugere que crianças realizem atividades como brincadeiras com outras pessoas, participação de atividades esportivas e recreativas em ambientes como teatro, música, artes plásticas, dança, além de praticar esportes para que as crianças não tenham o medo e não comecem bullying.

Bullying, o que se trata?

O bullying é um grande. Ele acontece em qualquer lugar atingindo qualquer pessoa escolhida pela agressor. O local mais visado para ocorrer o bullying é na escola, um lugar de convivência dos alunos. O conceito de bullying exclui suas vítimas por ser alto ou baixo, gordo ou magro, feio ou bonito.

Os agressores não costumam diferenciar a vítima sendo ela qualquer coisa de característica diferente. Ainda mais sendo mais considerada diferente pelo agressor. Ele vai agir, costuma agir de forma sem saber os transtornos que ele está causando na vida das vítimas; sendo que o agressor pensa que é algo engraçado e torna divertido e então causa uma coisa repetitiva.

O bullying, uma intimidação sistemática agora tem uma lei nº 13.185 (06/11/2015) para essas intimidações. No artigo 2º da lei descreve a prática da intimidação sistemática (bullying) em todo o território.

Além de ser violência moral também existe física aos dois, muitos dos vezes ordens dadas dando lugar a experimento a muitas pessoas que o agressor nem conta, a vítima muitas das vezes não conta pra ninguém com medo de sofrer mais ou sofrer mais do agressor.

O bullying não acontece só com crianças, mas também pode acontecer com adolescentes e adultos não é por causa de qualquer diferença na característica física diferente ou porque tem demais ou de menos, um exemplo: um feio que seja alto ou baixo, gordo ou magro, feio ou bonito, inteligente ou não.

Na mesma escola ~~em alguns~~ 39 já foram vítimas de bullying, 39 estão sofrendo a escola precisa criar atividades para não existir

mais essas

tipos de coisas.

Nome **Aluno K**
Série

Contra o Bullying

O Bullying é quando a pessoa chama a outro de um apelido que não gosta ou xingamento como por exemplo alho grande, cakeão, arelho de alho, coisas que afetam a outro impedindo de trabalhar em paz com outras pessoas. A intimidação sistemática bullying pode ser classificada em: Verbal, moral, sexual, racial, psicológica, física, material, virtual. Tipos. O grande problema do bullying são as consequências que podem ir de uma depressão até uma reação do vítima em suicidar e matar matando o agressor. Antes que seja tarde demais, o bullying precisa ser combatido assim que for identificado. O bullying já acontece há muito tempo, mas as pessoas que cometem que dizem que é brincadeira mas para quem sofre fica tristeza e vergonha. Será que o agressor sabe o que acontece com o vítima? Será que sabem o que esse vítima está sentindo?

É claro que eu sou contra o bullying e não acho certo principalmente devido a internet os apelidos ficaram mais ofensivos principalmente porque os agressores se escondem das agressões que fazem. Na minha escola os alunos disseram 99 já foram vítimas de bullying 39 estão sofrendo bullying e sofrem bullying em casa e na escola. O bullying acontece mais com crianças, mas também adolescentes e até com adultos seja na escola ou em casa. E suas principais vítimas são os mais quietos, retraídos que sofrem calados com medo, vergonha, ansiedade e tristeza por causa dos seus agressores. LEI Nº 13.185 de combate a intimidação sistemática bullying em todo o território nacional para diminuir esse problema é importante que essas vítimas -

Reescrita (3ª versão): ALUNO L

O que nós precisamos saber sobre o bullying

O bullying é um tipo de opressão, humilhação, intimidação contra outra pessoa indefesa. O bullying sempre existiu e isso já sabemos. Mas um grande problema hoje em dia é a influência da televisão e da internet que os agressores aprendem e se escondem nas redes sociais. O bullying é realizado por pessoas que têm pouca empatia, que se consideram os mais fortes da turma e não agredem. Essas que cometem o bullying não gostam de se adaptar a regras.

O bullying acontece muitas das vezes em escolas e as crianças são os principais vítimas, porém também pode acontecer em muitos adultos com as mesmas dificuldades de lidar com problemas e não tendo difusão, baixo auto-estima e ansiedade. Muitas vezes, essas vítimas são os alunos mais quietos, calados com pouca amizade.

É bem verdade que brincadeiras, em que dois ou mais concordam, não é considerado bullying. É considerado bullying todo tipo de agressão sistemática que ofenda, discrimine, oprima uma pessoa. Mas muitas podem ser as formas de bullying numa escola: apelidos, zingamentos, chantage, trotes, noções, dentre outros.

Os sentimentos que sofrem as vítimas de bullying são sentimentos de medo, timidez, baixa auto-estima, tristeza, insegurança e pode ter com o conseqüências desde uma depressão até a morte por suicídio. Tudo isso acontece com o silêncio das vítimas que não conseguem suicidar.

Eu vou contra a qualquer tipo de bullying seja o verbal quanto o físico. O bullying verbal machuca uma pessoa, pois o indivíduo vai corrigir essa ofensa em sua mente o que pode levar a depressão ou suicídio.

Segundo a lei 13.85 (06/07/2015) de combate a intimidação sistemática e diver dos estabelecimentos

de ensino, dos clubes e das organizações recreativas asseguram medidas de conscientização, prevenção, diagnóstico e combate à violência chamada bullying. Com isso, pais, professores, distritos e pais devem prevenir e combater o bullying.

O bullying não deve ser visto pelas vítimas. Elas devem falar com os pais, professores ou uma pessoa de confiança para resolver o problema. Os pais e professores devem mostrar para o indivíduo que ele não é culpado pelas ofensas, perseguições, atos e deixar claro que o comportamento violento é inaceitável e que tem seus valores e qualidade.

É melhor que os praticantes de bullying pensem antes de falar, pois uma palavra que sai da sua boca pode matar uma pessoa em questão de minutos. Para quem sofre, as vítimas do bullying, não podem se culpar e tentar fugir de algumas formas não violentas para resolver a situação e pedir ajuda, pois são as pessoas de confiança que poderão fazer algo.

Bullying

O Bullying sempre existiu tanto nas ruas como nas escolas e outros lugares. Essa violência se caracteriza por agressões repetitivas, violentas, por um ou mais pessoas.

O Bullying sempre expressa aquilo que sente de forma problemática. Os agressores só sabem criticar, xingar, colocar apelido e intimidar a vítima que muitas vezes acham que é apenas uma brincadeira, mas não é uma brincadeira pois é uma agressão que pode ter sérias consequências até a morte tanto da vítima em matricas e suicídio como do agressor em a vítima revidar.

Na mesma escola 33 alunos já passaram por bullying enquanto 39 estão sofrendo o bullying. O Bullying é um problema antigo mas cada vez mais vai aumentando e complicando sua forma de ação por causa das redes sociais. A internet permite ao indivíduo agredir sua vítima e se esconder de seus atos.

Há muitas maneiras de resolver. Todo mundo deve pensar antes de apedregar, xingar, desprezar pois todo mundo tem o direito de expressar seu pensamento e resolver problemas.

O Bullying

O bullying é tudo aquilo que ofende, prejudica, moros, cala, coloca apelidos prejudiciais que vão tomando grande proporção. Essa prática que pode levar a brigas a morte. As crianças são as principais vítimas, porém possuem muitos adultos que seguem desido a essa agressões.

O bullying já veio de muito tempo, mas nos dia de hoje fica tudo pior, pois o agressor ainda tem as rede sociais para agir e se esconder criticando e machucando os outros. Para ele tudo não passa de uma brincadeira divertida.

Se para o agressor é uma brincadeira, para a vítima o bullying é um tortura que provoca muitos estragos e os pais precisa ficar atentos aos sinais de tristeza, apatia, agressividade e medo para os filhos que não são culpados das perseguições. Terem de deixar claro o apoio e ajuda para solucionar o problema por que muitas vítimas escondem com receio de que se agrave.

É muito importante incentivá-lo a contar sobre o que acontece na escola e apresentar as pessoas que fazem parte do seu ciclo de relacionamento.

Segundo a lei nº 13.185 de combate a intimidação sistêmica. O bullying é um ato de violência física ou psicológica.

Temos que pensar antes de falar pra não acabar machucando uma pessoa que se sente desamparada e sofre com constantes intimidações por parte de agressores que querem praticar o bullying.

As pessoas que são vítimas de bullying precisa ter coragem de denunciar seus agressores para que possam conduzir seu caminho e resolver a situação sem mais de ficar acuados.

Versão Bullying!

O bullying é um problema que ultimamente está aumentando. As pessoas que praticam e conseguem aumentar os números de vítimas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully que significa valentão ou goles. Mesmo sem uma tradução em português, é entendido como ameaça, tirania, apressos, intimidações, humilhações e maus-tratos.

Na prática do bullying, geralmente as pessoas que sofrem ficam mais distantes, quietas, aludadas, tristes e lambotomadas por que ficam com medo de ir à escola.

Infelizmente o bullying não acontece só na escola. Também acontece em casa como foi revelado pelas alunas da Colégio numa pesquisa realizada.

Na escola, as principais formas de bullying são a verbal, psicológica e a física que podem acontecer em qualquer idade por que os agressores agem de formas sistemáticas e mais agressivas a cada dia.

As mães precisam ficar alertas para os sinais de que seus filhos estão sendo vítimas de bullying e apoiar dizendo que eles não são culpados e podem combater para reagir contra seus agressores.

Na J.B as alunas pesquisadas disseram,

99% foram vítimas de bullying
 39% estão sofrendo bullying
 E sofrem bullying em casa e na escola.

ANEXO 11- TEXTOS DOS ALUNOS (PRODUÇÃO TEXTUAL 2)

Aproibição da guerra de espada

As espadas em Cruz das Almas é proibida pelo Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA) no dia 28/05/11 o promotor de Justiça Christian Ribeiro Mendes proibiu as confecções, os transportes clandestinos e a queima da espada em Cruz das Almas.

A espada é um fagoc de artefício que muitos que confecciona espadas são chamados de espadeiros.

Para alguns bruzalmes a espada é uma coisa bela, linda de ver, interessante outros dizem que espada é ferrugoso e causam muitas presunções as espadas clandestinamente são confeccionada transportada e queimadas fazem a famosa "guerra de espadas" clandestina. Os espadeiros falam para seus filhos que eles tem sangue de espadeiro na veia.

Eu sou apaixonado da guerra de espada porque é um espetáculo lindo de ver e também sou contra porque tem muitas pessoas que são gravemente feridas pelas espadas.

Tem muitas pessoas que dão contra a queima de espadas porque as espadas ferem, matam, quebra telhados e muru os idosos e as crianças não podem sair de casa para não ser queimadas pelas espadas que está percorrendo aquele local.

Os metalúrgicos das espadas no São João são muitas por que tem pessoas que morrem tem pessoas que são gravemente feridas parcialmente 300 pessoas dão entrada no hospital gravemente feridas pelas espadas.

Uma solução para agrado quem gosta da tradição da guerra de espada é que tenha um local para ter a confecção das espadas um espaço grande para ter a guerra de espadas por que tem muitas pessoas que gostam de pular as espadas podem pular sem ter pessoas com queimas churas não que lerar telhados e muru de miquem que possa ter uma segurança adequada para ter a guerra das espadas e ter uma Cruz das Almas com mais segurança e ter mais pessoas para conhecer as espadas.

Produção textual 2 - ALUNO A

A guerra dos Espados de Cruz dos Almas

Os Espados foram proibidos em Cruz dos Almas pelo Tribunal de Justiça de Bahia no ano de 2011 para diminuir o número de vítimas. No ano de 2010 quando não havia proibição dos Espados 315 pessoas ficaram feridas durante os festejos juninos.

A Espada é um fogo de artifício que é feito com bambu, pólvora, ferro, enxofre etc. As pessoas saltam a Espada e ela vai saltando e pode queimar muitas pessoas inocentes e de mesmo quem está saltando. Muitas pessoas gostam dos Espados por que acham divertidos mas para outros é prejudicial.

Cruz dos Almas fica 344 quilômetros de Salvador. Os Russos costumavam saltar os Espados na praça. Cruz dos Almas sempre teve a tradição de saltar Espados na praça. Algumas pessoas costumam passar o São João em Cruz por que querem ver os Espados.

Alguns é a opinião dos Espados costumam dizer que é muito bom que é divertido e que é uma tradição da cidade e eles dizem que o São João sem Espada fica sem graça. Mas eles não querem certas tradições e se esquecem que por causa dos Espados pode acabar matando alguém.

Quem é contra diz que não gosta dos Espados que é ruim e prejudicial para muitas pessoas por que de quem não está entendendo no meio dos Espados. Às vezes quem tá passando na inocência acaba sendo queimado por causa dos outros e a Espada quando queima os eles fazem um grande barulho.

Eu sou contra. Por que os Espados não queimam quem está tocando. As pessoas têm proibições de divertir e acaba sendo queimado grandemente, e assim eles acabam dizendo que é apertado.

time tradição.

Existe redução sim a educação é eles procuram um lugar reservado só para as pessoas que gostam de jogar esportes. Mas que eles dizem que não pode parar de jogar. Então que os maiores das pessoas que gostam de jogar esportes dizem que o São João tem esportes não o São João em São João melhor que eles fazem a reservar um lugar para jogar esportes. Então que assim está diminuindo o número de pessoas que morrem ou morrem por causa de jogar.

Produção textual 2 –ALUNO C (continuação)

Tradição e Perigo

A espada é um tipo de artefato, é feita com bambus caídos preenchidos por brânco e pilóreas, lamina de ferro e entope emoldados com cordão de sisal encerado.

Em junho de 2011 a proibição foi determinada. A tradição é antiga tem mais de 150 anos e é defendida pela maioria da população, inclusive por mim desde de pequena que eu goste de espada por que meu tio era espadeiro. Sobre contra eu apoiar eu vou a favor, porque eu goste, mais tenho medo de mim queimar por isso eu não vou pro meio pulão.

Segundo a Santa Casa de Misericórdia de Cruz das Almas em 2010 quando não havia proibição, 315 pessoas ficaram feridas, no ano seguinte, este número caiu para 79. A proibição dos produtos de espadas defende a regularização e queima de fogos e a preservação da atividade.

Os prejuízos são em depósitos, pinturas de casas queimadas, telhados quebrados, gente queimadas, crianças e idosos não sai de casa pra aproveitar a festa, tem medo de se queimarem, ou serem vítimas fatais.

A única solução que eu acho que seria melhor pra não acabar a tradição é fazer um espaço especialmente para as espadas, sem queimadas.

"A Guerra de Espada"

A Espada foi proibida em Cruz das Almas em julho de 2013 pelo Tribunal de Justiça da Bahia por causa das queimaduras do artefato durante os festejos juninos.

A Espada é um fogo de artifício fabricado artesanalmente com ensimamentos passados de geração a geração. É feita com bambus cozidos preenchidos com pólvora, enxofre e limalha de ferro e enrolados com cordão de sisal emendada. A cidade de Cruz das Almas parece que não ousa falar tão cedo sobre "guerra de espada" no município, aceitou a ação movida pelo Ministério Público da Bahia, pedindo o cancelamento da guerra em locais específicos da cidade. Na praça principal da cidade ocorria a guerra de espada no dia 24 de junho. Hoje não tem mais, uma parte da população é a favor e outra é contra.

Quem é a favor diz que é um tipo de brincadeira que tem mais de 150 anos e eles falam que se a espada acaba com o São João de Cruz das Almas.

Quem é contra diz que causa prejuízo porque é uma tradição perigosa por causa das queimaduras e se não procura um lugar fechado para tocar essas espadas.

Eu sou contra porque causa muito prejuízo as pessoas e no São João de Cruz foram 119 feridos em Cruz das Almas mas não é que eu queira que acabe com as espadas mais se proibiu as pessoas tem que obedecer a ordem.

A solução é que as pessoas que toca procure um lugar para fabricar as espadas e para tocar procure um ~~lugar~~ ^{lugar} ~~que todo~~ ^{em} que todos aceitam tocar as espadas no São João de Cruz das Almas.

A espada de cruz das Almas

A espada foi proibida em Cruz das Almas isso por que continua valer a decisão do Tribunal de Justiça da Bahia que proíbe a queimada do artefato durante as festas juninas.

A Espada é um fogo de artifício fabricado artesanalmente com ensinamentos passados de geração a geração, é feita com bambus cozidos preenchidos com pólvora, encaixe e limalha de ferro e enrolados com cordão de sisal encasado.

Cruz das Almas a 146 Km de Salvador é uma cidade que tem tradição de espadas, com a decisão fabricar e soltar espadas de São João na cidade virou crime.

As pessoas da cidade de Cruz das Almas umas diz que é a favor a tradição guerra de espadas muitos fala que é uma tradição boa

Também tem pessoa que é contra a guerra porque todo ano tem vítimas de queimaduras provocadas por fogos de artifício tipo as espadas essa tradição atrai turista traz rendimento prejuízos causados queimados direitos de is e não

Mas eu sou a favor por mim tem espadas ah verdade eu tenho medo eu não gosto de ter lá no meio das espadas deveria ter um lugar certo pra ter a guerra das espadas mas ser é uma tradição de São João sem a espadas não tem graça nem uma mas também tem muito crescimento das feridas

As Espadas

A espada é a maior Tradição de Cruz das Almas que fica a 344 Km de Salvador. A tradição já existe o mais de 500 anos por causa de duas famílias que viviam brincando durante o São João.

Os moradores de Cruz das Almas gostam do guerra de espadas porque é uma festa de luzes. Tem gente de todo mundo para esse show de espadas que é feito com palmeira encoifa, limão de peru e enrolados com cordão de sisal iluminado.

A espada é o principal espetáculo de Cruz das Almas que chega em programas de TV para ver esse show de luzes.

Uma parte da população de Cruz das Almas é a favor do guerra de espada porque é um dos show que tem por aqui, para trazer visitantes e turistas para nossa cidade.

E a outra parte da população que é contra o guerra de espada não gostam é porque as espadas os machucam ou já quebrou a sua casa, e esse tem razão porque tem muito de machucam.

Eu não o favor do guerra de espada porque eu gosto do show de luzes ou de fogueira.

Acervo de espada de Cruz das Almas

Produção da Quiloma foi determinada pelo ferrador que erga em junho de 2011 o objetivo de produção de Espada e foi realizado o número de vítimas feridas quemados pelo fogo e com a fabricação de uma de espada. Espada ficaram feridos durante festa junina na cidade no passado. Uma memória em para a Espada é um tipo de artefato que foi fabricado artesanalmente com lenha e madeira. Passado e geração a geração a espada é um tipo de artefato múltiplo e em que muitas pessoas de arca muito feridos durante os festejos juninos na cidade de Cruz das Almas 196 km do Salvador foram os seus protetores contra as Espada.

Sempre foi a favor a espada porque não elas que faz a tração dos festejos juninos que abra muitos festejos e que faz. Há alguma acionador quem gosta e herede sempre diz que é um espada tradicional e saqueio para agradecer quem a contra e a fazer e ficar no lugar a ele. Fubido onde as ferrador não se quemaram e pass os seus para ver as espada.

Almas e Forquias

Em ano de 2011 foi proibido judicialmente a queima e confissão de espadas em Cruz das Almas, algo que teve grande êxito aos orgulhosos que se orgulham "sem espadas não haverá São João".

O espada é um objeto altamente inflamável, os enfiamentos de fabricação e manuseio são passados de pai para filho.

Os produtos usados nessas fabricações são: bambu cozido embebido com lactante embebido, pólvora (unsepe, salitre, corantes) e lã de vidro. Este conteúdo, que se trata um tipo específico de pólvora.

Cruz das Almas localizada no município de Balsa a 144 Km de Salvador, dista de muitos quilômetros nos eixos principais.

A cidade fica dividida entre os que afirmam sobre a liberação ou não dos espadas, os argumentos são, que essa tradição não sendo para cidade, esquecendo o comércio, os centros de ensino que são muitos das áreas e empresas.

De como cidade orgulhosamente deu apoio da liberação, mas uma liberação baseada em duas específicas.

Tradição ou Proibição

A proibição dos Espados ocorreu após ter decretado vários prejuízos a Cidade de Cruz dos Almes BA; Cujos mesmos foram danificados em patrimônios públicos, em Casas, Comércios, galpões e etc...

Após esses desastres foi proibido o fabrico e qual exige muitos cuidados, pois são materiais perigosos e inflamáveis.

A proibição dos Espados veio também com efeitos positivos, um desses objetivos ao diminuir os números de pessoas queimadas tanto com a fabricação quanto com o uso.

Essa tradicional guerra de espados já vem acontecendo há 150 anos e acha apoio com a maioria da população da Cidade de Cruz dos Almes tendo com tradição cultural de São João da Cidade.

Pessoas a favor sempre falam que cultura é cultura, que é tradição, atrai turistas, trazendo rendimento para nossa cidade deixando sempre os turistas atraídos pelos jogos ou seja a guerra de espados. Entretanto traz cuidados, a duradoura quem entes principais para a tradição e para a boa fama para os Espadistas e para quem participa.

Pessoas contra tem argumentos tais como: Falta de muitos cuidados, severamente e brutalmente pelos Espados usados como alibi de irresponsabilidade, desresponsabilização, riscos, irresponsabilidade.

A Minha opinião é a favor, mais com condições como proibição ao patrimônios públicos, proibição pessoal, distribuição aos habitantes da Cidade de proibição ser recordados os reusos para se prestigiar dos queimados, palestras para orientar quem é contra e quem é a favor, todos os Espadistas pagar tributos para alguns danificados

do patrimônios públicos entre eles seja profetas para o município de Cruz dos Almes, sendo assim quem sabe não melhor e se tornará uma diversão para todos.

Contra guerra de espadas

Maradurus de Cruz das Almas, a 146 km de Salvador, foram às ruas protestar contra a cisão do Ministério Público Estadual tomado há quase um ano com a decisão falaciosa e daltar espadas de São João na Cidade Kirau Crime. A Espada É um jogo de artifício falaci, cada artesanalmente é feito com bambus cozidas preenchidas com palha, enxofre.

Quem é contra essa lei fala que isso é injusto que é uma cultura não devia ter essa lei guerra de Espadas e diversão fora todo mundo.

Quem é contra ~~para~~ todo eles quer pare com a guerra de espadas porque uma lei que proíbe a guerra de espadas de uma vez mais já tem uma lei que proíbe a guerra de espadas mais mais não adianta nada mesmo assim eles tocam espadas e mais feridas são mortas por espadas.

Quem é a favor fala que é cultura que gosta da guerra de espadas é uma diversão que é se alegrar.

Eu não sou contra guerra de espadas. Eu acho lindo legal mais ela tinha que ter um lugar adequado para poder tocar as espadas sem lesar mais com segurança ao no final só vai ser alegria e diversão.

A espada em cruz!

O tribunal da justiça da Bahia (TJ) proibiu a fabricação, o transporte, comercialização e a quimada de artefato durante os festejos juninos. O Promotor de justiça de Cruz das Almas, Christian Ribeiro Meneses emitiu, dia 28-05 uma intimação aos Policiais para "combater e reprimir a fabricação e comercialização clandestinas de produtos controlados, de 2011 até hoje e proibida a espada".

A espada é um tipo de fogo de artifício fabricado artesanalmente com entusiasmados por muitos gerações, a espada é feita de bombas cozidas com pólvora, enxofre e limalha de ferro enrolados com cordão de sisal enrolado, quando acendidas as espadas vai um jato incandescente e alcança alta velocidade quando monta no chão.

A cidade de Cruz das Almas tem a tradição de tocar espadas, geralmente em todas as ruas no período do São João. Antigamente acontecia a batalha de espadas, mais com a proibição acabou, porém, mesmo a justiça proibindo as espadas, os espadeiros continuam a tocar.

Existe pessoas contras e pessoas a favor a espada de Cruz das Almas.

As pessoas que são a favor da espada costumam dizer que a espada em Cruz das Almas é uma tradição que vem de gerações, costumam dizer também que atrai turistas para a cidade e isso é bem verdade pois pessoas de outras cidades vem para curtir o São João aqui e por fim falam que traz rendimento financeiro pois a medida que turistas vem para cidade os comerciantes lucram vendendo suas mercadorias.

As pessoas que são contra as espadas já pensam diferente das que são a favor pois já pensam nos prejuízos que esse fogo de artifício causa, as pessoas que são contra a espada são contras por-

que a espada causa quimaduras mortais em pessoas inocentes que não têm nada haver com essa tradição, os que não contra pensam no direito de andar livremente pelas ruas sem medo de ser acertado por uma espada e se queimar ou morrer.

Particularmente em seu contra as espadas, espada é um perigo para a sociedade, na minha opinião a solução que deve ser tomada é acabar por completo com a espada e criar uma lei que puna o espadeiro, pois o risco que uma espada traz espadeiro nenhum pode solucionar ou não é caso sério, acha que se uma espada atingir teu filho ou um familiar teu e deixar cego ou paraplégico ou até mesmo levar a morte ali vai solucionar esse problema vai reviver a pessoa que morreu?

Produção textual 2 – ALUNO M (continuação)



As Guerras de Espada em Cruz das Almas

As espadas foram proibidas em Cruz das Almas pelo Tribunal de Justiça desde de 2011 por causa muitas de mortes que tem causadas pelas espadas dos membros. Cada vez mais aumentando 335 pessoas ficaram feridas durante os festejos juninos por conta disso as espadas devem ser proibidas.

A Espada é um jogo de artífices artesanalmente com ensinamentos passados de geração para geração ela é feita com Bambus cozidos preenchidos com fulvaras, Incoze e lima de dentes e enrolados com cordão de sisal enrolado, quando esta acerta produz um jato instantâneo e alcança alta velocidade.

Cruz das Almas fica a 344 km de Salvador a tradição além de ser antiga é muito defendida pela maioria da população de Cruz das Almas, ela devem ser feitas em locais mais fechados, e tocados em local aberto como Praças, Campos e etc... e a cidade que toca mais espada é a de Cruz das Almas.

Sempre fui a favor a espada porque são elas que faz a tradição dos festejos juninos que atrai muitos turistas e que faz da alegria acontecer quem gosta e participa sempre diz que é um espetáculo.

Quem é contra sempre diz, que a espada é muito ruim, traz muitos prejuízos aqueles pessoas e até quem maduras, pessoas que vão a fuimões de espada vão deixar uma marca, na cidade, mais sempre deixam uma fuimadura na aqueles que vai quando a espada bate na cabeça é um motivo de morte.

A solução para essa proibição das espadas é trazer tocada em locais mais fechados ou em zona para não ferir e nem matar muitas pessoas

A espada e seus ataques.

A espada é um objeto artificial que provoca acidente que pode causar morte, acidentes muito graves que pode deixar com seqüelas.

Ela não se apavora porque ela pode matar e destruir quem tocar acha que se é diferente mas não sabe o risco que está correndo, colocando entre pessoas, a espada destrói tudo que a não puxa nos tempos que ficam em casa trancada mas com medo da espada entra dentro de casa e acaltrar com a nobre vida, não pode brata proteção na porta mas não adianta porque ela pode entrar pelo telhado.

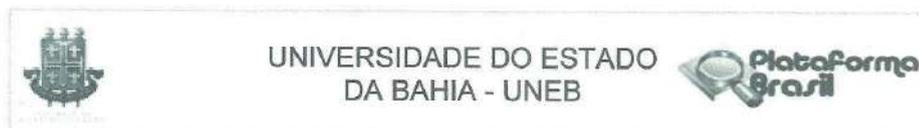
A espada é um objeto de artifício fabricado artesanalmente feito com bambus cozidos com pelvora, enxada e lima de ferro e enrolados com cordão de sisal embeardado.

Existem pessoas que não apavora da queima de espada porque consideram que atrai turistas rendimento para cidade e é uma tradição de muitos anos e que por isso não pode acabar.

Mas nós sabemos que as espadas causa muitos prejuizo, as pessoas se queima os hospitais ficam fechados e eles atendem mais de 350 pessoas durante a guerra, as casas são queimadas, as crianças e os idosos não saem para apavora a porta, e pode pagar vítimas fatais.

Só que tem pessoas que querem que continue essa tradição e então o prefeito deveria criar um lugar para que os que gosta passe para lá e pagar os custos com as queimaduras e os prejuizo causados.

ANEXO 12 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Produção textual de artigo de opinião: uma proposta de intervenção na sala de aula

Pesquisador: Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59047116.3.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Educação, Campus I

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.757.737

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Departamento De Ciências Humanas, Campus V – Santo Antonio de Jesus/BA, da UNEB.

O estudo é quali-quantitativo, consiste na aplicação de uma proposta pedagógica que terá como público-alvo uma classe do 9º ano/8ª série de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Cruz das Almas na Bahia, composta por 24 alunos de ambos os sexos, sendo 10 meninos e 14 meninas, pertencentes às zonas urbana e rural do município com idade entre 14 e 18 anos. Esta proposição consiste na execução de uma sequência didática para a produção de um artigo de opinião sobre um tema a ser definido de acordo com as necessidades e contexto social dos alunos. A sequência didática propõe uma série de atividades que inicialmente apresentará o gênero artigo de opinião por meio de leitura e análise textual para que os alunos produzam um texto inicial onde serão identificadas e analisadas as dificuldades apresentadas na produção textual escrita e assim desenvolver posteriormente uma sequência de atividades relacionadas às etapas da produção escrita: planejamento, transposição das ideias, revisão e reescrita para a produção final do gênero que será exposto no blog criado para a escola com o objetivo de valorizar a produção do aluno.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.757.737

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Propor o desenvolvimento de um trabalho com o gênero artigo de opinião no contexto escolar no intuito de colaborar com desenvolvimento das habilidades essenciais para a produção textual escrita desse gênero e, assim, amenizar as deficiências que envolvem os textos escritos, possibilitando ao aluno a produção de outros gêneros argumentativos

Objetivo Secundário:

- a) Ampliar os conhecimentos do aluno referentes à produção textual;
- b) Promover a discussão sobre um tema do contexto social do aluno;
- c) Desenvolver competências escritoras no aluno;
- d) Produzir o gênero artigo de opinião no contexto escolar;
- e) Desenvolver o potencial argumentativo do aluno;
- f) Apresentar uma função sociocomunicativa para o texto produzido dos alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo como parâmetro o registrado no formulário de informações básicas da Plataforma Brasil, a pesquisadora informa os riscos e suas formas de minimização dentro da eticidade.

Benefícios:

Segundo a normativa o benéfico de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estuda de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade.

A pesquisadora informa os benefícios diretos e dentro da eticidade, porém deve-se expandir os benefícios aos outros alunos, caso certifiquem-se a eficiência pedagógica.

As informações e orientações explicitadas neste parecer não são restritivas a percepção do pesquisador sobre os riscos e suas formas de minimização.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é importante para o desenvolvimento da competência dos alunos na leitura, assim

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.757.737

como a evolução nas práticas de ensino.

Critério de inclusão e exclusão: Foi apresentado dentro da eticidade.

O orçamento: Registrado sem gasto. É preciso entender que não há aplicação de pesquisa sem gastos. Ao menos os gastos com cópias e transporte deve haver. Entendemos que vários dos recursos utilizados serão disponibilizados pela UNEB e outros pela pesquisadora.

Instrumentos de coletas de dados: Apresentado o roteiro das atividades e está em consonância com os aspectos da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade com a normativa;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade;
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em conformidade;
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – Modelo do TCLE/assentimento: Consta no protocolo e deve inserir os contatos do CEP/UNEB e da CONEP nos modelos.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco G - Edifício Anexo, Ala "B" - 1º andar - Sala 103B.

CEP - 70058-900 - Brasília, DF.

Telefone: (61) 3315-5878

Telefax: (61) 3315-5879

Universidade do Estado da Bahia

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

CEP 41.195-001 – Salvador – Bahia.

Telefone: (71) 31172399

- 7 - Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em conformidade;

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: oepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.757.737

contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, após inserir os contatos do CEP/UNEB e da CONEP no TCLE e tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_770669.pdf	23/08/2016 11:27:50		Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade.jpg	23/08/2016 11:26:59	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Outros	TERMODECONSENTIMENTOLIVREEE SCLARECIDO.docx	23/08/2016 11:25:04	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_ASSENTIMENTO.doc	23/08/2016 11:19:34	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Outros	tconcordancia.jpg	07/08/2016 01:57:32	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Outros	canuencia.jpg	07/08/2016 01:53:58	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Projeto Detalhado	projetocep.pdf	07/08/2016	Izabel Cristina	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 1.757.737

/ Brochura Investigador	projetocep.pdf	01:45:52	Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	tautorizacaoinstitucional.jpg	07/08/2016 01:43:09	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	tcompromisso.jpg	07/08/2016 01:41:56	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoizabel.pdf	07/08/2016 00:59:20	Izabel Cristina Ribeiro da Silva e Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 03 de Outubro de 2016

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br